



Universidade de Brasília
Decanato de Pós-Graduação e Pesquisa (DPP)
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL)

PósLIT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA
www.poslit.unb.br

(61) 3107-7213

GANDHIA VARGAS BRANDÃO

09/79821

ROMANCE DE TERRORISMO:

a literatura nos primeiros anos após 11 de setembro de 2001

Brasília

2013

GANDHIA VARGAS BRANDÃO

09/79821

ROMANCE DE TERRORISMO:

a literatura nos primeiros anos após 11 de setembro de 2001

Trabalho apresentado como exigência para defesa de tese de doutorado em Literatura, orientada pelo professor Dr. Rogério Lima, do Decanato de Pós-Graduação e Pesquisa (DPP), Programa de Pós-graduação em Literatura (PósLIT) do Instituto de Letras (IL), Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da Universidade de Brasília (UnB).

Brasília

2013

Brandão, Gandhia Vargas.

Romance de terrorismo: a literatura nos primeiros anos após 11 de setembro de 2001 / Gandhia Vargas Brandão – Brasília: UnB, 2013.

194 p.

Trabalho apresentado como exigência para defesa de tese de doutorado em Literatura – UnB, 2013.

Orientador: Dr. Rogério Lima

1. Gênero literário. 2. Romance. 3. Pós-modernidade. 4. Capitalismo. 5. Terrorismo.

CDU: 82.0

Nome: BRANDÃO, Gandhia Vargas.

Título: Romance de Terrorismo: a literatura nos primeiros anos após 11 de setembro de 2001.

Trabalho apresentado como exigência para defesa de tese de doutorado em Literatura, orientada pelo professor Dr. Rogério Lima, do Decanato de Pós-Graduação e Pesquisa (DPP), Programa de Pós-graduação em Literatura (PósLIT) do Instituto de Letras (IL), Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da Universidade de Brasília (UnB).

Banca Examinadora

Professora Dra. Claudia Falluh Balduino Ferreira

Instituição: UnB - IL/TEL/PPGL

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Professora Dra. Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha

Instituição: Universidade Federal de Uberlândia

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Professor Dr. Wilton Barroso Filho

Instituição: UnB - PPGL

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Professor Dr. Goiamérico Felício dos Santos

Instituição: Universidade Federal de Goiás

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Ao meu marido Hugo Lemos e a minhas filhas Clara e Rosa por darem sentido a minha vida e me fazerem não desistir.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Rogério Lima pela orientação e apoio desde a graduação.

À banca examinadora.

À Universidade de Brasília - UnB.

Ao Decanato de Pós-Graduação e Pesquisa - DPP.

Ao Programa de Pós-graduação em Literatura - PósLIT.

Ao Instituto de Letras - IL.

Ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas - TEL.

À CAPES e ao programa Capes - Reuni.

Aos professores do TEL.

À equipe de apoio.

A minha família, em especial a minha mãe.

A meus amigos.

Ao livreiro Chiquinho.

A todos que tanto me apoiaram, o meu mais sincero OBRIGADA.

*And thou, the Emblem waving over all!
Delicate beauty, a word to thee, (it may be salutary,)
Remember thou hast not always been as here to-day so comfortably
ensovereign'd,
In other scenes than these have I observ'd thee flag,
Not quite so trim and whole and freshly blooming in folds of
stainless silk,
But I have seen thee bunting, to tatters torn upon thy splinter'd staff,
Or clutch'd to some young color-bearer's breast with desperate hands,
Savagely struggled for, for life or death, fought over long,
'Mid cannons' thunder-crash and many a curse and groan and yell,
and
rifle-volleys cracking sharp,
And moving masses as wild demons surging, and lives as nothing
risk'd,
For thy mere remnant grimed with dirt and smoke and sopp'd in
blood,
For sake of that, my beauty, and that thou might'st dally as now
secure up there,
Many a good man have I seen go under. [...]*

Walt Whitman, Song of the Exposition, number 9, Leaves of Grass, 1871.

E tu, Emblema que flutuas no topo de tudo!
Uma palavra para ti, beleza frágil (palavra que te seja talvez salutar),
Lembra-te que nunca estiveste tão confortavelmente instalada na
soberania,
Pois a observei antes em outras circunstâncias, dileta bandeira,
Onde não estavas tão garrida nem florida em tuas pregas de seda
imaculada,
Pois te vi magra decoração rasgada em farrapos em teu mastro
amarfanhada,
Ou mesmo mantida desesperadamente apertada contra o peito de um
jovem porta-estandarte,
Prêmio de uma luta selvagem de vida ou morte, luta interminável,
Na trovada dos canhões, na avalanche dos improperios, dos gritos,
dos gemidos, no estampido seco das descargas dos fuzis,
A investida confusa de massas parecidas com demônios em fúria, o
desperdício dos riscos assumidos pela vida,
Sim, por tua pobre relíquia maculada de lama e fumaça, diluída em
sangue,
Nesse único objetivo efetivamente, minha beleza, e para que um dia
pudesses novamente exhibir-te lá em cima toda tremulante,
Eu teria visto mais de um homem cair. [...]

Walt Whitman, Canção da Exposição, número 9, Folhas de Relva, 1871.
Tradução: André Telles, em: Windows on the World, Frédéric Beigbeder, 2005.

“Existe uma utopia comunista, e essa utopia foi interrompida em 1989. Existe uma utopia capitalista, e essa utopia foi interrompida em 2001.”

(BEIGBEDER, 2005, p. 187)

RESUMO

Esta pesquisa situa a literatura contemporânea como espelho refletor da radicalidade do capitalismo na pós-modernidade cujo evento representativo é o ataque ao World Trade Center, dentre vários outros ataques terroristas. São analisados cinco romances publicados após o atentado terrorista aos Estados Unidos em 2001 que trazem o tema do terrorismo em seu enredo: *Windows on the world* de Frédéric Beigbeder (2005), *Terroristas do milênio* de James Graham Ballard (2005), *O atentado* de Yasmina Khadra (2006), *Extremamente alto e incrivelmente perto* de Jonathan Safran Foer (2006), *O Paraíso é bem bacana* de André Sant'Anna (2006). Os romances foram escolhidos após a leitura de vinte e dois outros que também trazem o mesmo tema e seus autores são de cinco nacionalidades distintas: francesa, inglesa, argelina, americana e brasileira, respectivamente. Além da pós-modernidade e da própria modernidade, diversos temas como: capitalismo, civilização, terrorismo, identidade e esquizofrenia são discutidos ao longo da tese por circundarem a discussão principal em torno dos romances que segue rumo à verificação do surgimento de um novo gênero ou subgênero literário romanesco pós-11 de setembro.

Palavras-chave: Gênero literário. Romance. Pós-modernidade. Capitalismo. Terrorismo.

ABSTRACT

This research places the contemporary literature as the mirror which reflects the radicality of the capitalist system in the post-modernity whose representative event is the attack on the World Trade Center among several other terrorist attacks. Five novels published after the terrorist attack on the United States in 2001 which bring the topic of terrorism on their plot are analyzed: *Windows on the world* by Frédéric Beigbeder (2005), *Terroristas do milênio* by James Graham Ballard (2005), *O atentado* by Yasmina Khadra (2006), *Extremely loud and incredibly close* by Jonathan Safran Foer (2006), *O Paraíso é bem bacana* by André Sant'Anna (2006). The novels were chosen out of twenty-two others which also bring the same topic. Their authors have five different nationalities: French, English, Algerian, American and Brazilian, respectively. Beyond post-modernity and modernity itself, several topics such as: capitalism, civilization, terrorism, identity and schizophrenia are discussed along the thesis due to the fact that they encompass the primary discussion about the novels leading to the verification of the emergency of a new literary genre or sub-genre of novel after 9/11.

Key words: Literature genre. Novel. Post-modernity. Capitalism. Terrorism.

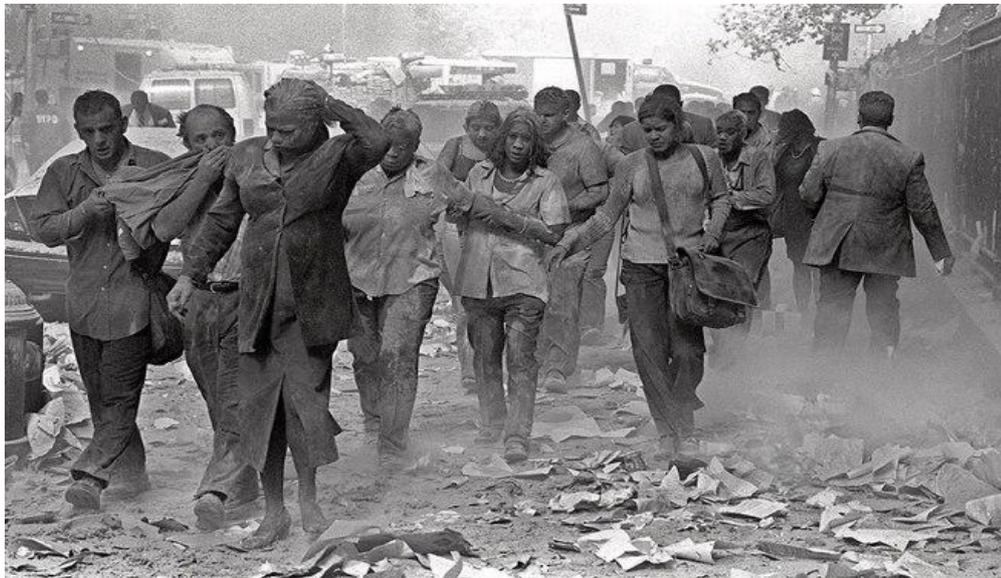
SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
OBJETIVO.....	23
1 A PÓS-MODERNIDADE	27
1.1 Histórico	28
1.2 Jean-François Lyotard	31
1.3 Frederic Jameson.....	33
1.4 David Harvey.....	36
1.5 Linda Hutcheon.....	40
1.6 Terry Eagleton.....	42
1.7 Gilberto Freyre.....	45
1.8 Expressões da pós-modernidade.....	48
2 A LITERATURA ENTRE MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE	56
2.1 Literatura e modernidade	56
2.2 Literatura e pós-modernidade	64
2.2.1 <i>Literatura pós-11 de setembro</i>	70
3 LITERATURA ENTRE O MAL-ESTAR DO CAPITALISMO E DA CIVILIZAÇÃO E O TERRORISMO	108
3.1 Capitalismo	108
3.2 Civilização.....	116
3.3 Terrorismo	123
4 CAPITALISMO, CIVILIZAÇÃO, IDENTIDADE E ESQUIZOFRENIA	133
4.1 Des-civilização	134
4.2 Por que des-civilizar?.....	136
4.2.1 <i>Identidade</i>	143
4.2.2 <i>Esquizofrenia</i>	148
4.3 Como des-civilizar?	153
5 TERRORISMO NOS ROMANCES PÓS-11 DE SETEMBRO - UM NOVO GÊNERO	157
CONCLUSÃO	182
REFERÊNCIAS.....	187

INTRODUÇÃO

O céu sem nuvens encheu-se de uma fumaça preta espiralada e uma chuva de papéis – memorandos, fotos, documentos de transações como ações, apólices de seguro – que flutuaram quilômetros numa brisa sudeste suave, por sobre o East River, até o Brooklyn. Escombros foram lançados nas ruas de Manhattan, já cobertas de corpos. Alguns deles haviam sido arremessados para fora do prédio quando os aviões bateram. Um homem saiu andando das torres carregando a perna de alguém. Pessoas que se atiraram pela janela caíram sobre vários bombeiros, matando-os instantaneamente. [...] Viu um pé feminino na rua com uma meia rosa e tênis brancos. De repente, o solo tremeu. Olhou para cima e viu a torre sul desabando sobre si mesma, ganhando impulso e força, enquanto expelia uma grande nuvem cinza de concreto pulverizado, que se espalhou pelas torres de escritórios vizinhas numa cascata gigantesca. [...] A poeira era uma mistura de concreto, asbesto, chumbo, fibra de vidro, papel, algodão, combustível de jato e restos orgânicos pulverizados das 2749 pessoas mortas nas torres. (WRIGHT, 2007, p. 392)

Figura 1 - Cinzas.



Fonte: ÚLTIMO segundo. São Paulo: IG, 2011. Disponível em: <ultimosegundo.ig.com.br/11desetembro/EUA-aumentam-seguranca-para-os-dez-anos-do-11-de-setembro/n1597200938445.html>. Acesso em: 10 nov. 2013.

A humanidade se chocou diante dos acontecimentos de 11 de setembro de 2001. Não porque não estivesse acostumada a ver diariamente uma boa dose de violência nos noticiários da televisão ou nas manchetes de jornais, mas porque a grande potência, inatingível, inabalável, foi atacada justamente em seu ponto forte. As torres representavam aquilo que garante a hegemonia americana: o sistema econômico capitalista. Segundo Jean Baudrillard, elas eram o “centro nevrálgico do sistema”. (BAUDRILLARD, 2003, p. 13). A cada imagem transmitida com a impressionante rapidez característica da comunicação atual, a humanidade se perguntava se era realmente possível que aquilo estivesse acontecendo.

Os computadores e as mídias formam gigantescas redes de comunicação permitindo que o mundo inteiro esteja conectado e que todo e qualquer tipo de informação seja acessível. A mídia, munida de “turistas profissionais e especializados conhecidos pelo nome de jornalistas” (SONTAG, 2003, p. 20), cobre no mundo todo qualquer acontecimento que pode ser transmitido ao vivo para qualquer parte do planeta, fazendo com que guerras e catástrofes sejam “também imagens e sons na sala de estar” (SONTAG, 2003, p. 20), sem, entretanto, fazer com que os telespectadores apreendam toda a indignidade e a insanidade de tais acontecimentos.

Segundo Susan Sontag, em *Diante da dor dos outros* (2003), desde a guerra dos Estados Unidos contra o Vietnã (1964 - 1975), primeira a ser apresentada à população civil americana pela televisão, batalhas e massacres tornaram-se parte do cotidiano dos telespectadores, que, de longe, passaram a compreender a guerra através de imagens recebidas. Entretanto, essas imagens, apesar de tornarem reais as tragédias bélicas, muitas vezes se confundem com a sua representação, não só para quem assiste, mas até mesmo para quem as vivencia, no caso de 11 de setembro.

Algo se torna real – para quem está longe, acompanhando o fato em forma de ‘notícia’ – ao ser fotografado. Mas, não raro, uma catástrofe vivenciada se assemelhará, de maneira misteriosa, à sua representação. O atentado ao World Trade Center no dia 11 de setembro de 2001 foi classificado de ‘irreal’, ‘surreal’, ‘como um filme’, em muitos dos primeiros depoimentos das pessoas que escaparam das torres ou viram o desastre de perto. (Após quatro décadas de caríssimos filmes de catástrofe produzidos em Hollywood, ‘como um filme’ parece haver substituído a maneira pela qual os sobreviventes de uma catástrofe exprimiam o caráter a curto prazo inassimilável daquilo que haviam sofrido: ‘Foi como um sonho’.) (SONTAG, 2003, p. 23)

Noam Chomsky, em *11 de Setembro* (2005), ressalta o ineditismo de tal acontecimento ao mesmo tempo em que aponta atos terroristas tão ou mais violentos cometidos pelo governo americano em diferentes épocas:

As atrocidades cometidas em 11 de setembro são algo inteiramente novo na política mundial, não em sua dimensão ou caráter, mas em relação ao alvo atingido. [...] Durante os últimos séculos, os Estados Unidos exterminaram as populações indígenas (milhões de pessoas), conquistaram metade do México (na verdade, territórios indígenas, mas isso é outra questão), intervieram com violência nas regiões vizinhas, conquistaram o Havai e as Filipinas (matando centenas de milhares de filipinos) e, nos últimos cinquenta anos, particularmente, valeram-se da força para impor-se a boa parte do mundo. O número de vítimas é colossal. Pela primeira vez, as armas voltaram-se contra nós. Foi uma mudança dramática. (CHOMSKY, 2005, p. 12)

Chomsky não acredita, entretanto, que há relações entre o crime terrorista cometido contra as duas torres e uma revolta de um grupo fundamentalista contra a globalização da economia. Ele diz que a crença de que os terroristas tenham escolhido o World Trade Center como um alvo simbólico é “bastante conveniente para os intelectuais do Ocidente”.

(CHOMSKY, 2005, p. 32) Para ele, as atitudes que de fato motivaram a escolha das torres como alvo simbólico não estão relacionadas nem com *McDonald's* ou *jeans*, nem tampouco com o ódio existente em relação aos valores prezados na América, como liberdade, tolerância, pluralismo religioso e voto universal, valores impostos mundialmente a todas as culturas que já foram invadidas pela globalização da economia. Para Chomsky, os atos terroristas de 11 de setembro são a resposta das vítimas de atos terroristas cometidos anteriormente pelos Estados Unidos que ousaram utilizar a mesma linguagem de seus inimigos americanos.

[...] o que aconteceu em 11 de setembro não tem, de fato, nada a ver com a globalização da economia, na minha opinião. As razões são outras. Nada pode justificar crimes como os cometidos em 11 de setembro, embora só possamos pensar nos EUA como 'vítima inocente' se adotarmos o caminho fácil de ignorar o histórico de suas ações e das que foram praticadas por seus aliados, que são, aliás, de conhecimento público. (CHOMSKY, 2005, p. 38)

Estabelecer uma discussão acerca das causas reais do atentado não é aqui ponto principal, todavia, não podemos deixar de ressaltar que os exemplos que Chomsky utiliza de atos terroristas cometidos pelos americanos ocorreram também em defesa da hegemonia político-econômica dos Estados Unidos, ou seja, também estão relacionadas à globalização da economia e à manutenção desta hegemonia. Tudo isso tem como pano de fundo um sistema político-econômico que vem se desenvolvendo ao longo da existência humana desde que o primeiro pedaço de terra foi cercado e algo chamado propriedade passou a fazer parte da organização da vida: o capitalismo.

Todas as transformações pelas quais o sistema capitalista passou no processo de construção da civilização foram levadas à radicalidade extremista no século XX. Este período, que abrange a maior concentração de acontecimentos por ano de todos os séculos, e cujas mudanças dele decorrentes foram “para todo o planeta, tão profundas quanto irreversíveis” é, por isso, chamado de “A Era dos Extremos” pelo historiador Eric Hobsbawn (2006, p.18).

A segunda metade do século XX, após a segunda guerra mundial, ou seja, a segunda metade da “Era dos Extremos” configurou uma época em que a força de um sistema que se baseia no lucro sem limites e que no lugar do ser humano instaura a figura do consumidor caminha intensamente para o rompimento definitivo de barreiras territoriais em direção à sua plena hegemonia, dando continuidade ao processo de globalização que se desenrola ao longo da História. Empresas transnacionais ditam as regras sob as quais todo o planeta vive. As culturas, as políticas, os valores, os hábitos, as identidades e as artes se misturam formando uma Babel de linguagens em que nem sempre todos se entendem.

Um dos exemplos desse desentendimento provocado pela falta de preocupação com que os líderes do capitalismo tratam a hiperexpansão do mercado consumidor é a acentuação

do Fundamentalismo Religioso. Esse conceito, que segundo Farah (2001), surgiu entre protestantes norte-americanos e abrange cristãos, judeus, hindus, budistas e muçulmanos, é uma posição teológica que defende um retorno aos fundamentos da religião, não significando exatamente que para que haja esse retorno “os fins justifiquem os meios”. Entretanto, o Fundamentalismo tornou-se mundialmente conhecido através de atitudes radicais de um grupo islâmico fundamentalista extremista chamado Al-Qaeda, responsabilizado pelo ato terrorista de 11 de setembro de 2001.

A Al-Qaeda (A Base, em árabe), é uma aliança internacional de organizações terroristas fundada em 1988 pelo milionário árabe Osama Bin Laden, após a Guerra Soviética no Afeganistão. Composta de islâmicos radicais da facção sunita, tem como objetivo recrutar jovens muçulmanos para compor o exército responsável pelo estabelecimento de estados muçulmanos espalhados pelo planeta. Essa aliança elegeu os Estados Unidos como o país responsável pelas atrocidades que os muçulmanos sofreram ao longo da história, principalmente no que diz respeito à questão Palestina devido ao apoio americano a Israel e o elegeu também como o país representante maior do materialismo capitalista que destruiria o islamismo, caso as “devidas providências” não fossem tomadas. As metas da Al-Qaeda são: “estabelecer o governo de Deus na Terra; atingir o martírio na causa de Deus; purificar as fileiras do islã dos elementos de depravação.” (WRIGHT, 2007, p. 332) Antes do ataque de 11 de setembro de 2001, a Al-Qaeda realizou outros ataques menores, como o primeiro atentado ao World Trade Center em 1993 e a explosão de bombas na Embaixada Americana no Quênia em 1998.

As questões que envolvem o Fundamentalismo Extremista Islâmico são múltiplas e complexas, portanto, merecedoras de um estudo crítico e cuidadoso. O que inicialmente se pode dizer é que o Islã é a segunda maior religião do mundo e não forma um “bloco monolítico, nem muito menos estanque”. (FARAH, 2001, p. 10) Por isso, não se pode reduzir o ataque de 11 de setembro a uma luta entre o Islã e o ocidente.

Osama Bin Laden é uma figura extremista da História da humanidade que usa o pretexto da purificação da religião para tentar excluir tudo aquilo com o que, pessoalmente, não concorda, assim como Adolf Hitler foi uma figura extremista da História da humanidade que usou o pretexto da purificação da raça para tentar excluir tudo aquilo com o que, pessoalmente, não concordava.

O pano de fundo real de toda a movimentação da Al-Qaeda é muito mais político-econômico do que propriamente religioso. O fato de Osama Bin Laden ser muçulmano não é o de maior importância nesse caso, assim como não o é o fato de Adolf Hitler ter sido católico

(ou judeu). Sua interpretação peculiar das suratas (capítulos) do Alcorão (livro base do Islã) juntamente com sua arguta habilidade de argumentação aliada ao ódio contra a cultura imposta americana, capitalista, foram elementos cruciais para a formação da Al-Qaeda e para a realização dos atos terroristas desde 1988.

Abdelwahab Meddeb acredita que o terrorismo é um dos sintomas do integrismo que, para ele, como veremos adiante, é a doença do Islã: “A cada entidade sua doença. [...] Se o fanatismo foi a doença do catolicismo, se o nazismo foi a doença da Alemanha, é certo que o integrismo e a doença do islã.” (MEDDEB, 2003, p. 10-11)

Cabe ressaltar que tais atos terroristas não se reduzem ao ataque às torres. Inúmeros atentados terroristas vêm acontecendo em todo o mundo independentemente da existência da Al-Qaeda. A Universidade de Maryland, Estados Unidos, possui uma página na internet chamada START¹. Lá, encontram-se dados referentes aos ataques ocorridos desde 1970 atualizados até 2010.

A seguir, uma das tabelas encontradas no site, seguida por um gráfico de linha. Ambos foram elaborados a partir das seguintes informações: período – janeiro de 2001 a janeiro de 2003, região – América do Norte, país – Estados Unidos, conteúdo – todos os incidentes ocorridos sem sombra de dúvida, resultando em total de 69 ataques. A tabela contém o número de registro do ataque, a data de ocorrência, o local e a cidade em que ocorreram, a organização responsável, o número de mortos, o número de feridos e o tipo de alvo, a região, o tipo de ataque e o tipo de arma.

¹ START. *GTD*. University of Maryland. Disponível em: <<http://www.start.umd.edu/gtd/>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

Figura 2 - Tabela jan. 2001/jan. 2003.

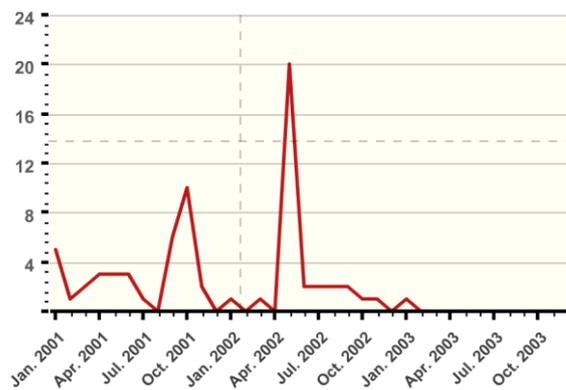
GTD_ID	DATE	COUNTRY	CITY	PERPETRATOR	FATALITIES	INJURED	TARGET TYPE	REGION	ATTACKTYPE	WEAPON TYPE
200301010016	2003-01-01	United States	Girard	Earth Liberation Front (ELF)	0	0	Business	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200211260005	2002-11-26	United States	Erie	Earth Liberation Front (ELF)	0	0	Business	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200210030002	2002-10-03	United States	New York City	Individual	0	0	Other	North America	Armed Assault	Firearms
200209210002	2002-09-21	United States	Richmond	Earth Liberation Front (ELF)	0	0	Business	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200209020005	2002-09-02	United States	Plymouth	Earth Liberation Front (ELF) (suspected)	0	0	Private Citizens & Property	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200208180001	2002-08-18	United States	Superior Township	Earth Liberation Front (ELF) (suspected)	0	0	Private Citizens & Property	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200208110011	2002-08-11	United States	Irvine	Earth Liberation Front (ELF)	0	0	Government (General)	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200207100001	2002-07-10	United States	Seattle	Animal Liberation Front (ALF) (suspected)	0	0	Private Citizens & Property	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200206030003	2002-06-03	United States	Miami	Unknown	0	0	Terrorists	North America	Bombing/Explosion, Bombing/Explosion	Incendiary
200206030002	2002-06-03	United States	Miami	Unknown	0	0	NGO	North America	Bombing/Explosion, Bombing/Explosion	Incendiary
200205130001	2002-05-13	United States	Philadelphia	Individual	0	0	Government (General)Private Citizens & Property	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200205070002	2002-05-07	United States	Amarillo	Individual	0	0	Government (General)Private Citizens & Property	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200205060006	2002-05-06	United States	Pueblo	Individual	0	0	Government (General)Private Citizens & Property	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200205060005	2002-05-06	United States	Salida	Individual	0	0	Government (General)Private Citizens & Property	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200205040011	2002-05-04	United States	Albion	Individual	0	0	Government (General)Private Citizens & Property	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200205040010	2002-05-04	United States	Seward	Individual	0	0	Government (General)Private Citizens & Property	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200205040009	2002-05-04	United States	Ohiowa	Individual	0	0	Government (General)Private Citizens & Property	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200205040008	2002-05-04	United States	Davenport	Individual	0	0	Government (General)Private Citizens & Property	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200205040007	2002-05-04	United States	Columbus	Individual	0	0	Government (General)Private Citizens & Property	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200205040006	2002-05-04	United States	Cairo	Individual	0	0	Government (General)Private Citizens & Property	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200205040005	2002-05-04	United States	Scotia	Individual	0	0	Government (General)Private Citizens & Property	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200205030015	2002-05-03	United States	Bloomington	Animal Liberation Front (ALF)	0	0	Business	North America	Unknown	Incendiary
200205030014	2002-05-03	United States	Elizabeth	Individual	0	0	Government (General)Private Citizens & Property	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200205030013	2002-05-03	United States	Morrison	Individual	0	0	Government (General)Private Citizens & Property	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200205030012	2002-05-03	United States	Mount Carroll	Individual	0	0	Government (General)Private Citizens & Property	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200205030011	2002-05-03	United States	Eldridge	Individual	0	0	Government (General)Private Citizens & Property	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200205030010	2002-05-03	United States	Bloomington	Individual	0	0	Government (General)Private Citizens & Property	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200205030009	2002-05-03	United States	Anamosa	Individual	0	0	Government (General)Private Citizens & Property	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200205030008	2002-05-03	United States	Farley	Individual	0	0	Government (General)Private Citizens & Property	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite

GTD ID	DATE	COUNTRY	CITY	PERPETRATOR	FATALITIES	INJURED	TARGET TYPE	REGION	ATTACKTYPE	WEAPON TYPE
200205030007	2002-05-03	United States	Asbury	Individual	0	0	Government (General) Private Citizens & Property	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200203240005	2002-03-24	United States	Erie	Earth Liberation Front (ELF) (suspected)	0	0	Government (General)	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200202040010	2002-07-04	United States	Los Angeles	Individual	3	4	Airports & Airlines Private Citizens & Property	North America	Armed Assault	Firearms, Melee
200201260004	2002-01-26	United States	St. Paul	Earth Liberation Front (ELF)	0	0	Educational Institution	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200111140001	2001-11-14	United States	Oxford	Unknown	1	0	Private Citizens & Property	North America	Armed Assault	Biological
200111050005	2001-11-05	United States	Houghton	Earth Liberation Front (ELF)	0	0	Educational Institution, Educational Institution	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200110290003	2001-10-29	United States	New York City	Unknown	1	0	Other	North America	Armed Assault	Biological
200110260004	2001-10-26	United States	Washington	Unknown	Unknown	Unknown	Government (General)	North America	Armed Assault	Biological
200110190001	2001-10-19	United States	New York City	Unknown	0	2	Journalists & Media	North America	Armed Assault	Biological
200110180004	2001-10-18	United States	New York City	Unknown	0	1	Journalists & Media	North America	Assassination	Biological
200110150005	2001-10-15	United States	Litchfield	Animal Liberation Front (ALF), Earth Liberation Front (ELF)	0	0	Government (General)	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200110150002	2001-10-15	United States	New York City	Unknown	0	1	Journalists & Media	North America	Armed Assault	Biological
200110150001	2001-10-15	United States	Washington	Unknown	2	6	Government (General)	North America	Assassination	Biological
200110120004	2001-10-12	United States	New York City	Unknown	0	6	Journalists & Media	North America	Armed Assault	Biological
200110090004	2001-10-09	United States	Washington	Unknown	2	1	Government (General)	North America	Assassination	Biological
200110020003	2001-10-02	United States	Boca Raton	Unknown	1	5	Journalists & Media	North America	Armed Assault	Biological
200109200006	2001-09-20	United States	Alamogordo	Animal Liberation Front (ALF)	0	0	Other	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite, Incendiary
200109110007	2001-09-11	United States	Shanksville	Al-Qa'ida	44	0	Government (General) Airports & Airlines Private Citizens & Property	North America	Hijacking, Facility/Infrastructure Attack, Bombing/Explosion	Melee, Incendiary
200109110006	2001-09-11	United States	Arlington	Al-Qa'ida	189	Unknown	Military Airports & Airlines Private Citizens & Property	North America	Hijacking, Facility/Infrastructure Attack, Bombing/Explosion	Melee, Incendiary
200109110005	2001-09-11	United States	New York City	Al-Qa'ida	1382	Unknown	Business Airports & Airlines Private Citizens & Property	North America	Hijacking, Facility/Infrastructure Attack, Bombing/Explosion	Melee, Incendiary
200109110004	2001-09-11	United States	New York City	Al-Qa'ida	1382	Unknown	Business Airports & Airlines Private Citizens & Property	North America	Hijacking, Facility/Infrastructure Attack, Bombing/Explosion	Melee, Incendiary
200109080005	2001-09-08	United States	Tucson	Animal Liberation Front (ALF), Earth Liberation Front (ELF)	0	0	Business	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200107240003	2001-07-24	United States	Stateline	Earth Liberation Front (ELF) (suspected)	0	0	Business	North America	Facility/Infrastructure Attack	Sabotage Equipment
200106120002	2001-06-12	United States	Tucson	Coalition to Save the Preserves (CSP) (suspected)	0	0	Private Citizens & Property	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200106110002	2001-06-11	United States	Tacoma	Unknown	0	0	Abortion Related	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200106010002	2001-06-01	United States	Estacada	Animal Liberation Front (ALF) (suspected), Earth Liberation Front (ELF) (suspected)	0	0	Business	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200105210007	2001-05-21	United States	Seattle	Animal Liberation Front (ALF), Earth Liberation Front (ELF)	0	0	Educational Institution	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary

GTD_ID	DATE	COUNTRY	CITY	PERPETRATOR	FATALITIES	INJURED	TARGET TYPE	REGION	ATTACK TYPE	WEAPON TYPE
200105210006	2001-05-21	United States	Clatskanie	Animal Liberation Front (ALF), Earth Liberation Front (ELF)	0	0	Business	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200105050003	2001-05-05	United States	West Lake Hills	Unknown	0	0	Business	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200104150002	2001-04-15	United States	Portland	Earth Liberation Front (ELF)	0	0	Business	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200104050003	2001-04-05	United States	Arlington	Unknown	0	0	Business	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200104040004	2001-04-04	United States	Alberville	Earth Liberation Front (ELF)	0	0	Business	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200103300002	2001-03-30	United States	Eugene	Animal Liberation Front (ALF), Earth Liberation Front (ELF)	0	0	Business	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200103020006	2001-03-02	United States	Astoria	Animal Liberation Front (ALF)	0	0	Business	North America	Bombing/Explosion	Incendiary
200102200002	2001-02-20	United States	Visalia	Earth Liberation Front (ELF)	0	0	Business	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200101280007	2001-01-28	United States	Kalamazoo	Anti-Abortion Activists	0	0	Abortion Related	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200101230010	2001-01-23	United States	Capitola	Animal Liberation Front (ALF) (suspected)	0	0	Government (General)	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200101180005	2001-01-18	United States	Scottsdale	Coalition to Save the Preserves (CSP) (suspected)	0	0	Private Citizens & Property	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200101130001	2001-01-13	United States	MillerPlace	Earth Liberation Front (ELF)	0	0	Business	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200101020004	2001-01-02	United States	Glendale	Animal Liberation Front (ALF), Earth Liberation Front (ELF)	0	0	Business	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary

Fonte: START. GTD. University of Maryland. Disponível em: <<http://www.start.umd.edu/gtd/>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

Figura 3 - Gráfico jan. 2001/jan. 2003.



Fonte: START. GTD. University of Maryland. Disponível em: <<http://www.start.umd.edu/gtd/>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

Para comparar, a seguir, outra das tabelas encontradas no site, também seguida por um gráfico de linha, dotada das mesmas configurações anteriores, mas referente ao período de janeiro de 2008 a janeiro de 2010 e com total de 31 ataques.

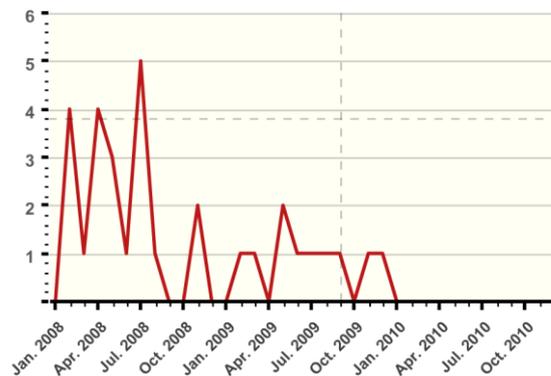
Figura 4 - Tabela jan. 2008/jan. 2010.

GTD_ID	DATE	COUNTRY	CITY	PERPETRATOR	FATALITIES	INJURED	TARGET TYPE	REGION	ATTACKTYPE	WEAPON TYPE
200912250024	2009-12-25	United States	Detroit	Al-Qa'ida in the Arabian Peninsula (AQAP) (suspected)	0	2	Airports & Airlines	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200911060002	2009-11-06	United States	Killeen	Unknown	13	32	Military	North America	Armed Assault	Firearms
200909040003	2009-09-04	United States	Snohomish	Earth Liberation Front (ELF)	0	0	Telecommunication	North America	Facility/Infrastructure Attack	Sabotage Equipment
200908240016	2009-08-24	United States	San Mateo	Unknown	0	0	Educational Institution	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite,Melee
200907030004	2009-07-03	United States	Huntington Beach	Unknown	0	5	Private Citizens & Property	North America	Armed Assault	Melee,Melee
200906100003	2009-06-10	United States	Washington	Unknown	1	Unknown	Private Citizens & Property	North America	Armed Assault	Firearms
200905310017	2009-05-31	United States	Wichita	Unknown	1	0	Abortion Related	North America	Armed Assault	Firearms
200905300002	2009-05-30	United States	Arivaca	Mnutemen American Defense (suspected)	2	1	Private Citizens & Property	North America	Armed Assault	Firearms
200903070010	2009-03-13	United States	Westwood	Animal Liberation Front (ALF)	0	0	Educational Institution	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200902040007	2009-02-05	United States	West Memphis	Unknown	0	1	Government (General)	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200811140015	2008-11-14	United States	Hemet	Neo-Nazi Group	0	1	Unknown	North America	Armed Assault	Melee
200811050008	2008-11-05	United States	Springfield	Unknown	0	2	Religious Figures/Institutions	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200808020023	2008-08-02	United States	Santa Cruz	Animal Liberation Front (ALF)	0	1	Private Citizens & Property	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200807290002	2008-07-29	United States	Guysville	Unknown	0	0	Government (General)	North America	Bombing/Explosion	Unknown
200807290001	2008-07-29	United States	Stewart	Unknown	0	0	Government (General)	North America	Bombing/Explosion	Unknown
200807270001	2008-07-27	United States	Knoxville	Unknown	2	7	Religious Figures/Institutions	North America	Armed Assault	Firearms
200807250031	2008-07-25	United States	Milton	Unknown	0	0	Private Citizens & Property	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200807250030	2008-07-25	United States	La Jolla	Unknown	0	1	Tourists	North America	Armed Assault	Melee
200806140008	2008-06-14	United States	Deming	Unknown	0	0	Transportation	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200805260018	2008-05-26	United States	Medford	Unknown	0	0	Private Citizens & Property	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200805260017	2008-05-26	United States	Medford	Unknown	0	0	Private Citizens & Property	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200805040018	2008-05-04	United States	San Diego	Unknown	0	0	Government (General)	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200804250010	2008-04-25	United States	San Diego	Unknown	0	0	Business	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200804220011	2008-04-22	United States	Miami Beach	Unknown	0	0	Religious Figures/Institutions	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200804070006	2008-04-07	United States	Kansas Cty	Unknown	0	0	Transportation	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200804070005	2008-04-07	United States	Kansas Cty	Unknown	0	0	Utilities	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200803060004	2008-03-06	United States	New York City	Unknown	0	0	Military	North America	Bombing/Explosion	Explosives/Bombs/Dynamite
200802170011	2008-02-17	United States	Eureka	Unknown	0	0	Abortion Related	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200802170007	2008-	United States	Eureka	Anti-Abortion	0	0	Abortion Related	North	Facility/Infrastructure	Incendiary

GTD ID	DATE	COUNTRY	CITY	PERPETRATOR	FATALITIES	INJURED	TARGET TYPE	REGION	ATTACKTYPE	WEAPON TYPE
	02-17	States		Activists				Ameica	tructure Attack	
200802090004	2008-02-09	United States	Columbia	Unknown	0	0	Religious Figures/Institutions	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary
200802050002	2008-02-05	United States	Los Angeles	Unknown	0	0	Private Citizens & Property	North America	Facility/Infrastructure Attack	Incendiary

Fonte: START. GTD. University of Maryland. Disponível em: <<http://www.start.umd.edu/gtd/>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

Figura 5 - Gráfico jan. 2008/jan. 2010.



Fonte: START. GTD. University of Maryland. Disponível em: <<http://www.start.umd.edu/gtd/>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

Além disso, como se sabe, em 11 de setembro de 2001, outros dois aviões foram sequestrados como parte do mesmo esquema de ataque atribuído à Al Qaeda contra os Estados Unidos. Um deles foi lançado contra o Pentágono e o outro deveria atingir a Casa Branca, mas caiu próximo à Pensilvânia. O livro *Plano de Ataque* (2006), do brasileiro Ivan Sant'Anna, traz informações sobre o planejamento, a preparação e a execução dos atentados, trabalho que resultou de três anos de pesquisa sobre o assunto.

O teórico palestino Edward W. Said propõe em sua obra *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente* (2007), que o oriente, fonte da civilização e das línguas ocidentais, onde se encontram as colônias europeias mais antigas e mais ricas, é um conceito postulado por intelectuais ocidentais para representar um outro mundo, estabelecendo a distinção entre o que seria familiar e o que seria estranho em constante exercício de força cultural, relacionado ao imperialismo e à imposta e talvez fictícia autoridade intelectual do ocidente sobre o oriente. Sua tese, o Orientalismo, contribui imensamente para uma tentativa de compreensão dos atentados terroristas que se tornam cada vez mais frequentes, pois o fato de questionar a divisão da realidade humana em culturas, histórias, tradições, sociedades e até raças diferentes, leva-nos a questionar também as consequências de tal divisão.

O fenômeno dos ataques suicidas fez sua entrada em cena com todos os seus danos horrendos, nenhum, evidentemente, mais chocante e apocalíptico do que os

acontecimentos do Onze de Setembro e suas conseqüências, as guerras contra o Afeganistão e o Iraque. (SAID, 2007, p. 13)

Com o advento do capitalismo pós Segunda Guerra, tudo passou a ser válido. A busca por lucros fez com que o capitalismo rompesse todas as barreiras, desde as territoriais, com a instalação de empresas transnacionais, até as culturais, com a imposição internacional de produtos a todo custo sem que fossem levadas em consideração as conseqüências que o consumo de tais produtos teria para determinado grupo. A “Era dos Extremos” começa a tomar um formato diferente após a segunda guerra mundial e abre as portas para o século XXI com mais uma de suas radicalidades.

Em meio a todas essas transformações, encontra-se o ser humano. Aprendemos a viver sob a constante pressão da busca pelo dinheiro, do consumo das tecnologias que se renovam a cada semana fazendo que nosso cotidiano se torne ao mesmo tempo cada vez mais frenético e sedentário obrigando-nos a dividir as 24 horas de cada dia em sessões destinadas a atividades muito específicas e fazer um esforço enorme para não esquecer de destinar alguma destas sessões a atividades como comer, dormir ou exercitar o corpo. Isso tudo acontece em ambientes urbanos com altos índices de poluição sonora, visual, aérea e aquática, pois o lixo produzido desenfreadamente nas cidades nem sempre possui destinação; mas principalmente com altos índices de desigualdade social, algo que se acentua progressivamente gerando violência, que gera tensão e medo, permanentes aliados à vida humana. A desigualdade social mencionada não se dá em um único nível, mas se organiza em camadas interpostas que abrangem desde a relação entre os habitantes de pequenas vilas rurais e as gigantes empresas agrícolas, passando pela relação entre um país como os Estados Unidos que pretende liderar os demais países ocidentais, até a desequilibrada relação entre ocidente e oriente, que já se dá em nível planetário.

Sem a pretensão de reduzir o surgimento dos ataques terroristas a um único fato, mas na tentativa de compreensão deste fenômeno, concordamos com Said quanto ao estabelecimento da relação entre o Orientalismo e o terrorismo sintomático dos séculos XX e XXI. A existência de imposições do ocidente sobre o oriente é fato incontestável. Basta que tomemos como exemplo o imperialismo moderno e sua pretensiosa imposição cultural, iniciado com Napoleão e atualmente mantido pelos Americanos.

As sociedades contemporâneas de árabes e muçulmanos sofreram um ataque tão maciço, tão calculadamente agressivo em razão de seu atraso, de sua falta de democracia e de sua supressão dos direitos das mulheres que simplesmente esquecemos que noções como modernidade, iluminismo e democracia não são, de modo algum, conceitos simples e consensuais que se encontram ou não, como ovos de Páscoa, na sala de casa. (SAID, 2007, p. 15)

Podem ser exemplos de imposições do ocidente sobre o oriente: a presença de tropas americanas na Arábia Saudita desde o fim da Guerra do Golfo em 1991, o apoio dos Estados Unidos a Israel desde sua ideia inicial passando por sua instauração e continuando com sua permanente defesa, e finalmente, sanções contra o Iraque mediante decisão do conselho de segurança da ONU que impedem o país de realizar transações comerciais e financeiras atrapalhando seu desenvolvimento e sua sustentação.

Os três exemplos acima são dados pela Al-Qaeda como motivos para a ocorrência do ataque de 11 de setembro, indicando que a relação entre a expansão interminável do capitalismo permeia diversas explicações para o terrorismo de 2001. Nas palavras do próprio Bin Laden:

[...] por mais de sete anos, os Estados Unidos vêm ocupando as terras do Islã e os lugares mais santos, a Península Arábica, saqueando suas riquezas, ditando ordens a seus governantes, humilhando seu povo, aterrorizando seus vizinhos, e transformando suas bases na península em lideranças para a luta contra os povos muçulmanos que os rodeiam. (Sobre a presença americana no Iraque.) A criação e manutenção de Israel é um dos maiores crimes, e vocês são os líderes desses criminosos. E, claro, não há necessidade de explicar e demonstrar o grau de apoio americano a Israel. A criação de Israel é um crime que deve ser apagado. Toda e qualquer pessoa cujas mãos se tomaram poluídas ao contribuir para este crime tem de pagar o seu preço, e pagar fortemente. (Sobre o apoio americano a Israel.) [...] apesar da grande devastação infligida ao povo iraquiano pela aliança cruzado-sionista, e apesar do grande número de pessoas mortas, que ultrapassou um milhão... apesar de tudo isso, os americanos estão mais uma vez tentando repetir os massacres horrendos, como se eles não se contentassem com o bloqueio prolongado imposto após a guerra feroz ou a fragmentação e destruição.... Com base nisso, e em conformidade com a ordem de Deus, emitimos a *fatwa*² que se segue para todos os muçulmanos: a decisão de matar os americanos e seus aliados, civis e militares é um dever individual de todo muçulmano... (Sobre as sanções estabelecidas pela ONU contra o Iraque.)³

Identificando e discutindo todos esses fenômenos, a Literatura elege-se como espaço de debate, sem a pretensão de propor soluções, mas no intuito de problematizar. Desde o ataque às torres, houve grande produção de obras de arte relacionadas ao tema terrorismo. Diversos autores publicaram romances que envolvem esse tema. Portanto, torna-se necessário analisar as respostas da Literatura ao ataque de 11 de setembro no intuito de dar início à instauração de uma reflexão sobre os caminhos da sociedade contemporânea.

² Segundo *O atlas do oriente médio*, de Dan Smith, *fatwa* é “sentença de direito islâmico proferida pelos *muftis* (estudiosos islâmicos reconhecidos).” (p. 12). Segundo o Sheikh Yusuf Al-Qaradawi “a palavra Árabe *fatwa* significa dar uma resposta satisfatória em relação a certo assunto. Na linguagem técnica da Shari’ah, a palavra *fatwa* esclarece a aplicação da lei islâmica em uma resposta dada a uma questão ou conjunto de questões, normalmente relacionadas a um assunto Islâmico. Não faz nenhuma diferença se aquele que coloca a questão é uma pessoa ou um grupo de pessoas.” (ISLAM Online Fatwa Editing Desk. *Fatwa*: significado e conceito. Disponível em: <<http://www.religiao dedeus.net/fatwa22.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

³ FAS. *Jihad against Jews and Crusaders*. Washington, DC, 1998. Disponível em: <<http://www.fas.org/irp/world/para/docs/980223-fatwa.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2013. (tradução nossa)

OBJETIVO

No fim da primeira década do século XXI não se pode afirmar a existência de acordos teóricos sobre literatura, nem mesmo em relação ao que seria a mesma, se arte, ou não; se desempenha papel social, histórico, ou não; se há critérios para se definir o que chamar de literatura, ou não; se houvesse, quais seriam esses critérios, etc. Entretanto, há um único fato inegável em relação à literatura: nunca se publicou tanto e em tamanha variedade na história desde o advento da imprensa de Guttenberg, no século XV.

No infinito universo de publicações, os gêneros se organizam como fractais, ou seja, aleatoriamente. Desse modo a pesquisa em literatura torna-se por um lado, conservadora, na medida em que deve preservar na obra literária o seu papel múltiplo e englobador de diferentes aspectos, tais como cultural, científico, histórico, religioso, ético, social e econômico; e por outro, inovadora, já que deve se preocupar não só com o texto escrito que até o início do século XX teria “n” características que o fariam pertencer a um cânone, mas também com a imensa variedade de estilos surgida com e após o modernismo⁴, além de outros textos “escritos” em outros suportes, de acordo com Gumbrecht e Pfeiffer (1994, p. 2), tais como uma tela de pintura ou de cinema, um monitor de televisão ou de computador, de *tablet*, de aparelho telefônico celular e até mesmo o próprio corpo humano.

Sim, estamos afirmando que durante o século XX e primeira década do século XXI, a literatura e a teoria literária passaram por desterritorializações e reterritorializações (DELEUZE; GUATTARI, 1995) diversas até hoje.

No tocante a esta pesquisa, concentrar-nos-emos em alguns aspectos evidenciados através de alguns exemplos da produção literária contemporânea, mais especificamente naquela que trata do sujeito contemporâneo como resultado da efervescência de acontecimentos do século XX, com foco em sua segunda metade, aliada ao ataque de 11 de Setembro de 2001 ao World Trade Center, já na primeira década do século XXI, que, acreditamos, dentre todas as suas resultantes repercussões políticas, sociais e econômicas, provocou a mente criativa dos artistas originando várias produções, aqui restritas aos romances⁵ e, após extensa pesquisa e 22 romances lidos⁶, representadas por *Windows on the*

⁴ Movimento artístico ocorrente a partir do fim do século XIX que adentra o século XX até sua metade, afirmador de novos ideais estéticos que representaram uma crítica global às estruturas mentais das velhas gerações e valorizador da liberdade formal. Dentre suas múltiplas representações, podemos citar o Futurismo, o Surrealismo, o Cubismo, o Dadaísmo, etc.

⁵ Várias outras manifestações artísticas surgiram em diferentes formatos e suportes, tais como filmes (exemplo: *Reine sobre mim*, Mark Binder, 2007), peças teatrais (exemplo: *The Guys*, Anne Nelson, 2001), poemas (exemplo: coletânea intitulada *An eye for an eye makes the whole world blind: poets on 9/11*, Allen Cohen e Clive Matson, 2002), contos (exemplo: *The last days of Mohammed Atta*, 2006) e quadrinhos (exemplo: *In the shadow of no towers*, Art Spiegelman, 2004, também chamado de Graphic Novel.), mas esta pesquisa se concentra somente na produção romanesca que traz o tema do terrorismo em suas narrativas.

⁶ Os romances lidos foram:

world (2005), obra do escritor francês Frédéric Beigbeder, quinto romance publicado do autor; *Terroristas do milênio* (2005), obra do escritor britânico James Graham Ballard, seu décimo sétimo romance; *O atentado* (2006), obra do escritor argelino Yasmina Khadra, seu décimo romance; *Extremamente alto e incrivelmente perto* (2006), obra do escritor americano Jonathan Safran Foer, seu segundo romance; *O Paraíso é bem bacana* (2006), obra do escritor brasileiro André Sant'Anna, seu segundo romance.

A leitura de obras literárias torna-se imprescindível para que possamos compreender melhor o mundo atual a partir do próprio ser humano atual, pois veremos que desde o início da idade moderna concomitante ao surgimento do sistema capitalista e da mudança de paradigma no tocante à representação do mundo, diversos fatores contribuíram para que a contemporaneidade fosse permeada de problemas gravíssimos que dizem respeito a nós, seres humanos, representados nestes romances pelos protagonistas, todos, de algum modo, envolvidos com o terrorismo.

Partimos então deste ponto para o desenvolvimento da presente pesquisa. Seguindo o modelo criado para a construção de minha dissertação de mestrado, apresento a seguir a estrutura da presente tese de doutorado. Seu tema é a literatura contemporânea como espelho refletor da radicalidade do capitalismo, cujo evento representativo é o ataque ao World Trade Center, dentre vários outros ataques terroristas. E seu objetivo é analisar romances publicados após o atentado aos Estados Unidos em 2001 e verificar se houve o surgimento de um novo gênero literário pós-11 de setembro.

Assim como em minha dissertação, o primeiro capítulo também é intitulado *A pós-modernidade*, contendo desde sua definição e histórico (1.1) até as reflexões tecidas sobre seis (não mais quatro) de seus pensadores: Jean-François Lyotard (1.2), Fredric Jameson (1.3),

-
- . ALI, Ayaan Hirsi. *Infel*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
 - . AUSTER, Paul. *The Brooklyn Follies*. Londres: Faber and Faber, 2005.
 - . BALLARD, J.G.. *Terroristas do Milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
 - . BEIGBEDER, Frédéric. *Windows on the world*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
 - . CUNNINGHAM, Michael. *Dias Exemplares*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
 - . DELILLO, Dom. *Homem em Queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
 - . FOER, Jonathan Safran. *Extremely loud and incredibly close*. New York: Mariner Books, 2005.
 - . GIBSON, William. *Pattern recognition*. Nova York: Berkley Publishing, 2004.
 - . HAMID, Moshin. *O Fundamentalista Relutante*. Rio de Janeiro: Alfabeta Brasil, 2007.
 - . HOSSEINI, Khaled. *O caçador de pipas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
 - . HOSSEINI, Khaled. *A cidade do sol*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
 - . KHADRA, Yasmina. *O atentado*. São Paulo: Sá Editora, 2006.
 - . MCEWAN, Ian. *Sábado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
 - . MCINERNEY, Jay. *The Good Life*. Londres: Bloomsbury, 2006.
 - . MESSUD, Claire. *Os Filhos do Imperador*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
 - . NOOTEBOOM, Cees. *Dia de Finados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
 - . PALAHNIUK, Chuck. *Lullaby*. Londres: Minerva UK, 2003.
 - . RINALDI, Nicholas. *Between Two Rivers*. Londres: Bantam Press, 2004.
 - . ROTH, Philip. *Fantasma saiu de cena*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
 - . SANT'ANNA, André. *O paraíso é bem bacana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
 - . SEIERSTAD, Asne. *O livreiro de Cabul*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
 - . UPDIKE, John. *Terrorista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

David Harvey (1.4) e Linda Hutcheon (1.5), com o acréscimo de Terry Eagleton (1.6) e de Gilberto Freyre (1.7). Entretanto, o item 1.8 (antigo 1.6), intitulado “Expressões da pós-modernidade” aqui é dedicado também ao tema “Terrorismo e 11 de setembro”.

O segundo capítulo, *Literatura entre modernidade e pós-modernidade*, mantém a mesma linha de raciocínio desenvolvida na dissertação, mas com algumas modificações. Amparados por Michel Foucault, Friedrich Nietzsche e Roland Barthes, traçamos um panorama da expressão artística desde o início da idade moderna até a contemporaneidade. Os dois primeiros itens: “Literatura e modernidade” (2.1) e “Literatura e pós-modernidade” (2.2) permanecem, pois guiam a pesquisa para a verificação de como as obras literárias relacionadas ao 11 de setembro retratam esse evento, que recursos utilizam para retratá-lo, que tipos de personagem aparecem e como esses personagens se comportam no mundo após o ataque às torres. Ao item 2.1 acrescentamos digressão sobre o surgimento do romance, amparada pelos teóricos Georg Lukács e Mikhail Bakhtin e pelos romancistas e teóricos Henry James e Milan Kundera. Ao item 2.2, acrescentamos digressão sobre os problemas do romance contemporâneo, bem como discussão sobre a narrativa e suas categorias, amparada pelo teórico Tzvetan Todorov, em direção à sua desconstrução e ao apontamento de elementos do romance pós-moderno na busca pela delimitação das características do romance pós-11 de setembro. No item 2.2.1 “Literatura pós-11 de setembro”, fizemos um resumo de 5 obras publicadas vinculadas ao tema, no intuito de apontar, mais adiante no capítulo 5, os pontos convergentes e divergentes, temáticos e estruturais existentes entre elas em direção à problematização sobre o surgimento de um novo gênero literário.

O terceiro capítulo, *Literatura entre o mal-estar do capitalismo e da civilização e o terrorismo*, dedica-se ao fortalecimento do capítulo sobre pós-modernidade, já que todos os teóricos vinculam a era pós-moderna ao sistema capitalista, bem como ao embasamento do tema de que trata esta pesquisa. Amparados por Eric Hobsbawn, nos aprofundamos nesse campo ressaltando a evolução do sistema econômico capitalista e suas relações com a arte e a literatura com o objetivo de compreender as relações existentes entre a contemporaneidade e o último capitalismo em vigor, o Financeiro⁷. Aos itens “Capitalismo” (3.1) e “Civilização” (3.2), revisados e atualizados, foi acrescido o item “Terrorismo” (3.3), sobre o qual é traçado panorama de seu enraizamento na cultura islâmica, amparado por Abdelwahab Meddeb.

O quarto capítulo, *Capitalismo, civilização, identidade e esquizofrenia*, assim como em minha dissertação, baseado na teoria da esquizofrenia de Gilles Deleuze e Félix Guattari,

⁷ São fases do capitalismo: a fase Mercantilista (Pré-Capitalista), a fase Industrial, a fase Industrial Liberal, a fase Monopolista e a fase Financeira. O último capitalismo é chamado também de capitalismo neoliberal (Lyotard), pós-industrial, tardio (Jameson), corporativista ou pós-fordista (Harvey).

que é elaborada como um contraponto à teoria psicanalítica freudiana, apresenta uma alternativa ao comportamento humano no mundo, sem a pretensão de criar outro mundo, pois, afinal, não existem mais utopias na pós-modernidade, mas apenas com a intenção de apontar saídas para que atentados como o de 11 de setembro não aconteçam mais. Estão presentes neste capítulo os itens “Des-civilização” (4.1), “Por que des-civilizar?” (4.2), que tem os subitens “Identidade” (4.2.1) e “Esquizofrenia” (4.2.2), e “Como des-civilizar?” (4.3). No subitem “Identidade”, foi acrescentada uma discussão sobre a identidade do árabe terrorista sob o ponto de vista ocidental, desenvolvida com o amparo de Edward W. Said.

O quinto capítulo, *Os romances pós-11 de setembro*, é um ensaio sobre os personagens das obras selecionadas com o objetivo de mostrar que eles são consequência do terrorismo que, por sua vez, é consequência do capitalismo que, por sua vez, é elemento intrínseco à literatura pós-moderna. Aqui, todos os temas anteriores (pós-modernidade, capitalismo e globalização, civilização e terrorismo) confluem para a demonstração de nossa tese, reafirmada na análise detalhada de um dos romances pós-11 de setembro, *Windows on the world* de Frédéric Beigbeder (2005).

Para o início desta pesquisa partimos da seguinte pergunta: diante da publicação de muitos romances voltados não só para o ataque ao World Trade Center, mas para o terrorismo em geral, surge um novo gênero literário pós-11 de setembro?

Entretanto, falar de literatura contemporânea revela certa imprecisão tanto temporal, quanto conceitual. Por isso, faz-se mister a emergência de delimitações mais precisas desse recorte do tempo e da literatura. Começaremos pelo tempo.

1 A PÓS-MODERNIDADE

Há pouco vivenciamos o fim da primeira década do século XXI. As obras que compõem o corpo de análise do presente trabalho estão compreendidas entre os anos de 2003 e 2006. Para a produção hodierna costuma-se dar o nome de literatura contemporânea, pressupondo não somente as obras publicadas atualmente, mas também o escritor e o pesquisador que juntamente com as obras compõem a contemporaneidade, o que pode resultar tanto em interpretações que demonstram grande sensibilidade quanto em terríveis equívocos.

Quando avaliam o seu dia-a-dia, a sua atualidade, as pessoas tendem sempre a cometer erros (nesse ou naquele sentido). E isso deve ser levado em conta. (BAKHTIN, 2003, p. 359)

Concordando com Bakhtin, Eric Hobsbawm (2006, p. 7) diz que “[...] ninguém pode escrever sobre seu próprio tempo de vida como pode (e deve) fazer em relação a uma época conhecida apenas de fora, em segunda ou terceira mão, por intermédio de fontes da época ou obras de historiadores posteriores.” Por outro lado, Michel Maffesoli, um habitante da contemporaneidade diz:

Para retomar uma expressão de Schopenhauer, essa ‘realidade é puramente relativa’. Ou seja, todo objeto ou fenômeno está ligado a outros e é determinado por eles. E, por isso mesmo, está sujeito à mudança e ao acaso. Impermanência geral das coisas, de certo modo. O que equivale a dizer que aquilo que é nem sempre foi, necessariamente, e nem sempre será. Do mesmo modo, as categorias elaboradas numa dada época não são eternas e devem ser submetidas a uma revisão, se quisermos apreender, da maneira menos precária possível, a evolução de que se tratou e cujos efeitos é muito difícil negar ou desmentir empiricamente. (2004, p. 10)

Sem deixar de levar em conta os riscos, mas principalmente ressaltando as necessidades de se falar sobre a contemporaneidade é que inumeráveis pensadores ousaram em seus estudos tentar entender sua própria época, e o resultado que sem tem até hoje não poderia deixar de ser diferente: uma imensa diversidade de opiniões, ora concordantes e ora divergentes. Os últimos anos, desde o atentado ao World Trade Center, são os até agora últimos doze anos daquilo que alguns pensadores do século XX chamam de pós-modernidade.

No tocante ao termo, cabe ressaltar a existência de uma relação de amor e ódio por parte da intelectualidade ocidental. Mesmo assim, após o apanhado geral que se tecerá a seguir, decidiremos pela adoção do mesmo, concordando com Fredric Jameson quando ele diz:

A questão é que nos encontramos a tal ponto *no âmbito* da cultura do pós-modernismo que o seu repúdio fácil é tão impossível quanto qualquer celebração igualmente fácil dela é complacente e corrupta. O julgamento ideológico do pós-modernismo hoje implica necessariamente, pensaríamos, um julgamento sobre nós mesmos, bem como sobre os artefatos em questão. (JAMESON, 1984. *In*: CONNOR, 1993, p. 47)

1.1 Histórico

Antes de iniciar o breve panorama teórico que se segue sobre pós-modernidade, é imprescindível deixar claras as diferenças entre os termos *pós-modernidade*, *pós-modernismo* e *pós-moderno* que, apesar de possuírem funções marcadas etimologicamente, volta e meia são utilizados de maneira não muito clara, talvez até por problemas de tradução, o que gera certa confusão.

Pós-modernidade, assim como modernidade, é o nome que se dá para um determinado período da história, cujos limites serão discutidos a seguir. Pós-modernismo, assim como modernismo, é o nome que se dá para um determinado estilo de produção artístico-cultural vinculado a uma determinada época, no caso, à pós-modernidade. E pós-moderno, assim como moderno, cumprindo a função morfológica de todo e qualquer adjetivo, é uma palavra “que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado” (BECHARA, 2009, p. 142, grifo do autor), no caso, as qualidades então atribuídas só poderiam ter relação com elementos que compõem a pós-modernidade ou o pós-modernismo.

Em relação às origens, dentre os três termos acima citados, o primeiro que surgiu na história foi *pós-modernismo*. Nascido na América Hispânica, mais precisamente em Madri, em 1934, o termo pós-modernismo foi criado por Frederico de Onís “para descrever um refluxo conservador dentro do próprio modernismo: a busca de refúgio contra o seu formidável desafio lírico num perfeccionismo do detalhe e do humor irônico, em surdina, cuja principal característica foi a nova expressão autêntica que concedeu às mulheres.” (ANDERSON, 1999, p. 10) Entretanto, como veremos adiante, não foi de modo algum essa a conotação adquirida pelo termo no decorrer dos anos seguintes.

Em 1954⁸, o historiador inglês Arnold Toynbee publicou o oitavo volume de *Study*, em que reformula a classificação de períodos históricos proposta pelos primeiros volumes, desde 1934. Para denominar a época iniciada com a guerra franco-prussiana (1870 – 1871), um conflito armado entre a França de Napoleão III e um conjunto de Estados germânicos liderados pela Prússia, Toynbee utiliza o termo *idade pós-moderna*, porém carregada de negativismo, já que para ele, junto com o fim do século XIX acontecia o declínio do individualismo, do cristianismo e do capitalismo burguês. (ANDERSON, 1999, p. 11)

⁸ Luiz Nazario em Quadro histórico do pós-modernismo. In: GUINSBURG, J.; BARBOSA, Ana Mae (Orgs.). *O pós-modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 25. afirma que Arnold Toynbee empregou o termo *pós-modernismo* pela primeira vez em 1938. Este é apenas um entre a série de desentendimentos em relação ao assunto em questão.

Todavia, a afirmação de que o início do século XX já fosse o início da pós-modernidade contribuiu apenas para o isolamento da obra de Toynbee em sua época.

Na mesma época, precisamente em 1951, na América do Norte, o poeta Charles Olson descreve em carta para o também poeta americano Robert Creeley um *mundo pós-moderno*: “A primeira metade do século XX [...] foi o pátio de manobras em que o moderno virou isso que temos, o pós-moderno, ou pós-Occidente.” (ANDERSON, 1999, p. 12) Olson utilizou o termo também em posterior manifesto, mas a aceitação do mesmo, apesar de menos carregada negativamente, ainda era escassa.

Em 1959, foram os respectivamente crítico literário e sociólogo Irving Howe e Charles Wright Mills, ambos americanos, que retomaram o termo *pós-moderno*. O primeiro “para descrever uma ficção contemporânea incapaz de sustentar a tensão modernista com uma sociedade circundante cujas divisões de classe tornavam-se cada vez mais amorfas com a prosperidade do pós-guerra” e o segundo “para indicar uma época na qual os ideais modernos do liberalismo e do socialismo tinham simplesmente falido, quando a razão e a liberdade se separaram numa sociedade pós-moderna de impulso cego e conformidade vazia”. (ANDERSON, 1999, p. 18) A conotação pejorativa que o termo vinha adquirindo desde o início foi então reforçada quando um ano depois, em 1960, Harry Tuchman Levin, também crítico literário americano, utiliza o termo pós-moderno “para descrever uma literatura derivada que havia renunciado aos rígidos padrões intelectuais do modernismo em prol de uma relaxada meia síntese – sinal de uma nova cumplicidade entre o artista e o burguês numa suspeita encruzilhada entre cultura e comércio”. (ANDERSON, 1999, p. 19)

Leslie Fiedler, outro crítico literário americano, foi o responsável pela mudança de *status* do termo *pós-moderno* durante toda a década de 1960, pois o utilizava para nomear a literatura de então, que refletia os ideais de liberdade característicos da época: desinteresse, desligamento, alucinógenos e direitos civis, ideais totalmente vinculados aos movimentos estudantis. Compartilhando da mesma opinião, no mesmo período, o sociólogo israelita-americano Amitai Etzioni também falou num período pós-moderno, em que, a partir do fim da guerra, a sociedade se tornaria uma democracia mais autônoma. (ANDERSON, 1999, p. 19)

Como se vê, durante a década de sessenta, *pós-moderno* começou a ser utilizado por pensadores americanos para adjetivar positivamente novos aspectos sócio-artístico-culturais emergentes na sociedade mundial. Mas foi no início da década de 1970, no outono de 1972, que o crítico literário americano William V. Spanos fundou a revista *boundary 2*, cujo subtítulo era: *Revista de Literatura e Cultura Pós-modernas*. A partir daí, vários críticos

provenientes de todas as atividades artístico-culturais expressariam e celebrariam o advento do novo conceito, abrindo caminho para a idéia de que uma nova era estava começando. As idéias de Charles Olson, poeta americano citado acima, foram retomadas e as discussões, em geral, giraram em torno do estabelecimento das diferenças entre as produções modernistas e pós-modernistas. Entre os colaboradores da revista, destaca-se o egípcio Ihab Hassan.

Ainda nos Estados Unidos, na década de setenta, os arquitetos Robert Venturi e Charles Jencks foram responsáveis pela divulgação dos conceitos que iriam embasar a nova arquitetura que surgia e publicaram respectivamente o manifesto arquitetônico da década *Aprendendo com Las Vegas* (1972) e *Linguagem da arquitetura pós-moderna* (1977). No fim da década em questão, algumas características das produções pós-modernas já estavam bem definidas, tais como ecletismo, hibridismo, mistura libertadora do novo e do velho e pluralismo. (ANDERSON, 1999, p. 31)

Após a criação do termo por parte de críticos literários, inicialmente espanhóis e posteriormente americanos, seguidos por alguns sociólogos que já vislumbravam as transformações de meados do século XX, especialmente após a segunda guerra, artistas de outras áreas já ousavam se denominar pós-modernos. Então, na França, em 1979, sob a encomenda do conselho universitário do governo de Quebec, Jean-François Lyotard, tendo participado de uma conferência nos Estados Unidos, toma o termo de Ihab Hassan, um dos colaboradores da revista *boundary 2* acima citada, para introduzi-lo pela primeira vez em uma obra filosófica, publicando então *A condição pós-moderna*.

À publicação de Lyotard, seguem Jürgen Habermas com a proferência do discurso *Modernidade: um projeto inacabado*, em Frankfurt, no ano de 1980 (ANDERSON, 1999, p. 43); Fredric Jameson com a publicação do ensaio *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*, em 1984 (ANDERSON, 1999, p. 66); Alex Callinicos com *Against Postmodernism*, em 1989; David Harvey com *Condição pós-moderna*, em 1990; e Terry Eagleton com *As ilusões do pós-modernismo*, em 1996. (ANDERSON, 1999, p. 93) Todas as outras publicações tomaram como base alguma dessas obras, e suscitaram diversas e divergentes interpretações de acordo com cada autor.

No Brasil, o termo foi utilizado por Gilberto Freyre em *Além do apenas moderno*, livro de 1973 que trata de futurologia, e por Sérgio Paulo Rouanet em 1989 no artigo *A verdade e a ilusão do pós-moderno*. Neste artigo, o filósofo discute as fronteiras entre a modernidade e a pós-modernidade. Para Rouanet, a pós-modernidade é uma segunda fase da modernidade, em que se começa a tecer uma crítica da fase anterior, na tentativa de resgatar seu projeto, que consiste no cumprimento dos ideais humanistas e iluministas. A ideia de que

a pós-modernidade se instalou como caricatura do passado e de que tudo o que se pode criar nessa fase é pastiche traz a Rouanet certa inquietação: “Dizer que somos pós-modernos dá um pouco a impressão de que deixamos de ser contemporâneos de nós mesmos.” (ROUANET, 1989, p. 229) Por isso, propõe termo *neomoderno* como substituição para pós-moderno, no intuito de ressaltar que o que existe é apenas uma segunda fase da modernidade, em que se trabalha por buscar seu verdadeiro significado.

A seguir, reflexões sobre seis dos teóricos que conceberam estudos concernentes ao advento da pós-modernidade: Jean-François Lyotard, Fredric Jameson, David Harvey, Linda Hutcheon, Terry Eagleton e, como representante brasileiro, Gilberto Freyre.

1.2 Jean-François Lyotard

Lyotard tem conhecimento do uso que se fez do termo por pensadores americanos para designar “o estado da cultura após as transformações que afetam as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do século XIX” (LYOTARD, 2006, p. XV), mas propõe um novo marco para o início da idade pós-moderna: o final dos anos 50.

Nossa hipótese de trabalho é a de que o saber muda de estatuto ao mesmo tempo em que as sociedades entram na idade dita pós-industrial e as culturas na idade dita pós-moderna. Esta passagem começou desde pelo menos o final dos anos 50, marcando para a Europa o fim de sua reconstrução. (LYOTARD, 2006, p. 3)

Para Lyotard, idade pós-industrial era sinônimo de idade pós-moderna, e a questão central a ser levantada por ele em relação à nova era, é o apontamento para o fim dos “grandes relatos” ou das “metanarrativas”, que, segundo Ricardo Timm de Souza:

Constituem-se na articulação de uma determinada racionalidade que viria a legitimar uma estrutura de saber enquanto garantia da pertinência e propriedade daquilo que é relatado, pertinência e propriedade que são como que garantidas pela própria *forma* de como o relato se desdobra a partir da autoridade de quem o relata, e que, além disso, apresenta implícita ou explicitamente uma pretensão emancipatória. (SOUZA, 2005, p. 91, grifo do autor)

Como exemplos dos grandes relatos que, segundo Lyotard, perderam sua credibilidade perante a humanidade, tem-se o positivismo, o iluminismo, o humanismo, o historicismo, o comunismo, etc., toda e qualquer grande narrativa que tivesse a pretensão de conectar ou representar todas as coisas como um modelo de unificação. Essas metanarrativas entram em decadência pois já possuíam inerentemente os “germes” da deslegitimação, que vieram à tona em condições propícias por consequência da retomada capitalista, agora em formato neoliberal⁹ e do desenvolvimento avançado de novas técnicas.

⁹ Falaremos mais sobre o neoliberalismo adiante.

Pode-se ver neste declínio dos relatos um efeito do desenvolvimento das técnicas e das tecnologias a partir da segunda guerra mundial, que deslocou a ênfase sobre os meios da ação de preferência à ênfase sobre os seus fins; ou então o redobramento do capitalismo liberal avançado após o seu recuo, sob a proteção do keynesianismo durante os anos 1930-1960, renovação que eliminou a alternativa comunista e que valorizou a fruição individual dos bens e dos serviços. (LYOTARD, 2006, p. 69)

A “alternativa comunista” foi eliminada¹⁰, tendo como marco a queda do muro de Berlim em 1988. “A burguesia não pode existir sem revolucionar [...]. *Tudo* o que é sólido derrete-se no ar, tudo o que é sagrado é profanado e os homens são por fim compelidos a enfrentar de modo sensato suas condições reais de vida e suas relações com seus semelhantes.” (MARX;ENGELS, 1998, p. 14, grifo nosso) Se levarmos em conta tanto o que Marx e Engels escreveram no *Manifesto Comunista* em 1848, quanto o desenvolvimento dialético de seu raciocínio, temos a confirmação do que diz Lyotard sobre o fim das grandes narrativas através de “germes” inerentes às mesmas. Dentro do próprio manifesto, texto emblemático da grande narrativa comunista, a volatilidade das coisas foi considerada, principalmente no tocante ao modo de vida burguês. Todavia, o discurso que legitimava o metarrelato comunista foi o mesmo que o deslegitimou, pois ao convocar os proletários de todos os países para unirem-se e instaurarem a *revolução* comunista, Marx e Engels propunham um comportamento semelhante ao que tanto criticavam, além de terem como objetivo a tomada do poder, instância que pertencia aos burgueses. O sociólogo Guy Debord chama a atenção para essa falha da teoria marxista apontando para o fato de que os líderes comunistas queriam para si aquilo que condenavam em seus opostos: poder, e que, como eles próprios disseram, se desmancharia no ar, como *tudo*.

A falha na teoria de Marx é a falha na luta revolucionária do proletariado de sua época. [...] Toda a insuficiência teórica na defesa *científica* da revolução proletária pode ser resumida, para o conteúdo e a forma da exposição, em uma identificação do proletariado com a burguesia *do ponto de vista da tomada revolucionária do poder*. (DEBORD, 1997, p. 56, grifos do autor)

Em relação à idade pós-industrial, cabe ressaltar a nova relação estabelecida por Lyotard entre o saber e o novo formato do capitalismo pós-guerra. A produção e a difusão do conhecimento em geral, antes privilégio dos Estados-nações modernos, passam a ser controladas pelo movimento do capitalismo neoliberal fazendo que o saber sofra um processo de mercantilização. Ou seja, o Estado perde seu papel de executor ou prestador de serviços e a educação passa a ser regulada tão somente pelas necessidades e desejos daqueles que, por algum motivo, tornam-se consumidores de tal serviço e torna-se apenas mais um bem de

¹⁰ Durante o período entreguerras, o economista americano John Maynard Keynes, autor de *As Conseqüências Econômicas da Paz*, atuou junto ao governo com o objetivo de instaurar um conjunto de medidas econômicas que favorecem as atividades internas em detrimento da concorrência estrangeira. É um tipo de freio do liberalismo, necessário no período entreguerras para a recuperação do país após a queda da bolsa em 1929. Eric Hobsbawm trata disso no capítulo *A queda do liberalismo*, de sua obra *A Era dos Extremos*. (HOBSBAWM, 2006)

consumo manipulado por “fornecedores e usuários” que “tenderá a assumir a forma que os produtores e os consumidores de mercadorias têm com estas últimas, ou seja, a forma de valor.” (LYOTARD, 2006, p. 5) E mais:

O saber é e será produzido para ser vendido, e ele é e será consumido para ser valorizado numa nova produção: nos dois casos, para ser trocado. Ele deixa de ser para si mesmo seu próprio fim; perde seu ‘valor de uso’. [...] Sob a forma de mercadoria informacional indispensável ao poderio produtivo, o saber já é e será um desafio maior, talvez o mais importante, na competição mundial pelo poder. (LYOTARD, 2006, p. 5)

A existência das metanarrativas perde o sentido a partir do momento em que o saber vira mercadoria, ou *commodity* para utilizar o termo em língua inglesa. O saber enquanto *commodity*, ou seja, um entre os muitos bens e serviços oferecidos pelo mercado, voltado para o consumo e para o lucro, deixa de ser um direito social e um bem coletivo. Na pós-modernidade, o saber terá que atender a necessidades muito específicas do mercado de consumidores, donde o surgimento “dos *experts* de todos os tipos”, tornando-se algo exterior ao sujeito e tendo, assim, que ser adquirido por ele sob o comando não mais da classe dirigente política tradicional, mas pela nova classe dirigente “formada por dirigentes de empresas, altos funcionários, dirigentes de grandes órgãos profissionais, sindicais, políticos, confessionais.” (LYOTARD, 2006, p. 27)

Apesar de se concentrar em somente uma das mudanças ocorridas a partir do fim da segunda guerra, que é a da construção do saber científico, Lyotard, assim como os teóricos que seguem nas reflexões aqui tecidas sobre a pós-modernidade, torna conhecida, com muita pertinência, a relação entre essas mudanças e o novo formato do capitalismo, o neoliberalismo.

1.3 Frederic Jameson

Dando continuidade ao recorte aqui feito no universo de cogitações existente sobre a era pós-moderna, toma a vez o pensamento do crítico marxista Fredric Jameson que, pela primeira vez, resalta aspectos culturais e políticos do pós-modernismo juntamente com sua influência nas mudanças socioeconômicas e vice-versa que conquistarão maior espaço nos estudos da contemporaneidade. Resistente à ideia de pós-modernidade a princípio, mas ao tomar conhecimento da obra de Lyotard, Jameson reconsidera a resistência anterior e, ao entrar em contato com a arquitetura do americano Paul Rudolph¹¹, publica, em 1983, *O pós-*

¹¹ Autor do projeto do prédio da Universidade de Yale, diretor da escola de arquitetura. Como Jameson partiu para a Universidade de Yale no final dos anos de 1970, ele pôde analisar aquele tipo de arquitetura e chegar à conclusão de que aquele prédio representava “o resumo da brutalidade nula em que decaía o movimento moderno.” (ANDERSON, 1999, p. 63)

modernismo e a sociedade de consumo, ensaio que culminou, em 1984, no mais extenso *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Nessa obra, Jameson trata da ancoragem do pós-modernismo nas transformações do capital, das alterações do sujeito na nova era, expande o alcance da investigação cultural e estuda suas bases sociais e seu padrão geopolítico. Para Jameson, “o pós-modernismo é o primeiro estilo global especificamente americano.” (JAMESON, 1984. *In*: ANDERSON, 1998, p. 76)

Mas Jameson não só problematiza todas as questões citadas acima, como também problematiza a adequação do uso do conceito de pós-modernismo. Para ele, pós-modernismo

não é apenas mais um termo para descrever um estilo específico. É também [...] um conceito periodizante, cuja função é correlacionar a emergência de novos aspectos formais da cultura com a emergência de um novo tipo de vida social e com uma nova ordem econômica – aquilo que muitas vezes se chama, eufemisticamente, de modernização, sociedade pós-industrial ou de consumo, sociedade da mídia ou dos espetáculos, ou capitalismo multinacional. (JAMESON, 1983. *In*: KAPLAN, 1993, p. 27)

Jameson concorda com Lyotard ao dizer que o período a partir do qual o conceito de pós-modernismo começa a fazer sentido é o fim dos anos 1950. Entretanto, ele afirma que nenhuma periodização “postula uma ruptura radical entre dois períodos que passam a ser distintos.” (JAMESON, 1983. *In*: KAPLAN, 1993, p. 41) Para ele, “traços que eram subordinados, num período ou sistema anterior, tornam-se então dominantes, e traços que tinham sido dominantes, por sua vez tornam-se secundários.” (JAMESON, 1983. *In*: KAPLAN, 1993, p. 41), mas o que realmente nos força a reconhecer o fim de uma época é a assimilação da produção artística e cultural da mesma por parte da academia, pois, a princípio, a arte e a cultura que caracterizam determinada época surgem como subversão em movimento oposicionista, no intuito de alterar a ordem anteriormente estabelecida. A partir do momento em que há o acolhimento de tais subversões por parte dos que compõem o mundo acadêmico, elas deixam de ser subversões e passam a ser a nova ordem então já estabelecida. Sendo assim, a partir do fim dos anos 1950, modernismo e pós-modernismo coexistem no mesmo espaço-tempo, o primeiro se firmando como o último período histórico a ser delimitado e o segundo surgindo como subversão do primeiro, mas ainda permeado por ele.

Mas isso significa que, ainda que a arte contemporânea tenha todas as mesmas características formais do antigo modernismo, ela alterou fundamentalmente sua posição em nossa cultura. Para começar, a produção de mercadorias e, em particular, nossas roupas, móveis, prédios e outros artefatos estão hoje intimamente ligados a mudanças estilísticas que derivam de nossa experimentação artística; nossa propaganda, por exemplo, é alimentada pelo pós-modernismo em todas as artes e seria inconcebível sem ele. Por outro lado, os clássicos do modernismo canônico agora fazem parte dos chamados cânones e são lecionados nas escolas e universidades – o que lhes retira, de imediato, qualquer parcela de seu antigo poder subversivo. A rigor, uma das maneiras de assinalar a ruptura entre os períodos e datar a emergência do pós-modernismo encontra-se nisto: no momento (o início da

década de 1960, diríamos) em que a posição do modernismo canônico e sua estética dominante estabeleceram-se no mundo acadêmico e, a partir daí, passaram a ser consideradas acadêmicas por toda uma nova geração de poetas, pintores e músicos. (JAMESON, 1983. *In*: KAPLAN, 1993, p. 42)

São vários os aspectos do pós-modernismo abordados por Jameson em sua primeira publicação sobre o tema em 1983: o esmaecimento de algumas fronteiras ou separações fundamentais, notadamente o desgaste da distinção prévia entre a alta cultura e a chamada cultura de massa ou popular; o pastiche¹²; o fim do individualismo¹³; a nostalgia; a transformação da realidade em imagens; e a fragmentação do tempo numa série de presentes perpétuos que resulta no desaparecimento do sentimento da história e na perda da capacidade de reter o passado¹⁴.

Assim como Lyotard, Jameson considera “o colapso de todos os modelos narrativos anteriores” um fator importante para a análise do mundo pós-moderno. (JAMESON, 1983. *In*: KAPLAN, 1993, p. 40) Mas não se atém nesse assunto, levantando outras problemáticas acima citadas e analisando suas repercussões como, por exemplo, no tocante à arquitetura, com a análise que faz do *Hotel Bonaventure*, em Los Angeles, projeto do arquiteto americano John Portman; ou no tocante ao cinema, com a análise de *Guerra nas Estrelas*, filme de George Lucas; ou ainda no tocante ao sujeito pós-moderno, que, não pela primeira vez, será chamado de esquizofrênico, como veremos adiante. Entretanto, apesar de não se ater a explicações sobre o motivo do fim das grandes narrativas, o que seria desnecessário, pois Lyotard já o havia feito, Jameson, ao se debruçar em seus objetos de análise, como os citados acima, os estuda como aquilo que se originou como consequência do fim dos grandes relatos, que, na pós-modernidade, transformaram-se em pastiches.

O fator comum entre Jameson e Lyotard que mais interessa para esta pesquisa, no entanto, é a íntima relação que ambos percebem entre a emergência de uma época pós-moderna e a emergência de um novo capitalismo pós-guerra, chamado por Jameson de tardio, multinacional ou de consumo e por Lyotard de neoliberal. Para Jameson, os aspectos formais do pós-modernismo expressam “de muitas maneiras, a lógica mais profunda desse sistema social específico.” (JAMESON, 1983. *In*: KAPLAN, 1993, p. 43)

¹² “O pastiche, como a paródia, é a imitação de um estilo peculiar único, o uso de uma máscara estilística, a fala numa língua morta: mas é uma prática neutra dessa mímica, sem a motivação ulterior da paródia, sem o impulso satírico, sem o risco, sem aquele sentimento ainda latente de que existe algo *normal*, comparado ao qual aquilo que está sendo imitado é muito cômico. O pastiche é a paródia vazia, a paródia que perdeu seu senso de humor: o pastiche está para a paródia assim como está essa coisa curiosa – a prática moderna de uma espécie de ironia vazia – para o que Wayne Booth denomina de ironias estáveis e cômicas, digamos, do século XVIII.” (JAMESON, 1983. *In*: KAPLAN, 1993, p. 29)

¹³ O que Jameson também chama de “morte do sujeito” (JAMESON, 1983. *In*: KAPLAN, 1993, p. 29)

¹⁴ Sobre este último aspecto, Jameson ainda diz: “[...] a própria função da mídia noticiária é relegar ao passado essas experiências históricas recentes, com a maior rapidez possível. A função informacional da mídia consistiria, portanto, em nos ajudar a esquecer, a funcionar como os próprios agentes e mecanismos de nossa amnésia histórica.” (JAMESON, 1983. *In*: KAPLAN, 1993, p. 43)

1.4 David Harvey

O outro pensador da pós-modernidade para o qual devemos voltar as atenções a partir de agora é David Harvey, que, assim como Lyotard e Jameson também associa a ideia de pós-modernidade às transformações pelas quais passou o capitalismo na última metade do século XX.

Sua definição de pós-modernidade dá-se através do estabelecimento de um contraste entre modernidade e pós-modernidade. Para Harvey, a célebre frase de Baudelaire, encontrada no artigo *O pintor da vida moderna* (2006), resume as características do período de pelo menos 400 anos anteriores à segunda metade do século XX: “A modernidade é o transitório, o fugidio, o contingente; é uma metade da arte, cuja outra metade é o eterno e o imutável.” (BAUDELAIRE, 2006, p. 290)

E é nessa dualidade que se baseia a análise de Harvey sobre as diferenças entre o presente e o passado. Ele examina “com muita atenção essa conjugação entre o efêmero e fugidio e o eterno e imutável”, características da modernidade, e não se atém nos *motivos* pelos quais a última assume essas características para tantos pensadores, mas simplesmente no fato de que não se contesta o pertencimento dessas características por parte da modernidade. Como exemplo desse suposto consenso, Harvey cita Simmel, Kracauer, Benjamin, Marx, Carl Schorske, W.B. Yeats, etc., que concordam no tocante ao caráter destrutivo/criativo da modernidade¹⁵, com destaque para Marshall Berman que diz em *Tudo o que é sólido desmancha no ar* (1986):

Ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo – e, ao mesmo tempo, que ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. (BERMAN, 1986, p. 15)

Desse modo, sem se preocupar em afirmar categoricamente se o pós-modernismo é apenas uma segunda fase ou uma nova versão do modernismo, ou antes, se é realmente um movimento cultural característico da pós-modernidade que se afirmaria então como a nova era emergente, mas apenas aceitando que “Com efeito, ocorreram grandes mudanças nas qualidades da vida urbana a partir de mais ou menos 1970.”, e que “Quanto ao sentido do termo, talvez só haja concordância em afirmar que o ‘pós-modernismo’ representa alguma espécie de reação ao ‘modernismo’ ou de afastamento dele.” (HARVEY, 2003, p. 19), Harvey afirma que enquanto a dualidade efêmero/fugidio/destrutivo *versus* eterno/imutável/criativo, marcava o período moderno, o que vai marcar a pós-modernidade a partir de 1970 é somente

¹⁵ Característica definidora da modernidade segundo M. Bradbury e J. Mc Farlane em *Modernismo, 1890-1930*. In: HARVEY, David *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2003.

e tão somente a primeira parte da dualidade em questão, ou seja, o efêmero, o fugidio e o destrutivo, o que para ele “parece ser o fato mais espantoso sobre o pós-modernismo”:

[...] sua *total* aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico que formavam uma metade do conceito baudelairiano de modernidade. Mas o pós-modernismo responde a isso de uma maneira bem particular; ele não tenta transcendê-lo, opor-se a ele e sequer definir os elementos ‘eternos e imutáveis’ que poderiam estar contidos nele. O pós-modernismo nada, e até se esboja, nas fragmentárias e caóticas correntes da mudança, como se isso fosse tudo o que existisse. (HARVEY, 2003, p. 49, grifo nosso)

Vale a pena ressaltar um ponto de divergência entre os dois pensadores da pós-modernidade primeiramente mencionados e David Harvey, que é justamente quanto ao início da pós-modernidade. Para Lyotard e Jameson, a pós-modernidade tem início em 1959, enquanto que para Harvey, somente onze anos mais tarde, em 1970, é que algo novo estaria começando, algo que viria de encontro ao que até então estava estabelecido.

Além do conceito baudelairiano, David Harvey também se utiliza de um importante fato para diferenciar modernidade e pós-modernidade, chamado por ele de queda do iluminismo e a consequente queda do humanismo e do racionalismo.

O fato de haver ainda a dualidade efêmero/eterno na modernidade só é possível devido aos valores iluministas e humanista-racionalistas que visavam às qualidades universais, eternas e imutáveis da razão em oposição às irracionalidades do mito, da religião e da superstição, predominantes no período anterior, que foi a idade média.

Até o suposto fim da modernidade, que se daria com o início da pós-modernidade, os valores iluministas e humanista-racionalistas ainda permeavam a organização sociocultural da humanidade, ou seja, apesar de se poder constatar que mesmo na primeira metade do século XX, ainda era moderna, já havia uma contestação da fixidez categórica do pensamento iluminista, o ser humano ainda buscava algo de eterno em si e no mundo ao seu redor, mas ao mesmo tempo, tinha que lidar com a inegável transitoriedade das coisas, característica dos tempos modernos, segundo o próprio conceito de modernidade de Baudelaire. O mundo da representação e do conhecimento começava a se transformar. A fé na inelutabilidade do progresso começava a ruir. (HARVEY, 2003, p. 37) Mas o unilateralismo iluminista que garantia a verdade universal ainda permeava o ser humano.

É odioso, mas mesmo assim útil, impor a essa complexa história algumas periodizações relativamente simples, ao menos para ajudar a compreender a que tipo de modernismo reagem os pós-modernistas. O projeto do iluminismo, por exemplo, considerava axiomática a existência de uma única resposta possível a qualquer pergunta. Seguiu-se disso que o mundo poderia ser controlado e organizado de modo racional se ao menos se pudesse apreendê-lo e representá-lo de maneira correta. Mas isso presumia a existência de um único modo correto de representação que, caso pudesse ser descoberto (e era para isso que todos os empreendimentos matemáticos e científicos estavam voltados), forneceria os meios para os fins iluministas. Assim pensavam escritores tão diversos quanto Voltaire, D’Alembert, Diderot, Condorcet,

Hume, Adam Smith, Saint-Simon, Auguste Comte, Mathew Arnold, Jeremy Bentham e John Stuart Mill. (HARVEY, 2003, p. 35)

Para Harvey, o elemento crucial que diferencia modernidade e pós-modernidade é que, na última, ou seja, a partir de 1970, nada de eterno configuraria quaisquer atividades humanas. Fragmentação e efemeridade passam a liderar as últimas que, por sua vez, se constituem em caos e irracionalidade, mas não uma irracionalidade movida pela imposição religiosa, tal qual aquela medieval, e sim a irracionalidade pagã do caos, do múltiplo, do nomadismo, da diferença.

A crise moral do nosso tempo é uma crise do pensamento iluminista. Porque, embora esse possa de fato ter permitido que o homem se emancipasse “da comunidade e da tradição da idade média em que sua liberdade individual estava submersa”, sua afirmação do “eu sem Deus” no final negou a si mesmo, já que a razão, um meio, foi deixada, na ausência da verdade de Deus, sem nenhuma meta espiritual ou moral. Se a luxúria e o poder são “os únicos valores que não precisam da luz da razão para ser descobertos”, a razão tinha de se tornar um mero instrumento para subjugar os outros (*Baltimore Sun*, 9 de setembro de 1987). O projeto teológico pós-moderno é reafirmar a verdade de Deus sem abandonar os poderes da razão. (HARVEY, 2003, p. 47, grifos do autor)¹⁶

Desse modo, temos de um lado, o modernismo, último movimento da modernidade, ainda carregado dos ideais iluministas, tais como o positivismo, o tecnocentrismo, o racionalismo, a crença no progresso linear, nas verdades absolutas, no planejamento racional de ordens sociais ideais e na padronização do conhecimento e da produção, muito mais como uma reação às novas condições de produção, de circulação e de consumo, do que produzindo essas mudanças. Os arquitetos modernistas, por exemplo, buscavam o domínio da metrópole como totalidade projetando formas fechadas, e os críticos literários modernistas tinham a tendência de ver as obras como exemplos de um gênero e de julgá-las a partir de um código mestre. (HARVEY, 2003, p. 49)

Do outro lado temos o pós-modernismo, que, em reação contrastante ao modernismo, privilegia a heterogeneidade e a diferença como forças libertadoras na redefinição do discurso cultural; a fragmentação, a indeterminação e a intensa desconfiança de todos os discursos universais ou totalizantes; a redescoberta do pragmatismo na filosofia; a mudança de ideias sobre a filosofia da ciência; a ênfase na descontinuidade e na diferença na história e a primazia dada a correlações polimorfos em vez de casualidade simples ou complexa; novos desenvolvimentos na matemática, acentuando a indeterminação, como, por exemplo, a teoria da catástrofe, a teoria do caos e a geometria dos fractais; o ressurgimento da preocupação, na ética, na política e na antropologia, com a validade e a dignidade do “outro”. (HARVEY, 2003, p. 19) Os arquitetos pós-modernistas, por exemplo, ao contrário dos modernistas, veem

¹⁶ Falaremos mais adiante sobre as consequências da morte de Deus segundo Nietzsche e Foucault.

o processo urbano como algo incontrolável e caótico, no qual a anarquia e o acaso podem jogar em situações inteiramente abertas, e os críticos literários pós-modernistas, também em oposição aos modernistas, veem a obra como um texto com sua retórica e seu idioleto particulares, mas que, em princípio pode ser comparado com qualquer outro texto de qualquer outra espécie. (HARVEY, 2003, p. 49)

Para ilustrar as primeiras manifestações pós-modernistas, Harvey cita como marco simbólico, apontado por Charles Jencks em 1972, do fim do modernismo na arquitetura, a implosão de um conjunto habitacional para pessoas de baixa renda, em St. Louis, chamado Pruitt-Igoe, considerado inabitável. O fato de tal conjunto ter sido dinamitado assinalava a rejeição aos ideais modernistas de Le Corbusier e sua máquina para a vida moderna¹⁷.

No tocante ao romance, Harvey assinala a passagem “de um dominante epistemológico a um ontológico”, mostrando personagens confusas acerca do mundo em que vivem e de como devem reagir a ele. Essa passagem é

do tipo de perspectivismo que permitia ao modernista uma melhor apreensão do sentido de uma realidade complexa, mas mesmo assim singular à ênfase em questões sobre como realidades radicalmente diferentes podem coexistir, coelidir e se interpenetrar. Em consequência, a fronteira entre ficção e ficção científica sofreu uma real dissolução, [...] (HARVEY, 2003, p. 46)

Ainda em relação à ficção, Harvey ressalta a preocupação com a alteridade e com outros mundos, coexistentes, apontando para a semelhança entre as narrativas literárias e as cinematográficas, em que não se sabe até que ponto podem ser diferenciadas, com exceção, é claro, da diferença de suporte. Para explicar essa nova forma de narrativa, Harvey considera o conceito de *heterotopia*, desenvolvido por Michel Foucault “uma imagem perfeitamente adequada para capturar o que a ficção se esforça por descrever.”

Por heterotopia Foucault designa a coexistência, num “espaço impossível”, de um “grande número de mundos possíveis fragmentários”, ou, mais simplesmente, espaços incomensuráveis que são justapostos ou superpostos uns aos outros. As personagens já não contemplam como desvelar ou desmascarar um mistério central, sendo em vez disso forçadas a perguntar “Que mundo é este? Que se deve fazer nele? Qual dos meus eus deve fazê-lo?” (HARVEY, 2003, p. 52)

E o exemplo de narrativa cinematográfica escolhido por Harvey para representar a ficção pós-moderna é o filme *Veludo Azul*, de David Lynch (roteiro e direção), lançado em 1986. Neste filme, os mundos em que a personagem principal habita sem distinguir entre a realidade e a irrealidade representam uma heterotopia, segundo Foucault: são os dois mundos incompatíveis da convencional “cidadezinha americana dos anos 50, com sua escola secundária, sua cultura de drogaria, e do submundo estranho, violento e louco de drogas,

¹⁷ O arquiteto, urbanista e pintor francês de origem suíça Le Corbusier contribuiu para a formulação de uma nova linguagem arquitetônica para o século XX propondo cinco pontos, formalizados no projeto da “Villa Savoye”: construção sobre pilotis, terraço-jardim, planta livre da estrutura, fachada livre da estrutura e janela em fita. Seu trabalho regeu os ideais arquitetônicos modernistas e a implosão do conjunto habitacional ficou para a história como o marco do fim do modernismo.

demência e perversão sexual [...] dois mundos que colidem num terrível desenlace.” (HARVEY, 2003, p. 53)

Em relação à filosofia, o que caracteriza o pós-modernismo, segundo Harvey é uma raiva do humanismo e do legado do iluminismo, como já discutido acima, conseqüentes de uma mistura de pragmatismo americano com pós-marxismo e pós-estruturalismo. Lyotard, com o fim das metanarrativas e Jameson com a ideia de que o pós-modernismo não é senão a lógica cultural do capitalismo avançado, ambos já discutidos acima, também são marcos importantes na filosofia e vão, juntamente com a detecção do fim do iluminismo, compor o repertório da filosofia pós-moderna.

1.5 Linda Hutcheon

A pesquisadora Linda Hutcheon, ao teorizar sobre a pós-modernidade em sua obra *Poética do pós-modernismo* (1991), preocupa-se em identificar uma poética do pós-modernismo nos romances pós-modernos. Para tanto, são ressaltados aspectos que, articulados, compõem uma estrutura conceitual flexível que contém a cultura pós-moderna, os discursos a seu respeito e os discursos adjacentes a ela. Os principais aspectos incorporados pela narrativa pós-moderna são o literário, o histórico e o teórico, por isso, Hutcheon propõe o termo “metaficção historiográfica” para caracterizar o romance pós-moderno. Isso significa que, em relação à história, o ser humano torna-se autoconsciente e utiliza a ficção para repensar as formas e os conteúdos do passado através de seu questionamento. Segundo o teórico Rogério Lima: “O que o pós-moderno produz ao elaborar esse questionamento é um desafio interno à cultura, sem, contudo implodi-la.” (LIMA, 1998, p. 39)

Um dos elementos históricos que o romance pós-moderno questiona “a partir de dentro” é o capitalismo que, por sua vez, é apoiado nos ideais iluministas e humanistas. Tais ideais deixam de ser naturais e passam a ser decompostos, sem que sejam negados, pois não existe um lado de fora de tal sistema. Entretanto, a supremacia burguesa, seus valores, hábitos, paixões, comportamentos e conseqüências são questionados a partir do seu próprio interior, já que ela própria foi responsável pelo surgimento da cultura de massa devido à necessidade de expansão de mercados consumidores após a revolução industrial, e devido também ao surgimento da cultura informacional, que permitiu em grande parte uma democratização do acesso à informação.

Isso significa que o privilégio cultural corroborado pela noção de “consenso” deixa de existir no momento em que várias culturas passam a conviver simultaneamente. Daí o

surgimento das diversas culturas de minorias, em que vozes reprimidas ao longo de toda a história lutam para se manifestar. Daí, igualmente, o paradoxo da pós-modernidade: suas manifestações artísticas utilizam-se das ferramentas que compõem o próprio sistema para criticá-lo:

[...] a arte pós-modernista apresenta um novo modelo para demarcação da fronteira entre a arte e o mundo, um modelo que atua a partir de uma posição que está dentro de ambos e, apesar disso, não está inteiramente dentro de nenhum dos dois, um modelo que está profundamente comprometido com aquilo a que tenta descrever, e apesar disso ainda é capaz de criticá-lo. (HUTCHEON, 1991, p. 43)

Instalando e subvertendo conceitos, o pós-modernismo reúne quaisquer características expressivas em suas obras. No entanto, Hutcheon consegue identificar alguns elementos definidores dos romances pós-modernos, dentre eles: contradição; presença constante de ironia; emergência de discursos minoritários; problematização da história, da teoria e da literatura; subversão das noções de sujeito; presença de aspectos delimitadores de vários gêneros em uma única obra. Os elementos identificados por Hutcheon, principalmente o último, constituem o reflexo da cultura e sociedade contemporânea em que há diversidade, pluralismo e realidades radicalmente distintas podem existir concomitantemente, chocando-se e interpenetrando-se.

Hutcheon considera a perda do estilo peculiar e individual anterior ao pós-modernismo como desafio que liberta e se põe contra a unidimensionalização de nós mesmos, de nossa subjetividade e de nossa criatividade, o que revela uma análise positiva da emergência de tais características em oposição ao negativismo com que Jameson analisa a mescla de estilos (pastiche), a crítica da forma (paródia) e a pluralidade identitária (morte do sujeito).

Na poética da pós-modernidade traçada por Hutcheon, contudo, a identificação de alguns elementos ou de algumas características presentes no romance pós-moderno não é suficiente para que o pós-modernismo se estabeleça como um novo paradigma, pois, para a pesquisadora, ainda assim, o pós-modernismo não é um fenômeno cultural universal. Buscar fenômenos culturais universais, entretanto, não constitui objeto do pós-modernismo. Desse modo, não concordamos com Hutcheon no que diz respeito à necessidade dessa busca. Além disso, as características do romance pós-moderno apontadas pela própria Hutcheon podem ser resumidas em uma única, a pluralidade, e é justamente isso que caracteriza uma mudança de paradigma e o surgimento de uma nova era, a era Pós-moderna.

O novo “paradigma” em questão é o da convivência das multiplicidades e o da negação das dicotomias reducionistas. Como Hutcheon ressalta, o fim da noção de consenso. Desse modo, não devemos procurar um modelo pós-modernista, mas devemos apreciar a pós-modernidade como a era em que não há mais paradigmas, uma era em que a arte vai

aproveitar as simultaneidades culturais, apontar suas contradições recusando-se a resolvê-las e agindo sempre de dentro das convenções a fim de subvertê-las.

Assim, temos um romance pós-modernista que expressa as pluralidades pós-modernas caracterizando a arte da pós-modernidade. O mais interessante é que mesmo não percebendo a mudança do paradigma modernista para o não-paradigma pós-modernista, Hutcheon aponta o sistema capitalista como gerador das diversas contradições encontradas nas obras pós-modernas, do mesmo modo que o fazem Lyotard, Jameson e Harvey ao analisar a sociedade contemporânea. E o que é mais belo em sua teoria é a percepção de que o artista pós-moderno vai agir de dentro desse sistema na tentativa de subvertê-lo, consciente de sua existência enquanto parte de um contramovimento. A letra da canção interpretada pelo grupo brasileiro *Secos e Molhados* na década de 1970 diz exatamente isso, reforçando os apontamentos teóricos de Hutcheon:

Quem tem consciência para ter coragem?
 Quem tem a força de saber que existe?
 E do centro da própria engrenagem,
 Inventa a contra mola que resiste?

(*Primavera entre os dentes*)

Esse alguém é o artista pós-moderno.

1.6 Terry Eagleton

O teórico Terry Eagleton, pseudônimo de Thomas Warton, professor de inglês da universidade de Oxford na Inglaterra, elaborou um ensaio crítico publicado em 1996, intitulado *As ilusões do pós-modernismo*. Neste ensaio, além de apontar as características do que ele acredita ser um estilo de cultura, Eagleton analisa as contradições e controvérsias inerentes a elas e ao movimento como um todo.

Ele concorda com os outros teóricos anteriormente comentados aqui no que diz respeito à existência temporal do pós-modernismo, ou seja, um movimento que é iniciado após a segunda guerra mundial, concomitante e conseqüente ao surgimento do capitalismo neoliberal, apontando o surgimento também do que ele chama de indústria cultural, algo inerente ao pós-modernismo.

Também concorda com seus colegas em relação às características do pós-modernismo já apontadas acima, como o fim das grandes narrativas, ou seja, da História, do iluminismo, do positivismo, a descontinuidade, a heterogeneidade, a coexistência de realidades diferentes, negação das dicotomias reducionistas, etc. A diferença entre Eagleton e os demais teóricos da

pós-modernidade é que aquele insiste em apontar o que ele considera os defeitos deste movimento.

Ele prefere não distinguir pós-modernismo, “uma forma de cultura contemporânea”, de pós-modernidade, “um período histórico específico” (EAGLETON, 1998, p. 7), e escolhe o primeiro para se referir a ambos, o que é algo perigoso, já que mistura dois campos diferentes da teoria e pode suscitar algumas confusões conceituais e dificuldades teóricas.

Eagleton reconhece a problemática que surge quando lembramos pertencer à análise que fazemos, ou seja, a objetividade científica vai por água abaixo no tocante às ciências humanas, pois somos ao mesmo tempo objeto e sujeito de ciência:

Como certa vez observou Bertold Brecht: só alguém dentro de uma situação pode julgá-la, e ele é a última pessoa que pode julgar. Uma vez que nossos interesses, crenças e discursos representam aquilo que em princípio nos faz sujeitos, simplesmente desapareceríamos se tentássemos manter distância para uma análise crítica. (EAGLETON, 1998, p. 43)

e por isso, ao mesmo tempo em que contribui para a própria ciência ao problematizar o pós-modernismo, corre o risco de estar completamente enganado quanto aos questionamentos levantados.

O primeiro questionamento que faz em seu ensaio diz respeito ao alcance do pós-modernismo enquanto cultura: “O quão dominante ou disseminada se mostra essa cultura – se tem acolhimento geral ou constitui apenas um campo restrito da vida contemporânea – é objeto de controvérsia.” (EAGLETON, 1998, p. 7), o que o leva para outra questão, agora relacionada à existência de limites entre modernidade e pós-modernidade. Eagleton acredita, assim como David Harvey, que ser pós-modernista não significa um abandono do modernismo, pelo contrário, significa estar ainda mais profundamente marcado pelo modernismo e que “Parte da força do pós-modernismo resulta do fato de que ele existe.” (EAGLETON, 1998, p. 8)

Critica ferrenhamente a posição dos vários governos de esquerda que conquistaram o poder e repetiram as atitudes que tanto condenaram enquanto eram de esquerda apontando para a força e para a permanência do que chama de sistema. Para ele, a esquerda, antes oprimida e frustrada, hoje é extinta, assim como a vanguarda se reduz a um mero grito abafado. A esquerda no poder mostrou a realidade do sistema, pois descobriu-se que não há centro, nem tampouco margens e muito menos um lado de fora do mesmo. Se nunca pôde ser violado, acreditava-se antes que podia ao menos ser transgredido. Essa possibilidade de transgressão não mais existe no pós-modernismo, o que é provado pela existência de minorias, categoria que abrange “[...] hoje em dia os neonazistas, os ufomaníacos, a burguesia internacional e aqueles que acreditam na eficácia de espancar adolescentes delinquentes até o

sangue correr.” (EAGLETON, 1998, p. 12), pois se o sistema está em toda parte, então, não está em lugar nenhum e, portanto, pode chegar a nem mesmo ser um sistema. Isso leva a esquerda a desenvolver uma nova ideologia, que Eagleton chama de *pessimismo libertário* ao descrever o cenário do pós-modernismo e diz que o que antes era radicalismo se torna gradativamente pragmatismo levando-nos a desejar novamente um outro mundo, que não o nosso, como faziam os que desejavam a esquerda no poder.

Continuaríamos a sonhar com outro utopista para o sistema, na verdade para todo o conceito de sistema ou regime como tal, sem jamais deixarmos de insistir na recalcitrância do poder, na fragilidade do ego, na força devoradora do capital, na insaciabilidade do desejo, na inevitabilidade do metafísico, na invencibilidade da Lei, nos efeitos imprevisíveis da ação política e também na total facilidade de burlar-nos em nossas esperanças mais secretas. (EAGLETON, 1998, p. 14)

Eagleton acredita que o pós-modernismo absorve a lógica do capitalismo para voltar-se contra seus valores, pois ambos são pluralistas, transgridem limites e desmancham oposições, misturando o que era para ser diferente e transformando a diferença em regra, mas não acredita que a mercadoria, pelo menos por hora, pode ser a própria ideologia. Ousamos discordar de Eagleton quanto à inexistência da mercadoria enquanto ideologia, pois acreditamos que é justamente ela a causa da radicalidade da época atual, consequência da nova configuração do capitalismo, ainda neoliberal. O que move o ser humano é esse sistema a que se refere Eagleton, algo concebido por ele como distinto do capitalismo, apenas influenciado ou manipulado pelo mesmo. Se considerarmos a possibilidade de esse sistema ser o próprio capitalismo, responderemos a vários questionamentos de Eagleton, a começar pela deficiência da esquerda quando chegou ao poder que, na verdade, pertence ao sistema capitalista.

Em relação ao fim das grandes narrativas, Eagleton concentra-se mais especificamente no fim da História, do positivismo e do iluminismo. Ele acredita que a amnésia pós-modernista é o “maior movimento de reforma que a história já testemunhou.” (EAGLETON, 1998, p. 31), no que concorda com Jameson, Lyotard e com os demais pensadores da pós-modernidade. Entretanto, acredita que o pós-modernismo, por não mais endossar as narrativas lineares, não poderia vir depois do modernismo assim como o positivismo veio depois do idealismo: “Ele não é, aos próprios olhos, uma ‘etapa da história’, mas a ruína de todo esse pensamento etapista.” (EAGLETON, 1998, p. 37). Sim, mas somente pelo fato de apontar para o fim dos grandes relatos, não significa que não existe historicamente. Acreditamos que há um engano por parte de Eagleton em relação ao que o pós-modernismo chama de fim da história. O que compreendemos dessa característica do pós-modernismo é que os grandes relatos não mais contarão a história da humanidade, que continuará a ser contada, mas a partir

do pós-modernismo, levará em consideração não só o ponto de vista dos vencedores¹⁸, pois o próprio conceito de vencedores foi relativizado, mas também o dos vencidos, o dos telespectadores e o dos cínicos. Isso tudo não só através de publicações científicas e/ou didáticas, mas também através dos telejornais, tabloides, documentários, romances, obras de arte em geral, enfim, vários meios (*medias*) contarão a história sob vários pontos de vista diferentes, o que pode enriquecer o ser humano de possibilidades, mas pode também esvaziar o seu próprio significado e o significado de sua história.

No tocante à negação das dicotomias reducionistas e à convivência das multiplicidades, Eagleton aponta que o pós-modernismo, ao mesmo tempo em que as prega, impõe oposições binárias rigorosas, tais como: diferença, pluralidade e heterogeneidade *versus* unidade, identidade e universalidade. Isso significa, para Eagleton, que o pós-modernismo tem a pretensão de abarcar tudo o que existe em um único esquema.

Se o pós-modernismo cobre tudo desde o *punk* à morte da metanarrativa, dos fanzines a Foucault, como conceber que um único esquema explanatório possa fazer justiça a uma entidade de uma heterogeneidade tão fantástica assim? (EAGLETON, 1998, p. 30)

O problema é que passa despercebido para Eagleton que o pós-modernismo não pretende elaborar nenhum esquema para abranger tudo o que existe, mas sim, pretende que se permita a existência de tudo sem que para isso seja preciso elaborar esquemas que ditarão as regras determinantes do que é válido e do que não é. O que virá após esse período, que, na opinião de Eagleton, já chegou ao fim, só saberemos depois.

1.7 Gilberto Freyre

O teórico brasileiro Gilberto Freyre publicou em 1973 a obra *Além do apenas moderno*: sugestões em torno de possíveis futuros do homem, em geral, e do homem brasileiro, em particular, uma reunião de ensaios que compõem a ciência chamada por ele mesmo de futurologia e que abordam vários aspectos do que ele denomina “possíveis futuros humanos” (FREYRE, 2001, p. 29): os futuros das relações entre sexos, raças, idades, tempos, culturas e regiões.

Esta obra não trata especificamente da pós-modernidade, do pós-modernismo ou do que é pós-moderno, mas o simples fato do autor mencionar os termos ao longo do desenvolvimento de suas ideias, pois os aspectos componentes da futurologia são, para

¹⁸ Ver Walter Benjamin, Sobre o conceito da História. In: *Obras escolhidas*, São Paulo: Brasiliense, 1994, vol. 1.

Freyre, pós-modernos, merece ser considerado nesta tese, já que tratamos neste trecho do tempo pós-moderno em que romances relacionados ao terrorismo foram publicados.

Cabe ressaltar que, no mesmo ano de publicação de *Além do apenas moderno*, o pensador francês Edgar Morin publica *Le paradigme perdu: la nature humaine* (1973) acerca da interpretação do surgimento do *homo sapiens*, fato que completa a proposta de Freyre que, por sua vez, trabalha com as transformações pelas quais o homem urbano passa.

Apesar de Freyre não mencionar em seus ensaios nenhum de seus contemporâneos teóricos que também pensavam a pós-modernidade, e isso talvez se deva ao fato de que este livro não trata da pós-modernidade em si, como já acima falado, há concordâncias entre as ideias dos pensadores da pós-modernidade comentados acima e as considerações de Freyre sobre os aspectos pós-modernos componentes da futurologia. Entretanto, há também o que chamaremos aqui de equívocos bem intencionados por parte de Freyre, o que é de se esperar daqueles, que, como nós, arriscam-se a teorizar sobre o próprio tempo.

A primeira concordância entre Freyre e os demais teóricos da pós-modernidade diz respeito ao início desta era. Freyre deixa claro em suas reflexões que o tempo pós-moderno é um tempo pós-segunda guerra mundial e é um tempo que se inicia juntamente com o capitalismo neoliberal. Porém, o pós-moderno não significa um rompimento com o moderno, pelo contrário, ele às vezes se encontra dando continuação às tendências modernas e às vezes está em oposição a elas: “O moderno apenas moderno é efêmero e mal se define como moderno e já está sendo superado por um tempo mais-que-moderno.” (FREYRE, 2001, p. 49)

Outra concordância existente entre Freyre e os pós-modernistas é a percepção de uma nova relação entre o ser humano e o tempo, mas não só o tempo como também a cultura e a arte. Para Freyre, o novo capitalismo aliado à crescente automação dos afazeres humanos, pouco a pouco substituído por máquinas, além da tecnologia aliada à ciência que prolonga o tempo de vida humana determinam uma nova relação do homem com o mundo. O problema é que, ao contrário dos demais pós-modernistas, Freyre, conforme se pensava na época, acredita que essa nova relação proporcionará ao ser humano o usufruto de muito mais tempo livre para o lazer criativo: o ócio em oposição ao negócio; *time is money* em oposição à “tempo é vida” (FREYRE, 2001, p. 197), o que sabemos, já que estamos em 2013, que jamais aconteceu, pelo contrário, a automação da vida tornou o ser humano ainda mais ocupado.

Ora, esse estado psicossocial não é senão um começo pós-moderno de ressurgência, sob novos aspectos e sob o estímulo da crescente automação, do crescente lazer e do crescente aumento de média de vida humana - e esta sadia - do ideal anarquista, no sentido em que esse ideal parece corresponder ao que há de mais avançado como processo não de estabilização mas de equilíbrio, entre as várias tendências através das quais os homens buscam conviver, menos uniformizando-se que conservando,

ao lado das suas naturais semelhanças, suas também naturais diferenças. (FREYRE, 2001, p. 57)

Contraditoriamente, Freyre menciona como mais uma característica da pós-modernidade a necessidade de constante atualização por parte do ser humano em relação aos progressos que eles mesmos conseguem diariamente tanto em relação à ciência, quanto em relação ao cotidiano e às demais partes constituintes de sua vida, como o próprio lazer, o trabalho e a saúde. Dizemos contraditoriamente, pois, se o homem precisa ser atualizado o tempo todo, quando terá tempo livre?

As forças criadas pelos modernos avanços tecnológicos ameaçam de sorver – como observam, alarmados, educadores de hoje – todo homem moderno que não aceite o desafio do tempo, correndo com ele e desenvolvendo-se sem parar: nunca se dando por satisfeito do que sabe. Sendo um constante estudante. Nunca deixando de estudar. Aliás, os indivíduos que, por sua criatividade genial, têm sobrevivido, em obras essenciais, aos outros homens, têm sido todos grandes homens capazes de concentração criadora nos seus estudos embora raros de estudos convencionalmente acadêmicos ou apenas livrescos. De Shakespeare, por exemplo, nos dizem seus biógrafos que rara é a sua obra que não seja, de certo modo, um plágio. Serviu-se desassombradamente de estórias já escritas por outros e de lendas já recordadas por outros. Mas, homem de estudo a seu modo, recriou-as. Recriou-as salvando-as da ação do tempo sobre as obras medíocres e dando-lhes condições poéticas de sobrevivência. (FREYRE, 2001, p. 53)

Outro equívoco bem intencionado de Freyre reside em sua crença de que na pós-modernidade, a crise dos determinismos leva ao ressurgimento dos humanismos, sendo que, segundo os demais pós-modernistas, não só o humanismo chega ao fim na era pós-moderna, mas também todos os demais grandes relatos.

Tendo perdido grande parte de sua importância com a repentina ascensão das ciências chamadas positivas e das técnicas intituladas, arbitrariamente, de modernas – como se o adjetivo moderno importasse em consagração de virtudes definitivas e não de qualidades transitórias – ressurgem, em nossos dias, os saberes humanísticos – inclusive os hispânicos, mais psicológicos do que lógicos em seus métodos de análise e de interpretação da natureza humana – nos estudos sociais, não como saberes anticientíficos ou sequer antitécnicos – o que seria um absurdo – porém como conhecimentos que os científicos e os técnicos não ornar dispensáveis nem decorativos nem supérfluos em universidade alguma que hoje se preze de ser plenamente universitária; e não se envergonhe das tradições humanísticas de saber universitário pelo afã rastaquera de parecer de todo moderna. (FREYRE, 2001, p. 40)

Dentre outras importantes constatações feitas por Freyre ao longo de seus ensaios, destacamos a proposta da percepção do tempo como algo tríplice, ou seja, três tempos, presente, passado e futuro, simples convenções, interpenetrados, que formam algo único e concomitante.

[...]: não há arte sem vivência; não há futuro sem presente; não há presente sem passado. O tempo que o homem vive é, afinal, um só, sendo assim, tríplice, quer este homem seja erudito, quer seja analfabeto e a sua arte ou a sua cultura a denominada popular ou folclórica ou analfabética. (FREYRE, 2001, p. 48)

Destacamos, enfim, a importância de haver um teórico brasileiro pensando a pós-modernidade juntamente com outros grandes pensadores do mundo.

1.8 Expressões da pós-modernidade

Ao falar de arte pós-moderna, não podemos deixar de mencionar o fato de estarmos lidando com o período posterior à segunda guerra mundial, ou seja, pós-explosão da bomba atômica, pelos Estados Unidos, em Hiroxima e Nagasaki, no Japão, período de crescimento do capitalismo com a retomada do liberalismo e a substituição do ouro pelo dólar como padrão de conversão de sistema monetário internacional já que os Estados Unidos tornaram-se o maior credor do mundo do pós-guerra e todos os países que desejavam comprar mercadorias para a reconstrução tinham que adquirir dólares, o que transformou a moeda norte-americana na primeira moeda internacional. Mas período também de uma guerra fria que trouxe consequências drásticas como, por exemplo, a explosão da usina nuclear de Tchernobil, na Ucrânia, na madrugada de 26 de abril de 1986, até o fim do confronto silencioso entre o mundo capitalista e o mundo socialista que só iria se dar em 1989, com a queda do Muro de Berlim.

Além disso, há problemas gravíssimos advindos da segunda guerra, que até hoje não foram solucionados:

Com o fim da segunda guerra mundial, selado com o holocausto nuclear, os sobreviventes de outro holocausto – o nazista – encontram-se sem lugar no mundo. Centenas de milhares de judeus sem lugar no mundo, ameaçados pelos saqueadores de guerra, sobrevivendo em campos de refugiados, imigraram em massa para a Palestina. Resistindo ao colonialismo britânico, os refugiados judeus estabelecem-se na terra de seus antepassados comprando terrenos, drenando pântanos, fixando-se em *kibutzim*: depois do Holocausto, a Palestina aparece-lhes como a Terra Prometida. Mas a terra de seus ancestrais estava agora ocupada pelos árabes, que não aceitaram um Estado judeu ao lado de um Estado árabe palestino segundo o acordo de partilha estabelecido pela ONU em 1948. Sem compromisso com a “questão judaica” ocidental, que levava os judeus, de perseguição em perseguição, ao Holocausto, e menos ainda com o idealismo dos sionistas, os árabes tomam os judeus por invasores, ocupantes e colonos estrangeiros de seus territórios e lutam para libertar ‘sua’ terra. O sonho sionista se transforma no pesadelo sangrento que ocupa diariamente as páginas dos jornais. Desse ponto de vista, a criação de Israel foi uma bem-sucedida tentativa do Ocidente de lavar as mãos e apaziguar sua má consciência, orientando a questão judaica; de povo sem Estado, vítima dos Estados cristãos, os judeus foram levados a assumir o papel de “carrascos” de um novo povo sem Estado, vítima do Estado judeu, acusado de uma escandalosa “questão palestina”. (NAZARIO, 2005, p. 28)

Após a segunda guerra tivemos também a instauração definitiva do *American way of life*, iniciado no período entre guerras com os musicais *technicolor*, como um estilo global que permeou toda a sociedade ocidental e grande parte da oriental, fato que acompanha o crescimento do capitalismo neoliberal e a internacionalização da moeda americana. Tivemos a

guerra do Vietnam (1958 – 1975), fruto da represália americana contra o comunismo. Tivemos o advento da pílula anticoncepcional, em 1951, que culminou na revolução sexual aliada ao movimento *hippie*, que explode no musical *Hair* e no megaconcerto de *Woodstock*, em 1969, “prometendo a 'libertação da opressão' na pasmaceira de uma vida comunitária, e a 'expansão da consciência' por meio do consumo de drogas.” (NAZARIO, 2005, p. 35) Tivemos, em 1953, a descoberta do DNA, pelo estudante americano James Watson, em Cambridge, que resultou no projeto Genoma, permitindo um conhecimento antes inimaginável da constituição do corpo humano. Tivemos o aumento exacerbado do uso da televisão, existente desde 1924, mas popularizada somente após a segunda guerra, com o advento da TV em cores, em 1954, modificando consideravelmente o modo de vida da população mundial. Esse fato veio aliado aos avanços tecnológicos, ao crescimento do mercado econômico e financeiro, agora, internacional e aliado também ao nascimento de algo que vem dominando nossas vidas até hoje: a propaganda e a publicidade maciças e generalizadas. Tivemos, em 1955, o início da luta pelos direitos civis dos negros, quando “uma mulher negra chamada Rosa Parks é presa por se recusar a ceder seu lugar a um branco num ônibus, em Montgomery, no Alabama.” (NAZARIO, 2005, p. 31), o que pode ser também um marco para o surgimento de várias outras tribos, características dessa época em que vivemos. O retorno das tribos, uma forma primitiva de organização social, é um fenômeno que marca a contemporaneidade e a necessidade que se fez de repetir a “loucura dos selvagens”, segundo o sociólogo Michel Maffèsoli, valorizando os “elementos naturais, ctônicos, próximos da terra, do primitivismo, das raízes. [...] Esse irracional, transformado em espetáculo, é apenas uma cristalização de outros excessos ou efervescências que caracterizam o espírito da época.” (MAFFESOLI, 2004, p. 103) Gays, lésbicas, GLSs, feministas, neonazistas, pop stars, e as “tribos urbanas: beatniks, hippies, freaks, glitterers, junkies, punks, gothics, darks, yuppies, grunges, rappers, skinheads, yiffies, trashies, headbangers, clubbers, drag queens, SMs, travelers, squatters, ravers, crusties, cocooners, workaholics, straight edges, hard cores, cyberpunks, cypherpunks, phreakers, hackers, crackers, zippies, otakus, etc.; cada uma com suas 'marcas tribais': roupas fashion, maquiagens, corte e pinturas exóticas de cabelo, tatuagens, dreadlocks, piercings, etc.; suas respectivas drogas: do crack ao ecstasy; ritmos de dança: disco, funk, dance, rap, heavy metal, hip hop, trash metal, gangsta, jungle, demolition dance, techno, industrial, grunge, hardcore, grindcore, etc.; e subculturas: quadrinhos, internet, esportes, dietas, etc.” (NAZARIO, 2005, p. 39) Tivemos a revolução cibernética, que auxiliou na mudança de *status* pela qual passou algo que chamamos de *informação*, e que domina qualquer análise que se faça sobre a contemporaneidade. Tivemos

também o choque dos aviões comandados por terroristas suicidas contra as torres gêmeas do World Trade Center, em Manhattan, Nova York, centro nevrálgico do sistema¹⁹, em nome da religião, do martírio, da vingança ou da estratégia, não importa, não há nada que justifique tais atitudes terroristas, quer tenham sido planejadas por islâmicos, quer pela própria inteligência americana. Tivemos a guerra Irã-Iraque, iniciada em 1980 e persistente até hoje, apesar de ter assumido novas facetas a cada ano, com a intervenção dos Estados Unidos, país que, não só interveio na guerra Irã-Iraque, como também invadiu o Afeganistão em 2001 com a missão de civilizar uma nação atrasada, sendo que são claros os interesses político-econômicos por trás dessa missão, além de possuir também um possível caráter de vingança ao ataque de 11 de setembro de 2001, já que a invasão ocorreu um mês após o incidente.

Devemos acrescentar à relação das tribos feita logo acima, uma tribo bastante relevante, já que se encontra espalhada por todo o mundo, é organizada em grupos e atua com muito maior frequência do que se imagina: a tribo dos mártires, ou melhor, não só dos mártires, pois os homens-bomba não são a única forma de ataque dessa tribo, portanto, a generalização é necessária: a tribo dos terroristas.

Essa tribo vem atuando desde muito antes de 2001. Inclusive, houve um parcialmente malsucedido ataque ao próprio World Trade Center em 1993, atribuído a Ramzi Yousef, Mahmud Abouhalima, Mohammad Salameh, Nidal A. Ayyad, Abdul Rahman Yasin e Ahmad Ajaj e financiado por Khaled Sheikh Mohammed. O primeiro da lista era um produto do campo de treinamento da Al-Qaeda no Afeganistão. Sua principal motivação era a causa palestina e o ódio aos judeus. Ele foi o primeiro terrorista islamita a promover ataque em solo estadunidense. Todos eram inspirados na liderança de Ayman AL-Zawahiri, cuja fonte era Sayyid Qutb, e com este ataque, já pretendiam derrubar as duas torres, mostrando assim que o Islã e a modernidade eram incompatíveis, na ilusão de devolver ao Islã sua origem pura. Causaram bastante transtorno, mas não derrubaram as torres daquela vez.

Uma linha de pensamento propõe que a tragédia americana do 11 de setembro nasceu nas prisões do Egito. Defensores dos direitos humanos do Cairo argumentam que a tortura criou uma vontade de vingança, primeiro em Sayyid Qutb e depois em seus seguidores, incluindo Ayman AL-Zawahiri. O alvo principal da ira dos prisioneiros foi o governo secular egípcio, mas uma raiva enorme também foi dirigida ao Ocidente, visto como a força capacitadora por trás do regime repressivo. Eles consideram o Ocidente responsável por corromper e humilhar a sociedade islâmica. De fato, o tema da humilhação, a essência da tortura, é importante para compreender a raiva dos islamitas radicais. As prisões do Egito se tornaram uma fábrica de militantes cuja necessidade de desforra – eles chamavam de justiça – era total e absoluta. (WRIGHT, 2007, p. 67)

¹⁹ Expressão usada por Jean Baudrillard em BAUDRILLARD, Jean. *Power Infemo*. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 13.

A guerra aos Estados Unidos fora declarada por Bin Laden de uma caverna no Afeganistão em 1996, ano em que se soube oficialmente da existência da Al-Qaeda por um dissidente chamado Jamal AL-Fadl que contou sobre a organização ao agente do FBI Dan Coleman. Líder da Al-Qaeda, Osama Bin Laden descobriu sua vocação para liderar ao ser escolhido pela população jovem, desesperada e ociosa da Arábia Saudita, que acreditava na responsabilidade do ocidente, principalmente dos Estados Unidos pela decadência árabe. O antigo inimigo soviético, vencido após a queda do muro de Berlim era substituído pelos americanos que apoiavam Israel e que só seriam vencidos ao lhe serem infligidos graves golpes. Era a reivindicação do passado islâmico contra a posse do futuro pelos americanos.

O golpe drástico, aqui nesta tese analisado principalmente sob o ponto de vista literário, é tema constante em diversos romances escritos após 11 de setembro de 2001, portanto, como tema, é expressão da pós-modernidade e é descrito pelo personagem-escritor do livro *Windows on the world*, de Frederic Beigbeder (2005):

Em 11 de setembro de 2001, um Burger King foi transformado em necrotério. A loja do Brooks Brothers parecia calcinada. No Pier A erguiam-se dois cartazes gigantes da Apple com o slogan “Think different” ilustrado pela foto de Franklin e Eleanor Roosevelt. (Roosevelt era o presidente dos Estados Unidos na época de Pearl Harbour, mas isso não passa de coincidência.) Na West Street, eles tinham colocado lençóis sobre os fragmentos de corpos, mas o chão permanecia juncado de nacos de carne viva. Um trem de aterrissagem de Boeing, engastado numa parte da fachada do World Trade Center, esmagara diversos automóveis. Um cheiro tenaz chegava até Times Square, mistura de componentes informáticos e carne queimada. “Vi um coração inteiro grudado em uma janela do mezanino. Braços, pernas, entranhas, corpos pela metade, órgãos humanos por toda a praça. Não paro de pensar: isso não é verdade, é um filme. Não pode ser verdade. Não queria estar vendo isso.” (Depoimento de Medhi Dadgarian, sobrevivente do 72º andar.) (p. 309)

E complementado por Carthew Yorston, personagem do mesmo livro, morto com seus filhos em consequência do ataque:

Vamos, venham meninos, vamos nos safar daqui, fazer o que deveríamos ter feito há muito tempo: picar a mula todos os três, on the road again, adios amigos, hasta la vista baby, o vidro está quebrado, olhe para além das Janelas do Mundo, olhem Jerry, é a liberdade definitiva, let’s GO, não, Jerry, meu herói, don’t look down, mantenha os olhos azuis fixados no horizonte, na baía de Nova York, no balé dos helicópteros impotentes, você não viu *Apocalypse Now*, vocês eram pequenos demais, como os assassinos puderam, venham, meus queridos, meus carneirinhos, vocês vão ver, comparando, o Space Mountain é café pequeno, segure forte em mim Jerry, eu te amo, venha com o papai, vamos voltar para casa, estamos levando seu irmãozinho, venham surfar sobre as nuvens de fogo, vocês eram meus anjos, mais nada poderá nos separar, o paraíso era estar com vocês, prenda a respiração e, se sentir medo, só tem que fechar os olhos. Nós também sabemos nos sacrificar.

Imediatamente antes de pular, Jerry me olhou fundo nos olhos. O que restava de seu rosto se retorceu pela última vez. Só estava sangrando pelo nariz.

– Mamãe vai ficar muito triste?

– Não pense nisso. É preciso ser forte. Eu te amo, meu coração. Você é um garoto e tanto.

– I love you daddy. Sabe, papai, não tenho medo de cair, veja, não estou chorando e você também não.

– Nunca conheci ninguém mais corajoso que você, Jerry. Nunca. Então, está pronto, buddy? Vamos contar até três?

– Um, dois... três!

Nossas bocas foram progressivamente se deformando com a velocidade. O vento nos provocava caretas inéditas. Ainda ouço o riso de Jerry, que apertava minha mão, e o de seu irmãozinho mergulhando no céu. Obrigado por esta última risada, oh my Lord, obrigado pela risada de Jerry. Durante um curto instante, acreditei de verdade que estávamos voando. (p. 331-332)

Nesse pequeno trecho, observam-se características da pós-modernidade como pastiche²⁰, heterogeneidade, pluralidade e cruzamento de referências culturais, reafirmando que o tema do 11 de setembro passa, desde sua ocorrência a integrar as manifestações artísticas da pós-modernidade, aqui, com o foco no romance.

É interessante observar que, em relação às manifestações artísticas, pode-se dizer que o caos e a fragmentação as permeiam, assim como a todo o resto. Ao mesmo tempo em que tivemos artistas merecidamente consagrados como Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Albert Camus, John Steinbeck, Ernst Hemingway, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Jean Genet, Samuel Becket, John Cage, The Beatles, Pink Floyd, Chico Buarque, Tom Zé, Jean-Luc Godard, Alfred Hitchcock, Akira Kurosawa, Yasujiro Ozu, Pier Paolo Pasolini, Michelangelo Antonioni, Ingmar Bergman, Glauber Rocha, Win Wenders, David Lynch, etc. Tivemos também artistas duvidosamente nem tão consagrados como James Turrell, autor de “um quarto cheio de luzes, ora opacas, ora translúcidas, onde alguns visitantes experimentam uma tal sensação de solidez que, ao tentar se recostar contra as sombras, caem no chão.” (NAZARIO, 2005, p. 50) Ovacionado pela crítica, Turrell “cria” em Roden, um vulcão extinto localizado no Arizona, compartimentos e “um túnel de trezentos metros, feito de tal modo que, uma vez a cada dezoito anos, se as condições de tempo forem favoráveis, a imagem da lua encherá sua inteira cavidade por alguns momentos, antes de aparecer do outro lado.” (NAZARIO, 2005, p. 50) Tivemos também o casal alemão Adele e Eve que se maquiavam e se vestiam do mesmo modo, tornando-se objetos de arte ambulantes ao comparecer a todo e qualquer evento de arte possível e imaginável para executar sua performance andrógina. Tivemos Bruce Nauman, que realizou “esculturas de modelos sintéticos de cadáveres de animais, deformando-os com enchimentos até dotá-los de corpos novos e chocantes.” (NAZARIO, 2005, p. 51) Tivemos Sarah Lucas, criadora de *Sempre veste bem*: “um falo semi-apodrecido saindo da cueca que veste uma cadeira”; e também “Chris O’Fili, filho de pais nigerianos, pinta uma *Sagrada Virgem Maria negra* com estrume de elefante (símbolo africano de fertilidade) e imagens de ânus oferecendo-se à sodomia recortadas de revistas pornográficas.” (NAZARIO, 2005, p. 52); ou ainda Mueck, que esculpe o cadáver do próprio

²⁰ Ver nota número 12.

pai em *Dead Dad*; e mais: “Jake e Dinos Chapman criam grupos de crianças xipófagas em tamanho natural atadas por vaginas ou com um pênis no lugar do nariz; e Damien Hirst cria esculturas com tubarões, vacas, porcos e ovelhas serrados ao meio ou fatiados em diversas postas e mergulhadas em formol, eletrocuta ainda moscas nascidas de larvas alimentadas com açúcar cor de sangue e pinta em bronze um gigantesco torso humano dissecado.” (NAZARIO, 2005, p. 52)

Nazario, em *Quadro histórico do pós-modernismo* (2005), enxerga tais manifestações como o fim da arte, ou a antiarte, alegando que tais obras não passam de horrores como reação aos horrores da realidade:

A arte desaparece para dar lugar à *pop art*, *body art*, *land art*, *minimal art*, *op art*, arte processual, arte cibernética, arte conceitual, *arte povera*, *bad painting*, videoarte, *happenings*, *performances*, instalações, transvanguardas que refletem um universo místico e desencantado, risonho e desumanizado, pornográfico e moralista, totalmente ressecado de ideais. Em comum, as diversas formas de pseudo-arte que ocupam o vazio deixado pela arte possuem o apelo à interatividade, na tentativa de fazer da obra uma experiência sensorial; o antiesteticismo, na negação do belo e da forma estética; o subjetivismo extremo, na impotência em exteriorizar sentidos; o anti-humanismo, na renúncia aos valores morais; a superficialidade, na sugestão de que nada deve ser levado a sério; e a efemeridade, no emprego de materiais não-estéticos, como restos de lixo, cacos de vidro, banha, ossos, sangue e vísceras de animais e até de seres humanos. Essa antiarte reage ao horror da realidade com mais horror ainda, marcando a produção contemporânea de fria crueldade, para a alegria dos jovens infelizes. (NAZARIO, 2005, p. 51)

Entretanto, uma das consequências do avanço das tecnologias foi a criação de uma dependência do ser humano em relação à imagem que, por sua vez, está intimamente relacionada com o modo de vida imposto pelo novo capitalismo pós-guerra. Os exemplos de obras supostamente absurdos, segundo Nazario, são todos exemplos de artes visuais que refletem, quer seja com horror, quer com graça, uma realidade existente, de um mundo dominado esteticamente por imagens que bombardeiam os seres humanos diariamente em todos os lugares pelos quais passamos, praticamente sobre todos os assuntos. Arriscamos dizer, por isso, que a radicalidade das obras acima mencionadas existe porque as artes visuais são o campo que melhor pode representar a realidade pós-moderna. Caos e fragmentação permeiam obras como as de Tom Zé (e.g. *Postmodern Platôs*, 1999) ou David Lynch (e.g. *Veludo Azul*, 1986), artistas merecidamente consagrados, mas dominam as obras visuais referidas, de artistas duvidosamente nem tão consagrados.

A foto de Richard Drew intitulada *The falling man* (2001) foi utilizada para ilustrar algumas reportagens e artigos sobre o 11 de setembro, uso criticado negativamente e até repudiado tanto por leitores quanto por jornalistas. Para a arte, entretanto, revela-se expressão típica da pós-modernidade sendo a imagem do horror fragmentado e capturado em pleno acontecimento, tal como algum flagra de *paparazzi*, com diversos desdobramentos. A foto em

si, bem como seu título, foi trampolim para a escritura de artigo por Tom Junod e para a filmagem de documentário por Henry Singer. Ela foi citada em poema de Simon Armitage e foi utilizada no fim do romance *Extremamente alto e incrivelmente perto* de Jonathan Safran Foer (2006). Também é título do romance de Don DeLillo.

Figura 6 - The falling man. Richard Drew, 2001.



Fonte: SPENCER, Dan. *The falling man*. Examiner, 2008. Disponível em: <www.examiner.com/article/the-falling-man>. Acesso em: 10 nov. 2013.

Não concordamos com a afirmação maniqueísta que faz o mérito de obras que pertencem ao primeiro grupo de exemplos acima ser o demérito das obras do segundo grupo. Além disso, não reconhecer o valor de tais obras torna-se uma negação daquilo que para David Harvey é um dos aspectos positivos do pós-modernismo, justamente a capacidade de reconhecimento das “múltiplas formas de alteridade que emergem das diferenças de subjetividade, de gênero e de sexualidade, de raça, de classe, de (configurações de sensibilidade) temporal e de localizações e deslocamentos geográficos espaciais e temporais”,

o que tem estreita relação com outro aspecto do pós-modernismo, que é a capacidade de imitar as “práticas sociais, econômicas e políticas da sociedade. Mas, por imitar facetas distintas dessas práticas, apresenta-se com aparências bem variadas.” (HARVEY, 1992, p. 109) Se existe horror naquelas obras, não é porque a arte morreu ou porque os artistas enlouqueceram, mas simplesmente porque existe horror no nosso mundo contemporâneo, conseqüentemente, vai existir horror nas manifestações artísticas que se tornarão válidas justamente por isso.

Em relação ao terrorismo, é importante dizer que, apesar de estar longe de ser uma manifestação artística, o que poderia ser deduzido do fato de estar sendo comentado em um subcapítulo intitulado *Expressões da pós-modernidade* em meio a exemplos de obra de arte, é sim um fenômeno da pós-modernidade, um de seus horrores, e permeia manifestações artísticas insistentemente desde o ataque de 11 de setembro de 2001, por isso, tentamos compreender esse fenômeno através da análise dos romances escolhidos como corpo de pesquisa e mais, buscamos, através da ocorrência deste tema na arte, entender a própria literatura e seu desenvolvimento dentro da história. Para tanto, devemos percorrer mais uma etapa anterior às análises das obras em si: as relações entre literatura, modernidade, pós-modernidade e a teoria da narrativa e do romance.

2 A LITERATURA ENTRE MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE

Ao chegar ao fim, no capítulo anterior, das considerações sobre pós-modernidade, podemos perceber quão variado é o universo de opiniões acerca do tema, principalmente pela quantidade de assuntos disponíveis para discussão. No entanto, os seis pensadores da pós-modernidade escolhidos para embasar teoricamente as nossas discussões concordam, pelo menos, no que diz respeito à intrínseca relação entre o mundo pós-guerra e sua organização econômico-financeira, o que nos leva a um dos assuntos que constituem a base de nossa argumentação: o capitalismo. Antes, porém, de discorrer sobre o capitalismo, situaremos a literatura na contemporaneidade, como espaço de discussão e questionamento do mundo, traçando um panorama da expressão artística desde o início da idade moderna no intuito de compreender o seu desenvolvimento histórico e seus resultados. A partir desse panorama, utilizaremos as obras literárias selecionadas para esta pesquisa como ferramenta para uma análise do mundo pós-moderno, mais especificamente, do terrorismo neste mundo.

2.1 Literatura e modernidade

Roland Barthes afirma que a literatura é o espaço de conquista da liberdade. Isso porque acredita que na língua, servidão e poder se confundem, e liberdade é subtrair-se do poder e não submeter ninguém. Portanto, só poderia haver liberdade fora da linguagem. Como isso é impossível, já que a linguagem não tem fora, o que nos resta é trapacear *com a* língua e trapacear *a* língua. A literatura, lugar do ser da linguagem, é o espaço que permite esse trapacear.

Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: *literatura*. (BARTHES, 2004, p. 16)

As ideias de Barthes sobre linguagem e literatura, de certo modo lúdicas, podem ser utilizadas de, pelo menos, duas maneiras. Cynicamente, ou seja, sob uma análise superficial das informações citadas acima, pode-se utilizar o pretexto de que a linguagem é um lugar de jogo e privilegiar aspectos estruturais do texto em detrimento de todo o restante universo envolvido em uma escritura. Ou associadas aos múltiplos aspectos envolvidos na produção literária, já que a literatura é uma instituição social, no sentido sim, de jogar com o poder.

Se a literatura é o espaço que permite o trapacear *da* e *na* linguagem, cabe aos trapaceadores decidir como isso será feito. E considerando as possibilidades humanas, pode-se dizer que esse espaço é infinito.

Liberdade. Em nome de quê tal “felicidade” deve ser buscada, ou pior, tenta ser buscada? E porque, quando tentamos encontrar a felicidade, insistimos em opor situações enquadrando nossas manifestações e comportamentos em dicotomias que não dão conta de nós em nossa infinita abrangência? De onde vem essa insistência do homem em negar a diversidade, a diferença, a complexidade e buscar o uniforme, o estável, o imutável? Porque não aceitar que não existe apenas um ou outro lado, mas sim um *e* outro lado? Porque não partir para um estilo de vida em que estabilidade e instabilidade podem conviver conosco em nossas atitudes? O problema é que, ao longo de nossa história, principalmente a partir da idade moderna, ou seja, do nascimento do capitalismo consolidado, nós resolvemos fingir que só existe um modelo de conduta, modelo esse que leva o homem à perfeição. Será que é realmente disto que nós precisamos? Caminhar para a perfeição?

Para investigar essas questões, seria necessário que fosse traçado um panorama histórico da *epistémê*, ou seja uma espécie de arqueologia do pensamento humano. Sim, arqueologia no sentido em que se encontra no dicionário: história que considera o que no passado foi a vida de cada dia e nela enraíza a mediocridade do presente. Essa arqueologia poderia considerar desde a época em que havia correspondência entre as palavras e as coisas até a contemporaneidade do simulacro. Começando por uma citação de Derrick de Kerckhove encontrada em artigo intitulado *O senso comum, antigo e novo*, vejamos se essa arqueologia se dá, mesmo que simplificadamente:

Evidentemente, não pode haver uma clara distinção entre o “interno” e o “externo” nas culturas anteriores à escrita, que baseavam sua epistemologia na respiração, porque esta constitui essencialmente uma experiência interior/exterior. Entretanto, o pensamento é geralmente considerado como uma experiência inteiramente interna. Isso pode mudar quando se começa a interagir com computadores que, em nosso lugar, nos ajudam a pensar. (KERCKHOVE, 1993, p. 56)

Michel Foucault, apesar de em suas últimas publicações ter deixado de dar tanta importância aos estudos sobre linguagem e literatura, pois eles perdem “o privilégio como aspecto afirmativo de sua crítica da estrutura antropológico-humanista da modernidade” (MACHADO, 2000, p. 117), discorre brilhantemente sobre a gênese e a filosofia da ciência em seu livro *As Palavras e as Coisas* (1999). Neste livro encontramos a ideia de que até a época clássica as configurações do pensamento humano eram feitas com base em uma íntima relação entre as palavras e as coisas. Ou seja, havia uma profunda interdependência entre a linguagem e o mundo:

O mundo enrolava-se sobre si mesmo: a terra repetindo o céu, os rostos mirando-se nas estrelas e a erva envolvendo nas suas hastes os segredos que serviam ao homem. A pintura imitava o espaço. E a representação (até agora semelhança) – fosse ela festa ou saber – se dava como repetição: teatro da vida ou espelho do mundo, tal

qual era o título de toda linguagem, sua maneira de anunciar-se e de formular seu direito de falar. (FOUCAULT, 1999, p. 23)

Desde o estoicismo (início do século III a.C.), o sistema dos signos no mundo ocidental era ternário: havia o significante, o significado e a *conjuntura*, que estabelecia as relações/ligações entre ambos. Com Descartes e o advento do racionalismo, ou seja, com o advento do capitalismo na idade moderna, essa conjuntura vai deixar de ter importância, conseqüentemente, o sistema de signos deixa de ser ternário e passa a ser binário, definido na *Lógica de Port-Royal* pela ligação de um significante com um significado, porém, sem o elemento de similitude, o que garantia a relação de correspondência das palavras com as coisas, da linguagem com o mundo permitindo um movimento instável das significações, pois se a conjuntura mudasse, as relações também mudavam.

A partir da época clássica, a linguagem deixa de explicar a ligação de um signo ao que ele significa pelas próprias coisas ou por um mundo de onde extrairia seu sentido, e passa a ser o próprio pensamento em seu funcionamento representativo. “Na época clássica, a linguagem é a representação se desenrolando, se desdobrando nos signos verbais que a manifestam, isto é, pela ligação existente no interior do próprio conhecimento entre a ideia de uma coisa e a ideia de outra coisa.” (MACHADO, 2000, p. 87) Não há mais correspondência entre as palavras e as coisas, mas sim a representação da coisa pela palavra. Não é interessante como um novo modo de expressão humana surge em relação com uma mudança estrutural como o advento de um novo sistema econômico vigente? Pois o racionalismo que entra em vigor nessa época já é o início da concretização do capitalismo que veio se formando desde os primórdios da humanidade. Esse novo modo de representação do mundo que antes, inclusive, nem era “representado”, é consequência desse novo sistema que, por sua vez, só pode existir através desse novo modelo, e também é responsável pelo surgimento da esquizofrenia, pois o ser humano não vai admitir um modo binário de representação como sendo o único possível e verdadeiro visto que não é só isso que o constitui.

Uma das principais consequências dessa concepção binária/estática da relação entre significante e significado é a noção de *finitude*: os saberes passam a ser ordenáveis, matematizáveis, analisáveis empiricamente através de representações específicas (história natural, gramática geral, análise das riquezas) ou gerais (filosofias). Porém, essa finitude só era delimitada a partir de uma *infinitude*, que era Deus ou a natureza, e não ainda o *homem*. Penso, logo existo – a finitude das coisas era medida por uma perfeição infinita.

A partir do século XVIII, e essa é a data que marca o advento da idade moderna e do capitalismo definitivo, o *eu penso* deixa o seu lugar para o *eu sou*, significando que pela

primeira vez o *homem* (ser humano) passa a ser coisa, objeto de estudos empíricos. Foucault mostra isso fazendo um paralelo entre o que foi a vida, o trabalho, a linguagem na idade clássica e o que passa a ser na idade moderna. Traçando esse paralelo, ele verifica que a biologia (vida), a economia (trabalho) e a filologia (linguagem) começam a tematizar o homem como objeto, o que até então nunca tinha acontecido.

Esse novo objeto de estudos ocasiona uma mudança de paradigma no pensamento do homem, pois a ciência passa a ter como objeto de conhecimento algo da mesma natureza de seu instrumento de conhecimento – o *homem*. Quais são as consequências dessa mudança de paradigma? O positivismo, o historicismo, a filosofia transcendentalista de Kant, a lógica, a dialética, a fenomenologia, o humanismo, o iluminismo, a descoberta pelo homem da *finitude* de si mesmo, não em relação a Deus, mas em relação a si mesmo – o homem ao mesmo tempo sujeito e objeto do conhecimento (empírico-transcendental).

O homem, como sujeito finito, toma o lugar de Deus. A finitude deixa de ser definida a partir da infinitude da presença divina, como “inadequação ao infinito”, “relação negativa com o infinito”, para ser pensada interminavelmente a partir dela mesma. A morte de Deus, suprimindo da existência do homem o “limite do ilimitado”, transforma a finitude no “reino ilimitado do limite” [...]. (MACHADO, 2000, p. 102)

É esse estatuto privilegiado do *homem* que, através do humanismo e do iluminismo vem dar a luz às ciências humanas, em oposição às ciências da vida. Mas essas ciências humanas, devido à necessidade de se estabelecerem como “ciência”, foram constituídas através de categorizações positivistas e reducionismos matemáticos tais, que deixaram de lado o que o homem é por natureza e suas relações consigo, com o outro e com o mundo, para analisar somente suas objetividades. Daí Foucault dizer que as ciências humanas não são nem ciências, nem temas com pretensão científica, nem arqueologia, mas outras *configurações do saber*.

É também em torno do século XVIII que tem início o estudo estilístico do romance. Segundo Mikhail Bakhtin, os primeiros teóricos do romance foram Wieland, que teorizou em prefácio para *Agathon* (1766-1767), Blankenburg, com *Versuch über den Roman* (1774), e um único anterior ao século XIX, Huet, com *Essay sur l'Origine des Romans* (1670). Escritores românticos como Friedrich Schlegel ou Novalis afirmavam que o romance era um gênero misto de verso e prosa e continha em si vários gêneros²¹.

Desde que romances constituem o corpo de análise desta pesquisa, é importante ressaltar que o surgimento do romance enquanto gênero se dá concomitante ao surgimento das ciências humanas, consequência do iluminismo e do humanismo, bem como ao surgimento da

²¹ BAKHTIN, Mikhail. Da pré-história do discurso romanesco. In: *Questões de literatura e estética*. São Paulo: Hucitec, 1990, p. 363.

literatura enquanto expressão poética. Milan Kundera, romancista e teórico tcheco, não só endossa essa constatação, como a aprofunda:

Na verdade, para mim, o fundador dos tempos modernos não é somente Descartes, mas também Cervantes. [...] O romance acompanha o homem constante e fielmente desde o princípio dos tempos modernos. [...] O caminho do romance se esboça como uma história paralela dos tempos modernos. (KUNDERA, 2009, p. 12-13, 16)

Ou seja, para Kundera, o romance se constitui enquanto tal, a partir de Cervantes e acompanha a história da humanidade desde então, desde o início da modernidade, junto com o pensamento cartesiano. O teórico húngaro Georg Lukács, anterior a Kundera, compartilhava deste pensamento:

[...] esse primeiro grande romance da literatura mundial situa-se no início da época em que o deus do cristianismo começa a deixar o mundo; em que o homem torna-se solitário e é capaz de encontrar o sentido e a substância apenas em sua alma, nunca aclimatada em pátria alguma; em que o mundo, liberto de suas amarras paradoxais no além presente, é abandonado a sua falta de sentido imanente; em que o poder do que subsiste – reforçado por laços utópicos, agora degradados à mera existência – assume proporções inauditas e move uma guerra encarniçada e aparentemente sem propósito contra as forças insurgentes, ainda inapreensíveis, incapazes de se autodesvelarem e de penetrarem o mundo. (LUKÁCS, 2000, p. 106)

Para Lukács o romance é “a epopeia de uma era para a qual a totalidade extensiva da vida não é mais dada de modo evidente, para a qual a imanência do sentido à vida tornou-se problemática, mas que ainda assim tem por intenção a totalidade.” (LUKÁCS, 2000, p. 55) e Cervantes, ao calar a si mesmo deixando soar a voz de Dom Quixote, representa a queda do mundo objetivo, em que o sujeito torna-se um fragmento.

A grande épica moderna, o romance, diferencia-se da épica clássica de Homero. Nesta, o vínculo indissolúvel entre existência e realidade, entre o transcendente e o terreno existe, assim como a possibilidade de dar forma a uma totalidade de vida fechada a partir de si mesma. Com o advento da modernidade, este vínculo se desfaz, ocasionando o paradoxo da subjetividade lírica, algo presente apenas na épica moderna, de pretender revelar um fragmento de totalidade, levando o romance a descobrir e construir pela forma, a totalidade oculta da vida. (LUKÁCS, 2000, p. 60)²²

[...] o todo da vida não permite nela indicar um centro transcendental e não tolera que uma de suas células arvore-se em sua dominadora. Somente quando um sujeito, afastado de toda vida e de sua empiria necessariamente implicada, entroniza-se nas alturas puras da essencialidade, quando não é mais que um depositário da síntese transcendental, pode ele abrigar em sua estrutura todas as condições da totalidade e transformar seus limites em limites do mundo. (LUKÁCS, 2000, p. 52-53)

Do mesmo modo que Lukács concorda com Kundera em relação à origem do romance moderno, Kundera concorda com Lukács quanto ao caráter paradoxal do romance, já que para

²² Lukács não foi o primeiro a propor o romance como uma versão moderna da epopeia clássica. Sabe-se que Hegel em *Vorlesungen über die Aesthetik*, obra de 1844, concebe o romance como a epopeia burguesa. Além disso, em 1774, Blankenburg, um dos primeiros a teorizar sobre o romance, considera em *Versuch über den Roman*, o romance aquilo que a epopeia era para os gregos. (LUKÁCS, 2000, p. 55)

o autor tcheco, o enigma do eu sempre esteve e sempre estará presente em todos os romances, configurando uma eterna busca que, inevitavelmente, terminará por uma insatisfação paradoxal, pois no romance, o homem, ao tentar revelar na ação sua própria imagem, abre uma fissura entre si e a ação, já que sua imagem não se parece com ele.

Quanto ao conceito de romance, não há concordância teórica, mas há proximidades conceituais direcionadas à discussão sobre suas propriedades que devem ser mencionadas. A primeira a ser citada encontra-se na teoria do romance elaborada por Henry James nos prefácios aos seus próprios romances que foram reeditados em coletânea luxuosa no início do século XX, a chamada *Edição de Nova York*, e publicados no Brasil em livro intitulado *A arte do romance*, com organização de Marcelo Pen (2003).

Para mim, o único atributo *geral* do *romance* projetado, o único adequado a todos os casos, refere-se ao tipo de experiência empregada – experiência livre, por assim dizer, desimpedida, fresca, desembaraçada, isenta das condições que, sabemos, aderem-se a ela e, se quisermos dizer dessa forma, arrastam-se sobre ela, operando num meio que a livra, para um fim específico, da inconveniência de um estado “relacionado”, mensurável, sujeito a todas as nossas referências vulgares. É evidente que a maior intensidade pode ser atingida dessa forma – quando o sacrifício de referência, dos lados “relacionados” das situações, não foi duro demais. Para isso, é importante que o *romance* não se traia de modo flagrante; nós devemos até mesmo, para nossa ilusão, ser impedidos de suspeitar que houve qualquer tipo de sacrifício. O balão da experiência é de fato claramente preso à Terra. Sob essa necessidade nós oscilamos, graças a uma corda de tamanho considerável, no carro mais ou menos cômodo de nossa imaginação. Mas é por meio dessa mesma corda que sabemos onde estamos e, no momento em que se corta o cabo, estamos soltos e desvinculados: nós apenas nos distanciamos do globo – apesar de continuarmos naturalmente tão exultantes quanto quisermos, especialmente se tudo correr bem. A arte do escritor de *romances* consiste em cortar sub-repticiamente o cabo, “por pura diversão”. (JAMES, 2003, p. 146-147, grifos do autor)

Milan Kundera, em obra também intitulada *A arte do romance* (2009), propõe, por sua vez, inúmeras definições ao longo dos ensaios que a compõem, e insiste na dificuldade de aceitação e de compreensão da sabedoria do romance, visto que é a sabedoria da incerteza, em que as coisas humanas são relativizadas. Muitas delas embasam sua própria criação romancesca, revelando o autor, geralmente velado, tantas vezes perseguido na teoria literária.

Descobrir o que somente um romance pode descobrir é a única razão de ser de um romance. O romance que não descobre algo até então desconhecido da existência é imoral. O conhecimento é a única moral do romance. (KUNDERA, 2009, p. 13)
 [...] o romance é o lugar onde a imaginação pode explodir como num sonho e que o romance pode se libertar do imperativo aparentemente inelutável da verossimilhança. (KUNDERA, 2009, p. 22)
 O espírito do romance é o espírito de complexidade. Cada romance diz ao leitor: “As coisas são mais complicadas do que você pensa”. (KUNDERA, 2009, p. 24)
 O espírito do romance é o espírito de continuidade: cada obra é a resposta às obras precedentes; cada obra contém toda a experiência anterior ao romance. (KUNDERA, 2009, p. 24)

Mikhail Bakhtin toma o romance como um “fenômeno pluriestilístico, plurilíngua e plurivocal.” (BAKHTIN, 1990, p. 73), por isso, existem dificuldades para o estabelecimento

do romance enquanto gênero, preocupação principal de seus estudos do romance. Para o teórico russo, o romance é o único gênero ainda inacabado, que parodia outros gêneros, integrando-os à sua própria composição e dando a eles uma nova interpretação e forma. Por estar em evolução, pode refletir mais rapidamente a evolução da própria realidade.

Daí vem a extraordinária dificuldade para uma teoria do romance. Com efeito, esta teoria deveria ter, em princípio, um objeto de estudo totalmente diferente da teoria de outros gêneros. O romance não é simplesmente mais um gênero ao lado dos outros. Trata-se do único gênero que ainda está evoluindo no meio de gêneros já há muito formados e parcialmente mortos. Ele é o único nascido e alimentado pela era moderna da história mundial e, por isso, profundamente aparentado a ela, enquanto que os grandes gêneros são recebidos por ela como um legado, dentro de uma forma pronta, e só fazem se adaptar – melhor ou pior – às suas novas condições de existência. (BAKHTIN, 1990, p. 398)

Ao verificar as propostas dos pensadores acima quanto à definição do romance, constata-se que ela não está fechada. Sabe-se que o romance existe, sabe-se que é um gênero, sabe-se que este gênero acompanha a evolução da modernidade, sabe-se que, por isso, é um gênero em permanente construção, desconstrução e reconstrução, assim como sua época.

Voltando ao panorama, pois é preciso que seja concluído: até a idade clássica o que move o pensamento é a semelhança; na idade clássica é a representação; na idade moderna (a partir do século XVIII) é a significação, pois o homem torna-se aquilo a partir do qual todo o conhecimento podia ser constituído, e é nela que se dá o surgimento do romance. Uma quarta mudança no paradigma do pensamento do homem é apontada por Foucault a partir da constatação da morte de Deus por Nietzsche, que, segundo Foucault, foi o primeiro a aproximar a tarefa filosófica de uma reflexão radical sobre a linguagem e essa reflexão, de maneira sucinta é o desaparecimento do *homem* como decorrência da morte de Deus. Esse é o ponto de encontro entre o homem e Deus, o ponto em que a morte do segundo é sinônimo do desaparecimento do primeiro, pois já não há mais Deus e o homem não passa de mero objeto utilizado para experiências empíricas, ele não existe enquanto sujeito inserido numa sociedade. E aí está o embrião dos extremos dos séculos XX e XXI, se o homem não existe, se a ciência lhe retira sua importância no mundo, se lhe confere medidas quantificáveis e relações polarizadas, isso se dá tão somente para que as relações de poder possam operar com maior facilidade, para que continue existindo o superior e o inferior, o belo e o feio, o bom e o ruim, o rico e o pobre, o branco e o preto, o grande e o pequeno, o bem e o mal.

O que ocuparia o lugar do homem a partir do momento que o seu desaparecimento se dá? (fim do humanismo, ou seu fracasso). De acordo com as análises de Foucault, o que estaria preenchendo esse vazio seria a *linguagem*, e é a partir dessas ressonâncias nietzschianas que Foucault vai tecer suas reflexões sobre linguagem, literatura, obra, livro,

etc. Inclusive, para ele, *literatura*, assim como o romance enquanto gênero, só vai surgir como esta instituição que chega até nós hoje em dia a partir do fim do século XVIII, quando o homem já era objeto do conhecimento. A literatura surgirá, então, como o último espaço de manifestação do *ser* da linguagem que, antes da idade clássica, era a semelhança e, na idade moderna, é a “repetição no sentido preciso de a linguagem literária manifestar fundamentalmente o poder de falar da linguagem, o ser das palavras, a linguagem em seu ser”. (MACHADO, 2000, p. 110) Nesse sentido a literatura seria utilizada como um contradiscurso, um contraponto aos saberes do homem na modernidade. Já que

a linguagem nem remete a um sujeito, nem a um objeto: elide sujeito e objeto, substituindo o homem, criado pela filosofia, pelas ciências empíricas e pelas ciências humanas modernas, por um espaço vazio fundamental onde ela se propaga, se expande, se repetindo, se reduplicando indefinidamente. (MACHADO, 2000, p. 113)

Nesse trecho, Foucault dialoga com Roland Barthes, quando este afirma que a literatura é o espaço de conquista da liberdade; já que na língua, servidão e poder se confundem e liberdade é subtrair-se do poder e não submeter ninguém, só poderia haver liberdade fora da linguagem, como isso é impossível, já que a linguagem não tem fora, o que nos resta é trapacear *com a* língua e trapacear *a* língua, e a literatura, lugar do ser da linguagem, é o espaço que permite esse trapacear.

Nesse momento de nossa pretensiosa e de certo modo reducionista arqueologia, chegamos ao século XX. O homem desapareceu, e a linguagem ocupa o seu lugar. Se tomarmos algumas considerações que Gilles Deleuze e Félix Guattari fazem sobre a linguagem no segundo volume da coleção *Mil Platôs* (1995), como por exemplo:

A unidade elementar da linguagem – o enunciado – é a palavra de ordem. Mais do que o senso comum, faculdade que centralizaria as informações, é preciso definir uma faculdade abominável que consiste em emitir, receber e transmitir as palavras de ordem. A linguagem não é mesmo feita para que se acredite nela, mas para obedecer e fazer obedecer. (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 12),

sim, poderíamos talvez ousar dizer que aquela insistência questionada acima, do ser humano negar sua complexidade buscando sempre o imutável teria alguma coisa a ver com relações de poder. Roland Barthes, em “*Aula*”, diz o seguinte:

[...]; mas nossa verdadeira guerra está alhures: ela é contra *os* poderes, e não é um combate fácil: pois, plural no espaço social, o poder é, simetricamente, perpétuo no tempo histórico: expulso, extenuado aqui, ele reaparece ali; nunca perece; façam uma revolução para destruí-lo, ele vai imediatamente reviver, re-germinar no novo estado de coisas. A razão dessa resistência e dessa ubiqüidade é que o poder é parasita de um organismo trans-social, ligado à história inteira do homem, e não somente à sua história política, histórica. Esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda a eternidade humana, é: a linguagem, [...]. (BARTHES, 2004, p. 12)

A linguagem literária, no caso dos romances selecionados para esta pesquisa, ainda tem o poder de apresentar os casos como os dos protagonistas destes romances, todos de

alguma forma vinculados ao terrorismo, e nós, temos o poder de ir contra os poderes que ocasionam a existência de tamanhas atrocidades, temos o poder de escolher se queremos uma sociedade bipolarizada ou uma sociedade complexa, temos a obrigação de aceitar nossa complexidade e encontrar uma nova maneira de viver felizes.

2.2 Literatura e pós-modernidade

No capítulo sobre pós-modernidade, encontram-se as ideias de pensadores que identificaram várias características definidoras da pós-modernidade como uma nova fase da modernidade e/ou como uma nova fase da História da humanidade.

Lyotard identifica que a partir do advento da era pós-industrial, uma era pós-moderna se inicia. O que a marca é o fim dos grandes relatos: o positivismo, o iluminismo, o humanismo, o historicismo, o comunismo, etc., toda e qualquer grande narrativa que tivesse a pretensão de conectar ou representar todas as coisas como um modelo de unificação. Nessa nova era, vários relatos passam a contar o ser humano ao mesmo tempo.

Jameson, apesar de compartilhar com Lyotard a opinião de que mudanças ocorreram após a segunda guerra, com a conseqüente nova formatação do capitalismo e de igualmente considerar “o colapso de todos os modelos narrativos anteriores” um fator importante para a análise do mundo pós-moderno (JAMESON, 1983. *In*: KAPLAN, 1993, p. 40), tece um panorama negativo dessa nova fase que se abre. Ele aponta as seguintes características como constituintes da pós-modernidade: o esmaecimento de algumas fronteiras ou separações fundamentais, notadamente o desgaste da distinção prévia entre a alta cultura e a chamada cultura de massa ou popular; o pastiche²³; o fim do individualismo²⁴; a nostalgia; a transformação da realidade em imagens; e a fragmentação do tempo numa série de presentes perpétuos que resulta no desaparecimento do sentimento da história e na perda da capacidade de reter o passado²⁵. Essas características são indícios de que, na pós-modernidade, o ser humano perdeu tudo, sua história, sua criatividade, sua cultura.

Harvey também associa a ideia de pós-modernidade às transformações pelas quais passou o capitalismo na última metade do século XX. Sua definição de pós-modernidade dá-se através do estabelecimento de um contraste entre modernidade e pós-modernidade, mas sem se preocupar em definir precisamente se a pós-modernidade é realmente uma nova fase ou se é apenas uma segunda fase da modernidade. Fazendo um apanhado geral do que se

²³ Ver nota número 12.

²⁴ Ver nota número 13.

²⁵ Ver nota número 14.

falou ao longo do século XX sobre pós-modernidade com um viés muito mais positivo e libertador, Harvey aponta as seguintes características de nossa época: o privilégio da heterogeneidade e da diferença como forças libertadoras na redefinição do discurso cultural; a fragmentação, a indeterminação e a intensa desconfiança de todos os discursos universais ou totalizantes; a redescoberta do pragmatismo na filosofia; a mudança de ideias sobre a filosofia da ciência; a ênfase na descontinuidade e na diferença na história e a primazia dada a correlações polimorfos em vez de casualidade simples ou complexa; novos desenvolvimentos na matemática, acentuando a indeterminação, como, por exemplo, a teoria da catástrofe, a teoria do caos e a geometria dos fractais; o ressurgimento da preocupação, na ética, na política e na antropologia, com a validade e a dignidade do ‘outro’.

Linda Hutcheon também aponta o sistema capitalista como gerador das diversas contradições encontradas nas obras pós-modernas, do mesmo modo que o fazem Lyotard, Jameson e Harvey ao analisar a sociedade contemporânea. Entretanto, a pesquisadora se concentra na definição de um romance pós-moderno e principia o projeto de definição de um movimento artístico pós-modernista.

Os elementos pós-modernos identificados nos romances analisados por ela em sua obra *Poética do pós-modernismo* (1991) não são suficientes para que o pós-modernismo se estabeleça como um novo paradigma, pois, para Hutcheon, ainda assim, o pós-modernismo não é um fenômeno cultural universal. Como já afirmamos, a tentativa de Hutcheon de estabelecer fenômenos culturais universais no intuito de conceituar uma escola Pós-modernista não se faz necessária na pós-modernidade. O novo “paradigma” que Hutcheon buscava é, na verdade um não-paradigma, é o “paradigma” da convivência das multiplicidades e o da negação das dicotomias reducionistas. Como Hutcheon ressalta, o fim da noção de consenso. Desse modo, não devemos procurar um modelo pós-modernista, mas devemos apreciar a pós-modernidade como a era em que não há mais paradigmas, uma era em que a arte vai aproveitar as simultaneidades culturais, apontar suas contradições recusando-se a resolvê-las e agindo sempre de dentro das convenções a fim de subvertê-las.

Temos então um romance pós-modernista que expressa as pluralidades pós-modernas caracterizando a arte da pós-modernidade. As obras literárias selecionadas para esta pesquisa são exemplos dessa pluralidade, como veremos a seguir, são romances que contém diversos dos elementos da pós-modernidade apontados pelos pensadores acima.

Todavia, ao falar de romance e da tentativa de Hutcheon de definir o romance pós-moderno, não podemos deixar de ressaltar a importância da problematização do romance, fenômeno que vem acontecendo desde o final do século XIX.

Apesar da discussão sobre o gênero romance só ter sido iniciada no século XVIII, e do romance em si ser uma forma de expressão bastante recente na história da humanidade visto que surgiu concomitantemente ao início da modernidade, desde 1880, a morte do romance vem sendo anunciada insistentemente: no início do século XX, com o lançamento do Ford T; em seguida, com o advento do cinema; logo depois, com o surgimento da televisão; mais adiante, com o computador e a internet. E mesmo diante de tantos anúncios fúnebres, autores como Yeats, Thomas Mann, Hemingway, García Marquez, José Saramago, para citar apenas um da época de cada anúncio, continuaram escrevendo. Esse fato leva o escritor brasileiro Rubem Fonseca a observar que a ficção nunca acabou, mas existe a possibilidade dos leitores estarem sendo extintos gradativamente.

Uma pesquisa recente sobre hábitos de leitura no meio universitário chegou a conclusões espantosas: trinta e seis por cento dos pesquisados nunca, repito, nunca haviam lido sequer um livro de ficção. Uma minoria lia um ou dois livros de ficção durante o ano. Um número grande lera apenas um livro a vida inteira. Estamos falando de universitários. (FONSECA, 2007, p. 9)

Milan Kundera reforça a opinião de Rubem Fonseca quando diz que o desaparecimento do romance não tem relação com o fim de suas forças, mas sim com o fato de que se encontra em um mundo que não é mais o seu. (KUNDERA, 2009, p. 23) Diz também que o romance tem a função de proteger a humanidade contra o esquecimento do ser, portanto, sua existência, em meio ao reducionismo em que o mundo se encontra, é essencial. E ainda menciona o problema da dominação do romance pela mídia:

O romance (como toda cultura) se encontra cada vez mais nas mãos da mídia; essa sendo agente de unificação da história mundial, amplifica e canaliza o processo de redução; distribui no mundo inteiro as mesmas simplificações e clichês suscetíveis de serem aceitos pelo maior número, por todos, pela humanidade inteira. E pouco importa que os diferentes interesses políticos se manifestem em seus diferentes órgãos. Por trás dessa aparente diferença reina um espírito comum. (KUNDERA, 2009, p. 23-24)

Problematizar o romance revela-se, portanto, atitude bastante saudável em relação ao ato de anunciar sua morte, pois é fato que ele continua a ser produzido e teorizado, como prova a própria tentativa de Hutcheon de definir o romance pós-moderno em sua obra, relativamente recente, de 1987, bem como a obra de Kundera citada acima sobre a arte do romance, de 1986.

Outro aspecto que não pode ser excluído desta pesquisa diz respeito à narrativa, visto que se trata da análise de romances, da tentativa de definição do romance pós-moderno e da problematização do romance enquanto gênero ainda existente, parte ou não do cotidiano dos seres humanos. Sobre ela, o professor e pesquisador Goiamérico Felício Carneiro dos Santos diz:

Nascemos rodeados pelas narrativas. Tudo aquilo que podemos sentir no mundo, tudo aquilo que podemos compreender do mundo, em tudo que somos impelidos a empreender no e pelo mundo se dá a partir das narrativas que herdamos e também pelos relatos daquilo que fazemos. Toda tarefa humana, desde os atos mais ínfimos e impensáveis, até os mais ousados, grandiosos – e por isso mesmo imperdoáveis – carece de narrativas. Temos uma imperiosa necessidade de relatar, contar ao mundo, acerca de nossos medos, impasses e sonhos. (SANTOS, 2006, s.p.)²⁶

O teórico que desenvolveu uma teoria da narrativa é o búlgaro Tzvetan Todorov, em *As Estruturas Narrativas* (2004). Ele é considerado o elo entre o formalismo russo e o estruturalismo francês pelo fato de ter sido o tradutor das obras dos formalistas para a língua francesa. Ao contrário de formalistas como Roman Jakobson, Todorov não se concentra na poesia, mas sim na narrativa, pretendendo elaborar uma gramática da narrativa no intuito de classificar as estruturas narrativas e abordando problemas concernentes à literatura, tais como as dicotomias realidade e literatura, semelhança e diferença, poética e crítica e linguagem e literatura.

O primeiro problema encontrado na tentativa de elaboração de uma gramática da narrativa diz respeito à definição do gênero, que acreditamos ser passível de definição apenas em relação a aspectos bastante gerais da literatura, como reza a definição clássica de gêneros literários em épico, lírico e dramático, cujas bases são encontradas já na *Poética* de Aristóteles com a definição de poesia em epopeia, tragédia e comédia²⁷.

De acordo com a proposta aristotélica, o romance faria parte do gênero épico, como demonstra Lukács, citado acima. Os desdobramentos classificatórios da narrativa em romance, novela, conto, crônica, etc., são tentativas válidas mas, de modo algum, definitivas. Bakhtin, também já mencionado acima, acredita que o romance é um gênero em permanente construção. Além disso, o teórico russo possui uma visão bastante interessante sobre os gêneros do discurso, teoria que abrange também a literatura.

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório dos gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2003, p. 262)

Desse modo, a flutuação dos gêneros impediria a definição de uma gramática da narrativa, o que nos leva a considerar inválida a proposta de Todorov. Entretanto, consideramos não só válida, mas também essencial para a organização e a tentativa de compreensão do pensamento humano e de suas formas de expressão, a tentativa de se delimitar o gênero de uma obra de arte desde que se saiba que a delimitação de tal gênero é temporária e relativa, podendo ser modificada sincrônica ou diacronicamente.

²⁶ SANTOS, G. F. C. *Madame Bovary: a paixão, o consumo*. Cerrados (UnB), v. 01, p. 79-90, 2006.

²⁷ Ver ARISTÓTELES, *Poética*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

O segundo problema diz respeito ao fato de que Todorov propõe, na tentativa de elaborar sua gramática, que a narrativa seja desmembrada em partes tais que se aproximariam da função gramatical de cada palavra, ou seja, cada ação distinta da história narrada corresponderia a uma oração e cada oração teria uma função morfológica e uma função sintática, sendo equiparada a uma palavra. Ora, uma oração não é um conjunto de palavras? Essas palavras não se relacionam sintaticamente, pois cada uma pertence a uma classe morfológica distinta, e justamente por isso formam as frases e orações? Qual o sentido de se construir uma oração que construirá parágrafos, diálogos, capítulos e romances (ou contos, etc.) partindo do micro para o macro e depois, para analisar a narrativa resultante, desconstruí-la, reduzindo a narrativa a episódios, que se reduziriam a orações e que, por sua vez, se reduziriam a categorias morfológicas?

Existem, por conseguinte, dois tipos de episódios numa narrativa: os que descrevem um estado (de equilíbrio ou de desequilíbrio) e os que descrevem a passagem de um estado a outro. [...] Essa definição dos dois tipos de episódios (e portanto de orações que os designam) nos permite aproximá-los de duas partes do discurso, o adjetivo e o verbo. [...] Os “adjetivos” narrativos serão pois aqueles predicados que descrevem estados de equilíbrio ou de desequilíbrio, os “verbos”, aqueles que descrevem a passagem de um a outro. (TODOROV, 2004, p. 138-139)

Todorov tenta aplicar seus teoremas gramaticais, e dizemos teoremas pois algumas vezes suas demonstrações aproximam-se até mais da matemática do que da gramática²⁸, aos episódios do *Decamerão*, de Boccaccio, em um dos capítulos de sua obra *As estruturas narrativas* (TODOROV, 2004). Contudo, propõe várias questões e não consegue se aprofundar, mas insiste em afirmar a proximidade entre as categorias da língua e as categorias da narrativa e que estas devem ser exploradas. Após todas as suas perguntas, chega a cogitar a existência de três subdivisões da análise da narrativa: “estudo da sintaxe narrativa, estudo temático e estudo retórico.” (TODOROV, 2004, p. 87), sem delimitar conceitualmente tais subdivisões, revelando que o que tenta estabelecer como gramática da narrativa através da análise estrutural é, na verdade, um conjunto de especulações.

É claro que seus estudos contribuíram imensamente para o estudo das narrativas, consequentemente, para o estudo do romance. Existem trechos relevantes de sua obra, como a

²⁸ Para a análise da obra de Boccaccio, Todorov propõe a seguinte fórmula: “O sinal \rightarrow significará a relação de implicação existente entre duas ações. X viola uma lei \rightarrow Y deve punir X \rightarrow X tenta evitá-lo \rightarrow [Y viola uma lei] + Y acredita que X não viola a lei \rightarrow Y não pune X.” (TODOROV, 2004, p. 85) Um outro esquema que vale a pena ser mencionado, pois demonstra ainda melhor a matemática esquemática da análise estrutural da narrativa, diz respeito à proposta de Chklovski e Eichenbaum para a tipologia das formas narrativas simples, em que os teóricos tentam descobrir sua relação estrutural, elaborando um modelo que Todorov considera digno de ser usado para empreender os limites de uma única literatura nacional (ver página 44): “As observações de Chklovski sobre as diferentes maneiras de construir a trama de uma novela levam a distinguir duas formas que, de fato, coexistem na maior parte das narrativas: a construção em patamares e a construção em círculo. A construção em patamares é uma forma aberta (A1 + A2 + A3 + ... An), onde os termos enumerados apresentam sempre um traço comum; assim, as empresas análogas de três irmãos nos contos, ou a sucessão de aventuras de uma mesma personagem. A construção em círculo é uma forma fechada (A1R1A2) ... (A1R2A2), que repousa sobre uma oposição. Por exemplo: a narrativa começa por uma predição, que no fim se realiza, apesar dos esforços das personagens. Ou então: o pai aspira ao amor de sua filha, mas só o percebe no final da narrativa.” (TODOROV, 2004, p. 43) Consideramos válida a tentativa de compreensão de um texto através de formulações lógicas, sabemos que esquemas semelhantes impulsionam a escrita de *best sellers* comerciais e roteiros cinematográficos de grandes corporações, mas daí a estabelecer um modelo de onde seria originada e interpretada toda uma literatura nacional...

definição de narrativa a partir de um elemento perturbador que propõe na página 138: “Uma narrativa ideal começa por uma situação estável que uma força qualquer vem perturbar.” Ou a relação entre a narrativa e o canto das sereias de Ulisses, ao considerar a epopeia de Homero a narrativa primordial:

O canto das Sereias é, ao mesmo tempo, aquela poesia que deve desaparecer para que haja vida, e aquela realidade que deve morrer para que haja literatura. O canto das Sereias deve cessar para que um canto sobre as Sereias possa surgir. Se Ulisses não tivesse ouvido as Sereias, se tivesse perecido ao lado de seu rochedo, não teríamos conhecido seu canto: todos os que o tinham ouvido tinham morrido e não puderam retransmiti-lo. É Homero, o aedo cujo canto é tão belo que o confundimos com o das Sereias, pode contar-nos sua história como se fossem elas a fazê-lo. (TODOROV, 2004, p. 110-111)

Mas, teoricamente, esta pesquisa encontra mais afinidade com as definições da narrativa romântica citadas acima²⁹.

Tratamos apenas de alguns pontos problemáticos encontrados na tentativa de Todorov de estabelecer as regras da narrativa, pois uma análise estrutural não se encontra entre os objetivos desta pesquisa, e, portanto, não convém que nos atenhamos ao pensamento estruturalista. Sem a estrutura, ou seja, sem a forma não há expressão, daí sua importância, mas não concebemos a análise literária como algo estritamente vinculado a ela. A teoria literária abrange aspectos que vão muito além da estrutura, abrangendo a história, a filosofia, a sociologia, a antropologia, a política, a economia, enfim, tudo o que diz respeito ao ser humano.

Como esta pesquisa pretende encontrar relações entre os romances publicados após o atentado de 11 de setembro de 2001 que circundam a temática do terrorismo, apresentaremos, a seguir, algumas destas obras. Elas pertencem à, até agora, última década da pós-modernidade e por isso estão inseridas em um momento histórico em que o capitalismo neoliberal dita as regras gerais de nossa vida, trazendo consequências desastrosas advindas de suas radicalidades, como, por exemplo, a existência dos homens-bomba, fenômeno bastante complexo e merecedor de atenção na contemporaneidade.

Como já dito, foram lidos 22 romances e destes, 5 foram destacados. Na tentativa de melhor compreender as consequências mencionadas no parágrafo acima, exploraremos seus

²⁹ O próprio Todorov cita *A arte do romance*, de Henry James (2003), aqui já mencionada. O trecho citado refere-se ao problema de se estabelecer a arte da composição como ciência: “Há muita probabilidade de que ele [o romancista] tenha uma disposição de espírito tal que essa distinção bizarra e literal entre descrição e diálogo, descrição e ação, pareça-lhe desprovida de sentido e pouco esclarecedora. As pessoas falam frequentemente dessas coisas como se existisse uma distinção nítida entre elas, como se elas não se confundissem a todo instante, como se elas não se encontrassem intimamente ligadas num esforço geral de expressão. Não posso imaginar a composição de um livro encarnada numa série de blocos isolados; nem conceber, num romance digno de ser mencionado, uma passagem de descrição que seja desprovida de intenção narrativa, uma passagem de diálogo que seja sem intenção descritiva; uma reflexão qualquer que não participe da ação, ou uma ação cujo interesse tenha outra razão além daquela, geral e única, que explica o êxito de toda obra de arte: a de poder servir de ilustração. O romance é um ser vivo, uno e contínuo, como qualquer outro organismo, e notar-se-á, creio eu, que ele vive precisamente à medida que em cada uma de suas partes aparece qualquer coisa de todas as outras. O crítico que, a partir da textura fechada de uma obra terminada, pretender traçar a geografia de suas unidades, será levado a colocar fronteiras tão artificiais, temo eu, quanto todas aquelas que a história conheceu.” (TODOROV, 2004, p. 81-82)

enredos, seus personagens, seus aspectos temáticos, bem como relacionaremos os romances selecionados como representativos de um possível gênero às características do pós-modernismo, problematizando questões de linguagem, narrativa e o romance em si.

2.2.1 *Literatura pós-11 de setembro*

TERRORISTAS DO MILÊNIO (Inglaterra, 2003/Brasil, 2005)

O escritor Britânico James Graham Ballard, nascido em 1930 e morto em 2009, em Xangai (International Settlement) publicou *Terroristas do Milênio* aos 73 anos, após ter publicado 16 romances anteriores e depois do qual publicou mais um. Publicou também contos e ensaios e teve várias de suas obras adaptadas para o cinema. Seu romance em questão possui 326 páginas e é dividido em 35 pequenos capítulos cuja extensão média é de 8 páginas. Os capítulos são numerados e denominados de acordo com o episódio ali narrado. Os personagens principais são: David Markham (psicólogo pesquisador, protagonista), Laura (ex-mulher de David, assassinada em atentado terrorista no aeroporto de Heathrow), Sally (mulher de David, sobrevivente de acidente automobilístico, continua a utilizar suas muletas em momentos de crise e tensão mesmo tendo sido completamente curada), Richard Gould (médico pediatra afastado por práticas ilícitas, líder terrorista), Kay Churchill (professora de cinema, afastada de sua cadeira por práticas ilícitas, sociopata e terrorista, acata David como seu amante), Vera Blackburn (cientista, fabricante de bombas do MI5, funcionária do governo afastada por práticas ilícitas), Stephen Dexter (vigário residente da Marina Chelsea), Joan Chang (chinesa, namorada do vigário), Henry Kendall (companheiro de Laura), Angela (manifestante), professor Arnold (chefe de David), Major Tulloch (investigador) e Prashar (amigo de David).

Uma bomba explode no aeroporto de Heathrow e mata Laura, a ex-mulher do pesquisador David Markham. A partir deste episódio, incentivado por sua mulher Sally, David tenta revelar o mistério que envolve o atentado que ocasiona uma morte, aparentemente sem sentido. Entretanto, o protagonista é dotado de muitos questionamentos interiores sobre si mesmo, sobre seu trabalho, sobre sua amada, porém infiel esposa, sobre a vida e o seu lugar no mundo. O que deveria ser a investigação de um atentado terrorista passa a ser também uma busca de si, o que o leva a envolver-se profundamente em uma revolução de classe média, liderada por Kay Churchill e auxiliada por Vera Blackburn, Stephen Dexter e Joan Chang, até descobrir que a lógica que embasou o assassinato de sua ex-mulher é muito diferente do que havia imaginado, revelando-se a lógica do líder terrorista Richard Gould. Enquanto a classe-

média protesta contra taxas (de estacionamento, de condomínio, etc.) explodindo bombas em vídeo locadoras e cinemas, incendiando casas e carros de luxo e invadindo exposição de gatos de raça com a justificativa de que se cansou de ser o proletariado do capitalismo neo-liberal, a mulher de David tem um caso com o companheiro da ex-mulher de David, Henry Kendall. Richard Gould, mentor intelectual dos protestos realizados pela insatisfeita classe média, acaba por ser o mentor do ataque terrorista ocorrido em Heathrow conectando dois eventos aparentemente distintos. Tais eventos revelam o terrorismo como psicopatia social, fenômeno que cresce gradativamente desde a segunda guerra mundial e cujo ícone é o ataque às torres gêmeas. Nas palavras do personagem:

[...]. O protesto da classe média não passa de um sintoma. Faz parte de um movimento mais geral, uma corrente que passa pela vida de todos nós, embora a maior parte das pessoas não perceba isso. Há uma necessidade imperiosa de atos absurdos, quanto mais violentos, melhor. As pessoas sabem que sua vida não tem sentido, e não se dão conta de que não podem fazer nada a respeito. Ou quase nada. (BALLARD, 2005, p. 277)

O ATENTADO (França, 2005/Brasil, 2006)

O escritor argelino Yasmina Khadra, cujo nome verdadeiro é Mohammed Moulessehoul, nasceu em 1955, em Kenadsa, e deixou o exército argelino em 2001 indo em exílio e anonimato para a França. Publicou o romance *O atentado* aos 50 anos, após ter publicado 9 romances anteriores e depois do qual publicou mais 2. Seu romance em questão possui 253 páginas e é dividido em 16 pequenos capítulos sem título, apenas numerados, e mais um introdutório, sem numeração. Seus personagens são: Amin Jaafari (cirurgião israelense de origem palestina), Sihen (sua esposa, acusada de ser mulher-bomba protagonista de ataque a restaurante), Kim Yehuda (amiga e colega de trabalho de Amin), Hanane Sheddad (avó de Sihen), Naveed Ronnen (um alto funcionário da polícia), Moshé (capitão da polícia), Ezra Benhaïm (diretor do hospital onde Amin trabalha), Ilan Ros (funcionário do hospital), Benjamin (irmão mais velho de Kim), Yehuda (pai de Kim), dono de café, pai de Amin, avô de Amin, Leila (irmã de criação de Amin), Yasser (marido de Leila), Adel (filho de Yasser), Issam (neto de Yasser), filhos de Leila, motorista de taxi, xeque Marwan (o imã da mesquita), habitantes de Belém que cercam Amin, Abu Moukaoum chefe de guerra, fiéis, Abbas (tio e Sihen), Shin Beth (inimigo), mulher da limpeza, vidraceiro, carpinteiro, gerente de hotel, gerente de lanchonete, policiais, Jamil (primo de Amin), Khalil (irmão de Jamil, outro chefe de guerra), vizinho de Khalil, Abu Damar (menino de confiança de Khalil), sentinelas, um comandante, Omar (tio-avô de Amin), Wissam (neto de Omar), Rduan (pai de Amin), mãe de

Amin, Shlomi Hirsh (Zeev, o eremita), patriarca, Tia Najet (viúva do patriarca), Faten (mãe de Omar), soldados.

Amin, que sempre se recusou a tomar partido nos conflitos que opõem seu povo de origem, os palestinos, a seu povo de adoção, os israelenses, foi profissional e marido dedicado à Sihem, sua esposa. Morava em Tel Aviv, segunda mais rica cidade do oriente médio, e trabalhava como médico cirurgião em um dos grandes hospitais da cidade provendo uma vida confortável e tranquila para sua família. Quando um dia um kamikase se faz explodir dentro de um restaurante em Tel-Aviv, Amin é obrigado a reconhecer, no hospital onde trabalha, o corpo mutilado de Sihem, acusada de ser a mulher-bomba, protagonista do atentado suicida. Este fato modifica totalmente a vida e o destino de Amin.

Sentindo-se traído, pois não é capaz de explicar a opção de Sihem, de quem jamais suspeitara qualquer simpatia pelo terrorismo e muito menos seu envolvimento direto, o médico começará uma investigação que o conduzirá a inúmeras idas e vindas a Belém e a Janin, obrigando-o a enfrentar seu passado, saindo da neutralidade que sempre buscou e encontrando família e amigos antigos, bem como novos inimigos na guerra no oriente médio, à procura de sinais que não fora capaz de perceber. Amin tem o apoio de alguns amigos de Tel-Aviv como Kim e Naveed, mas sua busca intensa e desesperadora pela descoberta dos motivos que fizeram com que sua mulher se explodisse matando-se, matando e ferindo várias outras pessoas, o leva a percorrer caminhos tortuosos de violência e terror.

Entrega-se ao álcool e a todas as suas degradantes consequências, mas, obcecado pelas questões que o atormentam, encontra forças para seguir sua investigação. Sem achar respostas, afunda-se nos ódios e preconceitos, no fanatismo gerador de violência e destruição que envolve povos de mesma origem. Convive com jovens entregues a práticas terroristas e é vítima de agressões inúmeras vezes. Perde a sanidade, despojando-se dos valores tão duramente adquiridos e cultivados. Por fim, descobre que é na própria família, uma face até então insuspeitada, que está a brutal realidade do envolvimento de Sihem com a causa do martírio. Sua esposa usava sua casa e sua posição social como abrigo para as atividades clandestinas, levando-nos a refletir sobre a condição humana. Sua decepção é imensurável. O romance é finalizado com cena de atentado à mesquita de onde Sihem absorvia suas convicções. Amin é ferido e em meio a devaneios semelhantes aos que tem alguém prestes a morrer, lembra-se dos ensinamentos de seu pai:

[...] podem te tirar tudo; teus bens, teus mais belos anos, todas as tuas alegrias e todos os teus méritos, até tua última roupa – sempre restarão teus sonhos para reinventar o mundo que te confiscaram. (KHADRA, 2006, p. 253)

EXTREMAMENTE ALTO E INCRIVELMENTE PERTO (Estados Unidos, 2005/Brasil, 2006)

O escritor Americano Jonathan Safran Foer, nascido em 1977, em Washington, D.C., publica seu segundo romance aos 28 anos, tendo publicado o primeiro, consequência de sua tese defendida na Universidade de Princeton, já adaptado para o cinema, em 2002, aos 25 anos e o terceiro em 2010. Antes de iniciar sua carreira de romancista, ele editou o livro *A convergence of birds* (CORNELL, 2002), para o qual contribuiu com um conto *If the Aging Magician Should Begin to Believe*. Seu romance em questão possui 355 páginas divididas em 17 capítulos, dos quais, 4 chamam-se *Why I'm not where you are* (Porque não estou onde você está) e outros 4 chamam-se *My feelings* (Meus sentimentos). Seu personagem principal é Oskar Schell, um menino de 9 anos (ele tinha 9 anos em 11/09/2001, mas a narrativa se estende até 2003), cujo cartão de visitas diz:

“INVENTOR, JEWELRY DESIGNER, JEWELRY FABRICATOR, AMATEUR ENTOMOLOGIST, FRANCOPHILE, VEGAN, ORIGAMIST, PACIFIST, PERCUSSIONIST, AMATEUR ASTRONOMER, COMPUTER CONSULTANT, AMATEUR ARCHEOLOGIST, COLLECTOR OF: rare coins, butterflies that died natural deaths, miniature cacti, Beatles memorabilia, semiprecious stones, and other things

E-MAIL: OSKAR_SHELL@HOTMAIL.COM

HOME PHONE: PRIVATE / CELL PHONE: PRIVATE

FAX MACHINE: I DON'T HAVE A FAX MACHINE YET” (FOER, 2005, p. 99)³⁰

Este romance de Foer lida com a mudança de percepção do mundo pós-11 de setembro, principalmente de uma família nova-iorquina. A história começa mais de um ano após o evento. Thomas Schell, pai, filho e marido foi uma das vítimas do ataque. Seu filho, Oskar Schell, é o narrador. Cartas do avô de Oskar para Thomas, seu pai, bem como cartas da avó de Oskar para o próprio interrompem e compõem a narrativa.

Oskar é um menino muito inteligente e criativo, inventor, fala Francês, corresponde-se com Stephen Hawking, toca tamborim, é fã dos Beatles, é ateu e pacifista. É uma criança precoce representativa da perda da inocência, ou pelo menos do fato de que as crianças atuais sabem muito desde muito cedo. Seu conhecimento abrange aspectos físicos e históricos do mundo e da humanidade. Entretanto, é um menino confuso e de emoções contidas assim como os outros de sua faixa etária. Ele mora com sua mãe e sua avó mora em um apartamento do outro lado da rua, de onde eles se veem e se comunicam via *walkie-talkie*. Perdeu o pai na queda das torres, a quem era muito ligado, pois faziam várias coisas juntas, talvez a mais

³⁰ “INVENTOR, DESENHISTA DE JÓIAS, FABRICANTE DE JÓIAS, ENTOMOLOGISTA AMADOR, FRANCÓFILO, VEGAN, ORIGAMISTA, PACIFISTA, PERCUSSIONISTA, ASTRÔNOMO AMADOR, CONSULTOR DE INFORMÁTICA, ARQUEÓLOGO AMADOR, COLECCIONADOR DE: moedas raras, borboletas que morreram por razões naturais, cactos em miniatura, memorabilia dos Beatles, pedras semipreciosas e outras coisas. / E-MAIL: OSKAR_SHELL@HOTMAIL.COM / FONE RESIDENCIAL: PRIVADO / CELULAR: PRIVADO / FAX: AINDA NÃO TENHO UMA MÁQUINA DE FAX” (FOER, 2006, p. 113)

curiosa seja procurar erros de revisão no *New York Times*, jornal americano de grande circulação. Ron, o novo amigo de sua mãe, com quem ela ri e joga jogos de tabuleiro, o incomoda bastante, pois representa insistentemente a perda de seu pai. Quando ele se sente deprimido, diz que suas botas estão pesadas. Após o ataque às torres, ele passou a usar botas pesadas constantemente, pois carregou consigo algo que não teve coragem de compartilhar com mais ninguém. No dia 11 de setembro de 2001, foi mandado de volta para casa mais cedo do que de costume, como todos os outros estudantes de Nova York, e chegou a casa antes de sua mãe e de seu pai. Deu-se conta de que havia cinco mensagens na secretária eletrônica e eram de seu pai que ligava do World Trade Center, ou seja, ele acompanhou a morte de seu pai à distância, mas não teve coragem de mostrar as mensagens a ninguém, pois proteger sua família, a seu modo de ver as coisas, era uma de suas razões de ser, ou como ele diria, *raisons d'être*.

A lot of the time I think about those four and a half minutes between when I came home and when Dad called. Stan touched my face, which he never did. I took the elevator for the last time. I opened the apartment door, put down my bag, and took off my shoes, like everything was wonderful, because I didn't know that in reality everything was actually horrible, because how could I? I petted Buckminster to show him I loved him. I went to the phone to check the messages, and listened to them one after another.

Message one: 8:52 A.M.

Message two: 9:12 A.M.

Message three: 9:31 A.M.

Message four: 9:46 A.M.

Message five: 10:04 A.M.

I thought about calling Mom. I thought about grabbing my walkie-talkie and paging Grandma. I went back to the first message and listened to them all again. I looked at my watch. It was 10:26:41. I thought about running away and never talking to anyone again. I thought about hiding under my bed. I thought about rushing downtown to see if I could somehow rescue him myself. And then the phone rang. I looked at my watch. It was 10:26:47.

I knew I could never let Mom hear the messages, because protecting her is one of my most important *raisons d'être*, so what I did was I took Dad's emergency money from on top of his dresser, and I went to the Radio Shack of Amsterdam. It was on a TV there that I saw that the first building had fallen. I bought the exact same phone and ran home and recorded our greeting from the first phone onto it. I wrapped up the old phone in the scarf that Grandma was never able to finish because of my privacy, and I put that in a grocery bag, and I put that in a box, and I put that in another box, and I put that in a bunch of stuff in my closet, like my jewelry workbench and albums of foreign currencies.

That night when I decided that finding the lock was my ultimate *raison d'être* – the *raison* that was the master over all other *raisons* – I really needed to hear him.

I was extremely careful not to make any noise as I took the phone out of all of its protections. Even though the volume was way down, so Dad's voice wouldn't wake Mom, he still filled the room, like how a light fills a room even when it's a dim.

Message two. 9:12 A.M. It's me again. Are you there? Hello? Sorry IF. It's getting a bit. Smoky. I was hoping you would. Be. Home. I don't know IF you've heard about what's happened. But. I. Just wanted you to know that I'm OK. Everything. Is. Fine. When you get this, give Grandma a call. Let her know that I'm Ok. I'll call again in a few minutes. Hopefully the firemen Will be. Up here by then. I'll call.

I wrapped the phone back up in the unfinished scarf, and put that back in the bag, and put that back in the box, and that in the other box, and all of that in the closet under lots of junk.

I stared at the fake stars forever.

I invented.

I gave myself a bruise.

I invented.

I got out of bed, went over to the window, and picked up the walkie-talkie. “Grandma? Grandma, do you read me? Grandma, Grandma?” “Oskar?” “I’m OK. Over.” “It’s late. What’s happened? Over.” “Did I wake you up? Over.” “No. Over.” “What were you doing? Over.” “I was talking to the renter. Over.” “He’s still awake? Over.” Mom told me not to ask questions about the renter, but a lot of the time I couldn’t help it. “Yeah,” Grandma said, “but he just left. He had to run some errands. Over.” “But it’s 4:12 A.M.? Over.” (FOER, 2006, p. 68-69)³¹

Este “renter”, mais tarde, seria revelado seu avô que retornara da Alemanha. Mesmo sem saber sobre a verdadeira identidade do misterioso *renter*, Oskar o elege como a primeira pessoa a quem conta sobre as mensagens que seu pai deixara antes do desabamento das torres, o que mostra, além de conexão inconsciente, a força de um menino de nove anos que convive com essa angústia por meses para proteger sua mãe e sua avó de um sofrimento ainda maior, sendo que ele deveria ser o protegido, até conseguir compartilhá-la com alguém, ainda que, para ele, um desconhecido.

³¹ “Uma infinidade de tempo depois, saí da cama e fui para o armário onde guardava o telefone. Não o havia retirado dali desde o pior dos dias. Era simplesmente impossível.

Passo muito tempo pensando naqueles quatro minutos e meio entre eu chegar em casa e o Pai ligar. Stan passou a mão no meu rosto, coisa que ele nunca tinha feito. Peguei o elevador pela última vez. Abri a porta do apartamento, larguei minha mochila e tirei os sapatos como se tudo estivesse uma maravilha, porque não sabia que na verdade tudo estava horrível, e como poderia saber? Fiz carinho no Buckminster para mostrar que amava ele. Fui ao telefone checar as mensagens e escutei uma depois da outra.

Mensagem um: 8h52 da manhã.

Mensagem dois: 9h12 da manhã.

Mensagem três: 9h31 da manhã.

Mensagem quatro: 9h46 da manhã.

Mensagem cinco: 10:04 da manhã.

Pensei em ligar pra Mãe. Pensei em pegar meu walkie-talkie e entrar em contato com a Vó. Voltei para a primeira mensagem e escutei todas elas de novo. Olhei para o meu relógio. Eram 10h22:21. Pensei em fugir e nunca mais falar com ninguém. Pensei em me esconder debaixo da cama. Pensei em correr até o centro da cidade para ver se havia um jeito de eu mesmo resgatá-lo. E aí o telefone tocou. Olhei para o meu relógio. Eram 10h22:27.

Eu sabia que jamais poderia deixar a Mãe ouvir as mensagens porque protegê-la é uma das minhas mais importantes *raisons d’être*, portanto o que fiz foi pegar o dinheiro de emergência do Pai em cima de sua cômoda e ir até a Radio Shack da Amsterdam Avenue. Foi em uma TV de lá que vi que o primeiro prédio havia desmoronado. Comprei um telefone exatamente igual, corri para casa e gravei nele a saudação do nosso telefone anterior. Enrolei o telefone velho no cachecol que a Vó nunca conseguiu terminar por causa do meu segredo, botei ele dentro de uma sacola de compras, depois a sacola em uma caixa, depois a caixa em outra caixa e depois essa caixa debaixo de um monte de coisas no meu armário, como minha prancha de trabalho de joalheria e álbuns de moedas estrangeiras.

Na noite em que decidi que encontrar a fechadura era a maior de minhas *raisons d’être* - a *raison* que comandava todas as outras *raisons* -, tive uma vontade imensa de escutá-lo.

Fui extremamente cuidadoso para não fazer nenhum ruído enquanto retirava o telefone de todas as suas proteções. Mesmo com o volume bem baixo para que a voz do Pai não acordasse a Mãe, ele preenchia o quarto como uma luz preenche o quarto mesmo na penumbra.

Mensagem dois: 9h12 da manhã. Sou eu de novo. Você está aí? Alô? Desculpe se. Está ficando um pouco. Enfumaçado. Esperava que houvesse alguém. Em. Casa. Não sei se estão sabendo o que aconteceu. Mas. Eu. Só queria que soubessem que estou OK. Tudo. Está. Bem. Quando ouvirem esta mensagem, liguem pra Vó. Digam para ela que está tudo bem. Ligo de novo em alguns minutos. Se tudo der certo os bombeiros estarão. Aqui em cima até lá. Eu ligo.

Enrolei de novo o telefone no cachecol inacabado, depois coloquei o cachecol de volta na sacola, e a sacola na caixa, e a caixa na outra caixa e tudo isso no armário, debaixo de um monte de tranqueiras.

Fiquei olhando para as estrelas de mentirinha por uma infinidade de tempo.

Inventei.

Fiz um roxo em mim mesmo.

Inventei.

Saí da cama, fui até a janela e peguei o walkie-talkie. ‘Vó? Vó, está me ouvindo? Vó? Vó?’ ‘Oskar?’ ‘Estou bem. Câmbio.’ ‘É tarde. O que aconteceu? Câmbio.’ ‘Acordei você? Câmbio.’ ‘Não. Câmbio.’ ‘O que você estava fazendo? Câmbio.’ ‘Estava conversando com o inquilino. Câmbio.’ ‘Ele ainda está acordado? Câmbio.’ A Mãe me disse para não fazer perguntas sobre o inquilino, mas muitas vezes eu não conseguia evitar. ‘Sim’, disse a Vó, ‘mas ele acabou de ir embora. Tinha umas pendências para resolver. Câmbio.’ ‘Mas são 4h12 da manhã. Câmbio.’” (FOER, 2006, p. 80-81)

Após o dia fatídico, passou a frequentar o closet de seu pai, pois estar perto de suas coisas fazia “suas botas ficarem mais leves”. Um dia encontrou um vaso na prateleira mais alta do local; dentro do vaso havia um envelope, endereçado à Black, que continha uma chave. Oskar conclui que desvendar o mistério por trás do envelope com a chave o ajudaria a compreender melhor seu pai e parte em uma longa e dificultosa busca pela origem da chave através dos cinco bairros nova-iorquinos, todo fim de semana, começando pelo último nome com sobrenome Black da lista telefônica. Todas as pessoas que ele consegue visitar parecem estar lidando com algum tipo de perda em suas vidas. Ele encontra um Mr. Black em seu próprio prédio, um repórter de 103 anos de idade que não sai de casa ou se comunica desde a morte de sua esposa. Este homem é tão envolvido pelo desejo de Oskar de encontrar a verdade, que resolve acompanhá-lo pela cidade em sua busca.

As cartas de seu avô para seu pai contam a história da família elucidando Oskar a respeito de sua própria vida e conectando os desastres vividos pela família em diferentes épocas. O avô de Oscar foi adolescente em Dresden, na Alemanha, durante a segunda guerra mundial. Apaixonou-se pela jovem Anna e perdeu-a, assim como a toda sua família e sua habilidade de falar, após o bombardeio americano em Dresden. Tatuou as palavras “sim” e “não” em suas mãos para que pudesse responder ocasionais perguntas. Para demais comunicações, escreve. A avó de Oskar, irmã da amada Anna, foi o único membro da família sobrevivente. Soube que deveria se casar com Thomas assim que o encontrou em Nova York para manter o elo com o passado, mas sabia igualmente que seria para Thomas apenas uma substituta de Anna. A vida conjugal foi cheia de regras que governavam seus comportamentos e a interação entre os dois. Foi a maneira que encontraram de sobreviver às perdas que sofreram no passado. Quando a avó de Oskar ficou grávida de Thomas, o avô a deixou e voltou para a Alemanha, por isso, nunca conheceu seu filho, o pai de Oskar. As cartas da avó de Oskar são comoventes. Sua vida foi marcada por perdas contínuas. Perdeu sua família em Dresden, seu marido quando estava grávida e seu filho em 11 de setembro. O abandono intencional de Thomas por seu pai explica a forte ligação de Thomas com Oskar e, conseqüentemente, a imensa solidão que Oskar sente após o abandono não intencional que este sofre por Thomas.

O Romance de Foer é repleto de imagens. Os capítulos que contêm as cartas do avô mostram frases escritas que ele usa para se comunicar, bem como páginas em branco ou incompreensivelmente sobrepostas, ou ainda páginas repletas de números que ele usa para tentar se comunicar em linguagem telefônica. Além das imagens destes capítulos, há muitas fotos e desenhos sobre coisas que Oskar junta em sua tentativa de compreender o mundo.

Entre estas imagens, há a imagem de um corpo caindo das torres, corpo que Oskar imagina ser de seu pai. Uma sequência de imagens deste corpo caindo encerra o romance. As imagens, todavia, são mostradas de ponta-cabeça, de modo que se tem a impressão de que o corpo está subindo em direção aos céus. São quinze páginas representativas do desespero humano no ataque terrorista que marcou a primeira década do século XXI.

O PARAÍSO É BEM BACANA (Brasil, 2006)

O escritor brasileiro André Sant'Anna, nascido em 1964, em Belo Horizonte, publica *O Paraíso é bem bacana* aos 42 anos, após ter publicado 4 romances anteriores e depois do qual publicou mais um. Seu romance em questão possui 451 páginas e não é dividido em capítulos, mas em partes separadas por três asteriscos que indicam a mudança de narrador.

Mané, personagem principal, jogador de futebol nascido em Ubatuba, afrodescendente, pertencente à classe social muito desfavorecida, desprovido de conhecimentos intelectuais, virgem, praticante assíduo do onanismo e jogador de futebol pelo Santos Futebol Clube, delira em um quarto de hospital, mutilado por uma bomba presa à própria cintura que detonou, pouco antes do início de um jogo no Estádio Olímpico de Berlim. Mané, que havia saído de Ubatuba para jogar na Alemanha, se converte ao islamismo e decide ser mártir com a esperança de que assim, vai conseguir as prometidas 72 virgens no paraíso. Em meio a seus delírios, que duram páginas e páginas, ele fala, principalmente sobre sexo, produz excrementos inundando o quarto com seu terrível odor, para o desconforto de seus colegas de quarto, dois outros pacientes: Tomé, músico brasileiro que, vivendo ilegalmente na Alemanha, recupera-se de overdose de heroína; e Mubarak, um terrorista amador fisicamente semelhante a Bin Laden, suspeito de ter fornecido a bomba para Mané.

E vai continuar. É setenta e duas. Cada hora, uma vem ficar comigo. E depois vem duas e depois vem dez e depois vem as setenta e duas tudo e por isso que continua, porque eu tô querendo e sempre que eu tiver querendo, vai continuar acontecer tudo que eu tô querendo e eu não quero ficar sozinho, quero ficar junto com elas que me ama, que é mãe também, que faz o tempo nunca acabar e o tempo é sempre bom sem ser depressa, nem devagar, só tempo que não é tempo porque não passa nunca e é que nem como não ter tempo, o tempo, assim, que passa. Assim que nem a Martinha, que já passou uns quatro ano que eu não vejo ela e ela continua com a mesma cara de quando ela tinha treze ano, que eu gostava dela, [...] e a Martinha fica assim que nem se fosse uma filhote mamando no meu pinguelo, nessa sombra e umas uvas que nem naquele filme do Nero, que nem naquele filme que tinha na televisão do Jeipom que passava sempre. (Sant'Anna, 2006, p.50)

O protagonista Mané, patologicamente tímido, pouco instruído, incapaz de apreender a complexidade do mundo a sua volta, é praticamente um selvagem. Ele se deixa arrastar pela

André Sant'Anna é capaz de abordar o tema do terrorismo aliado à condição social brasileira em que ainda estão presentes aberrações como o racismo, a homofobia a extrema pobreza e o esporte como único meio de ascensão social.

WINDOWS ON THE WORLD (França, 2003/Brasil, 2005)

Vocês conhecem o final: morre todo mundo. [...] Daqui a um instante, no Windows on the World, uma roliça porto-riquenha vai começar a gritar. Um executivo de terno e gravata ficará boquiaberto. “Oh my God!” Dois colegas de escritório emudecerão de assombro. Um ruivo irá vociferar um “Holy shit!” A garçonete continuará a servir seu chá até a xícara transbordar. Há segundos que duram mais tempo que outros. Como se tivéssemos acabado de apertar a tecla “Pause” de um aparelho de DVD. Daqui a um instante, o tempo se tornará elástico. Todas essas pessoas finalmente irão se conhecer. Daqui a um instante, serão todos cavaleiros do apocalipse, todos unidos no Fim do Mundo. [...] O inferno dura uma hora e quarenta e cinco minutos. Este livro também. (p.11-12 e 16)

O autor francês Frédéric Beigbeder, nascido em 1965, em Neuilly-sur-Seine, publicou *Windows on the World* aos 38 anos, após ter publicado 4 romances anteriores e depois do qual publicou mais 3. Publicou também contos, ensaios e quadrinhos. Seu romance em questão possui 346 páginas e é dividido em 120 micro capítulos cuja extensão varia de meia a 3 páginas. Cada micro capítulo, que recebe nome numérico, representa um minuto do recorte de duas horas feito pelo autor que abrange minutos antes, durante e depois da inserção dos aviões nas torres gêmeas do World Trade Center.

Os capítulos iniciam-se no minuto 8:30 e encerram-se no minuto 10:29. Os minutos são alternados entre duas vozes: a segunda (minutos ímpares), de Carthew Yorston, um corretor de imóveis texano acompanhado de seus dois filhos (7 e 9 anos de idade) que estão no antigo restaurante Windows on the World situado no 107º andar do que foi o World Trade Center; a primeira voz (minutos pares) é a do escritor desenvolvendo a história enquanto toma café da manhã em um restaurante situado no 56º andar da Torre Montparnasse, um arranha-céu parisiense, na manhã de 11 de setembro de 2001. Este romance vem sendo adaptado para o cinema em animação pelo diretor franco-inglês Max Pugh.

Dentre outros personagens podemos citar Jerry de 9 anos e David de 7 anos (filhos de Carthew), Candace (namorada de Carthew), loira em Ralph Lauren e moreno em Kenneth Cole³² (dois funcionários da corretora Cantor Fitzgerald³³, amantes tomando café da manhã no Windows on the World), Lourdes (garçonete do Windows on the World), Anthony (segurança do World Trade Center), Jeffrey (ruivo bissexual histórico).

³² Todo o romance é repleto de citações de grandes grifes internacionais, bem como de artistas do mundo inteiro e suas respectivas obras, além de empresas multinacionais e políticos também do mundo inteiro.

³³ Empresa prestadora de serviços financeiros globais cuja sede era situada nos 101º a 105º andares do One World Trade Center, 2 a 6 andares acima do andar em que um dos aviões entrou. Morreram 658 de seus 960 funcionários.

Beigbeder escolhe como epígrafes para seu romance uma mescla de citações provenientes de fontes um tanto variadas: Walt Whitman³⁴ com *Folhas da relva*, Kurt Cobain, com *Diaries*, Tom Wolfe que diz “Acho que um romancista que não escreve romances realistas não compreende nada do que está em jogo na época em que vivemos.” e Marilyn Manson que diz “A função do artista é mergulhar no coração do inferno.”

Sendo o *Windows on the World* um restaurante situado no topo do ex-World Trade Center e o local escolhido pelo personagem Carthew Yorston para tomar café da manhã com os filhos iniciando passeio turístico típico de pai divorciado, é lá o ambiente escolhido pelo escritor para detalhar a narrativa fictícia sobre pessoas que viveram cada minuto desde a investida do primeiro avião na torre norte até a sua queda (a torre norte foi a primeira a ser atingida e a última a desabar). Para que possa imaginar algo que segundo o próprio escritor é um fato que existiu, mas que é impossível de ser contado, aquele, que também é um personagem do livro, escolhe um local similar, mas em Paris, um restaurante no topo da Torre Montparnasse, o *Ciel de Paris*.

Como já mencionado, no romance há duas narrativas correndo paralelamente: a história de quem estava no *Windows on the World* e a história da montagem do próprio romance pelo escritor-personagem. Em cada uma das sequências, o autor Frédéric Beigbeder aproveita para tecer análises sobre si, o mundo e o ser humano sob diversas perspectivas, tais como filosófica, política, histórica e cultural.

Diferentemente do romance, aqui, o resumo das duas histórias serão contados separadamente, começando pelos minutos ímpares.

8h31 Carthew Yorston, 43 anos, pai de dois meninos, Jerry e David, inicia o *tour* por Nova York com a subida ao *Windows on the World* para tomar café da manhã e apreciar a vista. Prefere ir cedo para evitar as filas. Após rigorosa fiscalização na entrada do edifício, entram no elevador, sobem e descem várias vezes para diversão dos garotos e chegam ao refinado ambiente do restaurante. Carthew menciona sentir-se culpado por ter largado a mãe dos meninos. Mas também conta que pouco tempo após seu divórcio conheceu sua namorada, a modelo Candace. Ele diz: “Os filhos só pensam em encher a barriga, os pais só em trepar. [...] Daqui a duas horas estarei morto, mas quem sabe já não esteja.” (p.14-15)

8h33 Após detalhada descrição do prédio em que se encontram, o texano conta ser descendente de signatários da declaração de Independência, o que torna nobre sua família, apesar de não servir para nada, segundo sua opinião, e de tampouco tê-la tornado famosa. Diz

³⁴ O poeta americano Walt Whitman é citado, tanto em epígrafes quanto ao longo de alguns romances pós-11 de setembro, tais como: *Dias Exemplares*, de Michael Cunningham (2006) e *Windows on the World*, de Frédéric Beigbeder (2005).

que gostaria de ter tido uma filha, pois imagina que assim veria “como é ter um filho calmo, que não esteja em competição permanente com o restante do universo” (p. 22). Sente incômodo provocado pela baixa temperatura e pelo ruído proveniente do refrigerador de ar. E conta que os meninos o perguntam “O que é um francês?” (p. 23), momento que aproveita para estabelecer relação entre França e Estados Unidos, cunhada pela ajuda dada por aquela no processo de independência deste. Diz que os meninos não prestam atenção apesar de adorarem *french fries* e *french toasts*, enquanto ele, por sua vez, prefere *french kisses* e *french rubbers*.

8h35 Ainda observando aspectos do prédio, do restaurante e da vista, Carthew chega a duas interessantes conclusões: a de que os filhos de sua geração são “educados” pelo canal de televisão Disney Channel³⁵ e a de que a vida nos Estados Unidos se assemelha a filmes, pois estes são rodados *in loco*: “Todos os americanos são atores, e suas casas, seus carros, seus desejos soam falsos. A verdade é inventada todas as manhãs nos Estados Unidos. Este país decidiu se parecer com uma ficção em celuloide.” (p. 32) Ao ter que repreender seus filhos por terem roubado um *donut* da mesa de um casal, loira em Ralph Lauren e moreno em Kenneth Cole, percebe que estes são amantes e que ela pede que ele largue sua esposa enquanto ele diz que o amor deles é belo porque é impossível.

8h37 Faz mais observações em relação aos meninos e à sua situação de pai ausente, que considera melhor que a de pai presente. Ao comentar sobre as férias, reconhece ser egoísta e inseguro quanto a suas boas qualidades de pai. Comenta sobre um brasileiro “não muito bom da bola” que é convidado a se retirar do restaurante exclusivo para não fumantes, pois acende um charuto.

8h39 Depois repara na diversidade cultural entre os clientes do Windows on the World, concluindo que o único ponto comum é a barriga, pois são todos obesos. Cita trecho do escritor alemão Franz Kafka encontrado em guia turístico ressaltando sua capacidade de descrever bem aquilo que nunca viu: “A ponte do Brooklin pendia como uma coisinha delgada acima do East River e tremia quando fechávamos os olhos. Parecia completamente vazia, a água inanimada indo esticar-se embaixo como uma fita lisa.” (p. 44), enquanto ele, que já vira tantas coisas por ali, não era capaz de descrevê-las. Percebe o quanto ama seus filhos, mas depois acha que a “lufada de ternura” que o invade é provavelmente um refluxo da vodka da noite anterior com Candace. Esta, por sua vez, o preocupa, pois quer se casar e ter filhos, erro que Carthew não quer cometer novamente. Repara mais uma vez no casal de

³⁵ Canal de televisão paga, que pertence à Disney-ABC Television Group, especializada em programação para crianças e adolescentes.

amantes, que em seu diálogo utiliza jargão próprio do mercado financeiro, e em seu beijo, mostram a língua “como num bom pornô californiano ou num anúncio de perfume” (p. 46).

8h41 Comenta sobre o ambiente e os filhos até que conclui ter de fazer uma vasectomia, momento em que passa a falar sobre o início de seu relacionamento com Candace, cujas etapas pularam juntos, inclusive a da fidelidade.

8h43 Descreve sua infância e adolescência comum de texano de família bem sucedida e ao mesmo tempo em que sente ter sido feliz, demonstra dúvida ao citar a transição para a fase adulta em que se muda para Nova York e começa sua carreira de corretor imobiliário. Agora é dono de sua própria corretora, após ganhar alguns milhões com especulação. Encerra com reprodução da briga entre os filhos por causa de uma máquina fotográfica e da qualidade das fotos tiradas por Jerry, não aprovada por David.

8h45 Este capítulo-minuto contém as primeiras sensações de Carthew, de seus filhos e do casal de corretores ao avistar o Boeing que vinha em direção ao prédio: tremedeira, ansiedade, susto, incompreensão: “Eis o que se pensa quando um Boeing vem em cima de você. Que é uma merda estar num filme desses.” (p. 68) Carthew diz que gostaria de dizer ao leitor que teve o reflexo de proteger os filhos, mas o que fez foi se esconder embaixo de uma mesa.

8h47 Descreve as consequências imediatas da entrada de um Boeing da American Airlines em um arranha-céu: a transformação deste em Torre de Pisa e o esquentar das orelhas e de todo o resto devido à bola de fogo que entra por quaisquer frestas. Neste momento, já estava com seus filhos e decide dar a explicação de que se trata de um mega evento chamado “Inferno na Torre” cujos efeitos especiais foram supervisionados pelo diretor de cinema hollywoodiano George Lucas.

8h49 Juntando-se ao grupo que tenta descer em busca de ajuda ou de escapar do caos, Carthew carrega Jerry e David enquanto reflete sobre como se inspira nos filhos. Conclui que não é um modelo a ser seguido por eles, mas, ao contrário, os usa como guias. Encontra tempo para se descrever fisicamente³⁶. Sem comunicação com o exterior, sem acesso aos elevadores e tentando convencer seus filhos de que aquilo era como um jogo de RPG³⁷ “Quem mostrar o menor sinal de fraqueza, perde o jogo, got it?” (p. 78), chegam ao 105º andar.

³⁶ Homem de 43 anos, bem apresentável, havia sido muito bonito no passado. Autodidata. Em suas palavras: “[...] agente imobiliário texano de andar um pouco esquisito, calvície nascente e cheio de pés de galinha no canto dos olhos (abuso de sol, yeah). Dentro de alguns anos, acabarei sendo um candidato ao ‘George W. Bush lookalike contest’, enfim, quero dizer, se sair dessa.” (p. 78-79)

³⁷ Role-playing Game, um jogo em que os participantes interpretam personagens em locações fictícias dentro de um sistema de regras.

8h51 Naquele andar conseguiram falar ao celular com Mary, a mãe de Jerry e David. Ela só soube do ocorrido quando Carthew pediu que ligasse a televisão. Carthew também pede a Mary que tente saber se o socorro estava a caminho. Mary fala com os filhos rapidamente e Carthew compara a situação deles à de um rebanho que está sendo levado ao matadouro. Diz que o escritor russo Soljenitsin já havia feito esta comparação, porém, entre cordeiros e deportados do gulag³⁸.

8h53 No 104º andar, Carthew improvisa mais um ato de seu espetáculo no papel de “pai coragem”, mas os meninos desconfiam. De qualquer modo, o comando agora era retornar. Consegue deixar um recado na secretária eletrônica de sua namorada Candace, dizendo que se sair dessa, vão se casar.

8h55 Este capítulo-minuto é destinado a alguns detalhes da cena em que se encontram Carthew, Jerry e David: céu azul, lágrimas, tochas humanas ou cadáveres em chamas, olhos arrancados e cobertos de bolhas, cheiro de carneiro grelhado, difícil respirar, ar insustentável, fumaça, borracha derretida, plástico queimado, carne calcinada, perfume de querosene, nuvem tóxica, gases pestilentos, cheiro de morte e papéis, milhares de papéis voadores. Compara a imagem dos papéis no ar à chuva de papel picado que compõe o cenário dos desfiles da Broadway e pergunta: “Mas o que estamos festejando hoje? Gênesis, XI, 4: ‘Vamos, disseram, construamos uma cidade e uma torre cujo topo atinja o céu; e tornemo-nos célebres’.” (p. 100)

8h57 O início deste capítulo-minuto revela o humor negro de Carthew: “Concerto para tosse, espirros, estertores e estrangulamentos.”, que completa dizendo achar intrigante nenhum músico de vanguarda ter tido essa ideia. Ele compara a situação a uma visita que fez em família ao vulcão da ilha francesa da Reunião e alterna o levantar de Jerry e David para que possam procurar algum ar fresco um nível mais altos. O chef e a recepcionista do restaurante expressam seu desespero por não poderem dar nenhuma instrução e estarem na mesma condição de todos, mas Lourdes, uma garçonete, se lembra de que estava lá em 1993 quando houve o ataque com bomba e que o resgate se deu pelo telhado com helicópteros. Carthew anima-se concluindo que deveriam subir as escadas para atingir o telhado e não descê-las. Atravessam o andar em busca de uma subida mais segura enquanto Carthew disca no celular repetidamente 911, o número de emergência nos Estados Unidos. Jerry pergunta porque o pai não para de digitar no telefone a data daquele dia: 9/11, “É uma coincidência.” (p. 108)

³⁸ Agência do governo soviético que administrava os campos de trabalho forçado durante a era Stalin.

8h59 Um homem ruivo chamado Jeffrey entra em desespero; Carthew deixa seus filhos com Lourdes enquanto vai acudi-lo com Anthony, o segurança que os está ajudando a encontrar o acesso para o telhado. Ele relembra Jerry e David de que aquilo se trata de uma encenação chamada “Tower Inferno”. Lourdes entra no jogo e conversa um pouco com os meninos. Comparam a sensação que tinham àquela do interior de uma sauna. David pergunta se acham que aquilo vai passar na televisão. Jerry diz que já devem estar transmitindo ao vivo, seu nariz sangra.

9h01 Após fazer mais uma comparação entre aquela situação e, desta vez, uma expedição ao pico do Himalaia sem assistência respiratória, Carthew faz autoanálise voltando para onde estão seus filhos. Pergunta-se sobre quando havia se tornado um patife, isso após ter tratado Lourdes como subalterna e ela tê-lo lembrado de que não era babá de seus filhos. Conclui que, mesmo tendo vergonha de seu pai quando pequeno, em algum momento de sua vida se vestiu e agiu como ele, mas que desistiu de seguir aquele caminho e preferiu seguir o do homem livre e sedutor como um cantor de rock’n roll. Dá-se conta mais uma vez de que, em vez de ser um modelo a ser seguido por seus filhos, ele é que os tem como guia. Instrui as crianças a prenderem a respiração o máximo possível para realizarem a travessia até a saída de emergência. “No 110° andar, Lourdes apontou para um cartaz: ‘IT’S HARD TO BE DOWN WHEN YOU’RE UP.’ No comment.” (p. 125) Chegam até a porta e esperam por Anthony, que traria a chave.

9h03 Lourdes recebe mensagem de serviço de informação automático que fala sobre o segundo avião. Todos concluem que não era acidente, mas um ataque terrorista. Carthew reflete sobre a quantidade de indivíduos que odeiam os Estados Unidos e que poderiam ser responsáveis por aquele ataque. Reflete também sobre como sempre evitou pensar nas guerras e desgraças mostradas nos telejornais e agora ele e seus filhos viviam uma delas. Menciona ser adepto da mesma religião evangélica metodista de George Walker Bush que prega que os americanos são o Povo Eleito³⁹. Quando Lourdes perde o controle, Carthew admite para os filhos que aquilo não é um jogo, que é real. Os meninos falam que já tinham percebido e que estava tudo bem, mas perguntam por que os aviões estavam entrando nas torres. Carthew chora.

9h05 Em frente à saída de emergência do 109° andar, Carthew, Jerry, David, Lourdes, e Jeffrey esperam sentados no chão. Carthew tenta esconder sua perda de confiança, observa as pessoas e busca ar para seus filhos. Lourdes chora. Anthony chega e dá calmantes para

³⁹ Povo escolhido por Deus para ser a origem de Jesus Cristo e seu representante. Na bíblia, é o povo de Israel, o que gera ambiguidades, pois atualmente Israel é a nação judaica.

Jeffrey, que consegue falar ao telefone com seu parceiro homossexual. Carthew pergunta a si mesmo o que faria um personagem típico do ator Bruce Willis em seu lugar e tece duas reflexões consideráveis. A primeira é sobre a praticidade de os Estados Unidos terem um único e bem definido inimigo durante todos os anos de guerra fria e agora, “privados de seu contra-exemplo” (p. 139), estão muito mais vulneráveis. A segunda é sobre o Gênesis, o Livro Primeiro da Bíblia, principalmente a Torre de Babel, desaprovada por Deus por demonstrar a ambição humana, gera a punição da dispersão da linguagem; “perde-se o contato entre a realidade e a palavra; [...] os homens deixam de se compreender.” (p. 140)

9h07 Anthony revela que sua chave não basta para abrir a porta de emergência, pois é preciso que a equipe de segurança do 22º andar aperte um botão para destravá-la. Destroi a maçaneta com uma máquina de encadernar que usa como um martelo, mas a porta continua hermeticamente trancada. Carthew simpatiza com Jeffrey que se entrega ao desespero revelando seu instinto de sobrevivência e repudia Anthony que se controla e tenta incessantemente se comunicar com a equipe de segurança. Lembra que nos prédios antigos há carrancas colocadas em seus topos para protegê-los e que decerto havia alguma razão para tanto, talvez para prevenir situações como aquela. As crianças rezam com Lourdes. “Nos minutos vindouros, o World Trade Center, templo do ateísmo e do lucro internacional, vai progressivamente se transformar em igreja improvisada.” (p. 147)

9h09 Este capítulo-minuto é contado por David, diferentemente de todos os ímpares anteriores, até agora contados por Carthew. David revela sua compreensão da situação. Aponta o método do pai contra o medo, que é falar sem parar e contar histórias repetidas, como a da possibilidade da família Yorston ter sido dona da Coca-cola e ter perdido a chance. Fala sobre as escolhas dos antepassados, que apesar de estúpidas, não podiam ter suas consequências previstas, assim como o fato de terem matado aula para curtirem a cidade com o pai e terem parado ali naquele incêndio. Fala também sobre a espera imposta pelos gibis quanto ao surgimento do herói para salvar pessoas encurraladas em um prédio em chamas, mas que já que o esquema era aquele, esperar é o que tinham que fazer. “Os caras que fazem os desenhos sabem: é preciso que os telespectadores esperem.” (p. 134) No caso deles, escutando pacientemente as histórias de seu pai, sem contrariá-lo, para que ele pudesse estar “em plena forma para usar seus gigapoderes” (p. 154) em breve.

9h11 David continua a relatar sobre sua crença nos poderes secretos de seu pai, cujo nome verdadeiro é Ultra-Dude, que se revelarão assim que ele perceber que se encontram diante de megaperigo e que serão esquecidos assim que todos estiverem salvos, pois “sua memória é auto-adaptadora instantânea” (p. 160) por segurança. Sua imaginação, que mostra

uma fuga da realidade tipicamente infantil e criativa, permite a finalização do capítulo-minuto com a seguinte frase “Aqui, agente X-275, saudações à Ordem Rebelde.” (p. 161)

9h13 A narrativa volta a ser transmitida pela voz de Carthew. Fala sobre o que está abaixo e acima do andar em que se encontram e conclui que são “Humanos em vias de cozimento.” (p. 166) Lembra-se novamente de Candace. Percebe que Jerry se parece bastante consigo, mas não David. O primeiro sabe exatamente quem é o pai e o segundo é um sonhador. Jeffrey acha uma caixa de vinho de boa qualidade e sugerem tomarem uma garrafa que será depois repostada por sua boate. Carthew aceita e acontece algo interessante quando Anthony recusa: descobre-se que Anthony é muçulmano, por isso não consome álcool e que Jeffrey é judeu. Começa uma discussão, pois Jeffrey acusa os “colegas” de Anthony de querer matá-los.

Vamos, o que há, assassinos kamikazes são coisa de vocês. Vocês se explodem em pizzarias e Alá os recompensa. [...] eu é que desando porque sou um gay judeu, é isso? E será que sou eu que lança aviões nas torres e trucidando inocentes só para destruir o Estado de Israel? (p. 168)

Anthony diz que é muçulmano, mas não é fanático. Carthew pacifica dizendo que devem rezar nas três religiões para que haja três vezes mais chance de Deus escutá-los e abrir a maldita porta. A espera continua.

9h15 Em forma de poema, Carthew descreve o caos em que se encontram. Estão ali há 30 minutos. Seus versos ácidos dão ao leitor alguma ideia do tormento que sofrem: “Chuva de corpos humanos sobre a WTC Plaza.” (p. 175)

9h17 Aqui há uma resposta ao comentário feito pelo autor no capítulo-minuto anterior sobre a expressão “queda livre” ser adequada para expressar a ação daqueles que escolhem se jogar em vez de esperar para morrer queimados. Carthew não concorda. Acha que não há liberdade na queda dos *jumpers*, simplesmente instinto.

9h19 Este é dedicado ao diálogo entre a loira em Ralph Lauren e o moreno em Kenneth Cole. Tossem e riem de piadas que tentam contar. Ele percebe que a ama e sente muito por não poderem mais ter outras experiências. Ela ainda está positiva quanto à chegada dos bombeiros.

9h21 Surge a voz de Jerry que, ao escutar os devaneios de David sobre o pai *Ultra Dude*, conclui que o irmão é débil mental. Ele revela sentir muito medo e diz estar ali porque o pai acredita que devem escutar Anthony. Este, por sua vez, acha que devem esperar. Enquanto isso, Jerry observa Jeffrey, Anthony e o pai rezarem, cada um ao modo de sua religião, o que considera folclórico. As preces do pai o fazem chorar e desejar ser uma mosca para poder voar ao redor das torres e escapar dali.

9h23 Iniciado com a seguinte frase: “O terrorismo não liquida símbolos, mas corta em pedaços indivíduos de carne e osso.” (p. 195), este capítulo-minuto trata da morte de Anthony após vomitar algo preto, consequência da inalação de fumaça e gases. Jeffrey e Carthew tentam em vão salvá-lo no banheiro. Jeffrey segura Anthony em seus braços enquanto Carthew volta para a porta onde tinha deixado seus filhos novamente com Lourdes. No caminho, atenta para detalhes e percebe que as solas de seus sapatos estão derretendo.

9h25 Jerry volta a falar. Seu comentário sobre o fato de os restaurantes geralmente cozinharem alimentos, mas não a clientela, é intrigante. Ele percebe que algo estava errado com o retorno do pai e a troca de olhares que se deu entre ele e Lourdes. Sente vontade de fazer xixi e vai para o banheiro mais rápido que a reação do pai para impedi-lo. Vê Anthony deitado no chão e Jeffrey atordoado. Jeffrey diz que Anthony está dormindo. Jerry não consegue fazer xixi, pois está travado. Quando Jeffrey tenta falar algo e também não consegue, Jerry faz xixi nas calças e volta para o pai, que não comenta nada sobre as calças molhadas, para alívio de Jerry, que temia os comentários de David. Carthew pergunta por Jeffrey e Jerry conta que ele desceu pela janela. Pergunta se podem tentar o mesmo. O pai responde que não verá Jeffrey novamente.

9h27 Carthew pensa em Candace, seu lado “*hasbian*”⁴⁰ e em sexo. Diz que enquanto for um obcecado, existirá, logo após se perguntar por que pensava naquilo em vez de salvar os filhos e ele mesmo. Lourdes renova as esperanças lembrando a todos de que a qualquer momento os helicópteros iriam pousar, oficiais iriam arrombar a porta e resgatar vários dos que ali estavam. Eles seriam os primeiros e sonham com as diversas maneiras possíveis de resgate.

9h29 Já estão ali há 45 minutos. Durante o que chama de “mais um minuto de carnificina” (p. 217), Carthew escuta Jeffrey dizer que gostaria de ser uma mosca. Aproveitam o ensejo para brincarem um pouco. De vez em quando Lourdes pedia silêncio para tentar escutar através da porta se as equipes de resgate já estavam chegando nos helicópteros.

9h31 David fala novamente sobre o fato de o pai negar ser um super-herói. Percebe cheiro de chocolate da máquina de doces no andar de baixo. Carthew percebe a existência de uma câmera em funcionamento e gesticula em direção a ela na esperança de que entendam a mensagem de que há uma saída de emergência que precisa ser aberta.

9h33 Durante breve desmaio, Carthew sonha com uma viagem de carro com seus pais, as músicas que ouviam, o cheiro de torta de maçã. Um dos meninos o acorda e Lourdes

⁴⁰ Ex-lésbica, agora heterossexual.

explica o que ocorrera. Ele reflete sobre o quanto aquela situação o faz amar sua família. Reflete também sobre ter abandonado sua ex-mulher e seus filhos e sobre o que é ser correto: fingir que ainda ama a mãe de seus filhos e continuar com ela ou buscar a felicidade e ser totalmente sincero com as crianças.

9h35 Este trecho narra a transformação de Jeffrey. O homem que tivera ataques de pânico se torna um homem que tenta ajudar seus companheiros de tormento a encontrar um pouco de oxigênio, o que Carthew chama de “guerra pelo ar”. (p. 232) Jeffrey pega a cortina que estava usando para acenar e improvisa um equipamento de parapente para iniciar seu voo. É claro que não dá certo e ele morre. Sua queda mata um bombeiro e uma mulher queimada, salva há pouco por este. A esposa de Jeffrey recebe do namorado dele duas trágicas notícias ao mesmo tempo, a da morte do marido e de sua bissexualidade secreta.

9h37 David conclui que seu pai tem duas dificuldades para se transformar logo em super herói: a primeira é a falta de uma cabine telefônica em que ele possa colocar seu uniforme; a segunda é que nenhum super herói tem dois filhos para cuidar. Imagina 6 possibilidades de salvação para as torres, uma delas seria colocada em prática em breve por seu pai: derretimento da porta blindada com lasers que saem dos olhos para em seguida erguer as torres, uma de cada vez, e mergulhá-las no rio Hudson apagando os incêndios e devolvendo-as para seus respectivos lugares; aspiração e aplicação nas torres de 100 bilhões de toneladas de água do mar; fabricação de um gigantesco tobogã com lonas de andaimes para que as pessoas deslizassem até embaixo; criação de uma ponte entre as torres com o corpo elástico de seu pai; e finalmente, “fazer o planeta Terra girar no sentido contrário para voltar no tempo em duas horas; assim nada terá acontecido [...]” (p. 239)

9h39 O celular de Lourdes os atualiza mais uma vez dizendo que o Pentágono também havia sido atingido. Carthew pensa em tudo que deveria ter feito caso soubesse que iria morrer tão cedo e daquela maneira. Coisas absurdas como matar pessoas, transar sem camisinha e torrar todo o seu dinheiro. Não menciona seus filhos, mas termina o capítulo-minuto dizendo: “Ou então teria simplesmente tentado ser um homem melhor.” (p. 244)

9h41 David percebe finalmente que seu pai não é super herói. Chora pela primeira vez na vida. Carthew, Jerry e David se abraçam e choram juntos. Carthew diz: “Eu achava que fazer filhos era o melhor meio de vencer a morte. Não é verdade. Podemos morrer com eles, e é como se nenhum de nós jamais tivesse existido.” (p. 249)

9h43 Acaba a luz na Torre Sul. Carthew decide voltar para o Windows on the World com seus filhos, que choram desesperadamente. Lourdes prefere ficar e esperar por socorro atrás da porta. Ela dá o seu *pin* do restaurante a Carthew e diz que um dia se encontrarão em

algum lugar. No trajeto, Carthew encontra um computador com acesso a internet e decide mandar um e-mail para Candace. Ele transcreve o que gostaria de ter escrito, uma longa declaração de amor, e o que de fato escreveu, uma única frase: “I Love U. C.Y.” (p. 254)

9h45 Enquanto descem “na nuvem negra do Windows on the World” (p. 259), Carthew reflete sobre o fundamentalismo religioso, tanto o muçulmano, quanto o cristão da igreja Metodista americana: “[...] vou morrer por causa de uma discussão incestuosa entre duas seitas de bilionários.” (p. 258) Ele lembra que a primeira guerra do Afeganistão era contra os russos, não contra os afegãos e ressalta a hipocrisia dos cristãos, inclusive seus pais, que são contra aborto, álcool, prostituição e homossexualidade, mas que tomam pílula e bebem todas as noites, além de saber que há putas e gays por toda parte.

9h47 Carthew cita a existência de duas torres de Babel, uma ao sul e outra ao norte da Babilônia e comenta sobre a destruição de ambas, comparando, inevitavelmente com a destruição das duas torres que presencia.

9h49 Aqui se encontra a letra da canção entoada pelos ainda sobreviventes que se encontram no Windows on the World: “God bless America” de Irving Berlin (1939).

9h51 Este capítulo-minuto é dedicado a Cat Stevens, pois Carthew ouve a canção cujo refrão diz: “Ooh baby baby it’s a wild world” e dá várias informações sobre o cantor e compositor, como exemplos de canções que naquele momento considera premonitórias; seu grande tema, que segundo Carthew é a perda da inocência; seu período mais produtivo, que foi aos 22 anos de idade entre janeiro e julho de 1970, período em que ficou internado em hospital por conta de tuberculose, a doença dos românticos, relembra; o fato de Cat Stevens ter sido o único artista inglês desde os Beatles a ser uma estrela nos Estados Unidos; mas principalmente, o fato de Cat Stevens ter abandonado sua brilhante carreira em 1977, ter se convertido para a fé islâmica, ter leiloado seus pertences relacionados à profissão de músico para doar o dinheiro a instituições beneficentes e ter falado em público que apoiava a condenação à morte de blasfemos, mesmo tendo sido o autor de várias músicas que trazem mensagens de paz. Conclui que deveria também se converter e mudar seu nome e o de seus filhos e que assim o fará se escaparem da torre.

9h53 Breve comentário sobre a História Americana e o extermínio dos índios que habitavam o que hoje é Manhattan.

9h55 Previsão a curto prazo sobre as configurações dos relacionamentos, racionais e virtuais, e percepção de que não presenciará tais mudanças.

9h57 Carthew dá o *pin* que ganhara de Lourdes a seus filhos, que brigam por ele até que Jerry, o mais forte, ganha. David, que finalmente parara de chorar, se vinga empurrando

Jerry bem onde fica o alfinete do *pin* e o faz sangrar. Carthew conclui que o problema do mundo é que não havia *pins* para todos.

9h59 A torre atingida pelo segundo avião desaba e Carthew prevê o futuro. Jerry vê a água de um bebedouro começar a ferver.

10h01 Comentário sobre a censura da TV americana e mundial às imagens de corpos voando e dos corpos estilhaçados e questionamento quanto a legitimidade de tal censura que pretensamente se dava por respeito às famílias, mas que nunca antes se dera quando se tratava de tragédias estrangeiras. Cita o único filme daquela tragédia⁴¹, obra de dois franceses, que, apesar de ter capturado o estrondo da queda das torres, também não mostra “[...] os pedaços de pessoas que caíam, as poças de sangue, o aço, a carne e o plástico fundidos.” (p. 297) Carthew lembra que Mary, sua ex-mulher herdará todo o seu dinheiro, enquanto Candace, sua namorada, não ficará com nada.

10h03 A percepção de Carthew em relação ao presente agora se dá com o distanciamento de recordações. Ele cita dois erros que cometera: ter filhos e levá-los para tomar café da manhã no *Windows on the World*. “O mundo é muito mais bonito quando você quase já não está mais nele.” (p. 303)

10h05 Mary consegue ligar e falar com Carthew brevemente antes da ligação cair. Enquanto o prédio “rugia”, Carthew atirava notas de 100 dólares pela janela e fazia todos rirem insanamente.

10h07 Comentário ácido sobre as mulheres, a excitação sexual, a liberdade e o egoísmo.

10h09 Citando a canção *Yesterday* dos Beatles, Carthew deseja que fosse ontem e se arrepende de ter ido para o WTC. Observa os helicópteros à sua frente que os observam morrer e há um “parágrafo cortado”⁴². Relembra o dia do nascimento dos filhos. David desmaia, mas antes pede para que o acorde somente “quando a galáxia for salva.” (p. 312)

10h11 Morte de David Yorston.

10h13 Reflexão sobre o liberalismo, a liberdade e a felicidade. Carthew diz que não é feliz quando é livre e diz que preferia várias coisas no lugar da liberdade.

⁴¹ Documentário intitulado *9/11*, de Jules e Gedeon Naudet, dois irmãos cineastas franceses que, a princípio, documentavam o início da carreira de jovens bombeiros em quartel próximo ao World Trade Center. O barulho dos corpos caindo pode ser ouvido mesmo sem a imagem dos mesmos.

⁴² Recurso narrativo utilizado nos momentos finais do romance, tanto nos minutos ímpares, quanto nos pares. O autor corta parágrafos e páginas, fazendo papel de editor. Ele justifica o ato dizendo que não descreve os horrores das quedas das torres para que o leitor possa imaginá-lo por si, não porque acha que não deve, pois, inclusive, considera que seria uma homenagem às vítimas. Josh Lacey, em crítica sobre o *Windows on the World* (2005) publicada no *The Guardian* em 11 de setembro de 2004, diz que não escrever foi uma escolha deliberada do autor de se afastar de seu teclado para não cumprir com o seu papel de escritor de literatura e dizer o indizível, tal como o próprio autor acredita que a literatura deve fazer. (LACEY, Josh. *Minute by minute*. The guardian, 2004. Disponível em: < <http://www.guardian.co.uk/books/2004/sep/11/featuresreviews.guardianreview17/print>>. Acesso em: 10 nov. 2013.)

10h15 Descrição de relação sexual entre loira em Ralph Lauren e moreno em Kenneth Cole em pleno caos. Ela diz: “Morri amando você.” (p. 322) Ele diz: “Você é minha razão de viver, você é minha razão de morrer.” (p. 322) e Carthew diz que no paraíso não havia as tais mil virgens prometidas, mas havia aqueles dois.

10h17 Reflexão sobre a compaixão e o ódio dos judeus-cristãos e dos gentis. Carthew diz que Jesus, apesar de não ser violento, também sentia ódio, ainda que não admitisse. Chama os muçulmanos de carneiros aéreos e diz que eles queriam demonstrar que os judeus-cristãos são compassivos e fáceis de esmagar.

10h19 Carthew solta um turbilhão de ideias a respeito dos responsáveis pelos ataques concluindo não ser responsável pelo que os Estados Unidos já tinham feito para crescer. Sabe que não é exemplo de perfeição, mas não acha que deve ser queimado vivo por ter cometido alguns pecados, entre eles os provenientes de sua profissão de corretor imobiliário, que obriga as pessoas a se endividarem. Fala sobre os campos de refugiados palestinos que se explodem em vez de “[...] irem para o escritório como todo mundo.” (p. 328), mostrando seu ponto de vista americano. Diz que não saber quem cometeu aquele atentado não faz a mínima diferença já terá sido assassinado e que “A violência do homem está em sua natureza. Em princípio, a cultura, a religião, a sociedade, a civilização devem domá-la.” (p. 328-329)

10h21 Após ver Jerry grudado em seu irmão morto e lembrar-se mais uma vez de cenas do passado com seus filhos, Carthew decide pular e incentiva seu filho ainda vivo: “[...], olhe para além das Janelas do Mundo, olhe, Jerry, é a liberdade definitiva, [...]” (p. 331) Diz que também sabem se sacrificar. Jerry pergunta se sua mãe ficará triste e Carthew diz a ele que não pense nisso. Contam até três e pulam. Carthew ouve a risada de Jerry e até mesmo a de David, que estava morto. Agradece sentindo o vento forte deformando suas bocas.

10h23 Devaneios de Carthew em queda sobre as torres.

10h25 Ao falar sobre o Ground Zero, “o maior túmulo do mundo” (p. 339), ou seja, o que se tornaram as torres gêmeas, Carthew conclui que não estava errado quando disse a Jerry e David que participavam de um parque temático, pois agora eram uma atração turística.

10h27 Carthew diz que morreram por nada e que não havia nada para compreender. Previne que a queda da Torre Norte ocorrerá em um minuto, mas que eles não estarão mais a bordo e dá detalhes técnicos: “(choque de magnitude 2,3 na escala Richter com uma duração de 8 segundos)”. (p. 342) Pede que lembremo-nos deles.

10h29 Este capítulo-minuto, apesar de ímpar é contado pelo autor Beigbender, que está dentro de um avião em retorno a Paris, de Nova York. Carthew e seus filhos já estavam

mortos. Beigbeder se estica no chão do corredor da aeronave e finge ser um super herói voando a uma velocidade supersônica. A aeromoça acha que ele está alongando o corpo.

Segue a narrativa da montagem do romance pelo autor Frédéric Beigbeder, que se encontra no topo da Torre Montparnasse em restaurante similar ao antigo Windows on the World, chamado Ciel de Paris. Esta narrativa é encabeçada pelos minutos pares.

8h30 Mencionando a originalidade do fato de que todos morrem ao mesmo tempo e no mesmo lugar, o autor se pergunta se a morte cria laços entre os homens, pois antes do choque da aeronave contra a torre ninguém se falava, mal trocavam olhares, todos estavam com o mau humor do fim do verão. Após o choque, todos se unem na elasticidade do tempo.

8h32 Mencionando haver pouca informação sobre o restaurante Windows on the World, Beigbeder descreve o Ciel de Paris com seus clientes, homens de negócios, e sua esplêndida vista “[...] já que este é o único lugar de Paris de onde não se vê a Torre Montparnasse.” (p. 17) Imagina como seria o uniforme das garçonetes do restaurante no topo da torre norte, já que não é mais possível checar.

Escrever este romance hiper-realista tornou-se difícil em função da própria realidade. A partir de 11 de setembro de 2001, a realidade não apenas supera a ficção, como a destrói. Não se pode escrever sobre o tema, mas tampouco se pode escrever sobre outra coisa. Nada mais nos atinge. (p. 18)

Ou seja, é iniciada uma reflexão sobre o romance pós-11 de setembro e a concomitante impossibilidade e necessidade de escrevê-lo. O autor acredita que, para descrever o que aconteceu, é necessário que um avião adentre sob seus pés na torre onde se encontra e cita uma das lições do World Trade Center: “nossos imóveis são móveis.” (p. 19) Logo em seguida, cita o assunto do livro: “o desmoronamento de um castelo de cartões de crédito.” (p. 19) E quando, na mesma página diz “O que julgamos estável é movediço. O que imaginamos sólido é líquido.”, nos remete à frase emblemática de Marx e Engels e seu *Manifesto Comunista* (1848) “Tudo que é sólido desmancha no ar.”⁴³ O capítulo-minuto é finalizado com longo parágrafo que discute o nome do restaurante no topo da torre norte. O autor francês, apesar de achar o nome demasiadamente pretensioso, consegue achar outro que é ainda mais: *End of the World*. (p. 20)

8h34 Revela fazer reverência ao local onde o tratado de Paris de 3 de setembro de 1783 foi assinado, ou seja, o tratado que originou os Estados Unidos, e critica a opção dos turistas americanos de tirar fotos de si mesmos no túnel onde ocorreu o acidente que matou a princesa Diana e seu namorado Dodi, pois o primeiro é muito mais importante. Fecha

⁴³ Ver capítulo I, itens 1.2 e 1.4.

comentário sobre o luxo e a onipotência dos arranha-céus com o poema *Salut au Monde*, de Walt Whitman. (p. 26) Após a frase: “Escrevo este livro porque estou de saco cheio do antiamericanismo francês.” (p. 26), diz que seus escritores, músicos e cineastas favoritos são americanos citando diversos nomes (p. 27) e completa: “A cultura norte-americana esmaga o planeta não por motivos econômicos, mas por seu talento específico.” (p. 27) que, segundo Beigbender, é o talento de sempre se renovar por ser enraizada na vida real. Menciona a atitude crítica dos artistas americanos para com seu próprio país e o complexo de inferioridade dos artistas europeus em relação aos americanos, apesar de o senso comum afirmar o contrário. Para o autor, quem se sente superior, apesar de ser novo rico, é o povo americano e seus artistas. Encerra o capítulo-minuto com grande aspereza:

Quanto à exceção cultural francesa, ao contrário do que dizia um executivo recém-demitido, ela não morreu: consiste em fazer filmes excepcionalmente ruins, livros excepcionalmente descuidados, e, no conjunto, obras de arte excepcionalmente pedantes e arrogantes. Naturalmente incluo meu trabalho nessa triste constatação. (p. 29-30)

8h36 Este capítulo-minuto apresenta a letra da canção *The Windows of the World*, de Burt Bacharach e Hal David (1967), em inglês e português, e é encerrado com a dúvida sobre o conhecimento desta canção pelo dono do Windows on the World já que alguns versos parecem proféticos.

8h38 O brasileiro mencionado por Carthew Yorston no capítulo-minuto 8h37 que foi expulso do Windows on the World por ter acendido um charuto, conseqüentemente salvo da tragédia que se seguiria, volta a ser mencionado aqui por Beigbender. Em seguida, o autor diz que gostaria de poder alertar Carthew quanto ao futuro, mas percebe ser somente vaidade de escritor. Reflete sobre um possível ataque aéreo à Torre Montparnasse e qual a melhor trajetória para a aeronave. Diz estar apaixonado pela torre que os parisienses detestam e descreve algumas de suas características, bem como o ambiente interno do Ciel de Paris, que para ele, “é tudo o que resta do Windows on the World: uma ideia.” (p. 41) Neste capítulo-minuto, há uma piada sobre o ramadã seguida de forte ironia por parte do autor. (p. 40) Ao se sentir solitário no topo da torre parisiense, conclui que sua vida é um desastre e que é um negacionista de si mesmo.

8h40 Após deixar claro ao leitor que escreve seu romance numa manhã de setembro de 2002, ou seja, 1 ano após a tragédia, reproduz críticas sobre o Windows on the World encontradas em guias turísticos constatando que enxerga avisos do passado ou premonições em quaisquer fatos relacionados às torres anteriores ao atentado. Um fato bastante óbvio é o prévio atentado de 1993. Percebe o paradoxo entre a modernidade das torres e a idade avançada do bairro em que se localizavam, ao mesmo tempo em que percebe que após o

desabamento, a paisagem de Nova York se tornou a mesma de 1965, ano de seu nascimento. Termina o capítulo-minuto fazendo interseção temática entre o nome do restaurante *Windows on the World*, o título e a letra da canção apresentada no capítulo-minuto 8h36 *Windows of the World* e trechos de *The Catcher in the Rye*, do escritor americano Jerome David Salinger (*O apanhador no campo de centeio*, 1951) chegando à conclusão de que gostaria de ser o apanhador através das janelas: *The Catcher in the Windows*.

8h42 Antes de dar voz a Carthew para que fale sobre sua infância no capítulo-minuto seguinte, Beigbeder, que diz não se lembrar dessa fase de sua vida, descreve a única manhã da qual se lembra: uma manhã fria, cinza e chuvosa de inverno que ressalta seus sentimentos depressivos decorrentes de uma vida sem traumas que fazem com que não se ame e que acredite que nunca será amado. Ele tinha 13 anos. Quando diz que do alto da Torre Montparnasse procura o liceu de sua infância, percebe que sempre sofreu, mas nunca se mudou, pois percorre o mesmo caminho que antes o levava à escola para ir ao trabalho. “Não me afasto do que me afunda.” (p. 57)

8h44 Comenta sobre as fotos pelas quais Jerry e David, filhos de Carthew brigavam no minuto anterior. Se um dia as vissem, veriam ao fundo a aeronave se aproximando. Volta-se para o Ciel de Paris e fala sobre seu cardápio e sua concepção das alturas. Menciona um casal de americanos que, como muitos, não chegam a tomar seu café da manhã, pois o restaurante não serve bacon com ovos. Lembra que no fim da segunda guerra mundial, em 1945, um avião já havia adentrado a torre do Empire State Building, mas pertencia ao próprio exército americano. O incêndio decorrente, apesar de ter provocado calor maior que o das torres gêmeas, não fez com que o prédio desabasse, pois sua estrutura de colunas internas protegera a integridade do edifício, enquanto a estrutura das torres gêmeas, que era externa para que houvesse maior aproveitamento do espaço interno, não resistiu. Este é o minuto anterior à entrada do avião na torre norte. Beigbeder diz: “Bem-vindos ao minuto anterior, aquele em que tudo ainda é possível.” (p. 65) Menciona a senhora incomodada por Jerry e David que se retira do restaurante, pois se lembra de ter que comprar um presente para seu neto. O autor acredita que aquela senhora se questionará sobre o porquê de ter sido salva.

8h46 Oferece ao leitor informações detalhadas, números, sobre o que ocorreu às 8h46 apesar de crer que tais informações eliminam o suspense do livro: “Tanto melhor: isto não é um thriller; apenas uma tentativa – talvez fadada ao fracasso – de descrever o indescritível.” (p. 69) Termina o capítulo-minuto citando Gênesis, XI, 1-3.

8h48 Cria nomes alternativos para o restaurante no topo da torre norte em acesso de humor negro que diz ser um escudo. Menciona depoimentos e telefonemas conseguidos pelo

New York Times. Compara Osama Bin Laden ao personagem Des Esseintes de *Às avessas*, do escritor francês Charles-Marie-Georges Huysmans, citando trecho profético. (p. 75)

8h50 Revela que agora, posteriormente ao ataque, sabe que todas as saídas foram destruídas pelo avião e que os que ficaram nos andares acima dele estavam presos em um forno. Dá detalhes técnicos da Torre Montparnasse e diz que o projeto inicial tinha duas torres idênticas, revelando seu medo ao pensar nesses fatos após 11 de setembro. Compara os dois liceus que frequentou em diferentes fases de sua vida e como pouco a pouco se tornou um burguês hipócrita que admirava a rebeldia mas não tinha coragem de se integrar a ela. “O terrorismo era muito mais glamour que minha prova de história na sexta seguinte.” (p. 82)

8h52 Este capítulo-minuto é dedicado à análise da cultura americana desde os anos 1950 até 2002. Os pais de Beigbeder frequentaram universidades americanas e consumiram a cultura americana de modo que esta sempre fez parte de seu universo familiar. O autor acredita que a inventora da globalização foi a juventude burguesa e que, desde a Revolução Francesa, os Estados Unidos estão sempre dez anos à frente da França, fato que ocasionou inveja do mundo sobre os EUA, pois para ele, “sempre se olha seu futuro com inveja”. (p. 88) Suas observações sobre a utopia capitalista e a revolução de maio de 1968 são intrigantes:

A utopia capitalista era tão insensata quanto a utopia comunista, mas sua violência era ocultada. Ela ganhou a guerra fria graças à sua imagem: decerto havia pessoas morrendo de fome tanto nos Estados Unidos como na Rússia, mas aqueles que morriam de fome nos Estados Unidos eram livres para fazê-lo. [...] Maio de 68 não foi uma revolta anticapitalista, mas, ao contrário, a instalação definitiva da sociedade de consumo; [...] (p. 87-88)

A desconstrução do romantismo com que a revolução de 68 sempre foi narrada e o apontamento de consequências vistas após a virada do milênio, como a corroboração do ideal capitalista por parte dos jovens que a lideraram. O capítulo-minuto é terminado com a observação de que a Torre Montparnasse ainda tem dez anos de vida.

8h54 Conta sobre sua primeira visita ao Windows on the World em 1986, época em que funcionava The Greatest Bar on Earth. Na época, com 20 anos de idade, estava nos EUA para fazer estágio e ainda era apenas um garoto inseguro cuja promessa de experiência sexual a três dera errado. O arquiteto japonês que projetou as torres é mencionado juntamente com suas ideias sobre as colunas externas de sustentação que davam o aspecto de uma prisão ao edifício visto de dentro. Naquela época percebe sua necessidade de ser amado e decide ser famoso.

8h56 Aponta que todos lembram o que faziam no dia e horário do ataque de 11 de setembro e conta sua experiência, assim como fala sobre o que sentiu. Estava apresentando seu programa semanal sobre literatura em canal de TV a cabo. Classifica as reações dos

repórteres que tentavam transmitir as notícias. Percebe que nunca possuiu muita credibilidade e revela ter se tornado rico tecendo críticas a outros ricos. Tenta falar com sua filha para se certificar de que tudo está bem. Ela havia assistido à peça *Os Três Porquinhos*. Ele conclui que não se deveria mentir para crianças.

8h58 Começa falando sobre as instruções em caso de incêndio na Torre Montparnasse, suas semelhanças e diferenças em relação às das torres gêmeas. Discorda do verbo que expressa a ação da aeronave de adentrar as torres. Diz que aterrissar não é apropriado e propõe “atorrissar”. Conta que o topo de Montparnasse é aberto ao público, ao contrário do topo da antiga torre norte. Cita a existência de outro restaurante no topo de uma torre, só que em Berlim. Para ele, haver vários desses restaurantes é resultado de moda anos 70. Ao visitar o topo, avista uma manifestação contra a guerra do Iraque na praça Denfert-Rochereau e decide se juntar a ela. Em Nova York ocorre manifestação semelhante. Neste momento, o autor revela que já se encontra em 15 de fevereiro de 2003, um ano após ter começado a escrever seu livro. Na descida de elevador, resolve chamar Montparnasse de Lonely Tower em oposição às Twin Towers. Ao se aproximar do local da manifestação observa mural da Disney acompanhando a trajetória.

9h00 Este capítulo-minuto possui uma primeira parte que narra mais alguns depoimentos de pessoas que se encontravam na torre norte concluindo que após as 9h00 o sentimento geral era de medo e uma segunda parte que conta sobre a visita que Beigbeder faz a Montparnasse com sua filha Chloë, de três anos de idade. Seu comportamento de criança muito mal criada foi redimido por declaração de amor ao final da visita.

9h02 Este é o minuto em que o segundo avião investe contra a torre sul, entre os andares 78 a 84. Beigbeder cita Stanley Praitnath que seguiu as orientações dos seguranças de retornar a seu escritório em vez de abandonar a torre que foi atingida logo em seguida demonstrando a falta de preparo de todos para tal situação. Cita também sua vontade de experimentar descer mais de 50 andares enquanto um incêndio ocorre acima de si, o que fará no dia seguinte, pois está com sua filha. Dá detalhes técnicos da investida, tipo velocidade e número de passageiros da aeronave e cita trecho do escritor americano Russell Banks.

9h04 Fala sobre a idade avançada da França e de outros países que já governaram o planeta, bem como da vontade dos EUA de ainda fazer isso. Fala sobre a dificuldade de se determinar o bem e o mal atualmente e como esse fato desloca a guerra para o local da mídia.

Por toda parte no mundo de hoje, países sujos balançam entre a admiração e a repulsa, o fascínio e o nojo diante dos países limpos, cujo estilo de vida captam por satélite em decodificadores piratas, com um espremedor de legumes à guisa de antena parabólica. Esse fenômeno é recente: chamam de globalização, mas seu verdadeiro nome é televisão. A globalização é econômica, audiovisual,

cinematográfica e publicitária, mas o resto não acompanha: nem o político, nem o social. (p. 134)

Em seguida diz que interrompe sua análise, pois foi até onde era capaz e que os leitores que quiserem se aprofundar que consultem outros autores sugeridos, como Huntington e Baudrillard. Comenta sobre a vista do dia e segue alguns lugares com os olhos: torre Eiffel, Invallides, Arco do Triunfo. Cumpre a promessa e desce os 56 lances de escada imaginando como as vítimas do 11 de setembro se sentiam, apesar de não saberem o que nós sabemos. Percorre ruas de Montparnasse e conclui que os americanos gostam do bairro porque é cheio de sexo, literatura e morte. (p. 136) Visita o túmulo de Baudelaire e vai a uma exposição sobre acidentes.

9h06 Conta sobre o telefonema dado por Christine Olender a seu chefe, o gerente geral do Windows on the World, dizendo que não possui instruções sobre como sair dali. O chefe estava na rua, próximo à torre norte estarecido. Informa que pelo menos 41 pessoas entraram em contato com alguém que não estava no prédio. Após piada infame sobre a três tochas da manhã de 11 de setembro, conta sobre depoimento de Ivhan Luyis Carpio para mostrar que a maioria dos clientes do restaurante seguiram docilmente as instruções de permanecer parados esperando por socorro. Diz que todos vomitavam e que os corpos que se espatifavam no chão produziam ruído de melões explodindo, mas completa: “Ainda que eu fosse bem longe no meu horror, meu livro estaria sempre 410 metros abaixo da verdade.” (p. 143)

9h08 Este capítulo-minuto dedica-se à exposição sobre desastres chamada *O que acontece* organizada pelo teórico cultural e urbanista francês Paul Virilio, visitada por Beigbeder em 2003 e definida por este como um acúmulo de catástrofes, já que reúne desastres naturais, atentados terroristas e catástrofes industriais. O autor fala sobre o mal estar que sente ao contemplar os desastres junto com um fascínio que o torna cúmplice. E cita a pergunta de um dos personagens do romance *A Brincadeira* de Milan Kundera: “Vocês acham que destruições podem ser belas?” (p. 148). Conclui que, como todo ser humano, está implicado naquilo e cita frase de Freud que se encontrava na entrada da exposição: “A acumulação põe fim à impressão de acaso.”, completando “Quanto mais a ciência progride, mais os acidentes são violentos.” (p. 150) Analisa o final da exposição, que consistia na projeção do maior show de fogos de artifício do mundo relacionando horror e estética, se perguntando se o desmoronamento das torres gêmeas após atentado terrorista poderia mesmo ser relacionado a show pirotécnico e até que ponto ter-se-ia o direito de contemplar tais catástrofes e ainda, se conseguiria se olhar no espelho após a publicação de seu romance, mas admite que seu olhar toma gosto pelo horrível.

Aprecio essa fumaça enorme que escapa das duas torres no telão, projetada em tempo real, esse penacho branco no azul do céu, como uma echarpe de seda, suspensa entre a terra e o mar. Não gosto dela apenas por seu esplendor etéreo, mas porque sei o que tem de apocalíptica, o que contém de violência e pavor. Virílio me obriga a encarar a parte da minha humanidade que não é humanista. (p. 151)

9h10 Bebendo no Dingo Bar da rua Delambre, descreve Montparnasse e os lugares emblemáticos em que viveram, frequentaram e por onde passaram Gertrude Stein, Alice Babete Toklas, Picasso, Matisse, Ernest Hemingway, Henry Miller, Ezra Pound, Francis Scott Fitzgerald, etc. Constata que a construção da Torre Montparnasse, uma réplica em miniatura do World Trade Center, naquele bairro não fora coincidência, mas escolha deliberada de Pompidou, pois a alma do bairro foi importada dos EUA. Dá-se conta de que o nº113, onde Hemingway viveu com sua primeira esposa Hadley Richardson não mais existe e conclui que os livros são mais resistentes que os prédios, por isso Hemingway escreveu sobre Paris antes de morrer, o que implica a ocorrência do mesmo a respeito do romance que estava sendo escrito por Beigbeder.

9h12 Menciona a existência do Franglês, a língua mundial do futuro, e um de seus criadores: Jean-Claude Van Damme. Volta a citar coisas americanas que aprecia, comidas variadas e Hugh Hefner, o fundador da *Playboy*, que originou o que chama de *playboy internacional*, antes apreciado e imitado por todos os homens e atualmente com partes em desuso, mas acrescido da pílula anticoncepcional, da simplificação do divórcio e da revolução feminista e sexual tornou-se o homem sem gravidade que deve gozar a todo custo, segundo o psiquiatra Charles Melman, e que não possui vínculos, nem tampouco considera a fidelidade plausível, não ama, portanto não sofre, somente goza, finalmente originando o homem do século XXI: “dopado à base de Viagra até morrer.” (p. 165)

Por que se apoquentar com uma família se defendemos a liberdade como valor supremo? O que vem fazer a moral numa sociedade hedonista? Se Deus está morto, então todo universo é um bordel, e é preciso apenas desfrutarmos dele até explodirmos. Se o indivíduo é rei, então o egoísmo é nosso único horizonte. E se a única autoridade não é mais o pai, então, na democracia materialista, o único limite à violência é a polícia. (p. 165)

9h14 Questiona a falta de iniciativa geral de todos antes dos desabamentos das torres e conclui que ela ocorreu justamente porque ninguém imaginou que as torres fossem desabar. Cita a invenção posterior do paraquedas de escritório e critica a falta de escadas externas nas torres advertindo que estética mata. Critica a falta de segurança nos aviões anterior e posterior ao atentado. Sugere que cordas poderiam ter sido lançadas, bem como colchões infláveis espalhados em volta das torres. Cita o filme *Inferno na Torre*, de 1974, ano de inauguração do World Trade Center, nome utilizado pelo personagem Carthew Yorston em tentativa de disfarçar a tragédia que viviam para seus filhos.

9h16 Comenta a decisão dos *jumpers* de escolher como vão morrer: pular e acabar logo com aquilo em vez de sufocar e carbonizar. Valoriza a expressão “queda livre”.

9h18 Treplica a réplica de Carthew sobre os *jumpers* dizendo que vai a Nova York e conta que naquele dia, às 9h18, sua namorada o abandonou. Cita o preço da passagem de avião, que é equivalente ao de uma saia da marca Chanel. Diz ter a impressão de que escreve não sobre o 11 de setembro, mas sobre os anos 70, comparando a obsolescência da época com a do filme *2001, uma odisseia no espaço*. Conta como se sente um kamikaze a bordo do Concorde, a aeronave, e como é patético gastar muitos mil euros e muitas toneladas de querosene a mais para economizar três horas de viagem, ao mesmo tempo em que se dá conta de que está comendo caviar iraniano, ou seja, islâmico. Ao prestar atenção às informações técnicas sobre o voo, sua velocidade, empuxo, etc., vomita o caviar e conclui não ser o cliente idealizado pelos inventores do Concorde.

9h20 Fala sobre a sensação de entusiasmo que tinha ao voar para Nova York antes do 11 de setembro. O que sente agora é similar a estar em um filme de terror de baixa qualidade. Cita algumas perguntas contidas no questionário do Serviço de Imigração Americano, bem como cita algumas que deveriam constar do mesmo, além de uma que não consta, para seu próprio bem: “Tem a intenção de escrever um romance sobre o Onze de Setembro?”, pois acha que a resposta positiva acarretaria problemas administrativos. Após mais um comentário sobre a velocidade do supersônico em que se encontra, diz: “Existe uma utopia comunista, e essa utopia foi interrompida em 1989. Existe uma utopia capitalista, e essa utopia foi interrompida em 2001.” (p. 187) Após importunar bastante a comissária de bordo que o atendia, chega a Nova York e se depara com o painel que indica “Gates 9-11”, apontando a necessidade de mudança.

9h22 Estando em Nova York se sente o homem global: livre e só. Ressente o fim de seu relacionamento e de não mais ter uma companheira. Fala sobre a bolsa de valores, o terror, a recém-iniciada guerra do Iraque, os novos ensinamentos escolares sobre prevenção antiataques e a constante espera americana por retaliação. “Cada década inventa uma nova doença. Nos anos 80: a AIDS. Nos anos 90: a esquizofrenia. Nos anos 00: a paranoia.” (p. 193-194)

9h24 Compara Nova York e Paris: woo-woo x piuí. Aponta o fato de se falarem 80 línguas em Nova York e lembra que as vítimas do 11 de setembro eram de 62 nacionalidades diferentes. O primeiro passeio por Nova York o leva ao Ground Zero, o que descreve ao longo de duas páginas. Comenta a facilidade com que cruza portarias e a necessidade de se

aumentar a fiscalização, já que na França, qualquer lata de lixo pode ser alvo de bombas de gás cheias de pregos há muito tempo. Visita exposições e *strip-clubs*.

9h26 Encontra-se em restaurante francês que considera em localização errônea. Toma vinho branco enquanto reflete sobre sua condição de ser que vive deslocado: “nem playboy internacional, nem casado e feliz por sê-lo.” (p. 204), um deficiente do coração, consequência de ser uma criança de 1968, homens sem modelo, filhos da geração em que se aboliu o pai, um dano colateral. (p. 205) Percebe que em uma manhã, naquele horário, não é capaz de amar a ninguém, somente a si. Diz novamente não se lembrar de sua infância, mas, ironicamente acha que só passou a existir após escrever seu primeiro livro, de memórias. Não se lembra de sua primeira infância, mas se lembra de sua adolescência, principalmente das férias com seu pai e seu irmão, pois registrou tudo por escrito a partir de então. Revela haver diferença de 17 anos entre seu irmão e ele. É proveniente de família abastada, mas reclama disso, principalmente de não possuir traumas. Entretanto, fala sobre o abandono da família por seu pai, após seu nascimento tardio e sobre o fato de ter feito o mesmo 32 anos depois. Conclui que as crianças nunca se sentem felizes, sejam amadas ou não e diz ter sempre a sensação de atrapalhar os outros. Relaciona os fatos citados à sua necessidade de ser desejado pelos telespectadores de seu programa televisivo.

9h28 O francês em Nova York observa as mudanças pré e pós-atentado, principalmente o que diz respeito ao comportamento feminino, à facilidade no despir-se e ao sexo consensual fora do relacionamento. Ao falar sobre as moças que Bin Laden abomina, conclui serem elas o novo *playboy internacional*, cujo conceito apresentou anteriormente, e aponta o perigo que representam dizendo compreender o medo que os islâmicos sentem delas. Diz: “O terrorismo não aterroriza ninguém; ele reforça a liberdade.” (p. 215), pois a decisão das mulheres de viver como os homens é justamente o contrário do que prega o Islã quando as obriga a se cobrir.

9h30 Mais uma vez, constatações sobre as mudanças em Nova York após o atentado de 2001. A principal delas é a perda de importância do dinheiro, que deixa de ser o “Deus” americano, mas não encontra substituto, causando comportamentos questionáveis. Levanta a hipótese da França poder servir de ajuda sem entrar em detalhes. Encontra várias pessoas na rua com uma cruz negra desenhada na testa e descobre ser dia de quarta feira de cinzas. Impressiona-se com a transformação dos nova-iorquinos em pessoas benevolentes e corteses dizendo: “O fim do mundo nos faz generosos.” (p. 220) Completa observando que a generosidade interior americana é proporcional a sua maldade exterior.

9h32 Pergunta aleatoriamente a várias pessoas se já estiveram no Windows on the World. Vários dizem não gostar mais do céu azul, pois tempo bom pode significar muitas coisas distintas. Continua seu passeio por lugares relacionados ao 11 de setembro. Desta vez, ao longo do rio Hudson em direção a um porta-aviões atacado por kamikazes japoneses em 1944 que se transformou em museu e onde se encontra um fragmento de um dos aviões do ataque de 2001. Observa a forte propaganda militar americana. Acha-se próximo ao terror.

9h34 Descreve cenas de morte causadas pela entrada do avião na torre norte logo abaixo da corretora Cantor Fitzgerald⁴⁴, no 92º e no 95º andar e também na torre sul, na Keefe, Bruyette & Woods⁴⁵ ressaltando que algumas pessoas não desceram e morreram porque insistiram em ficar para a abertura dos mercados. Sob a neve, o autor passeia por Nova York, dessa vez nos arredores do Empire State Building, agora novamente o prédio mais alto da cidade. Após fotografar um casal de namorados a pedido deles, despeja mentalmente sua amargura e descrença em relação aos casais e ao amor.

9h36 A publicação do romance *\$29,99* (BEIGBEDER, 2001) trazia metáfora que descreve o que o autor chama de revolução entrista: “Não se pode desviar um avião sem estar dentro dele.” (p. 234) O personagem Octave Parango acreditava poder mudar as coisas a partir do interior, ou seja, para mudar, deve-se participar. Essa metáfora leva o autor a questionar a possibilidade de não haver ninguém para pilotar o avião remetendo à comédia americana *Apertem os cintos, o piloto sumiu* (Paramount Pictures, 1980). Conclui que estar dentro do sistema não permite revolucionar, pois mesmo sendo o “piloto”, só se muda a direção mediante comando, portanto, “A única revolução possível é exterior a esse sistema que se autodestrói.”⁴⁶ (p. 234) e “A verdadeira revolução é o sumiço.” (p. 235). Sugere que se pare de criticar e se passe a se acusar. Gasta 3 páginas se acusando e no final, dá o veredito: “Eu me condeno à solidão perpétua.” (p. 237)

9h38 O autor aponta que os EUA são donos mundo e donos do nada ao mesmo tempo, e esta é sua grande preocupação. Comenta a atitude do dono do Windows on the World de carregar consigo um poema. Desde sua chegada a Nova York, retomou hábitos de passagens antigas por ali, descrevendo sua peregrinação por bares e clubes de *strippers*, pois para ele, a noite é o termômetro que avalia a saúde de uma cidade. Sua conclusão é de que Nova York está doente. Pensa em encomendar uma prostituta, mas desiste por medo de mandarem uma mulher feia.

⁴⁴ Ver nota número 32.

⁴⁵ Firma de investimentos bancários cuja sede era situada nos andares 85, 88 e 89 da torre sul do World Trade Center.

⁴⁶ Não acreditamos na existência de um lado de fora do sistema. Ver capítulo I, fim do item 1.5.

9h40 Mais uma vez reclama de não se lembrar de sua infância afirmando que gostaria de criar um novo gênero literário chamado de auto-sátira. Conta sobre a felicidade que sentiu durante férias com o avô pescando camarão e sobre o sentimento de vazio atual que o leva, entre outras coisas, a querer arrombar sua cabeça. Comenta o fato de ter sangrado muito pelo nariz aos 5 anos, na época do divórcio de seus pais. Diz que todos devem se tornar o que odeiam e se pergunta por que todos querem ser artistas. Fala sobre loja de brinquedos gigantesca recém-inaugurada na Times Square, lugar onde filhos e pais fogem uns dos outros e muito dinheiro é gasto para compensar a culpa e fugir da realidade.

9h42 Comenta a fragilidade de Nova York e alia a mesma a de São Francisco, dizendo que são cidades com destino apocalíptico, mas jamais abandonadas por seus habitantes. Relembra aspectos de sua visita aos EUA quando jovem: fragmentos de bares e danceterias. Ronald Reagan era o presidente. Visita o escritor francês Alain Robbe-Grillet e sua esposa, que moram em Nova York. Conversam sobre clubes sadomasô e sobre uma visita que Alain fez a William Burroughs, que matou sua esposa. Tomam xerez. Alain pergunta a Beigbeder sobre sua necessidade de ir até Nova York para escrever sobre a cidade: “É que estou fazendo um romance antigo. Deixo a novidade para os jovens, como o senhor!” (p. 252) Mais tarde, em um bar, decide pedir sua noiva em casamento invejando a liberdade e a felicidade do casal Robbe-Grillet.

9h44 Este capítulo é sobre a fama de Beigbeder, ou pelo menos a fama que ele deseja ter, já que insiste em ser celebridade. Imagina-se em vinte anos, no futuro, com a filha olhando seu álbum de recortes sobre si. Imagina se ela dirá que o ama. Diz que prefere a superexposição da fama ao recolhimento e escreve um parágrafo detestável sobre o papel do escritor de reivindicar a mudança, papel este que ele não pode exercer simplesmente porque é rico e famoso, mas não é ingrato.

9h46 Fala sobre o principal prato servido em Nova York: qualquer um a base de salmão, mesmo em um bairro que se chama Mercado da Carne. Não consegue entrar em um clube noturno chamado Cielo, vai para outro chamado Taj e conhece uma modelo loura, acompanhada de seus dois irmãos. Ela diz estar a caminho de outro clube, chamado Lótus. Beigbeder se dirige a este clube e ao se encontrar novamente com a modelo, após trocar frases com conteúdo sexual, descobre que seu nome é Candace, modelo da Victoria's Secret, ou seja, a namorada de Carthew Yorston. Não se sabe se Beigbeder descobre este último fato, mas ao dizer a Candace que está escrevendo um romance sobre o Windows on the World, ele a afugenta. Aqui, realidade e ficção se misturam, pois o Beigbeder autor do romance já mencionara Candace nos minutos ímpares cuja voz pertence a Carthew e o Beigbeder dono da

voz dos minutos pares explora Nova York e esbarra em Candace ao acaso. Esse acontecimento leva o leitor por pelo menos dois caminhos: o primeiro é o da entrega que acredita na coincidência do encontro entre Beigbeder e Candace; o segundo é o da constatação de que os minutos pares, ou seja, aqueles capítulos que são dedicados à narrativa de como o romance está sendo escrito, também são ficção, tendo como consequência a existência de um Beigbeder personagem autor de um outro somente autor.

9h48 Fala sobre a opinião do cartunista e editor americano Art Spiegelman de que os nova-iorquinos se voltavam para o World Trade Center como se fosse para Meca e se pergunta se as torres preenchiam um vazio espiritual ao mesmo tempo em que as imagina no crepúsculo: “[...] tabuleiro gigante de vidro polido, onde milhares de marionetes atendiam seu telefone, [...]” (p. 265)

9h50 Compara a Nova York dos anos 80, época em que lá viveu e trabalhou, com a Nova York de 2003 e conclui que atualmente há mais tristeza. Procura por vestígios da tragédia de 2001 e visita o prédio onde trabalhou, mas é expulso. Diz que o romance, como o cinema, é uma “janela para o mundo”, ou seja, um *Windows on the World*. Vê-se no espelho e conclui que “O romance é um espelho sem brilho, atrás do qual me escondo para ver sem ser visto.” (p. 269) E completa dizendo que estende aos outros este espelho fosco em que se vê, após dizer que escreve um romance autobiográfico para sumir, não para se desvelar. Suas reflexões sobre o romance dão a impressão de que há uma terceira voz principal neste romance, a do verdadeiro escritor, não a de Beigbeder, voz dos minutos pares, nem a de Carthew Yorston, voz dos minutos ímpares, mas a do autor de ambos os capítulos-minutos, pois esta voz também foi percebida interferindo em alguns minutos pares. Esse fato pode ser questionador da própria estrutura do romance, que, ficção, não deve ter a interferência direta de seu criador.

9h52 Conta sobre a filmagem que fez do World Trade Center, aos 10 anos de idade, com a câmera super-8 que ganhara de seu pai. As impressões que a magnitude das torres causava no garoto vêm à tona.

9h54 Protesta contra o romance sem desfecho e diz estar em busca de uma nova utopia. Aqui, mais uma vez as vozes de dois Beigbeders se confundem. Critica a ONU e diz que os terroristas deveriam ter atacado seu prédio, onde Bush dissera que a partir de 11 de setembro de 2001, os EUA se tornaram um campo de batalha. Constata que Nova York é um mundo sem fronteiras, onde pessoas do mundo inteiro convivem, comparado a Sarajevo. Volta a falar sobre a ONU e como os EUA assumem sua função democrática planetária quando dizem que estão em guerra contra o Mal. Fala sobre o defensor da Democracia

Mundial Troy Davis, sobre como sua causa o irrita, mas também é a única utopia que consegue ver após o 11 de setembro.

9h56 Está sobre a ponte do Brooklyn observando o East River e lembrando seus tempos de usuário de cocaína. Cita novamente seu romance *\$29,99* (2001) para falar sobre as epidemias de doenças pós-queda das torres que se espalharam em Manhattan, pois associa a inspiração da poeira das torres à inspiração das cinzas de seu patrão pelo personagem Octave. Levanta a possibilidade de responsabilizar, no futuro, os seguranças do World Trade Center, que poderiam ter aberto as portas do telhado antes de escapar, e os policiais que pilotaram nove helicópteros e não resgataram ninguém pelos ares. Acha que se perguntarão sobre o que poderiam ter feito até o fim de suas vidas. E sugere que o que poderia ter sido feito era simples: os policiais que sobrevoavam imaginavam que as portas dos telhados estavam fechadas, já que não havia ninguém no topo, portanto, deveriam ter acionado os seguranças que ainda estavam dentro dos prédios pedindo que as portas fossem abertas, fazendo então um rodízio de helicópteros para resgatar as pessoas utilizando escadas de cordas. Sua opinião é de que “Essa imagem teria sido a mais bela resposta possível aos aviões-suicidas.” (p. 286)

9h58 Conversa interessante entre Beigbeder e Troy Davis sobre a utopia da Democracia Mundial. Troy revela nomes de apoiadores do Comitê de Ação por um Parlamento Mundial que tem a pretensão de instaurar uma nova ordem mundial. Troy diz “O problema da nossa época é que a economia é globalizada, mas a política não.” (p. 289) Cita o Tribunal Penal Internacional e acredita que é um grande passo em direção à construção de um Parlamento Mundial, visto que já existe o reconhecimento de uma cidadania mundial. Beigbeder pergunta sobre o local de instalação do tal parlamento e Troy diz que será sobre uma “ilha artificial em movimento permanente ao redor dos cinco continentes.” (p. 289) Beigbeder pergunta se Troy acha que um romance pode ajudar, ao que Troy responde positivamente, desde que não seja escrito por Beigbeder. Falam sobre a resolução do problema da fome no mundo e sobre as futuras guerras pelas águas para concluir que tais problemas devem ser discutidos e suas soluções encontradas por todos os terráqueos, não por uma ou outra nação. Se assim não for, que se assuma a existência de uma Ditadura Mundial. Tal conclusão os leva a discutir a origem da ditadura em questão, que é do reinado dos Sumérios, povo criador da guerra e do nacionalismo absolutista, 5000 anos antes de Cristo. Apontam que tal reinado ocorreu no Iraque. Discutem um possível nome para a utopia de Troy e se sentem bem por acreditar em algo.

10h00 Fala sobre a ausência das duas torres que se quedaram e sua junção ao passado histórico, semelhante aos muros que caíram e às plantações de ancestrais que um dia ali existiram.

10h02 Transcrevo as linhas do romance que, mesmo antes de tê-lo lido, já eram o que considero a motivação para estudar o assunto da presente tese:

Os piratas do ar viviam confortavelmente em pequenas estações balneárias da Flórida com praias e “shopping malls”. Alguém precisa me explicar esse mistério. Em todo caso, um dia terão de me explicar como quinze sauditas diplomados, ocidentalizados, usando terno completo, com famílias instaladas na Alemanha, depois nos Estados Unidos, sujeitos que bebiam vinho, assistiam televisão, dirigiam carros e simuladores de voo, empanturravam-se no Pizza Hut, iam às vezes aos puteiros ou às sex-shops, como estes homens foram capazes de degolar comissárias de bordo com estiletos (é preciso segurar a garota com uma das mãos, uma jovem moça espermeia bastante, dá gritos estridentes, apoiar a lâmina com força sobre a carótida e a traqueia, abrir a pele e seccionar os nervos, o sangue jorra para todos os lados, ela se defende, dá pontapés nas tíbias e cotoveladas no plexo... não, não é fácil de fazer), como esses caras conseguiram assumir o comando de quatro Boeings para lançá-los no ar contra edifícios em nome de Alá. Concordo que Alá é grande, mas mesmo assim... Claude Lanzmann diz que o Holocausto é um grande mistério; o Onze de Setembro também. Estavam drogados? Em caso afirmativo, com o quê? Cocaína, anfetaminas, álcool, haxixe, EPO, maconha belga? Prometeram-lhes outra coisa sem ser as mil virgens meretrizes do Paraíso? Grana para seus herdeiros? E, por sinal, quantos da tropa estavam a par do aspecto suicida da operação? [...] Esse acontecimento era imprevisível, porque é impossível. É literalmente incompreensível, isto é, transcende o entendimento humano. Quem são os homens capazes de realizar tal gesto? Quem são Mohamed Atta, Abdulaziz al-Omari, Marwan al-Shehhi e seus companheiros? (p. 300-301)

10h04 O desabamento da torre sul já havia ocorrido desde as 9h59. Beigbeder passou os capítulos-minutos 10h00 e 10h02 falando sobre assuntos derivados. Agora fala sobre a queda chamando o edifício de nuvem assassina e dizendo que a cena foi imitada de filmes *blockbusters* que as pessoas já tinham assistido, mas que saíam vivas no final.

10h06 Aponta para o fato de que as bandeiras içadas no dia seguinte ao atentado haviam sido recolhidas um ano depois, para evitar chamar atenção de inimigos. Conclui que o que mudou no clima de Nova York foi o fim da certeza e o nascimento da dúvida, deduzindo que os EUA entraram tardiamente e forçosamente na era de René Descartes e seu método para provar a existência de verdades absolutas: para conhecer a verdade, antes, coloque todos os seus conhecimentos em dúvida.

10h08 Uma tentativa de descrição do horror de 11 de setembro de 2001 chega à seguinte frase do autor: “A partir daqui penetramos no indizível, no inenarrável.” (p. 310) Ele se desculpa pelas interrupções e diz que não detalha para que nós leitores possamos imaginar, apesar de considerar a descrição uma forma de homenagem⁴⁷.

⁴⁷ Ver nota número 42.

10h10 O *Windows on the World* é semelhante à Auschwitz. “(página cortada)”. (p. 313)

10h12 Palavras insanas sobre ódio ser igual a amor e sobre a fundação de uma nova religião cujo profeta barbudo de tanga seria adorado e cujo símbolo seriam duas torres em chamas.

10h14 Tese de Albert Thibaudet, autor de *História da Literatura Francesa*, de 1936, sobre a duração das gerações: “[...] uma geração é uma faixa etária que aos vinte anos de idade viveu um acontecimento histórico do qual não irá se recuperar e que a marcará para sempre.” (p. 317) O acontecimento de Thibaudet foi o caso Dreyfus; o dos pais de Beigbeder foi Maio de 68; o de Beigbeder foi a queda do Muro de Berlim em 1989; o meu foi o 11 de setembro de 2001.

10h16 Considerações improvisadas sobre a morte.

10h18 Recluso no Mercer Hotel, reflete sobre a atitude do novo prefeito de Nova York de acabar com o barulho e com os fumantes, ou seja, de querer aproximar Nova York da Suíça.

10h20 Citação da coletânea de 51 poemas em prosa *O spleen de Paris*, de Charles Baudelaire (1865). Sugere a mudança de nome para *O spleen de Nova York*.

10h22 Cita o escritor austríaco Stefan Zweig e os escritores franceses Louis-Ferdinand Céline e Georges Pérec. Fala sobre a grandiosidade do primeiro atentado estrangeiro aos EUA, sobre a vontade de ver sua noiva e de se casar, e imagina os personagens principais de seu romance: Carthew, Jerry e David.

10h24 Questiona-se sobre as razões pelas quais escreveu este romance, conclui que não havia interesse em falar de outro assunto e que a literatura deve dizer o que a televisão não consegue dizer. Muda o assunto para democracia dizendo que a parte interessante de se viver em uma é poder criticá-la. Depois, muda de opinião, pois não estava sendo sincero: “Este romance utiliza a tragédia à guisa de muleta literária.” (p. 337), já se antecipando aos críticos. Remete-se à sua genealogia em mais uma tentativa de entender o porquê da escritura do livro e conclui que todos os americanos de pele branca são europeus oito gerações passadas, ou seja, seus problemas são também dele.

10h26 Vai até o novo restaurante do proprietário do ex-*Windows on the World* e importuna um dos ex-empregados contando que está escrevendo um romance sobre o antigo restaurante porque sua avó se chamava Grace **Carthew-Yorston** e falando que os franceses não odeiam os americanos, mas têm medo deles. O funcionário diz estar cansado de 11 de

setembro. Beigbeder pergunta se ele ao menos se lembra da canção de Dionne Warwick: “The windows on the world are covered with rain.” (p. 341) Entoam a canção.

10h28 Este capítulo-minuto é configurado graficamente em duas colunas estreitas por página, remetendo ao formato das torres gêmeas. Trata-se de reflexões sobre sua ida a Nova York. “A noite cai sobre o Site: clareira na floresta de vidro.” (p. 343) Encontra-se próximo ao Memorial do Holocausto e ouve os ruídos da cidade. Sente-se ao mesmo tempo feliz e indecente “diante do maior crematório do mundo”. (p. 344) Lembra-se de sua filha e de sua noiva, que receberá um anel da marca Tiffany’s. Depois, sente-se triste por viver, mas sabe que sua “torre” vai chegar.

10h29 Este capítulo-minuto, que deveria ser contado por Carthew, é contado por Beigbeder em seu retorno à Paris, como já escrito acima. Ele está ansioso para pedir a mão de sua noiva em casamento.

Os romances acima, eleitos como exemplos de narrativas pós-modernas, ou seja, formas de expressão da contemporaneidade, são os documentos de que dispõe esta pesquisa para analisar a produção de romances pós-11 de setembro visando a responder a questão sobre o surgimento de um novo gênero que evoca o tema do terrorismo intrinsecamente à sua estrutura. Para tanto, outros temas como capitalismo, globalização e civilização, aliados ao tema do terrorismo precisam ser explorados. Vejamos a seguir, como as transformações do capitalismo se deram e resultaram na radicalidade de sua atual fase, bem como algumas de suas consequências, entre elas, o próprio terrorismo.

3 LITERATURA ENTRE O MAL-ESTAR DO CAPITALISMO E DA CIVILIZAÇÃO E O TERRORISMO

Ao discorrer anteriormente sobre as diferenças apontadas por David Harvey entre modernidade e pós-modernidade, encontramos a elucidativa frase de Marshall Berman: “Ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo – e, ao mesmo tempo, que ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.” (BERMAN, 1986, p. 15) Tal definição retrata com clareza o sentimento que permeia o ser humano no ocidente desde o início da modernidade, era que, segundo historiadores, tem seu início marcado no século XV e, como já vimos, dura até os dias de hoje, entretanto, em uma segunda fase, chamada de pós-modernidade.

Transformar a si mesmo e o mundo foi claramente o objetivo do novo ser que manifestava novas necessidades na época do esgotamento do sistema feudal de organização da sociedade. Mas as consequências de tais transformações, como aponta Berman, foram drásticas para esse mesmo ser: ao mesmo tempo em que, por um lado, crescia enormemente, rumo à aventura da construção da sociedade capitalista, por outro, destruía crenças, valores, e em grande parte, sua própria identidade.

Desse modo, é necessário tecer o panorama da constituição do capitalismo e da civilização para que possamos melhor situar os romances pós-11 de setembro na pós-modernidade e assim compreender a desilusão do homem pós-moderno representada pelos personagens dos romances que compõem o corpo de análise desta pesquisa.

3.1 Capitalismo

Se um tipo de sistema é contestado, em decorrência, luta-se por outro e há uma revolução, ou seja, a sociedade sofre uma transformação profunda que atinge todos os níveis da realidade social – o econômico, o político, o social e o cultural –, sendo natural que haja a destruição em vários âmbitos a favor da construção do novo que surge. É até mesmo desejável. Todavia, acredita-se que o ser humano foi um tanto imprudente ao lutar por um sistema cujas bases ideológicas ameaçam “*destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos*”. Portanto, vale a pena perguntar: o que fica no lugar de uma identidade destruída? Conseguiu-se alguma substituição durante esses quinhentos anos subsequentes ao advento da modernidade?

A partir do momento em que, no século XV, o ser humano começa a contestar a ordem social vigente, o feudalismo, novas relações interpessoais surgem, substituindo o sistema de trocas, característico de uma época que durou dez séculos – a idade média. Essas novas relações consistiam em atribuir um valor aos objetos, que antes eram trocados segundo as necessidades pessoais dentro de uma comunidade, passando a ser trocados com vistas ao lucro e à conseqüente acumulação de riquezas. Esta última faz que as pessoas que conseguiam tal façanha formem nova classe social chamada de *burguesia*. Esta, por sua vez, pertencia à ordem do povo, entre as ordens do sistema feudal: clero, nobreza e povo, e, apesar de não possuir poder de decisão de fato, influenciava fortemente as outras ordens, principalmente quando as últimas viam-se ameaçadas por seu crescente poder. Tal influência pode ser identificada no processo de formação dos Estados nacionais, como Inglaterra, França, Portugal, Espanha e Holanda, cuja política de centralização do poder em detrimento da descentralização feudal era uma forma de proteção da nobreza e do clero contra a nova classe que emergia, proteção essa garantida pelo novo sistema de monarquia absoluta de direito divino.

Durante a idade média, clero e nobreza ocupavam as camadas mais altas da pirâmide social, estando o clero no topo em termos de poder político, o que caracterizava um sistema social cujas bases ideológicas residiam na fé religiosa. Após o século XV, diante da nova conjuntura incipiente, a nobreza, representada por um rei, um monarca absoluto cujo poder era advindo do próprio Deus, ganha forças politicamente, apesar de as relações entre as duas ex-ordens feudais continuarem estreitas.

Entretanto, a exemplo da burguesia, e por influência dela, a nobreza dominante percebe que a acumulação de riquezas é algo que fortalecerá a recém-surgida nação, após a constituição dos Estados nacionais, e parte para as grandes navegações empreendidas no intuito de descobrir novas terras que seriam colonizadas, nas quais pudessem ser encontrados ouro e metais preciosos, bem como quaisquer tipos de matérias-primas, extraídos e mandados para a metrópole. Esta, antecipando o que o pensador burguês Adam Smith escreve em *A riqueza das nações* (1986), parte do pressuposto de que a riqueza de uma nação é medida pela quantidade de metais preciosos que consegue manter dentro de suas fronteiras e acumula esses metais na medida em que explora sua colônia: “Um país rico, tal como um homem rico, deve ser um país com muito dinheiro; e juntar ouro e prata em um país deve ser a mais rápida forma de enriquecê-lo.” (SMITH, 1986, p. 169).

Foi dessa forma que os reis procuraram fortalecer os Estados nacionais. Ao lado das grandes navegações, começaram a pôr em prática uma série de medidas no sentido de

fortalecer a economia nacional, medidas que caracterizaram a primeira fase do sistema vigente até hoje, chamada de mercantilismo ou de pré-capitalismo, que ocupou os séculos XVI e XVII.

Como já dito, desde o século XV, uma revolução começou a ser instaurada. Portanto, mudanças em todos os âmbitos começaram a ser notadas, umas como consequências das outras. Por exemplo: o fato de a nobreza começar a possuir mais poder político que o clero nas monarquias absolutas era reflexo de mudança no pensamento do ser humano, que deixava pouco a pouco de ser dominado pela fé religiosa e passava cada vez mais a valorizar a razão. Isso significa que o ser humano, e não mais Deus, afirmava-se como sujeito que representa a realidade, o que teria como consequência o antropocentrismo da idade moderna em oposição ao teocentrismo da idade média. Do mesmo modo, as grandes navegações não teriam sido possíveis sem a revolução científica que caracterizou a época, graças também ao humanismo e ao renascimento, que negavam o modo de pensar medieval e buscavam a mentalidade das civilizações antigas grega e romana, possibilitando assim o uso da razão e o advento do método da ciência moderna, que consiste em ver a natureza como objeto de sua ação e de seu conhecimento e em representá-la. As explicações teológicas não mais satisfiziam o ser humano moderno, cioso de uma objetividade que o levasse à compreensão dos fenômenos e leis que constituíam a natureza. Foi nesse período que surgiram filósofos, físicos, matemáticos e astrônomos como Bacon, Descartes e Newton.

Contudo, mesmo sendo forte influência para a nobreza, no século XVIII, a burguesia ainda não era detentora do poder político, pertencente até então às monarquias absolutas. Esse fato começou a gerar clima de inconformismo e crise social que levou a burguesia a lutar pela queda das monarquias a favor de um sistema de organização social republicano que, assim como na formação dos Estados nacionais, assumirá seu próprio formato em cada país, mais cedo ou mais tarde, de acordo com seu estágio de desenvolvimento.

Como bases ideológicas, a burguesia utilizou os ideais de um movimento intelectual cujos temas básicos eram a liberdade, o homem e o progresso, amparados pela razão em oposição à tradição conservada pela nobreza. Esse movimento foi chamado de iluminismo. E o século XVIII, chamado de século das luzes, em oposição à idade média, considerada pelos iluministas a idade das trevas. Para os iluministas, as monarquias absolutas eram resquícios da idade das trevas e, portanto, era preciso acabar com elas. Assim como o mercantilismo, que era a política econômica do Estado absoluto, precisava ser substituído.

Immanuel Kant escreve em *O que é iluminismo?*, publicado no número de dezembro de 1784 da revista *Berlinische monatschrift*:

O iluminismo é a saída dos homens do estado de minoridade devido a eles mesmos. Minoridade é a incapacidade de utilizar o próprio intelecto sem a orientação de outro. Essa minoridade será devida a ele mesmo se não for causada por deficiência intelectual, mas por falta de decisão e coragem para utilizar o intelecto como guia. “Sapere aude! Tem coragem de usar teu intelecto!” É o lema do iluminismo. (KANT, 1784, s.p.)

Nessa época, o sistema capitalista transitava para a sua próxima fase, que se consolidaria no início do século XIX, com a revolução industrial. E durante todo o século XVIII, por influência dessa forma de pensamento, a burguesia, já então detentora de grandes riquezas e responsável pelo surgimento de mão-de-obra assalariada, pois as empresas começavam a surgir, partia para as revoluções burguesas, cujo ícone foi a revolução francesa com famosos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Com as revoluções, a burguesia pretendia derrubar o absolutismo, que não atendia aos seus interesses e que passou a ser chamado de antigo regime.

Mas não era só isso que a burguesia pretendia. Líder das transações comerciais, essa classe social havia percebido que a intervenção do Estado, absoluto ou não, na economia não era de modo algum benéfica para o aumento dessas transações. Daí a necessidade de que o Estado não interviesse nem tampouco regulamentasse a vida econômica, com a justificativa de que a vida econômica, como a própria vida, devesse seguir o seu curso natural:

O sistema adequado é o da liberdade natural, que libera o soberano da obrigação de supervisionar o trabalho das pessoas privadas e da obrigação de dirigi-lo para os objetivos mais convenientes ao interesse da sociedade. (SMITH, 1983, vol. IV, s.p.)

É nesse ponto da história que se deve situar a primeira manifestação da principal marca do sistema capitalista que permeia a era moderna, o liberalismo econômico, a não intervenção do Estado na economia.

Com ideais liberais, a burguesia consegue derrubar algumas monarquias absolutistas, nem sempre conquistando o poder político de fato, mas conseguindo sobremaneira defender seus interesses e partir para a revolução industrial.

A revolução industrial, iniciada na Inglaterra no fim do século XVIII, foi o marco da segunda fase do capitalismo, que de mercantilismo passou a ser capitalismo industrial. Nessa fase, o grande acúmulo de capital de alguns membros de sociedades como a Inglaterra, por exemplo, permitiu que vários investimentos fossem feitos na área de tecnologia, possibilitando o advento das máquinas e a consequente mecanização da indústria que, apesar de já ter sido baseada em trabalho assalariado, antes era manufatureira.

A mecanização possibilitou o aumento da produção e dos lucros, fazendo que a burguesia concentrasse não só as habituais e cada vez maiores grandes somas de dinheiro, mas também os meios de produção.

Nessa época, o capitalismo já havia se tornado o sistema econômico predominante na Europa e fundamentava-se, de acordo com o que pregavam os iluministas do século XVIII,

[...] na propriedade privada dos meios de produção pela burguesia, que teria total liberdade econômica para produzir, vender, investir, fazer circular as riquezas produzidas, comprar, fixar salário. E as atividades econômicas não seriam planejadas, nem reguladas, nem controladas pelo Estado, cuja função seria manter a ordem necessária ao funcionamento das empresas privadas. (AQUINO *et al.*, 1993, p. 118)

Ou seja, o liberalismo econômico já havia conseguido fazer que o Estado não passasse de mero organizador das condições de existência de empresas lucrativas, sim, contudo, não para a sociedade como um todo, mas para uma minoria que era dona dos meios de produção. A grande maioria trabalhava para essa minoria e já se constituía como sua classe antagonista – o proletariado.

Burguesia e proletariado foram progressivamente construindo essa relação de antagonismo durante o século XIX, na medida em que o capitalismo industrial se fortalecia como sistema econômico vigente amparado pela política liberal, que deixava a maior parte da sociedade à mercê dos interesses de empresas privadas, cujo objetivo é somente e tão-somente lucro.⁴⁸

Além disso, verificou-se no fim do século XIX que o sistema capitalista, já então baseado na livre concorrência, sofria de excesso de produção em oposição à escassez de mercados consumidores. Era o começo das famosas crises cíclicas do capitalismo, muito bem apontadas por John Maynard Keynes em 1957, data da publicação de *Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro*. Propondo definição de movimento cíclico como tendências ascendentes e descendentes que persistem na mesma direção, Keynes diz que no momento de crise:

Enquanto o auge continua, a maioria dos novos investimentos oferece um rendimento corrente que não é insatisfatório. A desilusão chega, porque de repente surgem dúvidas quanto à confiança que se pode ter no rendimento provável, talvez porque o rendimento atual dê sinais de baixa à medida que os estoques de bens duráveis de produção recente aumentam com firmeza. (KEYNES, 1970, p. 303)

Ao mesmo tempo, o proletariado rumava para a contestação geral do sistema vigente, contestação primeiramente manifestada com o socialismo utópico, representado por Saint-Simon, Charles Fourier e Robert Owen, entre outros, e posteriormente com o socialismo científico, cujos representantes são Karl Marx e Friedrich Engels. Essa contestação iria culminar na revolução de 1905 liderada por Trotsky e mais tarde na revolução russa

⁴⁸ O documentário americano *The corporation* (2003) mostra que ainda hoje existem fábricas de produtos de grandes marcas que se utilizam de mão-de-obra submetida a trabalhar em condições subumanas a troco de remunerações irrisórias. Direção: Jennifer Abbott e Mark Achbar. Com participações de: Noam Chomsky, Steve Wilson, Jane Akre, Naomi Klein, Michael Moore, Vandana Shiva. (HELLO Cool World. *The Corporation*. Disponível em: www.thecorporation.com. Acesso em: 10 nov. 2013.)

(Bolchevista) de 1917, fazendo que a Rússia, então União Soviética, permanecesse 71 anos sob regime de dura realidade.

Mas, continuando com o século XIX, o excesso de produção que tem como consequência a falta de mercados consumidores levou as potências produtoras europeias a buscar novos mercados consumidores extraterritoriais. Iniciou-se o neocolonialismo. Inglaterra e França ocuparam grande parte da África, fazendo que a Alemanha, após já tardia industrialização, reivindicasse uma fatia do território para que também pudesse escoar sua produção excedente.

Tudo isso culminou na primeira guerra mundial e na consequente queda do liberalismo, que forçou o mundo a se organizar temporariamente sob regimes fascistas para que se pudesse dar continuidade às medidas protecionistas já iniciadas antes da guerra, pois a livre concorrência, além da produção em excesso, trouxera a ideia de monopólio, ou seja, de exclusividade, e já que o Estado, sob a égide da política liberal, não podia interferir, as grandes indústrias transformaram-se em gigantes na tentativa de obter total controle da produção.

Os Estados Unidos, distantes dos horrores da guerra, viram nela grande oportunidade de formação de mercados consumidores, até então dominados por países europeus. E pouco a pouco foram se tornando a economia hegemônica em detrimento da Europa.

No período entre-guerras, entretanto, ameaçados pelo socialismo, os sistemas capitalistas liberais foram temporariamente substituídos por regimes totalitários ou fascistas, que, mesmo com as peculiaridades de cada nação, visavam ao mesmo objetivo: proteger-se de uma revolução trabalhista, cuja ameaça era crescente na medida em que uma crise econômica se alastrava mundialmente.

Eric Hobsbawm considera que a primeira guerra mundial assinalou o colapso da civilização ocidental do século XIX:

Para essa sociedade, as décadas que vão da eclosão da primeira guerra mundial aos resultados da Segunda foram uma Era de Catástrofe. Durante quarenta anos, ela foi de calamidade em calamidade. Houve ocasiões em que nem mesmo conservadores inteligentes não apostariam em sua sobrevivência. (HOBSBAWM, 2006, p. 16)

Na década de 1940, a eclosão da segunda guerra mundial permitirá o retorno do capitalismo liberal, mas agora em novo formato, mais fortalecido, um movimento político-econômico surgido na fase de transição do pré-capitalismo ou mercantilismo para a fase de capitalismo industrial. Esse retorno, segundo Hobsbawm, ocorre no momento de desmoronamento da Era de Ouro.

Incentivada pelos ideais iluministas, a burguesia, já então detentora dos meios de produção, lutava pela não intervenção do Estado na economia, com a justificativa de que a vida econômica, como a própria vida, devesse seguir o seu curso natural: “O sistema adequado é o da liberdade natural, que libera o soberano da obrigação de supervisionar o trabalho das pessoas privadas e da obrigação de dirigi-lo para os objetivos mais convenientes ao interesse da sociedade.” (SMITH, 1983, vol. IV, s.p.)

Tendo sido interrompido no período entre-guerras pelos fascismos como consequência de uma profunda crise econômica e do advento dos movimentos socialistas, pois como disse Eric Hobsbawm: “Diante de problemas econômicos insolúveis e/ou de uma classe operária cada vez mais revolucionária, a burguesia agora tinha que apelar para a força e a coerção, ou seja, para alguma coisa semelhante ao fascismo.” (HOBSBAWM, 2006, p. 139), o liberalismo permaneceu em estado latente para que ressurgisse com força total após a segunda guerra mundial, quando o capitalismo caminhava para a sua última fase, a financeira, que sucedeu respectivamente a fase mercantilista (pré-capitalista), a fase industrial, a fase industrial liberal e a fase monopolista. O último capitalismo é também chamado de capitalismo neoliberal (Lyotard), pós-industrial, tardio (Jameson), corporativista ou pós-fordista (Harvey).

Esse novo liberalismo parte dos mesmos princípios do primeiro, mas leva a não intervenção do Estado nas transações comerciais à radicalidade, logo após uma economia mista que conjugava Estado e empresas rumo à formação das grandes corporações na Era de Ouro, tornando possível o livre mercado mundial já na fase de desmoronamento do século XX, que explora uma classe social operária a cada dia mais pobre e mais dependente de algo que, segundo Viviane Forrester (1997), não existe mais: o emprego, enquanto as empresas se diluem em sociedades anônimas para que seja impossível para o Estado a identificação de um responsável por tal crise. Desemprego em massa, miséria, acentuação absurda das desigualdades sociais:

[...] houve, a partir de 1914, uma acentuada regressão aos padrões então tidos como normais nos países desenvolvidos e nos ambientes da classe média e que todos acreditavam piamente estivessem se espalhando para as regiões mais atrasadas e para as camadas menos esclarecidas da população. (HOBSBAWM, 2006, p. 22)

Entretanto, continua Hobsbawm: “[...] este século nos ensinou e continua a nos ensinar que os seres humanos podem aprender a viver nas condições mais brutalizadas e teoricamente intoleráveis [...].” (HOBSBAWM, 2006, p. 22) Forrester discute muito bem a situação da classe operária contemporânea ao apontar a falta de emprego como um dos horrores econômicos produzidos pela forma liberal de organização da sociedade:

Mas, “procurar emprego” parece pertencer ao domínio das ocupações piedosas! Pois, pelo que se sabe, a procura de empregos não cria esses empregos! Com todos

os “estimulados” que se dedicam a essa procura, com todos aqueles que, durante tantas buscas inúteis, sonham com um trabalho como se fosse o Santo Graal, nós ficaríamos sabendo! Com todos aqueles que aceitam esses quebra-galhos quase sempre precários que os levam logo a retomar aquela procura tão recomendada [...], com todos aqueles que desanimam por nada encontrar, se a demanda “estimulasse” empregos, algum eco chegaria até nós. (FORRESTER, 1997, p. 96)

Nestes anos de 2012 e 2013 vive-se mais uma crise do capitalismo, iniciada em 2011 e até agora chamada de *Crise Europeia*. Por mais que se queira restringir o presente problema ao continente europeu, seus desdobramentos são mundiais: grande pessimismo na esfera econômica e quedas constantes dos índices das bolsas de valores, com risco de recessão mundial. Suas principais causas são a falta de coordenação política da União Europeia⁴⁹ para resolver questões de endividamento público das nações do bloco e o próprio endividamento público extremamente elevado, principalmente de países como Portugal, Itália, Irlanda, Grécia, e Espanha, apelidados pelas mídias de PIIGS⁵⁰, alusão a porcos, os porcos pobres da Europa.

Algumas consequências desta crise por enquanto são, além do aumento exacerbado do desemprego, fuga de capitais de investidores, escassez de crédito, descontentamento popular com medidas de redução de gastos adotadas pelos países como forma de conter a crise, queda ou baixo crescimento do PIB dos países da União Europeia em função do desaquecimento da economia dos países do bloco.

A União Europeia realiza atualmente algumas ações de combate à crise lideradas principalmente por Alemanha e França. Segundo o *website* www.suapesquisa.com, tais ações são: implementação de um pacote econômico anticrise lançado em 27 de outubro de 2011, maior participação do FMI (Fundo Monetário Internacional) e do Banco Central Europeu nas ações de enfrentamento da crise e ajuda financeira aos países com mais dificuldades econômicas. Houve também a definição de um Pacto Fiscal, ratificado em março de 2012, cujos objetivos são: garantir o equilíbrio das contas públicas das nações da União Europeia e criar sistemas de punição aos países que desrespeitarem o pacto, com destaque para o Reino Unido, que não aceitou o pacto, aumentando a crise política na região.

⁴⁹ A União Europeia (UE) é um bloco econômico, político e social definido pelos seguintes tratados: Tratado da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA), Tratado da Comunidade Econômica Europeia (CEE), Tratado da Comunidade Europeia da Energia Atômica (EURATOM) e Tratado da União Europeia (UE). Este último é o Tratado de Maastricht, que estabelece fundamentos da futura integração política. Nele se destacam acordos de segurança e política exterior, assim como a confirmação de uma Constituição Política para a União Europeia e a integração monetária, através do euro. Suas instituições básicas são: o Parlamento, a Comissão, o Conselho e o Tribunal de Justiça. Todos estes órgãos possuem representantes de todos os países membros. Os 27 países integrantes são: Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Dinamarca, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Países Baixos (Holanda), Polônia, Portugal, Reino Unido, República Tcheca, Romênia e Suécia. Macedônia, Croácia e Turquia encontram-se em fase de negociação. Estes países são politicamente democráticos, com um Estado de direito em vigor. (UNIÃO Europeia. Disponível em: <www.suapesquisa.com/uniao-europeia/>. Acesso em: 10 nov. 2013.)

⁵⁰ Ao mesmo tempo, as mídias criaram o termo BRICS para designar um suposto bloco emergente formado por Brasil, Rússia, Índia e China, que seriam os novos pilares da ordem global no sistema internacional. (HURRELL *et al.*, 2009)

A falta de emprego, contudo, é apenas um dos horrores econômicos consequentes do sistema capitalista liberal de organização da sociedade. As classes que não sofrem da miséria da fome e do desemprego sofrem de outro tipo de miséria: a da dessignificação da condição humana (em outro nível, trata-se da mesma coisa). Hobsbawn aponta que a sociedade de fins do século XX é formada “por um conjunto de indivíduos egocentrados sem outra conexão entre si, em busca apenas da própria satisfação (o lucro, prazer, ou seja lá o que for)” (1995, p. 25) e que isso sempre esteve implícito na teoria capitalista, como aponta o trecho de *O manifesto comunista* (1998):

A burguesia [...] despedaçou impiedosamente os diversos laços feudais que ligavam o homem a seus “superiores naturais”, e não deixou nenhum outro nexo entre homem e homem além do puro interesse próprio. (MARX; ENGELS, 1998, p. 12)

Deve-se ressaltar que este capítulo trata apenas do desenvolvimento do sistema capitalista no ocidente. No oriente médio, cada país sofreu a influência do capitalismo em época e contexto diferente, não havendo espaço na presente tese para tais descrições.

3.2 Civilização

Ao buscarmos anteriormente conjecturar sobre as origens do capitalismo, notamos que seu surgimento é concomitante ao surgimento da classe burguesa e ao fim do feudalismo de que falam Marx e Engels acima. Há, entretanto, relevante acréscimo a ser feito a tais conjecturas: fim do feudalismo, surgimento da burguesia e consequentemente do capitalismo constituem, segundo a história, o princípio da idade moderna e, segundo Freud, as origens da civilização moderna.⁵¹ Para esta última, Freud dá a seguinte definição:

[...] a palavra “civilização” descreve a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados animais, e que servem a dois intuitos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar os seus relacionamentos mútuos. (FREUD, 1997, p. 41-42)

De acordo com o pai da psicanálise, “Se remontarmos suficientemente às origens, descobriremos que os primeiros atos de civilização foram a utilização de instrumentos, a obtenção do controle sobre o fogo e a construção de habitações.” (FREUD, 1997, p. 42) Mas, é com a mudança do pensamento teocêntrico para o pensamento antropocêntrico, a partir do renascimento que originou o humanismo e o iluminismo, é que a civilização começou a atingir seus ideais: controle sobre as forças da natureza, beleza, limpeza, ordem, estima às

⁵¹ Zigmunt Bauman acredita que o livro de Freud *O mal-estar na civilização* (1997) conta, na verdade, a história da modernidade: “Só a sociedade moderna pensou em si mesma como uma atividade da ‘cultura’ ou da ‘civilização’ e agiu sobre esse auto-conhecimento com os resultados que Freud passou a estudar; a expressão ‘civilização moderna’ é, por essa razão, um pleonismo.” (BAUMAN, 1998, p. 7)

atividades mentais do homem e regulamentação dos relacionamentos sociais. (FREUD, 1997, p. 47)

O problema é que todas essas “exigências quanto à civilização” que são provenientes sim de nós, seres humanos, que desejamos e erigimos essa civilização, vão de encontro a outras de nossas características “naturais” que tiveram de ser “deslocadas” para que pudéssemos nos tornar seres “civilizados”:

O desenvolvimento da civilização nos aparece como um processo peculiar que a humanidade experimenta e no qual diversas coisas nos impressionam como familiares. Podemos caracterizar esse processo referindo-o às modificações que ele ocasiona nas habituais disposições instintivas dos seres humanos, para satisfazer o que, em suma, constitui a tarefa econômica de nossas vidas. [...] não podemos deixar de ficar impressionados pela semelhança existente entre os processos civilizatórios e o desenvolvimento libidinal do indivíduo. Outros instintos (além do erotismo anal) são induzidos a deslocar as condições de sua satisfação, a conduzi-las para outros caminhos. (FREUD, 1997, p. 51)

A partir do momento em que decidimos controlar as forças da natureza ou protegê-los contra essas mesmas forças, começamos a lutar contra a nossa própria natureza, aquilo que Freud chama de instinto primitivo. Daí advém o mal-estar que sentimos em relação ao nosso modo de vida, mal-estar esse que, inclusive, dá nome ao texto de Freud sobre tal assunto. A questão que se deve colocar neste momento é: será que temos realmente de abrir mão do instinto natural para que possamos nos organizar socialmente? Segundo Freud, sim, pois aliado ao instinto está a inclinação do ser humano para a agressão e “as paixões instintivas são mais fortes que os interesses razoáveis”. (FREUD, 1997, p. 68) Portanto, essa energia instintivo-agressiva deve ser gasta com outras atividades que contribuem para a comunidade em detrimento das atividades individuais. Entre essas atividades, a principal é o trabalho que, em primeira instância, favorece a família e, depois, as demais instituições, gradativamente, até atingir o Estado, e atualmente o mundo, já que a economia contemporânea é transnacional.

Todavia, Freud não acredita que o simples interesse do ser humano pela organização civilizada da vida e, portanto, o deslocamento da energia instintiva, que seria gasta anteriormente apenas com atividades libidinais, ou seja, com atividades ligadas ao prazer físico, para o trabalho não é capaz de sustentar a civilização, de onde vem o que torna possível a sua existência: a lei.

A civilização tem de utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos do homem e manter suas manifestações sob controle por formações psíquicas reativas. Daí, portanto, o emprego de métodos destinados a incitar as pessoas a identificações e relacionamentos amorosos inibidos em sua finalidade, daí a restrição à vida sexual e daí, também, o mandamento ideal de amar ao próximo como a si mesmo, mandamento que é realmente justificado pelo fato de nada mais ir tão fortemente contra a natureza original do homem. (FREUD, 1997, p. 69)

A teoria psicanalítica reza que a partir do Édipo, o sujeito irá estruturar e organizar o seu vir-a-ser, sobretudo em torno da diferenciação entre os sexos e de seu posicionamento frente à angústia de castração. Freud irá remeter, na sua teorização sobre o Édipo, a autores e personagens clássicos da literatura mundial, como o *Hamlet* de Shakespeare (2009) e a trama do parricídio dos *Irmãos Karamazov* de Dostoiévski (2008), obras que reencenaram o mito de Édipo da tragédia de Sófocles (2001).

O complexo de Édipo, geralmente manifestado em crianças com idade de três a cinco anos, é uma peculiar constelação de desejos amorosos hostis que a criança vivencia em relação aos seus pais no pico da fase fálica, uma das fases do desenvolvimento humano, segundo Freud, subsequente à primeira e à segunda fase, a oral e a anal respectivamente. Em sua forma positiva, o rival é o genitor do mesmo sexo e a criança deseja uma união com o genitor do sexo oposto. Em sua forma negativa, o rival é o genitor do sexo oposto, enquanto o genitor do mesmo sexo é o objeto de amor. Em sua forma completa, em nível inconsciente, ambas as formas coexistem devido à ambivalência da criança e sua necessidade de proteção. A relação dialética entre ambas as formas vai determinar se o desejo humano seguirá orientação homo ou heterossexual. Nessa estrutura triangular, a interação entre os desejos inconscientes dos pais e as pulsões da criança desempenha papel fundamental na constituição do cenário edípico, o que vai originar a lei de proibição contra o incesto, uma lei universal nas mais variadas culturas. O declínio do complexo de Édipo e a entrada no período de latência estão relacionados à ameaça de castração (meninos) e ao desejo de ter um bebê (meninas). A resolução do complexo, após a puberdade, é possível por meio da escolha de um substituto adequado para o objeto de amor. O complexo de Édipo mantém sua função de um organizador inconsciente durante toda a vida e forma elo indissolúvel entre o desejo e a lei. Daí, a íntima relação entre lei, pai, família e sociedade.⁵²

Outra grande contribuição de Freud foi a descoberta do inconsciente, parte da teoria psicanalítica que será criticada por Deleuze e Guattari em *O anti-Édipo* (2004). Segundo Freud, o inconsciente é constituído de três partes: id, ego e superego. “O id constitui o polo pulsional da personalidade.”⁵³ Os seus conteúdos, expressão psíquica das pulsões, são inconscientes, por um lado hereditários e inatos, e por outro, recalcados e adquiridos. Do ponto de vista econômico, o id é, para Freud, o reservatório inicial da energia psíquica; do ponto de vista dinâmico, entra em conflito com o ego e o superego que, do ponto de vista

⁵² PSICANÁLISE. Disponível em: <<http://akhenaton.sites.uol.com.br/psicanalise.htm>>. Acesso em: 03 fev. 2006.

⁵³ “A pulsão é fundamentalmente uma reivindicação permanente de satisfação, diríamos com Lacan que se trata de uma exigência const ante e a todo o custo de gozo; de tal modo que o meio, o objecto da pulsão, poderá ser muito diverso. O que significa que, ao nível pulsional, o sentido último, o ‘sentido do sentido’ é a satisfação, o gozo.” (SILVA, William. *A importância da pulsão como um dos conceitos fundamentais da Psicanálise*. Disponível em: <artededirigir.blogspot.com.br/2008_03_01_archive.html>. Acesso em: 10 nov. 2013.)

genético, são as suas diferenciações. O ego está em relação de dependência tanto para com as reivindicações do id, como para com os imperativos do superego e exigências da realidade. Embora se situe como mediador, encarregado dos interesses da totalidade da pessoa, a sua autonomia é apenas relativa. Do ponto de vista dinâmico, o ego representa eminentemente, no conflito neurótico, o polo defensivo da personalidade; põe em jogo uma série de mecanismos de defesa, estes motivados pela percepção de um afeto desagradável (sinal de angústia). A teoria psicanalítica procura explicar a gênese do ego em dois registros relativamente heterogêneos, quer vendo nele um aparelho adaptativo, diferenciado a partir do id em contato com a realidade exterior, quer definindo-o como o produto de identificações que levam à formação no seio da pessoa de um objeto de amor investido pelo id. No que diz respeito ao superego, o seu papel é assimilável ao de um juiz ou de um censor relativamente ao ego. Freud vê na consciência moral, na auto-observação, na formação de ideais, funções do superego. Classicamente, o superego é definido como o herdeiro do complexo de Édipo; constitui-se por interiorização das exigências e das interdições parentais. Ele é o representante interno dos valores e ideias tradicionais da sociedade, transmitidos pelos pais e reforçados pelo sistema de recompensas e castigos impostos à criança. O superego é a arma moral da personalidade psíquica; representa mais o ideal que o real e luta mais para a perfeição que para o prazer. Sua preocupação principal é decidir se alguma coisa é certa ou errada, de modo que o indivíduo possa agir em harmonia com os padrões autorizados pelos agentes da sociedade. Como árbitro moral internalizado, o superego desenvolve-se em função do sistema de recompensas e punições colocado pelos pais e para obter recompensas e evitar punições a criança aprende a conduzir-se de acordo com as normas ditadas pelos pais.

Mas voltemos à questão da agressividade, característica humana aliada ao instinto que deve ser gasta com outras atividades que contribuem para a comunidade em detrimento das atividades individuais, como o trabalho, por exemplo, que em primeira instância favorece a família, e depois as demais instituições.

Para Freud, a agressividade sempre existiu, desde os tempos primitivos, pois é inata ao ser humano, e em sua época já era manifestada desde o nascimento, “constitui a base de toda relação de afeto e amor entre as pessoas (com uma única exceção, talvez, do relacionamento da mãe com seu filho homem).” (FREUD, 1997, p. 70) Essa opinião vai de encontro ao pensamento marxista que acredita que o ser humano é inteiramente bom e disposto para o outro, o que corrompeu sua natureza foi a instituição da propriedade privada:

Os comunistas acreditam ter descoberto o caminho para nos livrar dos nossos males. Segundo eles, o homem é inteiramente bom e bem disposto para com seu próximo, mas a instituição da propriedade privada corrompeu-lhe a natureza. A propriedade

da riqueza privada confere poder ao indivíduo e, com ele, a tentação de maltratar o próximo, ao passo que o homem excluído da posse está fadado a se rebelar hostilmente contra seu opressor. Se a propriedade privada fosse abolida, possuída em comum toda a riqueza e permitida a todos a partilha de sua fruição, a má vontade e a hostilidade desapareceriam entre os homens. Como as necessidades de todos seriam satisfeitas, ninguém teria razão alguma para encarar outrem como inimigo; todos, de boa vontade, empreenderiam o trabalho que se fizesse necessário. (FREUD, 1997, p. 69)

Freud não desconsidera a existência de agressividade nas relações econômicas. Por outro lado, aponta para o fato de que, nas relações sexuais, a agressividade é intensa e provocadora da mais violenta hostilidade entre os homens. E ao considerar a remoção do fator “repressão sexual” das relações humanas, do mesmo modo que os marxistas pregam a remoção da propriedade privada,

[...] permitindo a liberdade completa da vida sexual, e assim, abolindo a família, célula germinal da civilização, não podemos, é verdade, prever com facilidade quais os novos caminhos que o desenvolvimento da civilização vai tomar; uma coisa, porém, podemos esperar; é que, nesse caso, essa característica indestrutível da natureza humana seguirá a civilização. (FREUD, 1997, p. 70)

A vida de cada um é regida por dois princípios que se conflitam, o princípio do prazer e o princípio da realidade, que também podem ser chamados de instinto de vida e instinto de morte. Enquanto o instinto de vida tem como fundamento interagir na civilização de forma a aproximar os indivíduos, trabalhando em favor da vida comunitária, o instinto de morte age de forma oposta, ou seja, contra a civilização.

Diante das imposições de uma sociedade repressiva, e sem a possibilidade de um ambiente que permita a total liberdade, o ser humano não encontra possibilidades de concretização da felicidade, entendida como a liberação das energias instintivas. Nada superaria a felicidade, caso esta pudesse ser concretizada. Contudo, a plenitude não existe, somente alguns momentos de satisfação temporária, decorrente dos impulsos, sobretudo sexuais, imediatamente reprimidos pelo mal-estar gerado consequente da desobediência à lei e do medo da insegurança.

Sabemos que a repressão de tal desejo é necessária para que a civilização continue existindo. Mas questionamos a origem de tal desejo. Não concordamos com Marx, que afirma existência de bondade inata ao ser humano, corrompida pela sociedade. Tampouco concordamos com Freud, que afirma existência de agressividade inata ao ser humano, controlada pela necessidade de sobrevivência em civilização. Mais adiante, apresentaremos outros pontos de vista relacionados a esta questão.

A civilização, então, foi construída por nós a partir da renúncia ao instinto, impondo a negação sacrificiosa à sexualidade e à agressividade humana e considerando o anseio de liberdade ameaça para si, como se os prazeres da vida civilizada viessem “num pacote

fechado com os sofrimentos, a satisfação com o mal-estar, a submissão com a rebelião.” Ela se tornou “a ordem imposta a uma humanidade naturalmente desordenada” (BAUMAN, 1998, p. 8), de modo que o ser humano, ao se tornar civilizado, fez a opção pela segurança em detrimento da possibilidade de felicidade.

Dessa ordem que era o orgulho da modernidade e a pedra angular de todas as suas outras realizações (quer se apresentando sob a mesma rubrica de ordem, quer se escondendo sob os codinomes de beleza e limpeza), Freud falou em termos de “compulsão”, “regulação”, “supressão” ou “renúncia forçada”. Esses mal-estares que eram a marca registrada da modernidade resultaram do “excesso de ordem” e sua inseparável companheira – a escassez de liberdade. A segurança ante a tripla ameaça escondida no frágil corpo, o indômito mundo e os agressivos vizinhos chamados para o sacrifício da liberdade: primeiramente, e antes de tudo, a liberdade do indivíduo para a procura do prazer. Dentro da estrutura de uma civilização concentrada na segurança, mais liberdade significa menos mal-estar. Dentro da estrutura de uma civilização que escolheu limitar a liberdade em nome da segurança, mais ordem significa mais mal-estar. (BAUMAN, 1998, p. 9)

Em *Extensão do domínio da luta*, romance de Michel Houellebecq (2004), analisado em minha dissertação de mestrado, o personagem principal diz:

[...] Há um sistema baseado na dominação, no dinheiro e no medo – um sistema mais para masculino que podemos chamar de Marte. Há um sistema feminino baseado na sedução e no sexo, que podemos chamar de Vênus. É tudo. [...] estamos todos submetidos ao envelhecimento e à morte; mas a noção de envelhecimento e de morte é insuportável ao indivíduo humano; em nossas civilizações, soberana e desregulada, ela se desenvolve, preenche cada vez mais o campo da consciência e não deixa nada mais subsistir. Assim, pouco a pouco, estabelece-se a certeza de limitação do mundo. O próprio desejo desaparece; só restam a amargura, o ciúme e o medo. Sobretudo, resta a amargura; uma imensa, uma inconcebível amargura. Nenhuma civilização, nenhuma época, foi capaz de desenvolver nos seus elementos tamanha amargura. Desse ponto de vista, vivemos momentos sem precedentes. Se fosse possível resumir o estado mental contemporâneo com uma palavra, seria, sem dúvida, esta que eu escolheria: ressentimento. (HOUELLEBECQ, 2004, p. 136)

A felicidade é algo impossível de ser alcançado na civilização. O mal-estar proveniente da ordem que, por sua vez, é proveniente da lei, causa inúmeros sofrimentos ao ser humano, entre eles, o fato de que o corpo está condenado à decadência e à dissolução. Isso significa que, por mais que nos esforcemos no sentido de preservar a beleza e a perfeição, a natureza nos leva inevitavelmente ao declínio. Além disso, o relacionamento com outros seres humanos, movido pela libido, segundo Freud, deve ser constantemente vigiado, pois a existência da sexualidade e da agressividade em tais relacionamentos está (ou pelo menos deveria estar) fora de cogitação; entretanto, os desejos aparecem a todo momento e a todo momento devem ser reprimidos, o que acentua o mal-estar, gerando um círculo vicioso, pois o mal-estar diante da repressão dos desejos gera mais desejos que geram mais mal-estar e assim sucessivamente.

Contudo, toda a regulamentação alcançada com o desenvolvimento da civilização durante a idade moderna parece ter iniciado um processo de constante declínio a partir do que

chamamos de pós-modernidade. O mundo atual é resultado de um século XX repleto de acontecimentos, cujos destaques vão para as duas grandes guerras e para o advento do capitalismo em vigência hoje, surgido após a segunda guerra, que estimula o consumo a qualquer custo. Esse mundo tem como características o efêmero; o fugidio; o desgaste da distinção prévia entre a alta cultura e a chamada cultura de massa ou popular; o pastiche; a nostalgia; a transformação da realidade em imagens; e a fragmentação do tempo em uma série de presentes perpétuos que resulta no desaparecimento do sentimento da história e na perda da capacidade de reter o passado; o fim das grandes narrativas; todos assuntos discutidos anteriormente. Tudo isso caracteriza a época atual como época de desregulamentação.

Segundo Bauman, porém, a desregulamentação característica da civilização contemporânea não abandona os princípios de ordem, beleza, limpeza e perfeição da civilização moderna. A civilização pós-moderna quer aliar os ideais modernos ao princípio do prazer; quer que os ideais modernos sejam perseguidos e realizados “através da espontaneidade, do desejo e do esforço individuais”. (BAUMAN, 1998, p. 9) Mas isso significa que a civilização pós-moderna quer indivíduos livres para realizar seus desejos e, caso levemos em consideração a teoria freudiana sobre a civilização, teremos de admitir que a existência dessa liberdade é impossível *na* civilização, pois, para ganharmos a segurança que a civilização nos traz, temos de perder a satisfação dos desejos que a liberdade nos traz.

Você ganha alguma coisa e, em troca, perde alguma outra coisa: a antiga norma mantém-se hoje tão verdadeira quanto o era então. Só que os ganhos e as perdas mudaram de lugar: *os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade*. Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais. (BAUMAN, 1998, p. 10, grifo do autor)

Tão pequena é a segurança na pós-modernidade que a existência do terrorismo se faz cada vez mais natural, parte do cotidiano, marca da contemporaneidade.

Capitalismo e civilização estão intimamente relacionados e a compreensão de ambos é extremamente importante para que se componha análise do nosso tempo, da contemporaneidade, início do século XXI. Após o panorama que foi traçado, podemos perceber melhor os resultados das realizações humanas na idade moderna na constituição da pós-modernidade, seus conflitos, contradições e angústias. A literatura, como veículo de expressão, irá retratar as consequências do advento do capitalismo e da civilização para a sociedade pós-moderna. Na presente tese, com destaque para o terrorismo. Portanto, a literatura reafirma-se como instrumento fundamental de estudo da vida e do mundo.

3.3 Terrorismo

O termo “terrorismo” traz consigo duas sérias questões a ser consideradas, sobre as quais não há consenso: primeiro, quanto a sua origem; segundo, quanto a sua definição.

Francisco de Assis Penteadó Mazetto, em trabalho intitulado *O Terrorismo na História*⁵⁴, ressalta o fato de o termo ter ganhado destaque após o atentado de 2001, passando a ser parte obrigatória da agenda das relações internacionais e cita algumas definições bastante pertinentes para o desenvolvimento desta tese, sendo estas, segundo o autor, imprecisas e incompletas:

Larousse: Conjunto de atos de violência cometidos por grupos políticos ou religiosos para combater o poder estabelecido ou praticar atos ilegais; Regime de violência instituído por um governo. Delta Universal: Terrorismo é o uso ou a ameaça de violência com o objetivo de aterrorizar um povo e enfraquecer sua resistência. Entre os atos mais comuns de terrorismo estão o assassinato, o bombardeio e o sequestro. Novo Aurélio: Modo de coagir, ameaçar ou influenciar outras pessoas ou impor-lhes a vontade pelo uso sistemático do terror. Forma de ação política que combate o poder estabelecido mediante o emprego da violência.

O Código dos Estados Unidos⁵⁵ traz a seguinte definição:

- (1) the term ‘international terrorism’ means terrorism involving citizens or the territory of more than 1 country;
- (2) the term ‘terrorism’ means premeditated, politically motivated violence perpetrated against noncombatant targets by subnational groups or clandestine agents;
- (3) the term ‘terrorist group’ means any group, or which has significant subgroups which practice, international terrorism; (...)⁵⁶

Vale a pena citar a existência de diversos grupos terroristas além da Al Qaeda⁵⁷:

. ETA (Pátria Basca e Liberdade)

Grupo basco fundado em 1959, que luta pela transformação do País Basco, que ocupa áreas da Espanha e da França, em Estado independente. Fez seu primeiro atentado em 1968, matando Meliton Manzananas, chefe de polícia de San Sebastián. Em 1980, realizou seu maior número de atentados, assassinando 118 pessoas.

. Hamas (Movimento da Resistência Islâmica)

Um dos principais grupos extremistas contrários à existência do Estado de Israel e ao processo de paz entre árabes e israelenses. Foi criado em 1987 a partir da Intifada (revolta

⁵⁴ MAZETTO, Francisco de Assis Penteadó. *O Terrorismo na História*. UFJF. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/fts/Terrorismo.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

⁵⁵ UNITED States Code: Title 22, Ch.38, Para. 2656f(d). Office of the law revision council. Disponível em: <<http://uscode.house.gov/>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

⁵⁶ “O termo ‘terrorismo internacional’ significa terrorismo envolvendo cidadãos ou o território de mais de um país. / O termo ‘terrorismo’ significa violência premeditada, politicamente motivada perpetrada contra alvos não combatentes por grupos subnacionais ou agentes clandestinos. / O termo ‘grupo terrorista’ significa qualquer grupo ou que tenha subgrupos significantes que pratiquem terrorismo internacional.” (tradução nossa)

⁵⁷ VICTORELLI, Thatiana. *Terrorismo*. São Paulo: UOL, 2004. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/terrorismo-o-que-e-terrorismo-e-quais-sao-os-grupos-que-agem-no-mundo.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

palestina contra a ocupação israelense). A organização promove ataques terroristas suicidas contra judeus.

. IRA (Exército Republicano Irlandês)

Organização terrorista católica da Irlanda do Norte, que começou a atuar nos anos 60. A Irlanda do Norte tem maioria de protestantes. Os unionistas protestantes (60% da população) querem que a região continue ligada ao Reino Unido, mas os nacionalistas católicos querem a reunificação com a República da Irlanda, um país de maioria católica.

. Jihad Islâmico

Formada por jovens palestinos no Egito em 1980, a organização é apontada como responsável pela morte de 18 soldados em um ponto de ônibus em Beit Lid em 1995. Organizações de caráter religioso buscam expulsar palestinos e impedir negociações de paz entre a OLP e Israel.

. Supremacia Branca

Organizações paramilitares racistas de extrema direita que atuam nos EUA e defendem a "supremacia branca". Um dos seguidores desse tipo de organização seria Timothy James McVeigh, responsável pelo atentado a um edifício de Oklahoma, onde morreram 168 pessoas (1996). McVeigh foi executado em junho de 1997.

Quanto à origem, concordamos com Mazetto quando diz que atos de terror estão presentes desde a origem da civilização, entretanto, não se pode fixar uma data para o seu surgimento. Abaixo, alguns exemplos ao longo da História⁵⁸:

. No Reino de Israel dominado pelos romanos (entre os séculos I a.C. e II)

Resistência aos romanos pelos Zelotes, que tentavam proteger a tradição judaica, e do seu setor mais radical, os sicários, que assassinavam tanto autoridades romanas como hebreus que colaboravam com a ocupação.

. Na Santa Inquisição

Na Idade Média, caça a pessoas acusadas de feitiçaria (às bruxas, principalmente mulheres), pessoas consideradas perigosas eram perseguidas, espancadas e decapadas em praça pública.

. No oriente médio: Palestina Síria e Egito (entre os séculos XI e XIII)

Ordem dos Assassinos (de haxixe), liderada pelo Velho da Montanha, Hassan ibn Sabbah, um muçulmano ismaelita que ordenava assassinatos contra sunitas e cristãos.

. Na conquista das Américas

⁵⁸ SCHILLING, Voltaire. *As Origens do Terrorismo na História*. Terra, 2011. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/educacao/historia/as-origens-do-terrorismo-na-historia,a3d842ba7d2da310VgnCLD20000bbccceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

Extermínio de milhares de indígenas com o objetivo de colonizar as terras em que países como Portugal e Espanha desembarcaram por engano, após erro de trajeto.

. Na Índia sob domínio do Império Britânico (entre 1763 e 1856)

Thugs, seita de ladrões e assassinos indianos que atacavam autoridades britânicas e viajantes indianos endinheirados.

. Na França durante a revolução de 1789 (particularmente entre 1793-1794)

O Reino do Terror imposto pelos jacobinos liderados por Robespierre e Saint Just para esmagar a contra-revolução (17 mil guilhotinados e 300 mil detidos ou aprisionados).

. Na França durante o consulado de Bonaparte (1800)

Chouans: facção monarquista que preparou um atentado contra Napoleão por meio da “máquina infernal”, uma carroça programada para explodir quando a carruagem dele passasse em direção à Ópera.

. Na autocracia russa (a partir da década de 1860 até 1905)

Narodniks, movimento populista que cometeu atentados e execuções visando a atingir as autoridades do Czarado, como o assassinato no czar Alexandre II, em 1881, com o objetivo de provocar uma revolução social.

. No sul dos EUA (pós-guerra da secessão, fundada em 1867 e reativada a partir de 1915)

Ku Klux Klan, seita racista de brancos sulistas, que aterrorizava os negros recém libertados (com queima de igrejas, proibição de votar, linchamentos públicos, etc.), impedindo-os de serem cidadãos de fato e de direito.

. Na França, Itália, Espanha, Bósnia-Herzegovina por inspiração de Michael Bakunin (entre 1870- 1914)

Série de atentados anarquistas: assassinato do rei Humberto, do presidente Carnot, do presidente McKinley, da imperatriz Elizabeth, a Sissi, etc., visando à implantação da sociedade igualitária e sem Estado (anarquê). O de maior consequência foi o que vitimou o herdeiro do trono austríaco Francisco Ferdinando, cometido em junho de 1914, servindo como estopim para a Primeira Guerra Mundial.

. Na Rússia czarista (entre 1905-1914)

A Centúria Negra (Tchernaia Sotnia), organização secreta da ultradireita que apoiava o czar, assassinava os revolucionários e intimidava a população judaica com pogroms.

. Na Rússia Soviética (a partir de 1917, tanto o terror vermelho como o terror stalinista, ou o Grande Terror)

O terror vermelho, determinado por Lenin, organizado pela Tcheka (polícia secreta), foi lançado para combater a contra-revolução e outros partidos rivais dos bolcheviques. O Grande

Terror (1936-1938) foi usado por Stalin para eliminar a oposição interna (tanto a feita pelo partido comunista como a dos militares). Estima-se em mais de 700 mil fuzilados.

. Na Alemanha nazista (o Terror Pardo, entre 1933 e 1945)

O terror pardo (cor da camisa dos militantes da SA nazista) foi desencadeado contra comunistas, judeus, ciganos, etc., como parte da política de exclusivismo genético e ideológico do Partido Nazista liderado por Adolf Hitler. Foram mais de 6 milhões de mortos, a maioria em campo de extermínio ou por fuzilamento.

. Na Irlanda, Irlanda do Norte e Espanha

Na Irlanda, entre 1916 e 1920, celebrou-se a organização Sin Fein-IRA que lutava contra a ocupação britânica de 600 anos. Na Irlanda do Norte, a partir da de 1960 foi a vez do IRA (Irish Republican Army) lutar contra os irlandeses protestantes apoiados pela GB. Na Espanha, alçou-se o grupo ETA (Pátria Basca e Liberdade), ainda no tempo da ditadura de Franco, com objetivo de atingir a independência dos países bascos espanhóis.

. Na Argélia, durante o domínio do império francês

A FLNA (Frente de Libertação Nacional da Argélia) tanto enfrentava as tropas coloniais francesas com guerrilha como organizava atentados a bomba em Paris, tentando atingir a independência nacional perdida em 1831. Cessou com a independência, em 1962.

. Na África equatorial sob domínio do colonialismo europeu

Movimento Mau-Mau no Quênia luta contra os britânicos, enquanto a Frente de Libertação de Angola e de Moçambique lutam contra as tropas coloniais portuguesas. Cessaram os atentados e ataques com a obtenção da independência, em 1975.

. Nas zonas de ocupação durante o conflito Israel-Palestina

OLP (Organização pela Libertação da Palestina), chefiada desde 1966 por Yasser Arafat e, depois, pelo grupo fundamentalista Hamas, que não reconhece os direitos de Israel sobre a região. Atacam por meio dos homens-bomba.

. Na Argentina, durante regime militar e período Isabel Perón (1966-1974 e 1974-1976)

ERP e Montoneros atacam oficiais das forças armadas. Os peronistas de Lopez Rega, por sua vez, organizam a Triple A (Aliança Argentina Anticomunista) para eliminar a oposição esquerdista. O clímax foi o Terror de Estado imposto pelo general Videla, a partir de 1976.

. Em diversas partes do oriente médio, estendendo-se aos EUA e Europa

Al-Qaeda (a base), organizada por Osama Bin Laden em 1979 para lutar contra os soviéticos no Afeganistão e, depois, contra os norte-americanos. Foram os responsáveis pelo atentado de 11 de Setembro de 2001 nos EUA. Agem por meio dos homens-bomba em ataques suicidas.

Percebe-se a predominância do terrorismo ligado ao Estado e à religião. Quanto ao Estado, nenhum reconhece seus atos como terrorismo, atribuindo o que considera terror somente a organizações clandestinas. Quanto à religião, há que se questionar sobre o que é a verdadeira religiosidade, pois os exemplos de terrorismo ligados a grupos religiosos sempre revelam outros interesses, políticos, econômicos, etc. e a utilização da religião como pretexto para concluir suas ações.

Abdelwahab Meddeb, escritor e professor na Universidade Paris X, nascido na Tunísia e adepto do Islamismo, traz apontamentos imprescindíveis à tentativa de compreensão do atentado de 11 de setembro de 2001. Em sua obra *A doença do Islã* (2003), o autor retrocede no tempo em busca das origens do integrismo que, para ele, constitui o embrião dos problemas do Islã, sua doença cujo sintoma principal é o terrorismo.

A causa principal do surgimento e do reforço da ideologia integrista, segundo Meddeb, é o ressentimento do sujeito islâmico em relação ao europeu, primeiramente, e mais tarde ao americano, pelo fato de o mundo islâmico ter perdido gradativamente sua posição de líder e influência mundial, o que vinha acontecendo desde os séculos XV e XVI, início das cruzadas, fim do feudalismo, início do capitalismo, início do processo de perda do comércio internacional por parte do Islã.

O mundo islâmico não cessou de estar inconsolado com sua destituição. Ele conheceu um grande momento de civilização, acompanhado de sua audácia hegemônica. Se retomo a noção de capital-mundo inventada por Fernand Braudel, é razoável pensar que, antes de seu deslocamento em direção à Europa, essa noção se concretizou na Bagdá abássida dos séculos IX e X, no Cairo fatímida do século XI e mameluco dos séculos XIII e XIV; em seguida a capital-mundo atravessou o Mediterrâneo e prosperou na margem setentrional, com a dupla Gênova-Veneza, antes de se exilar e se afastar mais ainda do mundo islâmico instalando-se em Amsterdã no século XVII, depois em Londres no século XIX, em Nova York no século XX; e doravante provavelmente a veremos caminhando em direção à costa do Pacífico, na densa atividade que tece a rede entre a Ásia e o norte da América. Assim, desde o século XV, a capital-mundo não parou de se distanciar geograficamente do espaço islâmico. (MEDDEB, 2003, p. 16)

A perda gradativa da liderança mundial é atribuída à estagnação criativa no campo da ciência e da técnica, o que tornou vários países islâmicos enfraquecidos e sujeitos à dominação imperialista, pois a equivalência entre o que se produziu na civilização islâmica e o que se produziu na Europa só se deu até a época Barroca e Clássica.

Mesmo assim, e talvez por isso, a tomada de consciência do Islã em relação ao seu declínio só ocorreu no final do século XVIII, com a expedição de Napoleão Bonaparte ao Egito, o advento do iluminismo e o rompimento do laço consubstancial entre o político e o religioso no ocidente concomitante ao aumento da liberdade e o surgimento dos direitos do homem.

Além disso, o crescimento demográfico e a relativa democratização do Islã propiciaram o aparecimento e a proliferação do que Meddeb chama de “semiletrados”, que são aqueles cujo “acesso selvagem à letra” em grande quantidade “reforça sua ferocidade”. “A letra corânica, submetida a uma leitura literal, pode ressoar no espaço balizado pelo projeto integrista: ela pode obedecer a quem persiste em fazê-la falar na estreiteza de seus contornos; para que ela escape a isso, convém que seja investida do desejo do intérprete.” (p. 12)

Traçando o que chama de genealogia do integrismo, Meddeb parte do início do século IX, quando o movimento racionalista dos Mo'tazilites, que não vigora em longo prazo no Islã, questiona a origem celeste do Corão ao que o califa al-Ma'mûn (786-833) acata, perseguindo literalistas como Ibn Hanbal (780-855) que, por sua vez, emerge como figura importante no estabelecimento do integrismo.

Em seguida, analisa o *Discurso* de Averróis (1126-1198), obra avançada para seu tempo, inspirada no pensamento aristotélico, que sugere o uso da razão para conhecer Deus através do método da inferência, muito parecido com o silogismo, extraindo o desconhecido do conhecido. Nessa obra, há também a defesa da igualdade e da emancipação das mulheres, o que é impressionante, vindo de um muçulmano do século XII. Logicamente, a obra foi abafada.

Logo em seguida, volta para o século IX, em que Ibn Hanbal funda uma das quatro escolas jurídicas do Islã sunita cuja doutrina reforça o retorno à “letra pura”, ou seja, à interpretação literal do Corão. Seu discípulo Ibn Taymiyya (morto em 1328, contemporâneo de Dante Alighieri) se dedicou a preservar a letra, extinguindo violentamente quaisquer outros caminhos interpretativos e fazendo dos castigos corporais o critério principal do direito, pois não há negociação com a palavra de Deus.

Ele deu caça simultaneamente aos efeitos da filosofia e às recaídas gregas no discurso teológico; fustigou inúmeras seitas esotéricas, decretadas heréticas por causa do privilégio concedido à hermenêutica; denunciou a teoria e a experiência da unidade do Ser pregada pelos sufis, que ele julgava mais perigosos que os cristãos, devido à sua crença fundada num monoteísmo sem reserva. (p. 42)

O tema principal do discurso de Ibn Taymiyya era a guerra santa, ou jihad, que tinha para ele a mesma importância da prece e importância maior que as quatro outras prescrições canônicas do Islã: a profissão de fé, o jejum, a esmola e a peregrinação. Assim, o príncipe, que deve estar a serviço da religião assegura “de um lado, o triunfo da virtude no interior da cidade (pelo rigor dos castigos corporais), conduzindo, por outro lado, a guerra santa para além das fronteiras.” (p.45), o que reafirma a consubstancialidade do político e do religioso, contrariamente ao que estava por vir no ocidente.

Sobre a “guerra santa para além das fronteiras”, Ibn Taymiyya, chamado por Meddeb de “teólogo transformado em combatente de fé” (p. 46), estabelece comparação com as cruzadas, recém-terminadas quando ele nasceu que, segundo ele, “não são outra coisa senão a adaptação da jihad em versão cristã” (p. 46). O que faz Meddeb constatar juntamente com o fato de Taymiyya ter conquistado grande popularidade: “É uma voz de censor, belicoso, teatral, que será a voz ouvida para além dos séculos pelos incendiários do integrismo. A começar pelo fundador do wahhabismo.” (p. 48)

Saltando para o século XVIII, Meddeb comenta a ideologia wahhabista, resultado do cruzamento da teoria de Ibn Hanbal com a de seu discípulo Ibn Taymiyya por Mohammed Ibn ‘Abd al-Wahhâb (1703-1792) que consistia em levar o purismo à radicalidade. Sobre o que Meddeb diz:

[...] Assim, no coração do século XVIII, enquanto as Luzes esclareciam a Europa, foi lançado esse movimento purista que engendrará, dois séculos mais tarde, a atual Arábia Saudita.

Através dessa contemporaneidade de dois fenômenos que pertencem a tempos mentais tão afastados, abre-se uma nova era para o mundo. (p. 49)

Várias tentativas de implementação do wahhabismo no mundo islâmico ocorreram, mas somente no século XX, com a acumulação de riquezas provenientes da exploração petrolífera na Arábia Saudita pelos Estados Unidos que gerou poder, esta terra conseguiu impor a ideologia responsável pelo abafamento de mais de mil anos de civilização islâmica. Fato que revela grande contradição, pois a aliança americana-saudita permite a implementação de uma ideologia contra os ideais americanos. Ao que Meddeb comenta:

O idílio americano-saudita só será perturbado quando nascer a estranha figura que se encarna no “wahhabi do wahhabi”. Esse personagem denuncia o wahhabi que não foi fiel à doutrina, que se deixou arrastar em uma outra vertente de ser americano, aquela que mancha a visão purista do islã. Bin Laden e os inúmeros sauditas que participaram dos atentados de 11 de setembro ilustram perfeitamente essa figura que chamei de wahhabi do wahhabi. (p. 56)

Ou seja, o ressentimento pela gradativa perda da dominação mundial levou o Islã ao radicalismo da interpretação purista do texto que representa a religião que não se dissocia da política. Enquanto a Europa vivia a Idade Média, das sombras, o Islã vivia sua glória. Na Idade Moderna, com o advento do Iluminismo, a Europa rouba a cena mundial até passar o bastão para os Estados Unidos no século XX, era pós-colonial.

[...] o mundo passou da europeização à americanização. O colonialismo tradicional deixou lugar, pouco a pouco, a alianças entre países soberanos, que se duplicam em protetorados implícitos, em que o poder protetor divide uma grande parte da riqueza com os autóctones que ela protege. Na Arábia Saudita ou nos Emirados Árabes Unidos, o visitante se impressiona com o conforto material que tomou as cidades, cujo perfil testemunha uma americanização mais global, muito além dos produtos luxuosos que entulham o cotidiano das pessoas. Entretanto, a legislação desses países guarda a aparência estrita da arcaica lei religiosa, mesmo se, no que concerne ao direito dos negócios, garantia da participação local no mercado mundial, o

contratante autóctone logra mais do que diz no molde do direito internacional. Tais acomodações se fazem às escondidas, e age-se livremente, contanto que se guardem as aparências. (p. 62-63)

Juntamente com o declínio político-econômico, outra discussão acerca dos fatores que reforçaram a ideologia integrista no Islã diz respeito ao fim do califado. Neste, segundo interpretação literal, “um soberano sucede ao profeta na integralidade de suas funções, como chefe da comunidade” (p. 67), política e religião são inseparáveis. Meddeb contrasta a ideia apontando outra possibilidade de interpretação, comparando a estadia do homem na terra como mensageiro de Deus, sem qualquer atribuição política.

Mas a primeira interpretação vigorou até 1924, quando a república turca aboliu a instituição do califado que é, de acordo com o que pensava Osama Bin Laden, a causa da desgraça islâmica. Juntamente com o mito da pureza, o semiletramento da comunidade islâmica atribui à forçosa democratização que é imposta ao Islã, sua doença, sendo que, para Meddeb, é justamente o contrário: a democratização poderia ser uma contribuição do modelo ocidental para o Islã, que não a recebe devido à doença do ressentimento aliada ao radicalismo dos semiletrados.

Após a abolição do califado, nasce fervorosamente o antiocidentalismo no Islã, reforçado pelos Irmãos Muçulmanos, instituição fundada por Hassan al-Banna (1906-1949) que prega o combate à influência moral do ocidente, relegando esta a um bloco único detentor de todo o mal que assola a comunidade islâmica.

Outros dois nomes surgem na genealogia do integrismo traçada por Meddeb: Abû al-A’lâ Mawdûdi (1903-1979) e Syyid Qutb (1929-1966). Ambos integristas, mas adeptos do terrorismo como arma para defender o Islã do ocidente, e propagadores do “império total da religião sobre a sociedade e os humanos que a compõem”. (p. 87) Quaisquer contribuições do ocidente moderno, como democracia, secularização e Estado-nação, são ilegítimas. Para Meddeb, eles anunciam a morte do homem através da acusação da morte de Deus pelo ocidente, à semelhança da constatação de Nietzsche da morte do homem pelo racionalismo exacerbado característico da modernidade. Cada lado com sua “razão”.

Seu sistema delirante inventa um totalitarismo irreal que excita os discípulos e os incita a semear a morte e a destruição sobre todos os continentes. Eis a que negação da vida, a que nihilismo leva a razão teórica, quando não se submete ao controle da razão prática. [...] tudo deve desaparecer, salvo a palavra de Deus tal como é transmitida pelo Corão. [...]; depois de se ter submetido à servidão que a soberania de Deus exige, depois de se ter posto a serviço de Seu senhorio, o homem se libertará de todas as outras servidões do século, a da máquina como a que procura o domínio do homem pelo homem. (p. 88-89)

Da combinação entre esse pensamento integrista radical e o wahhabismo surgirá o Afeganistão dos talibãs, berço da Al Qaeda de Osama Bin Laden. Esta “base” prega o

sacrifício que o mártir deve fazer de si na guerra santa para ter a recompensa da proximidade divina após sua morte. Mais uma vez, a interpretação literal purista convida a mal-entendidos, pois Meddeb mostra a existência de apenas um versículo do Corão que antecipa a figura do mártir: “Principalmente não creia que aqueles que foram mortos no caminho de Deus estejam mortos; eles estão vivos junto de seu Senhor, providos de bens.” (Corão, III, 169) Tal letra não sugere explicitamente o suicídio, o que mostra a invocação de interpretações integristas como justificativa para a realização de ações terroristas em nome do mito da preservação da pureza do Islã.

Esta é a convicção que os leva ao sacrifício, e lhes faz interiorizar a mitologia do martírio, em uma encenação elementar, chamando-os a purificar primeiramente seus corpos para as núpcias celestes que os esperam. Essa cenografia ingênua nos afasta da interpretação angelical proposta pelo exegeta racionalista do século XII. Esta é, entretanto, a base da escritura sobre a qual se projetam as representações que melhor ilustram o desejo de compensar as frustrações sofridas durante a permanência na terra. (p. 131)

Meddeb ressalta que, por conveniência, fez-se a distinção pelos governos árabes aliados dos Estados Unidos entre o terrorismo da jihad contra o ocidente e o terrorismo de resistência. Assim, organizações como o Hamas palestino ou o Hezbollah libanês, consideradas de resistência, não seriam passíveis de rejeição, enquanto a Al Qaeda jamais seria aceita. Concordamos com Meddeb quando afirma que toda e qualquer forma de terrorismo deveria ser extinta.

Como diagnosticou a doença do Islã, o autor prescreve a cura que, segundo ele, consiste na suspensão da exclusão do Islã na cena comum ocidental, extinguindo o que chama de islanfobia, pois a aceitação da religião islâmica como uma dentre as demais crenças existentes no mundo geraria a “necessidade de retroceder a um profundo conhecimento das polêmicas, das controvérsias e dos debates dos quais a tradição se nutriu.” (p. 158)

Mas o reconhecimento do Islã não deveria se dar apenas no âmbito da crença religiosa. A arte, a poesia, a filosofia, a política devem caminhar rumo à integração, o que se revela bastante pertinente numa época pós-moderna de convívio da pluralidade, da multiplicidade, da diferença:

A poética do entre-dois, do intersticial, da travessia, que é para mim natural, deveria ser estendida ao campo da cultura islâmica e deveria ser a de todos. Essa integração do legado islâmico às fontes do pensamento e da criação (tanto quanto o fundo grego, latino, hebraico, japonês, chinês, indiano) seria uma garantia suplementar para a constituição da cena comum, que deveria ser a da cultura mundial, cujos produtos seriam as obras do espírito, situando-se para além das tradições, sem interromper o diálogo com elas; que cada um escolha os antigos que lhe convém para que na aventura do novo o vivo se apreenda do morto. (p. 150)

Visto que consideramos o terrorismo como um dos sintomas da radicalidade que o capitalismo alcançou na era pós-moderna em sua versão neo-liberal e após panorama do

surgimento do capitalismo, da civilização e do próprio terrorismo, temas que permeiam os romances trazidos para a presente tese, a seguir, apresentaremos um contraponto à teoria psicanalítica freudiana, uma alternativa ao comportamento humano no mundo, sem a pretensão de criar outro mundo, pois, afinal, não existem mais utopias na pós-modernidade, mas apenas com a intenção de apontar possíveis saídas para que atentados como o de 11 de setembro não aconteçam mais.

4 CAPITALISMO, CIVILIZAÇÃO, IDENTIDADE E ESQUIZOFRENIA

Em nossa líquida era moderna, os poderes constituídos não mais parecem interessados em traçar a fronteira entre o sexo “correto” e o “perverso”. A razão talvez seja a rápida queda da demanda pelo emprego da energia sexual economizada em favor de “causas civilizantes” (leia-se: a produção de disciplina sobre os padrões de comportamento rotineiro, funcionais numa sociedade de produtores) – desvio que Freud, escrevendo no início do século XX, dificilmente poderia ter adivinhado, para não dizer visualizado. [...] Parece que o elo entre a sublimação do instinto sexual e sua repressão, que Freud considerava condição indispensável de qualquer arranjo social disciplinado, foi rompido. (BAUMAN, 2004, p. 76)

Se, como já vimos, Freud acreditava que a energia sexual deveria ser deslocada para o trabalho e, como também já vimos, Viviane Forrester demonstra em *O horror econômico* (1997) que, na pós-modernidade, não há mais trabalho para a maioria da população mundial, para onde deverá, então, o ser humano deslocar sua energia sexual? Isso nos leva à condução de nossas reflexões para outro tipo de questionamento. Devemos insistir na oposição civilização moderna *versus* civilização pós-moderna, que leva à dualidade segurança *versus* liberdade? Já que as duas últimas constituem dois de nossos maiores anseios, juntamente com a felicidade, não deveríamos então partir para a busca de outras opções que caminhariam para uma forma de organização em que o equilíbrio do desejo e da ordem fosse possível?

Talvez não queiramos mais “arranjos sociais disciplinados” do tipo que Bauman evoca. Talvez queiramos nos libertar da necessidade do único, do imutável, do categorizável, mas talvez também queiramos nos libertar da “liberdade” que despreza o que está ao nosso redor. Assim poderemos descobrir e aceitar que não queremos somente segurança nem somente liberdade, mas os dois, pois somos seres desejantes e ao mesmo tempo seres sedentos de ordem, somos indivíduos e somos coletivos, somos simétricos e somos caóticos, somos estáveis e somos instáveis. David Harvey diz em *Condição pós-moderna* (1992):

Mas se, como insistem os pós-modernistas, não podemos aspirar a nenhuma representação unificada do mundo, nem retratá-lo com uma totalidade cheia de conexões e diferenciações, em vez de fragmentos em perpétua mudança, como poderíamos aspirar a agir coerentemente diante do mundo? (HARVEY, 1992, p. 55)

Poderíamos agir coerentemente, mas também incoerentemente, pois no mundo coexistem caos e ordem harmoniosamente, dois dos vários aspectos de nossa multiplicidade. E, para participarmos dessa harmonia, basta que deixemos de querer ser enquadrados em algum dos sistemas. Para cada momento um sistema ou vários e para cada sistema uma atitude ou várias. Não mais o verbo *ser*, mas a conjunção *e... e... e...* (DELEUZE; GUATTARI, 1995)

Vejam os a seguir o desenvolvimento de outras possibilidades.

4.1 Des-civilização

Diante dessa nova alternativa, Deleuze e Guattari, no primeiro volume da coleção *Mil platôs* trabalham com o conceito de rizoma em oposição ao modelo binário da árvore. “A árvore já é a imagem do mundo, ou a raiz é a imagem da árvore-mundo.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 13) Para os autores, o livro imita o mundo e a arte imita a natureza, entretanto, livro e arte não devem estar separados ou ser interpretados de acordo com modelos binários, nem tampouco mundo e natureza. Os quatro elementos devem estar em movimento para a construção de sentido. A separação desses elementos, assim como reza o racionalismo, não funciona e, portanto, devem-se compreender os elementos, como Deleuze e Guattari compreendem as raízes: “pivotantes com ramificação mais numerosa, lateral e circular, não dicotômica.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 13)

Corroborando suas propostas, Deleuze e Guattari endossam a ideia dos matemáticos franceses Pierre Rosenstiehl e Jean Petitot, que propõem sistemas a-centrados em oposição aos sistemas centrados tradicionais. Em vez de sistemas binários, sistemas múltiplos; em vez de dicotomias, pluralidades; em vez de repressão da agressividade, utilização criativa dos instintos:

A estes sistemas centrados, os autores opõem sistemas a-centrados, redes de autômatos finitos, nos quais a comunicação se faz de um vizinho a um vizinho qualquer, onde as hastes ou canais não preexistem, nos quais os indivíduos são todos intercambiáveis, se definem somente por um *estado* a tal momento, de tal maneira que as operações locais se coordenam e o resultado final global se sincroniza independente de uma instância central. Uma transdução de estados intensivos substitui a topologia, e o grafismo que regula a circulação de informação é de algum modo o oposto do grafismo hierárquico... (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 27)

Para que possamos viver sem mal-estar, quer moderno, quer pós-moderno, faz-se necessário reconsiderar nossa situação no mundo, nosso pensar sobre nós mesmos, nossas atitudes para conosco e para com os demais, sejam estes animados, sejam inanimados. Vivemos em um planeta cujo capital natural está se esgotando e que sofrerá colapso ambiental ainda neste século, em aproximadamente cinquenta anos, caso o atual quadro de destruição em que se encontra não seja revertido (se é que isso é possível), já que 60% de todos os ecossistemas do planeta estão degradados ou sendo usados de modo não sustentável, o que acarretará novas doenças, superaquecimento global e escassez de água. Edgar Morin que, ao propor uma educação para as complexidades, situa o homem em suas relações com o outro, com o mundo e consigo mesmo, diz:

Trazemos, dentro de nós, o mundo físico, o mundo químico, o mundo vivo, e, ao mesmo tempo, deles estamos separados por nosso pensamento, nossa consciência, nossa cultura. Assim, cosmologia, ciências da terra, biologia, ecologia permitem

situar a dupla condição humana: natural e metanatural. Conhecer o humano não é separá-lo do Universo, mas situá-lo nele. (MORIN, 2004, p. 37)

Do mesmo modo, Guattari, em *As três ecologias* (1990), propõe uma concepção de sujeito interligado com o *socius*, a *psique* e a natureza, através de “recomposição das práticas sociais e individuais que são agrupadas segundo três rubricas complementares – a ecologia social, a ecologia mental e a ecologia ambiental – sob a égide ético-estética de uma ecosofia.” (p. 23). As três ecologias apontadas por Guattari devem se engajar enquanto sistemas multipolares, e não bipolares tais como querem as oposições dualistas tradicionais. Devido não só ao seu grau de complexidade, mas também à necessidade de que se estabeleça lógica diferente da tradicional, as três ecologias devem se desprender de paradigmas pseudocientíficos e caminhar para relação regida pela lógica das intensidades “que se aplicam aos agenciamentos existenciais auto-referentes e que engajam durações irreversíveis” (p. 27) e diz respeito tanto aos seres humanos, “constituídos em corpos totalizados”, quanto a todo o resto.

Enquanto que a lógica dos conjuntos discursivos se propõe limitar muito bem seus objetos, a lógica das intensidades, ou a eco lógica, leva em conta apenas o movimento, a intensidade dos processos evolutivos. [...] Concluindo, as três ecologias deveriam ser concebidas como sendo a alçada de uma disciplina comum ético-estética e, ao mesmo tempo, como distintas uma das outras do ponto de vista das práticas que as caracterizam. (GUATTARI, 1990, p. 27)

Assim sendo, aceitar o complexo torna-se imprescindível para que deixemos de procurar soluções únicas para as coisas, para que deixemos de querer estar ou seguros ou livres, para que aceitemos o fim do humanismo e busquemos um novo modo de existência para a humanidade, para que deixemos de simplificar algo tão múltiplo, plural e complexo, e passemos a problematizar nossa condição enquanto seres humanos habitantes de uma época caótica. Sobre isso, Deleuze diz em *Diferença e repetição* (1988):

É um preconceito infantil, segundo o qual o mestre apresenta um problema, sendo nossa tarefa resolvê-lo e sendo o resultado dessa tarefa qualificado de verdadeiro ou de falso por uma autoridade poderosa. [...] É esta a origem de uma grotesca imagem da cultura, que se reencontra igualmente nos testes, nas instruções governamentais, nos concursos de jornais (em que se convida cada um a escolher segundo seu gosto, com a condição de que este gosto coincida com o de todos). Seja você mesmo, ficando claro que este eu deve ser o dos outros. Como se não continuássemos escravos enquanto não dispusermos dos nossos próprios problemas, de uma participação nos problemas, de um direito aos problemas, de uma gestão dos problemas. (DELEUZE, 1988, p. 259)

Problematizar. Quem sabe assim poderemos *não* desconstruir uma sociedade tão complexamente rica como a nossa, mas passar a percebê-la sob outros pontos de vista, reconstruindo-a para que se torne um lugar onde o homem exista, livre, seguro e feliz: “Queremos ser os poetas de nossa própria vida, e, primeiro, nas menores coisas.” (NIETZSCHE, *In*: MORIN, 2002, p. 47)

4.2 Por que des-civilizar?

Em *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1* (2004), Deleuze e Guattari tecem uma crítica à teoria freudiana da civilização. Como já vimos, Freud acredita que a civilização foi construída com base na repressão dos instintos naturais humanos que foram deslocados para o trabalho, a fim de privilegiar a ordem social em detrimento dos desejos individuais, o que por um lado gera segurança e, por outro, gera mal-estar, já que a repressão dos desejos implica restrição da liberdade.

Apesar de reconhecerem a importância da psicanálise no que diz respeito à descoberta da existência das produções desejanças⁵⁹ que movem o ser humano em todos os sentidos, Deleuze e Guattari não aceitam que a lei, proveniente da relação edípica entre pai, mãe e filho, tenha de ser a principal força organizadora da civilização, pois contestam a afirmação de que o ser humano deve reprimir seus instintos, já que “não há nem homem nem natureza, mas unicamente um processo que os produz um no outro, e liga as máquinas. Há por todo o lado máquinas produtoras ou desejanças, máquinas esquizofrênicas, toda a vida genérica: eu e não-eu, exterior e interior, já nada querem dizer.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 8)

A repressão dos instintos pela lei, desde o crime edípico do incesto, leva ao recalque dos desejos que, segundo Freud, é o que põe em movimento o aparelho psíquico e o orienta segundo a percepção do agradável e do desagradável. O desejo nasce da zona erógena do corpo e, sem se reduzir ao corpo, pode ser satisfeito apenas parcialmente. Segundo Lacan, “O desejo é sempre o desejo de um outro desejo”. É algo sempre adiado, vive de sua insatisfação, jamais é satisfeito, porque tem origem e sustentação da falta essencial que habita o ser humano, daquilo que jamais será preenchido e, por isso mesmo, o faz sofrer, mas também o impulsiona para buscar realização – ou satisfação parcial – no mundo objetivo ou na sua própria subjetividade (sonhos, artes, projetos utópicos, fé no absoluto, etc.). Essa falta, esse vazio existente no ser humano é proveniente da inveja do falo do pai.

Deleuze e Guattari discordam de Freud e de Lacan pelo fato de considerarem que, sendo o desejo proveniente da falta do falo, ele seria dado previamente, *a priori*, o que não pode ser em uma relação cujo processo produz o homem na natureza e a natureza no homem. Tampouco o desejo seria proveniente do interior do ser humano, pois tal coisa não existe, nem interior, nem exterior, mas apenas acontecimentos que permitem a territorialização e a

⁵⁹ Marie-Claire Boons em *L'inconscient n° 5, 1968* diz: “Freud nunca chegou a sair nem do mundo do pai, nem da culpabilidade... Mas foi o primeiro que, ao criar a possibilidade de construir uma lógica de relação com o pai, abriu o caminho para o homem se libertar do domínio do pai. A possibilidade de viver para lá da lei do pai, para lá de qualquer lei, talvez seja a possibilidade mais essencial que a psicanálise freudiana criou. Mas, paradoxalmente, e talvez por causa do próprio Freud, tudo leva a crer que essa libertação que a psicanálise permite se fará – se faz já – fora dela.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 85)

desterritorialização constante e concomitante dos indivíduos e do(s) social(ais). Desse modo, o desejo nasce de um encontro, de um acoplamento, “não é falta mas processo, aprendizagem vagabunda; ele sofre apenas por ser interrompido, e não pelo fato de o ‘objeto’ se esquivar cada vez mais.” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 69)

Esse algo em comum, o grande Phallus, a Falta com duas faces não sobreponíveis, é inteiramente mítico: é como o Uno da teologia negativa, introduz a falta no desejo, e faz emanar as séries exclusivas a que fixa um fim, uma origem e um percurso resignado. [...] Não falta nada, não há nada que possa ser definido como uma falta; e as disjunções do inconsciente nunca são exclusivas, [...] cada elemento só pode ser definido *positivamente*. (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 62)

Desse modo, o desejo teria caráter a-edipiano, contrariando a teoria freudiana, e investiria o campo social, extrapolando os limites do triângulo edipiano, que reduz o desejo à família (pai, mãe, filho), deixando de esmagar o mundo em seus vários outros aspectos, pois:

Não existe triângulo edipiano: o Édipo está sempre aberto num campo social aberto. Édipo aberto a todos os ventos, aos quatro cantos do campo social (nem sequer 3 + 1, mas 4 + n). Triângulo mal fechado, poroso, triângulo estilhaçado donde escapam os fluxos do desejo em direção a outros sítios. (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 100)

O que os autores provam é que um ser humano não é constituído apenas por falta dada *a priori*, que faria todas as suas ações serem oriundas de um desejo que deveria ser recalçado e que, para tanto, deveria ser submetido à lei do pai, de onde derivam todas as outras. Isso faria que a família fosse a matriz da sociedade, um “meio expressivo que vale por si mesmo”, uma instituição matriz que origina todas as outras instituições existentes no mundo. Os autores acreditam que o desejo investe muito mais do que apenas a mãe, por causa da inveja do falo do pai. O desejo não “dorme no quarto do Édipo”, sonha com outros espaços e faz “passar estranhos fluxos que não se deixam armazenar numa ordem estabelecida.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 121) Assim, a importância da família na constituição de um indivíduo não seria maior que a das outras instituições, o contato com a família não seria mais essencial do que os outros contatos que esse indivíduo teria com outras pessoas, as experiências familiares não seriam mais marcantes que as experiências do mundo, ou seja, a família não seria mais o centro de tudo, estaria excentrada, descentrada, abrindo outras possibilidades para o ser humano.

Valorizando excessivamente a família, Freud acredita que a civilização foi construída a partir dela, sendo que, se o desejo a extrapola, há muito mais a ser considerado. Por exemplo, por que não considerar a possibilidade de a *terra* ter sido o primeiro objeto de desejo? Segundo Deleuze e Guattari, “A unidade primitiva, selvagem, do desejo e da produção, é a terra.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 144) Isso significa que, antes de se pensar em família, o ser humano já investia na terra a inscrição dos processos de produção

desejante, ou seja, antes da família, uma “máquina territorial”, antes da família como célula mãe da sociedade, a terra como “primeira forma de *socius*”, de onde se conclui que as origens do capitalismo podem ser muito anteriores ao fim do feudalismo, como vimos acima, podem estar nas origens do humano.

A máquina primitiva não ignora a troca, o comércio e a indústria, mas esconjura-os, localiza-os, esquadria-os, dá ao comerciante e ao ferreiro uma posição subordinada, para que os fluxos de troca e de produção não venham quebrar os códigos e substituí-los pelas suas quantidades abstratas ou fictícias. E o Édipo, o medo do incesto, não são também isto: temor dum fluxo descodificado? Se o capitalismo é a verdade universal, é-o no sentido em que é o *negativo* de todas as formações sociais: ele é a coisa, o inominável, a descodificação generalizada dos fluxos que permite compreender *a contrario* o segredo de todas estas formações – antes codificar os fluxos, ou até sobrecodificá-los, do que deixar que algo escape à codificação. (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 158)

Ao afirmar que o capitalismo é o *negativo* de todas as formações sociais desde que o ser humano existe, Deleuze e Guattari querem dizer que as sociedades primitivas, que não são consideradas parte da história por ainda não serem civilizadas, na verdade contêm a origem do capitalismo. O capitalismo está no fim da história, ele é o resultado de tudo o que vem acontecendo com o ser humano desde sempre. Ou seja, a retrospectiva histórica deve ser feita em função do capitalismo. Podemos até mesmo procurar entender as classes sociais, um conceito moderno de civilização, por meio da análise das sociedades primitivas, pois, se, como afirmam Deleuze e Guattari, a terra foi o primeiro objeto de desejo do ser humano ainda nas sociedades primitivas, a primeira classe social surgiu no dia em que o primeiro homem teve a ideia de delimitar um território e o defender porque era seu.

É no mínimo assustadora a afirmação categórica de que *o capitalismo sempre existiu*. É praticamente querer reconstruir a história da humanidade. Não é nossa intenção realizar tal feito, mas apenas mostrar que existem outras opções interpretativas do mundo e que devemos passar a considerá-las, já que o que se tem até hoje não dá conta de todas as angústias e questionamentos humanos.

Seguindo com o raciocínio de Deleuze e Guattari, podemos dizer que a dissolução do sistema feudal não se deu por causa do capitalismo, mas, ao contrário, o capitalismo se deu por causa da dissolução do sistema feudal. O capitalismo é o resultado de tudo o que aconteceu antes. Analisando desse ponto de vista, o que parece incompreensível em *O anti-Édipo* (2004) é, na realidade, bastante simples e até mesmo lógico. Com o surgimento do capitalismo e a instituição da propriedade privada, a terra também passa a pertencer a essa esfera e as classes aparecem definitivamente; o Estado, antes despótico, entra em estado latente, um tanto enfraquecido, pois seu papel de “sobrecodificar elementos territoriais já codificados” deixa lugar à “invenção de códigos específicos para fluxos cada vez mais

desterritorializados”. O capitalismo, então, surge concomitantemente à falência dos códigos e ao “aparecimento dos fluxos agora descodificados que correm sobre o *socius* e o atravessam dum lado a outro.” O despotismo passa a estar a serviço da nova relação de classes, pois o terror e a crueldade despóticos jamais abandonaram o capitalismo. O Estado foi enfraquecido pela instituição da propriedade privada e pela desterritorialização do *socius*, mas continuou a espalhar terror e crueldade, não do mesmo modo, pois seu formato capitalista veio revestido de cobertura de cinismo e de piedade, elementos constituintes do humanismo. De acordo com Deleuze e Guattari: “[...] o cinismo é a imanência física do campo social, e a piedade é a conservação dum Urstaat⁶⁰ espiritualizado; o cinismo é o capital como meio de extorquir sobre-trabalho, mas a piedade é este mesmo capital como capital-Deus de onde parecem emanar todas as forças de trabalho.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 234)

Desse modo, podemos dizer que Deleuze e Guattari concordam com Marx quando este diz que o capital⁶¹ não é produto do trabalho, como a princípio se pensa; pelo contrário, o capital “aparece como o seu pressuposto natural ou divino. Ele não se contenta, com efeito, em se opor às forças produtivas em si mesmas. Rebate-se sobre toda a produção, de modo que se apropria do sobreproduto e atribui a si próprio o conjunto e as partes do processo, que parecem então emanar dele como uma quase-causa. Forças e agentes tornam-se o seu poder, sob uma forma miraculosa, parecem *miraculados* por ele.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 15) Sendo assim, capital não é só dinheiro, “substância fluida e petrificada”, é produção, produção desejante, e é também onde se inscreve a produção, a mesma produção que será o tempo todo interrompida, que será desterritorializada para em seguida ser reterritorializada em um movimento sem limites, fazendo que sua circulação seja o único fim de sua existência.⁶²

A síntese produtiva, a produção de produção, tem uma forma conectiva: “e”, “e depois”... É que há sempre uma máquina produtora de um fluxo e uma outra que se lhe une, realizando um corte, uma extração de fluxos (o seio/a boca). E como a primeira, por sua vez, está ligada a outra relativamente à qual se comporta como corte ou extração, a série binária é linear em todas as direções. O desejo faz constantemente a ligação de fluxos contínuos e de objetos parciais essencialmente fragmentários e fragmentados. O desejo faz correr, corre e corta. “A mo tudo o que corre, mesmo o fluxo menstrual que arrasta os ovos não fecundados”, diz Miller no seu cântico do desejo. Bolsa das águas e cálculo dos rins; fluxo de cabelo, fluxo de saliva, fluxo de esperma, de merda ou de mijo, que são produzidos por objetos parciais, sempre cortados por outros objetos parciais que, por sua vez, produzem outros fluxos, que são ainda re-cortados por outros objetos parciais. Qualquer “objeto” supõe a continuidade de um fluxo, e qualquer fluxo a fragmentação de um objeto. Não há dúvida que cada máquina órgão interpreta o mundo inteiro a partir do

⁶⁰ “O Estado primordial que se abate sobre a sociedade primitiva e que a reduz à sua mercê. Deleuze e Guattari consideram que ele equivale às ‘máquinas de guerra’ das civilizações nômades e constituiria o início do Estado Moderno. Para estes autores, portanto, o Estado sempre existiu em todos os lugares e em todos os tempos e sempre muito perfeito e muito formado.” (MALTEZ, Adelino. Disponível em: <<http://maltez.info>>. Acesso em: 10 nov. 2013.)

⁶¹ Para Deleuze e Guattari, o capital é o *socius*, que fora anteriormente o corpo da terra e o corpo despótico.

⁶² “[...] a circulação do dinheiro como capital tem o seu fim em si mesma, porque é apenas devido a este movimento sempre renovado que o valor continua a impor-se; o movimento do capital não tem, pois, limites.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 259)

seu próprio fluxo, a partir da energia que dela flui: o olho interpreta tudo em termos de ver – o falar, o ouvir, o cagar, o foder... Mas há sempre uma conexão que se estabelece com outra máquina, numa transversal onde a primeira corta o fluxo da outra ou “vê” o seu fluxo cortado. (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 11)

Desterritorializado e reterritorializado o tempo todo, o capital é produção de produção. Mas a máquina produtiva sendo o tempo todo interrompida por si mesma é auto-destrutiva: “As máquinas desejanter só funcionam avariadas, avariando-se constantemente. [...] Toda produção desejanter é imediatamente consumo e destruição, logo ‘volúpia’.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 13 e 21) E é a isso que Deleuze e Guattari dão o nome de instinto de morte. Diferentemente de Freud, que relaciona o instinto de morte com a destruição da civilização ou o concebe como o fator que impossibilitaria a existência da civilização, Deleuze e Guattari vêem o instinto de morte como algo inerente às relações sociais, o corte-fluxo necessário para que as máquinas produzam produções. Assim, o capitalismo se torna “o limite relativo de todas as sociedades: ele axiomatiza os fluxos descodificados, e reterritorializa os fluxos desterritorializados.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 278)

A história da civilização vista por esse ângulo permite que levantemos alguns questionamentos. Se o capitalismo sempre existiu em estado de devir nos períodos anteriores à idade moderna, podemos continuar a conceber a civilização como algo proveniente da repressão dos instintos pela lei derivada da punição do pai para o crime do incesto? Em outras palavras, a tragédia do grego Sófocles realmente dá conta de explicar a origem da civilização? E, ainda, terá mesmo a civilização sido elaborada por nós, seres humanos, a partir de uma tragédia, de um imenso mal-entendido, tal qual o acontecido com Édipo, ou podemos estar muito além disso?

Deleuze e Guattari afirmam que o capitalismo esteve em todas as fases de desenvolvimento da humanidade até se concretizar na civilização e ressaltam três dessas fases às quais chamam de máquinas: a máquina territorial, em que os fluxos são codificados sobre o corpo pleno da terra; a máquina despótica, em que acontece o primeiro grande movimento de desterritorialização, e, apesar delas, as comunidades territoriais são sobrecodificadas; e a máquina moderna, em que o corpo pleno do capital-dinheiro é descodificado e o segundo grande movimento de desterritorialização ocorre. Essa fase “realizou a imanência, tornou o abstrato concreto, naturalizou o artificial, substituindo os códigos territoriais e a sobrecodificação despótica por uma axiomática dos fluxos descodificados e por uma regulação destes fluxos”. O capital-dinheiro desterritorializa os códigos anteriores para em seguida reterritorializar as territorializações perdidas, “cria novos arcaísmos precisamente onde destruiu os antigos – e ambos se ligam.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 273)

A diferença básica entre os dois primeiros períodos (máquina territorial e máquina despótica) e o período atual (máquina moderna ou capitalista) se dá entre as relações familiares que ocorriam nas primeiras e as relações familiares modernas ou civilizadas. Nas duas primeiras, “a reprodução social econômica nunca é independente da reprodução humana”. A relação entre família e campo social é aberta e baseada na filiação e na aliança: “Com efeito, o que é marcado, inscrito no *socius*, são, e imediatamente, os produtores (ou não-produtores) segundo a posição da sua família e a sua posição na família.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 274) Na máquina capitalista:

[...] o que é inscrito e marcado já não são os produtores ou não-produtores, mas as forças e os meios de produção como quantidades abstratas que se tornam efetivamente concretas na sua relação ou conjunção: força de trabalho ou capital, capital constante ou capital variável, capital de filiação ou de aliança... Foi o capital que se encarregou das relações de aliança e filiação. Segue-se uma privatização da família, o que implica que ela deixe de dar a sua forma social à reprodução econômica: ela é como que desinvestida, colocada no exterior: como Aristóteles diria, ela já não é a forma da matéria ou do material humano que está subordinado à forma social autônoma de reprodução econômica, e que ocupa o lugar que esta lhe determina. (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 275)

Sendo a família privatizada, o ser humano passa a ser simples *material* e ocupa funções predeterminadas que fazem a máquina capitalista funcionar, ou seja, a noção de igualdade entre os homens que surge a partir dos ideais da revolução francesa, uma revolução burguesa que celebra muito mais o advento do capital do que qualquer outra coisa, não passa de mera ilusão, já que “a segregação é a única origem da igualdade” e as classes sociais são desenhadas pelo capitalismo e se propagam por meio do que Deleuze e Guattari chamam de “reprodução social”: o capitalista é função derivada do capital, o trabalhador é função derivada da força de trabalho e assim as pessoas individuais tornam-se “pessoas sociais, isto é, funções derivadas de quantidades abstratas; tornam-se concretas com a relação ou a axiomatização destas quantidades, com a sua conjunção. São exatamente configurações ou imagens produzidas pelos pontos signos, pelos cortes-fluxos, pelas ‘puras figuras’ do capitalismo.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 275)

As afirmações de Deleuze e Guattari sobre as consequências da privatização da família apontam para o que Fredric Jameson considera uma das principais características da pós-modernidade: o fim do individualismo ou a morte do sujeito. Na pós-modernidade, não existem mais estilos pessoais e privados que marcam os sujeitos como se fossem suas impressões digitais. Anteriormente, as produções estavam ligadas à concepção de um eu único, de uma identidade inconfundível.

Entretanto, para Jameson, hoje, tudo o que pode existir é o pastiche, pois diante da impossibilidade de criação individual única, já que as combinações possíveis de estilos e

mundos já foram inventadas e pensadas, só o que resta é imitar os estilos mortos. Há uma crise geral, da individuação e da representação, o que revela uma visão ao mesmo tempo negativa e irônica do pensador norte-americano.

Se o sujeito individual passa a ocupar funções predeterminadas pelo sistema capitalista, isso significa que esse sistema tomou conta de tudo, inclusive do preenchimento do imaginário humano. O advento do capitalismo criou sujeitos a-sujeitados, escravos de um sistema que destruiu todas as possibilidades, primeiro de liberdade, com o argumento de que a existência desta colocaria em questão a segurança dos elementos constituintes da civilização, e depois da própria segurança, na pós-modernidade, quando, cansados de ser submetidos ao regime civilizatório fortemente repressivo, resolveram aliar a ordem à liberdade, principalmente no que diz respeito às relações entre si.

Isso tudo caracteriza o sujeito esquizofrênico apontado por Jameson, e não por Deleuze e Guattari. Apesar de não negarem tais fenômenos, os pensadores franceses não acreditam que isso é tudo o que resta para a humanidade atual e propõem uso criativo e positivo da esquizofrenia quando provam que o a-sujeitamento do ser humano vem da negação de suas multiplicidades e que, a partir do momento em que essas multiplicidades passarem a ser levadas em consideração, o comportamento esquizofrênico deleuziano será o único caminho para a construção de um mundo coerente com as transformações pelas quais viemos passando ao longo de toda a nossa existência.

Não podemos deixar de ressaltar que o capitalismo é o resultado de séculos de existência humana e, portanto, é criação nossa. É um sistema criado e comandado por nós mesmos e não uma entidade independente, um monstro alienígena que paira sobre a humanidade como se fosse uma força inevitável, ou o destino traçado para Édipo Rei pelo oráculo de Delfos.

Outro fator importante a ser destacado diz respeito à questão da individualidade. A morte do sujeito ou o fim do individualismo aos quais Jameson se refere apontam para um fenômeno marcante do mundo contemporâneo, todavia, não deve ser confundido com algo que é apontado por vários outros pensadores contemporâneos: o individualismo egoísta que torna os seres contemporâneos cada vez mais voltados para si mesmos e que desconsidera tudo o mais que está ao seu redor, consequência, como já vimos, da retomada, na pós-modernidade, da busca pela liberdade perdida a partir do advento da civilização que reprimiu os desejos em nome da segurança. Essa diferença abre espaço para discussão sobre identidade.

4.2.1 *Identidade*

Discutir o conceito de identidade atualmente torna-se tarefa um tanto quanto árdua, pois tal conceito envolve questões até pouco tempo não relacionadas à existência da subjetividade. Por um lado, o sujeito era percebido como auto-suficiente em sua própria constituição, já que possuía em si mesmo, de acordo com a psicanálise, três instâncias determinadoras da identidade – id, ego e superego. Por outro lado, o sujeito era percebido como o que em filosofia se chama de “sujeito tívio”, já que a constituição da identidade era papel exclusivo das ideologias manifestadas em “aparelhos ideológicos de Estado” (ALTHUSSER, 1918), ou seja, o sujeito era construído por meio de fatores sociais externos a ele, passivamente, sem qualquer participação de si mesmo neste processo.

A filosofia contemporânea trabalha com a tentativa de junção das duas visões opostas acima citadas. Assim, encontramos nos trabalhos de Bakhtin a noção de “criatividade” e em Deleuze e Guatarri a noção de “rizoma”. Pode-se dizer, então, que a constituição dos sujeitos é tanto individual quanto social, sem limites claros entre esses dois aspectos que se encontram em eterno movimento.

Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2001) trata do sujeito em relação ao próprio corpo em meio ao que ela chama de novas configurações da dominação capitalista em relação ao corpo e à vida, afirmando que essas novas configurações possuem bases que se situam na passagem de uma ordem político-jurídica para uma nova ordem tecnocientífica-empresarial da sociedade que, junto com o desenvolvimento da informática e com a massificação global do consumo de bens industrializados, fez surgir dois movimentos: o de “expansão externa – impelindo cada corpo a se conectar direta e cotidianamente com as necessidades do mercado global; e o de expansão interna, incitando cada um a voltar-se para seu próprio corpo e a querer o controle e o aumento dos seus níveis de prazer.” (In: ORLANDI *et al.*, 2002, sp)

Intimamente relacionado com o conceito de identidade está o que Norman Fairclough trata como “discurso”. (FAIRCLOUGH, 2001) O discurso: texto, prática discursiva e prática social, é ao mesmo tempo moldado e restringido pela estrutura social e é por meio dele que o movimento entre indivíduo e sociedade se dá. Atualmente, o discurso passa por uma “tecnologização”, ou seja, as “tecnologias discursivas” – entrevista, ensino, aconselhamento, publicidade, etc., caracterizam ordens de discurso modernas e “estabelecem uma ligação íntima entre o conhecimento sobre linguagem e discurso e poder”.

Sobre as novas ordens modernas, Denise Sant’Anna diz:

[...] essa nova ordem torna opaca e mesmo invisível as verdadeiras redes que nos conectam com as *potências* do mundo; [...] neste novo arranjo, a comunicação transforma-se num imperativo inquestionável e os comunicantes, seres incertos, questionáveis e rapidamente substituíveis. A acelerada substituição dos seres é solidária à tendência atual, do mercado financeiro, mas, também, dos usos de prazeres individuais que investem mais na eficácia que na ética, mais no risco que na prudência. Daí a facilidade publicitária em postular a tríade emoção/risco/eficácia como modelo para a aquisição da juventude, da riqueza e do prazer. (In: ORLANDI *et al.*, 2002, s.p.)

Uma das práticas sociais surgidas com a nova ordem em questão é a da “eternização do corpo”. O corpo toma o lugar que a alma teve anteriormente nas preocupações do ser humano, que tudo faz para salvá-lo, prorrogar seus prazos de validade e não cair no esquecimento, investindo para que seu corpo esteja sempre pronto para ser exposto, visto e admirado. Daí Denise Sant’Anna usa expressões como “rostificação” e “novos *up-grades* para melhoria da aparência física” e “prazo de validade do corpo”. (In: ORLANDI *et al.*, 2002) O sexo, as relações sexuais, supostamente tratados como pertencentes à intimidade dos seres, dos “indivíduos”, transformaram-se em produtos de consumo, ou pelo menos em momentos nos quais devem ser utilizados vários dos produtos de consumo em mercado. A esse fator pode ser associado o culto ao corpo (templo) tão buscado atualmente por meio de inúmeros recursos tecnológicos como cirurgias plásticas, circuitos de exercícios programados para atingir o objetivo final de possuir medidas calculadas em computador, e até alimentos e remédios polivalentes que possuem o objetivo de eternizar o corpo. Denise Sant’Anna reforça:

Por isso, o hipercapitalismo atual necessita de corpos liberados não apenas dos antigos princípios morais e religiosos, nem somente libertados das seculares fronteiras de gênero e de espécie. Ele carece, igualmente, de corpos desvinculados de seu patrimônio genético e dos conhecidos limites fisiológicos humanos. No lugar do corpo sem órgãos,⁶³ abre-se a possibilidade para fabricar, aqui, órgãos e células sem corpo. E, ainda, órgãos, células e corpos liberados da “forma-homem”. As lutas de resistência tentam, por vezes, inverter essa situação ou minimizar seu impacto social. (In: ORLANDI *et al.*, 2002, s.p.)

Uma das justificativas utilizadas por grupos fundamentalistas muçulmanos, dentre eles a Al-Qaeda, para o cometimento de atos terroristas no ocidente é justamente a face do capitalismo descrita acima. Para os radicais religiosos, a hiper valorização do corpo e a liberação do mesmo para o sexo e para o prazer em geral é totalmente contra os preceitos do Alcorão e visa à destruição do islamismo, portanto, o ocidente vive no pecado e deve ser modificado, se não, eliminado. Lembrando que um dos objetivos da Al-Qaeda é purificar as fileiras do Islã dos elementos de depravação. Sobre isso, Abdelwahab Meddeb diz:

⁶³ O corpo sem órgãos é um termo de Antonin Artaud utilizado por Deleuze e Guattari para designar o corpo do desejo do qual o esquizofrênico faz a experiência extrema. É ambivalente, pois, ao mesmo tempo em que é condição do desejo, é modelo da morte e, por isso, envolve intensidade igual a zero (=0). Não é um corpo próprio nem um corpo vivido, mas é o seu próprio limite, pois remete a um desejo invivível, sempre em marcha. (ZOURABICHVILI, 2004, p. 31)

O segundo efeito da re-islamização é visível através da transformação do corpo social e sua relação com os prazeres e o gozo. A sociedade islâmica passou de uma tradição hedonista, fundada no amor à vida, a uma realidade pudica, cheia de ódio contra a sensualidade. (MEDDEB, 2003, p. 98)

Considerando nosso ponto de vista ocidental, encontram-se inúmeras distorções quanto à identidade da figura do terrorista, que se instaura gradativamente no imaginário humano ao longo da era pós-moderna, principalmente após 11 de setembro de 2001. Imediatamente relacionados à figura do muçulmano árabe, a imagem do terrorista se torna aquela dos integrantes da Al-Qaeda, segundo Edward Said, imagem que vem sendo construída desde a segunda guerra mundial, principalmente na cultura popular americana que, por sua vez, é exportada para o resto do mundo.

Nem todo muçulmano é fundamentalista e nem todo muçulmano fundamentalista é terrorista. Este constitui grupo minoritário que, entretanto, é eleito pelo ocidente como figura representativa da identidade islâmica.

Said aponta as transformações da imagem do “árabe” no imaginário ocidental durante o século XX: nômade montado em camelo, com mantos, turbantes e sandálias; depois o mesmo estereótipo, mas caminhando em procissão com as mãos acima da cabeça demonstrando incompetência e derrota; depois algo mais ameaçador, como um xeque situado atrás de uma bomba de gasolina, já que é perigoso, mas é fornecedor de petróleo; até a imagem do saguinário degenerado e violento homem-bomba.

Nos filmes e na televisão, o árabe é associado com a libidinagem ou com a desonestidade sanguinária. Ele aparece como um degenerado excessivamente sexuado, capaz de intrigas inteligentemente tortuosas, é verdade, mas essencialmente sádicas, traiçoeiras, baixas. Traficante de escravos, cameleiro, cambista, um patife pitoresco: esses são alguns dos papéis tradicionais do árabe no cinema. O líder árabe (de saqueadores, piratas, insurgentes “nativos”) é muitas vezes visto rosnando para o herói e a loira ocidentais cativos (mas imbuídos de integridade): “Os meus homens vão matá-lo, mas... eles gostam de se divertir antes”. Enquanto fala, ele olha sugestivamente de soslaio, como o sheik de Valentino. Nos documentários e nos noticiários, o árabe é sempre mostrado em grandes números. Nada de individualidade, nem de características ou experiências pessoais. A maioria das imagens representa fúria e desgraça de massas, ou gestos irracionais (por isso, irremediavelmente excêntricos). Espreitando por trás de todas essas imagens está a ameaça da *jihad*. Consequência: o medo de que os muçulmanos (ou árabes) tomem conta do mundo. (SAID, 2007, p. 383)

Interessante a observação de Said sobre o fato de os trabalhos acadêmicos americanos sobre o oriente, além de apresentarem erros gravíssimos, não conterem referência à literatura alguma, ou seja, são escritos sem embasamento teórico, com base somente na observação ou na imaginação preconceituosa de ocidentais sem informações profundas sobre um mundo completamente diferente do seu. “É possível ler montes de escritos eruditos sobre o oriente próximo moderno sem jamais se encontrar uma única referência à literatura.” (2007, p. 388)

De onde se conclui que a identidade do terrorista fundamentalista islâmico não deixa de ser uma criação ocidental caricatural.

Encontrar a própria identidade sob tantas pressões torna-se tarefa bastante complexa. No entanto, buscar a compreensão de questões como essa pode ser o início de uma mudança social, pois, desse modo, não estaremos colocando nós mesmos, ou nossos corpos no início e no fim de tudo, e não estaremos remetendo nosso próprio brilho apenas para nós mesmos: “Fugir para o meio, já havia escrito Deleuze, sem adiar o real para amanhã.” (*In: ORLANDI et al., 2002, s.p.*) O meio sim, lugar onde acontecem as disputas, onde podemos reagir, onde aflora a criatividade, onde sujeito e sociedade lutam em infinita e contraditória busca do equilíbrio.

Após breve inserção sobre identidade, podemos continuar a discorrer sobre a máquina moderna capitalista e a questão da privatização da família. A partir dela, o sujeito individual morre e dá lugar a ilusões representacionistas, “imagens de imagens ou derivadas de derivadas”. (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 276) As consequências da transformação do ser em imagens são: a miséria, o desespero, a revolta por um lado e a violência e a opressão do capital por outro. O que determina essas imagens é o campo social, e as pessoas sociais que representam tais imagens são o campo material humano, cuja forma de reprodução não é social, e sim privado. Desse modo, pessoas que deveriam ser sociais e privadas ao mesmo tempo tornam-se privadas, mas, igualmente, representam imagens de pessoas sociais. Ou seja, as pessoas privadas são simulacros de pessoas sociais e são formalmente aquelas que constituem a família: pai, mãe e filho. Entretanto, diferentemente da máquina territorial e da máquina despótica, na máquina capitalista, a família não se abre sobre o campo social por meio das alianças e filiações, pois estas últimas não se dão mais por meio do ser humano, mas sim por meio do dinheiro, “[...] a família torna-se então um microcosmo capaz de exprimir o que já não domina.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 276)

O fato de o capitalismo preencher os espaços que antes eram preenchidos por alianças e relações de filiação leva a família a ser apenas um simulacro das relações econômico-sociais em que todas as fases de desenvolvimento da humanidade, ou seja, do capitalismo, que é o nosso estágio atual, são representadas: a mãe é o território, representando a máquina territorial, o pai é o despota, representando a máquina despótica, e o filho, o trabalhador, representando a máquina moderna. Por meio de tais imagens, o capitalismo usa o que Deleuze e Guattari chamam de esquizos, e desvia o que eles chamam de fluxos, formando seres que se tornam o centro do mundo sempre se referindo ao pai e à mãe: “Cada um de nós é agora um

pequeno microcosmo triangulado, e o eu narcísico confunde-se com o sujeito edípiano.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 277) E assim surge o Édipo. Nas formações primitivas, ele existia como espaço vazio, já que as relações sociais eram feitas por meio de alianças e de relações de filiação. Na máquina despótica, esse vazio foi preenchido simbolicamente, “porque o incesto imperial faz uma sobrecodificação que atinge o campo social na sua totalidade (representação recalante)”. E finalmente, na máquina moderna, “o limite edípiano é não só ocupado, mas também habitado e vivido, no sentido em que as imagens sociais produzidas pelos fluxos descodificados se rebatem efetivamente sobre as imagens familiares restritas, investidas pelo desejo.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 278)

Quando Deleuze e Guattari falam de limite edípiano, eles estão falando do Édipo como limite interior do capitalismo. Para os autores, o capitalismo é o limite relativo de todas as sociedades. Esse limite relativo possui um limite interior, que é o Édipo; possui limites imanentes, os quais “desloca e alarga sem parar”; e possui também outro limite, o exterior, que é algo para o qual o texto presente nos preparava para falar traçando todo o percurso até o momento: a esquizofrenia. Esse limite exterior é o limite absoluto de todas as sociedades, em oposição ao capitalismo, que é o limite relativo, e é ao mesmo tempo o limite exterior do próprio capitalismo. O Édipo, então, existe no capitalismo como limite interior justamente para conter essa força exterior, que é a esquizofrenia. Ele quer interiorizar o limite exterior do capitalismo, quer também neutralizar e repelir esse limite, o que o faz ser aquilo que apanha o desejo e faz o triângulo edípiano ser “a territorialidade íntima e privada que corresponde a todos os esforços de territorialização social do capitalismo”. (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 278)

As considerações acima nos levam, então, a concluir que a teoria freudiana que baseia a existência da civilização na luta do ser humano contra seus instintos pode não servir para explicar essa existência. Deleuze e Guattari oferecem interpretação muito mais elaborada e abrangente quando afirmam que é o capitalismo que cria o Édipo, não a necessidade de sobrevivência que reprime os desejos. Segundo os autores, Freud tem o grande mérito de descobrir o Édipo, mas não consegue perceber suas reais origens. Eles provam que não é do Édipo que vem o capitalismo, mas sim do capitalismo que vem o Édipo. O capitalismo cria o Édipo para que este possa existir em oposição ao esquizo e compor o movimento de desterritorialização e de reterritorialização constituinte da máquina moderna.

4.2.2 Esquizofrenia

Do mesmo modo que o capitalismo sempre existiu em estado de devir em todas as fases de desenvolvimento da humanidade anteriores à idade moderna, quando ele se consolidou, o Édipo também sempre existiu e veio acompanhando o progresso do capitalismo até surgir para ser uma de suas forças, a força contenedora da esquizofrenia, o limite interior. “Não são os fluxos de merda nem as vagas de incesto que trazem o Édipo, mas os fluxos descodificados do capital-dinheiro.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 279)

E é aqui que entra a figura do esquizofrênico, figura que durante toda a nossa existência foi relegada ao esconderijo, para onde a sociedade expulsa tudo o que a ameaça: os loucos, os doentes, o desejo. “O desejo não ameaça a sociedade por ser desejo de dormir com a mãe, mas por ser revolucionário.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 121)

Segundo a teoria psicanalítica, existem algumas doenças advindas do recalque do desejo, uma das consequências do complexo de Édipo, responsável, por sua vez, pela existência da civilização. As principais doenças são a neurose e a psicose. A esquizofrenia é um tipo de psicose, ou pelo menos é uma doença derivada da psicose. A continuidade dos trabalhos psicanalíticos após o pontapé inicial dado por Freud resultou no descobrimento de várias outras doenças que seriam tipos de neurose ou tipos de psicose.

Freud descreve em sua obra os numerosos relacionamentos dependentes do ego. Sua posição intermediária entre o mundo externo e o id e seus esforços para comprazer a todos os “seus senhores” ao mesmo tempo. Nesse esforço para atender ao “mundo externo”, ao id e ao superego, surgem tensões e conflitos. Assim, a neurose é o resultado de um conflito entre o ego e o id, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre o ego e o mundo externo. A neurose tem relação com recalque, um conflito “ego *versus* id”. E seus sintomas mais comuns são: histeria, neurose obsessiva, fobias. O neurótico “não sabe o porquê do que está acontecendo”. A psicose tem relação com a rejeição. Um conflito “ego *versus* mundo externo”. Seus sintomas mais comuns são: delírios e alucinações, e suas manifestações mais frequentes são: paranoias, esquizofrenias, hipocondrias, autismo. O psicótico “tem certeza absoluta do porquê do que está acontecendo”.

Freud explica que todas as neuroses se originam do fato de o ego se recusar a aceitar um poderoso impulso pulsional do id, ao ajudá-lo a encontrar um escoador ou motor, ou de o ego proibir àquele impulso o objeto a que visa. Em tal caso, o ego se defende contra o impulso pulsional mediante o mecanismo do recalque. O material reprimido luta contra esse destino. Cria para si próprio, ao longo de caminhos sobre os quais o ego não tem poder, uma

representação substitutiva (que se impõe ao ego mediante conciliação) – o sintoma. O ego descobre a sua unidade ameaçada e prejudicada por esse intruso e continua a lutar contra o sintoma. Tudo isso produz o quadro de uma neurose. O ego entrou em conflito com o id, a serviço do superego e da realidade, e esse é o estado de coisas em toda neurose.

A característica que diferencia neurose de psicose é o fato de, em uma neurose, o ego, em sua dependência da realidade, suprimir um fragmento do id (da vida pulsional), ao passo que, em uma psicose, esse mesmo ego, a serviço do id, afastar um fragmento da realidade. Assim, em uma neurose, o fator decisivo seria a predominância da influência da realidade, enquanto numa psicose, esse fator seria a predominância do id. Na psicose, a perda de realidade estaria necessariamente presente, ao passo que na neurose, essa perda seria evitada. De qualquer maneira, temos de admitir que a neurose também perturba a relação do paciente com a realidade, na medida em que ela, a neurose, o afasta de alguma maneira do contato com a realidade. E, nos casos mais graves, significa concretamente fuga da vida real.

A contradição, pois, existe apenas enquanto mantemos os olhos fixados na situação no começo da neurose, quando o ego, a serviço da realidade, se dispõe ao recalque de um impulso pulsional. Porém, isso não é ainda a própria neurose. Ela consiste antes nos processos que fornecem compensação à parte danificada do id – isto é, na reação contra o recalque e no fracasso do recalque. O afrouxamento da relação com a realidade é uma consequência desse segundo passo na formação de uma neurose, e não deveria surpreender-nos que um exame pormenorizado demonstre que a perda da realidade afeta exatamente aquele fragmento de realidade, cujas exigências resultaram na repressão pulsional ocorrida.

No caso da psicose, ocorre algo análogo ao processo da neurose e, portanto, duas etapas podem ser discernidas, das quais a primeira arrastaria o ego para longe, dessa vez para longe da realidade, enquanto a segunda tentaria reparar o dano causado e restabelecer as relações do indivíduo com a realidade, à custa do id. E isso se faz pela criação de nova realidade que não levanta mais as mesmas objeções que a antiga, que foi abandonada. O segundo passo, portanto, na neurose, como na psicose, é apoiado pelas mesmas tendências. Em ambos os casos, serve ao desejo de poder do id, que não se deixará ditar pela realidade. Tanto a neurose como a psicose são, pois, expressão de uma rebelião por parte do id contra o mundo externo, de sua indisposição – ou, caso preferirem, de sua incapacidade – a adaptar-se às exigências da realidade. A neurose e a psicose diferem uma da outra muito mais em sua primeira reação introdutória do que na tentativa de reparação que a segue.

Na neurose, um fragmento da realidade é evitado por uma espécie de fuga, ao passo que na psicose, a fuga inicial é sucedida por uma fase ativa de remodelamento; na neurose, a

obediência inicial é sucedida por uma tentativa adiada de fuga. Ou ainda: a neurose não repudia a realidade, apenas a ignora; a psicose a repudia e tenta substituí-la.

Existe outra analogia entre neurose e psicose no fato de, em ambas, a tarefa empreendida na segunda etapa ser parcialmente malsucedida, de vez que o instinto reprimido é incapaz de conseguir substituto completo (na neurose) e a representação da realidade não pode ser remodelada em formas satisfatórias (não pelo menos em todo tipo de doença mental). Na psicose, ela incide inteiramente sobre a primeira etapa, que é patológica em si mesma, e só pode conduzir à enfermidade. Na neurose, ela recai na segunda, sobre o fracasso do recalque. Em suma, tudo depende do ego. Se o ego rendeu-se à sua lealdade perante o mundo real ou à sua dependência do id. Isso é possibilitado pela existência de um mundo de fantasia, de um domínio que ficou separado do mundo externo real na época da introdução do princípio da realidade. É deste mundo de fantasia que a neurose retira o material para suas novas construções de desejos e geralmente a perda da realidade na neurose e na psicose encontra esse material pelo caminho da regressão a um passado real satisfatório. Entretanto, dificilmente se pode duvidar que o mundo de fantasia desempenhe o mesmo papel na psicose, e de que aí também ele seja o depósito do qual derivam os materiais ou o padrão para construir a nova realidade. Vemos, assim, que tanto na neurose como na psicose, interessa a questão não apenas relativa a uma perda da realidade, mas também a um substituto para a realidade. Para exemplificar, podemos dizer que o psicótico sabe que $2 + 2$ é igual a 5 e vive tranquilo com essa verdade, já o neurótico sabe que $2 + 2$ é igual a 4, mas não concorda com isso de jeito nenhum e vive sofrendo por isso.⁶⁴

O termo “esquizofrenia” foi criado em 1911 pelo psiquiatra suíço Eugem Bleuler com o significado de mente dividida. Ao propor esse termo, Bleuler quis ressaltar a dissociação que às vezes o paciente percebia entre si mesmo e a pessoa que ocupa seu corpo. Hoje é o nome universalmente aceito para este transtorno mental psicótico, entretanto, no meio técnico e profissional se admite que o termo pode ser insuficiente para descrever a complexidade dessa condição patológica.

A esquizofrenia é uma doença da personalidade total que afeta a zona central do eu e altera toda estrutura vivencial. Culturalmente, o esquizofrênico representa o estereótipo do “louco”, um indivíduo que produz grande estranheza social devido ao seu desprezo para com a realidade reconhecida. Agindo como alguém que rompeu as amarras da concordância cultural, o esquizofrênico menospreza a razão e perde a liberdade de escapar às suas fantasias.

⁶⁴ PSICANÁLISE. Disponível em: <<http://akhenaton.sites.uol.com.br/psicanalise.htm>>. Acesso em: 03 fev. 2006.

Os transtornos esquizofrênicos caracterizam-se, em geral, por distorções características do pensamento, da percepção e por inadequação dos afetos. Usualmente, o paciente com esquizofrenia mantém clara sua consciência e sua capacidade intelectual. Entretanto, a esquizofrenia traz ao paciente prejuízo tão severo, que é capaz de interferir amplamente na capacidade de atender às exigências da vida e da realidade.

Os sintomas característicos da esquizofrenia podem ser agrupados, genericamente, em dois tipos: positivos e negativos. Os sintomas positivos são os mais floridos e exuberantes, tais como alucinações (mais frequentemente, auditivas e visuais e, menos frequentemente, táteis e olfativas), delírios (persecutórios, de grandeza, de ciúmes, somáticos, místicos, fantásticos), perturbações da forma e do curso do pensamento (como incoerência, prolixidade, desagregação), comportamento desorganizado, bizarro, agitação psicomotora e mesmo negligência dos cuidados pessoais. Os sintomas negativos são, geralmente, de déficits, ou seja, a pobreza do conteúdo do pensamento e da fala, embotamento ou rigidez afetiva, prejuízo do pragmatismo, incapacidade de sentir emoções, incapacidade de sentir prazer, isolamento social, diminuição de iniciativa e diminuição da vontade.

Alguns sintomas, embora não sejam específicos da esquizofrenia, são de grande valor para o diagnóstico. Seriam: audição dos próprios pensamentos (sob a forma de vozes); alucinações auditivas que comentam o comportamento do paciente; alucinações somáticas; sensação de ter os próprios pensamentos controlados; irradiação destes pensamentos; sensação de ter as ações controladas e influenciadas por alguma coisa do exterior.

Geralmente, essa doença é tratada por psiquiatras com medicações cujos mecanismos de ação no cérebro humano são desconhecidos, mas a eficiência é comprovada, o que revela que os estudos da mente ainda se encontram em fase embrionária, mostrando inclusive a falta de capacidade dos profissionais dessas áreas no que diz respeito a lidar com essa doença.

Todavia, a esquizofrenia psicanalítica não é a mesma esquizofrenia deleuziana. Para Deleuze e Guattari, a esquizofrenia é o limite exterior do capitalismo e está sempre desterritorializando esse sistema, mas por outro lado está ao mesmo tempo sempre sendo reterritorializada pelo Édipo, limite interior do capitalismo. O que acontece é que alguns não conseguem lidar com esse movimento e permanecem mais ligados a um limite que a outro. Comparando com a psicanálise, aqueles que se ligam mais ao limite interior seriam os neuróticos, aqueles que se ligam mais ao limite exterior seriam os psicóticos. Mas Deleuze e Guattari não se limitam a classificar pessoas nesta ou naquela categoria. Os autores, pelo contrário, ressaltam a multiplicidade e, justamente por isso, elegem a figura do esquizofrênico como aquele que representa uma saída comportamental diante um mundo múltiplo e plural.

Se a figura do esquizofrênico não viesse sendo tratada ao longo de nossa existência como a representação da loucura que ameaça a estabilidade social e, portanto, relegada aos escombros, instituições depositárias desses sujeitos, esconderijos onde aqueles que eram capazes de revelar os segredinhos mais sórdidos de papai e mamãe; se a sociedade civilizada não tivesse sido preservada desse “perigo”, talvez não existissem tantos problemas como aqueles que estamos enfrentando atualmente, sejam eles relacionados aos aspectos sociais, sejam individuais, não importa, ambos são a mesma coisa.

Frederic Jameson, ao falar de sujeito pós-moderno, utiliza a expressão sujeito esquizofrênico, de acordo com a descrição de Lacan, que concebe a esquizofrenia “como desordem linguística, como uma ruptura na cadeia significativa de sentido que cria uma frase simples. Quando essa cadeia se rompe, ‘temos a esquizofrenia na forma de um agregado de significantes distintos e não relacionados entre si.’”⁶⁵ (JAMESON, 1984. *In*: KAPLAN, 1993, p. 27)

David Harvey, do mesmo modo, associando uma característica que marca a pós-modernidade, que é o fim das metanarrativas, apontada por Jean-François Lyotard, fala sobre a esquizofrenicidade da época atual: “[...] a enciclopédia se torna um livro de rabiscos de um maníaco, cheio de itens coloridos sem nenhuma relação entre si, nenhum esquema determinante, racional ou econômico.” (HARVEY, 1992, p. 15)

Vemos surgir, então, um enfoque na esquizofrenia totalmente distinto daquele dado pela psicanálise ou pela psiquiatria que, ressaltando aspectos que incomodam a maioria das pessoas, assim como acontece em relação a outras formas de loucura, jogam os esquizofrênicos em lugares onde eles não podem incomodar ninguém, e o tratam clinicamente, com a justificativa de que são seres inválidos, pois sua doença não permite que sejam úteis para a sociedade e os torna, inclusive, um perigo.

É claro que é muito difícil deixar de lado os inúmeros casos que ouvimos durante a vida de crimes horrorosos cometidos por sujeitos que são clinicamente diagnosticados como esquizofrênicos.

O Senhor Dobben fora diagnosticado como esquizofrênico... No dia de Ação de Graças, segundo a polícia, o senhor Dobben levou seus dois filhos, Bartley Joel, de 2 anos, e Peter David, de 15 meses, à Fundação da Cannon-Muskegon Corporation, onde trabalhava, e os colocou num recipiente usado para carregar metal derretido. Então, aqueceu o recipiente a mais de 700 graus, enquanto sua esposa, sem nada saber, esperava no carro. Agora, Bartley James Dobben, 26, é mantido sob vigilância para não se suicidar. (HARVEY, 1992, p. 316)

⁶⁵ Continuando: “Se a identidade pessoal é formada por meio de ‘certa unificação temporal do passado e do futuro com o presente que tenho diante de mim’, e se as frases seguem a mesma trajetória, a incapacidade de ‘unificar o passado, o presente e o futuro da nossa própria experiência biográfica ou psíquica’.” (HARVEY, 1992, p. 56)

Todavia, Deleuze e Guattari apontam não só para o fato de que a loucura é uma instituição criada como espécie de proteção para a civilização,⁶⁶ mas também apontam para outro lado da esquizofrenia como uma alegoria, que é justamente o lado que compõe o sujeito pós-moderno em sua multiplicidade.

No caso dos terroristas, do ponto de vista psicanalítico, seriam considerados esquizofrênicos, mas não do ponto de vista deleuziano, pois, segundo Deleuze e Guattari, se pudéssemos exercer a esquizofrenia, o terrorismo nem existiria. Abdelwahab Meddeb corrobora em seu comentário sobre um dos líderes dos atentados de 11 de setembro de 2001, Mohammed Atta:

Estariamos em uma situação na qual vivemos ainda a separação de fato entre o religioso e o político? Certamente é o caso hoje no Egito; mas a distância entre os valores emanados das duas instâncias é tal que se corre o risco de produzir sujeitos esquizofrênicos, suscetíveis de refazer sua divisão interior reconstituindo-se na unidade que lhes propõe o integrismo da clandestinidade e da ação violenta. Essa situação engendrou um dos chefes que dirigiram os atentados de 11 de setembro, aquele do qual a imprensa mais se ocupou: Mohammed ‘Atta não caiu do céu, ele é o produto da realidade egípcia que traz consigo muitas figuras semelhantes. (MEDDEB, 2003, p. 96)

4.3 Como des-civilizar?

Para os autores de *O anti-Édipo* (2004) e de *Mil platôs* (1995), “a esquizofrenia é o produto da máquina capitalista, assim como a mania depressiva e a paranoia são produtos da máquina despótica, ou como a histeria é o produto da máquina territorial.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 37), fazendo alusão às três fases de desenvolvimento da civilização e com referência também ao filho, ao pai e à mãe, respectivamente, e elementos constituintes do Édipo que, por sua vez, origina a lei, base da civilização. Como o capitalismo não para de tender para o seu limite externo, a esquizofrenia, responsável pela constante descodificação dos fluxos e pela desterritorialização do *socius*, ele “tende a produzir o esquizo como sujeito dos fluxos descodificados sobre o corpo sem órgãos⁶⁷ – mais capitalista do que o próprio capitalista e mais proletário do que o próprio proletário.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 37)

“Levar esta tendência cada vez mais longe até o ponto em que o capitalismo se há de lançar na lua com todos os seus fluxos: nós, na verdade, ainda não vimos nada.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 37) Essa frase não reflete o nosso modo de vida, porque não se trata de um modo de vida, mas de um modo de produção. A esquizofrenia é uma doença do nosso

⁶⁶ A loucura enquanto instituição foi tratada por Michel Foucault em *História da loucura* (1978), cuja discussão ultrapassa os objetivos deste trabalho.

⁶⁷ Ver nota número 63.

tempo, porque o capitalismo a produz e faz incidir sobre ela enorme carga de repressão. Mesmo assim, ele não deixa de se reproduzir, como limite do processo.

Porque o capitalismo nunca pára de contrariar e de inibir sua tendência, sem deixar, no entanto, de se precipitar nela; não pára de afastar o seu limite sem deixar ao mesmo tempo de tender para ele. *O capitalismo instaura ou restaura todos os tipos de territorialidades residuais e factícias, imaginárias ou simbólicas, sobre as quais tenta, o melhor que pode, recodificar e fixar as pessoas derivadas das quantidades abstratas. Tudo volta a aparecer – os Estados, as pátrias, as famílias. E é isto que torna o capitalismo, na sua ideologia, “a pintura matizada de tudo aquilo em que se acreditou”.* (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 38, grifo nosso)

Aceitando a inversão do processo, ou seja, aceitando que é do capitalismo que vem o Édipo, que foi o capitalismo que criou o Édipo para que este fosse o limite interno daquele, limite esse extremamente necessário para conter a força centrífuga que é a esquizofrenia, seu limite externo, podemos entender porque Deleuze e Guattari corajosamente escrevem *O anti-Édipo* e propõem a esquizoanálise, em oposição à psicanálise. Os autores querem acabar com o lema da psicanálise: “Mais vale um povo de neuróticos que um único esquizofrênico realizado, não autistizado.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 106) Sim, os autores reconhecem na esquizofrenia um problema, mas não um problema do inconsciente, ou psicanalítico. A esquizofrenia é um problema advindo do próprio sistema capitalista: “A nossa sociedade produz esquizos como produz *shampoo* Dop ou automóvel Renault, com a única diferença de que eles não são vendáveis.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 255) E aqui uma distinção esclarecedora importantíssima deve ser feita. A esquizofrenia que constitui o sistema capitalista em seu limite externo é um modo de funcionamento das coisas, um processo, uma produção, produção de produção, é aquilo responsável pela descodificação e pela desterritorialização dos fluxos na produção capitalista, o que define a civilização, mas não é o próprio capitalismo. Quando esse processo acontece no sujeito, quando os esquizos produzidos pelo capitalismo são pessoas, a esquizoanálise entra como processo de cura. Contudo, esse processo não se dá no nível do inconsciente freudiano, pois para os autores não há material inconsciente, “há apenas resistências, e depois máquinas, máquinas desejantes. O Édipo é uma resistência.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 328)

A esquizoanálise é uma análise simultaneamente transcendental e materialista. É crítica porque faz a crítica do Édipo, ou conduz o Édipo à sua própria autocrítica. Propõe-se explorar um inconsciente, não metafísico, mas transcendental; não ideológico, mas material; não edipiano, mas esquizofrênico; não imaginário, mas sim não-figurativo; não simbólico, mas real; não estrutural, mas maquínico; não molar ou gregário, mas molecular, micropsíquico e micrológico; não expressivo, mas produtivo. O que aqui se trata são os princípios práticos como direções da “cura”. (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 114)

Como já dissemos, o processo esquizofrênico é um dos elementos constituintes do capitalismo e é o tempo todo paralisado pelo próprio sistema, por meio do Édipo, e por isso

transforma o sujeito em entidade clínica “encerrada, como se visse neste processo a imagem da sua própria morte vinda de dentro”, transforma o esquizofrênico em doente e “interna seus loucos em vez de ver neles os seus próprios heróis, a sua própria realização.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 255) A razão disso tudo é que o sistema capitalista só funciona com essas idas e vindas, só funciona desterritorializando territórios e reterritorializando-os novamente. “O que ele descodifica com uma mão, axiomatiza com a outra.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 256) E nessa dinâmica, os sujeitos esquizofrenizados são destituídos de seus direitos sociais justamente porque o capitalismo não dá conta daquilo que ele mesmo cria, por isso os esconde. Se partíssemos para uma visão mais positiva da loucura, talvez ela não causasse tantos problemas e quiçá deixaria até mesmo de existir. Por isso, o processo de “cura” da esquizoanálise de que falam Deleuze e Guattari vai procurar desneurotizar o sujeito neurotizado pela psicanálise e vai conseguir isso ao esquizofrenizá-lo, estabelecendo relações do indivíduo com o exterior, quem sabe, quebrando essa dualidade.

Na sua tarefa de destruição, a esquizoanálise deve atuar o mais depressa possível, mas também com uma grande paciência, com uma grande prudência, desfazendo sucessivamente as territorialidades e as reterritorializações representativas por que passa o sujeito na sua história individual. Porque há diversas camadas, diversos planos de resistência, vindos de dentro ou impostos de fora. A esquizofrenia como processo, a desterritorialização como processo, é inseparável das estases que a interrompem, que a exasperam, ou que a fazem andar à roda, e que a reterritorializam em neurose, em perversão, em psicose. A tal ponto que o processo só se pode libertar, prosseguir-se a si mesmo e realizar-se, na medida em que for capaz de criar – mas o quê? Uma terra nova. (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 332)

O primeiro passo para essa empreitada é simplesmente a aceitação de que o psicanalista nunca vai poder entender o inconsciente de outrem, até porque, se isso existisse, ele nunca entenderia nem o dele, muito menos o do outro, o paciente, o coitado deitado no divã, à espera de alguma explicação para as suas angústias. Para um angustiado qualquer explicação serve, o que ele quer é se livrar daquele sentimento terrível, que jamais teria existido, caso ele compreendesse sua própria complexidade.

Estenda-se no divã, em cima do confortável sofá que o analista lhe oferece, e tente mas é pensar noutra coisa... Se perceber que o analista é um ser humano como você, com as mesmas chatices, os mesmos defeitos, as mesmas ambições, os mesmos fracos e tudo, que não é depositário de uma sabedoria universal (=código) mas um vagabundo como você (desterritorializado), talvez deixe de vomitar essa água de esgoto, por muito bem que lhe soe aos ouvidos: talvez então você se consiga endireitar nas duas patas e se ponha a cantar com a voz que Deus (numen) lhe deu. Sai-lhe sempre caro confessar-se, esconder-se, lamuriar-se, lamentar-se. Cantar é grátis. E não apenas grátis – enriquecem-se os outros (em vez de os infectar). (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 349)

O que a esquizoanálise faz em seu processo de cura é esquizofrenizar, o contrário do que o psicanalista faz, que é neurotizar, ou do que o psiquiatra faz, que é dopar com drogas inibidoras de tudo os sujeitos ameaçadores para que eles se tornem mansos e dóceis.

A relação elaborada por Deleuze e Guattari entre capitalismo e esquizofrenia é brilhante. Além de esclarecer muito da obscuridade presente na teoria freudiana da civilização, esclarece também todas as transformações apontadas tanto pelos pensadores da pós-modernidade quanto os pensadores do capitalismo e de suas últimas transformações. Pois, a partir do momento em que percebemos a verdadeira organização da sociedade civilizada e o seu real desenvolvimento que culminou no capitalismo atual, percebemos que todos os resultados esquizofrênicos que temos atualmente sobre nós mesmos vêm justamente do fato de não termos percebido ainda quão esquizofrênicos nós somos e do mesmo modo quão esquizofrênico o mundo é. Se é preciso aceitar essa complexidade, essa pluralidade, esse movimento contínuo de desterritorializações e reterritorializações, que o façamos já, para deixarmos de ter de nos reterritorializarmos da maneira mais angustiante e frustrante, que é a edípiana, e assim encontrarmos uma maneira mais inteligente de viver.

No que concerne à literatura veremos no capítulo a seguir a relação entre a esquizofrenia, em seus dois aspectos, e a identidade dos personagens dos romances selecionados para o corpo de análise desta tese.

5 TERRORISMO NOS ROMANCES PÓS-11 DE SETEMBRO - UM NOVO GÊNERO

Após discorrer sobre pós-modernidade, literatura moderna e pós-moderna, capitalismo, civilização, terrorismo, identidade e esquizofrenia, finalmente chegamos ao objetivo desta tese cujo tema é a literatura contemporânea como espelho refletor da radicalidade do capitalismo e tem como evento representativo o ataque ao World Trade Center, dentre vários outros ataques terroristas. Analisaremos a seguir o romance *Windows on the World* de Frédéric Beigbeder (2005) com a presença periférica dos outros 4 romances resumidos no final do capítulo 2 da presente tese e verificaremos se houve o surgimento de um novo gênero literário pós-11 de setembro.

As cinco obras em foco são: *Windows on the world* (2005), obra do escritor francês Frédéric Beigbeder, quinto romance publicado do autor; *Terroristas do milênio* (2005), obra do escritor britânico James Graham Ballard, seu décimo sétimo romance; *O atentado* (2006), obra do escritor argelino Yasmina Khadra, seu décimo romance; *Extremamente alto e incrivelmente perto* (2006), obra do escritor americano Jonathan Safran Foer, seu segundo romance; *O Paraíso é bem bacana* (2006), obra do escritor brasileiro André Sant'Anna, seu segundo romance.

As obras foram selecionadas dentre 22 romances que circundam o tema do terrorismo investigados durante a pesquisa⁶⁸ pelo fato de pertencerem a 5 países diferentes e retratarem tanto o terrorismo quanto suas consequências de maneira bastante peculiar, com destaque para o sujeito contemporâneo como resultado da efervescência de acontecimentos do século XX,

⁶⁸ Os romances lidos foram:

- . ALLI, Ayaan Hirsi. *Infel*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- . AUSTER, Paul. *The Brooklyn Follies*. Londres: Faber and Faber, 2005.
- . BALLARD, J.G. *Terroristas do Milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- . BEIGBEDER, Frédéric. *Windows on the world*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- . CUNNINGHAM, Michael. *Dias Exemplares*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- . DELILLO, Dom. *Homem em Queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- . FOER, Jonathan Safran. *Extremely loud and incredibly close*. New York: Mariner Books, 2005.
- . GIBSON, William. *Pattern recognition*. Nova York: Berkley Publishing, 2004.
- . HAMID, Mohsin. *O Fundamentalista Relutante*. Rio de Janeiro: Alfaguara Brasil, 2007.
- . HOSSEINI, Khaled. *O caçador de pipas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- . HOSSEINI, Khaled. *A cidade do sol*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- . KHADRA, Yasmina. *O atentado*. São Paulo: Sá Editora, 2006.
- . MCEWAN, Ian. *Sábado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- . MCNERNEY, Jay. *The Good Life*. Londres: Bloomsbury, 2006.
- . MESSUD, Claire. *Os Filhos do Imperador*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- . NOOTEBOOM, Cees. *Dia de Fimados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- . PALAHNIUK, Chuck. *Lullaby*. Londres: Minerva UK, 2003.
- . RINALDI, Nicholas. *Between Two Rivers*. Londres: Bantam Press, 2004.
- . ROTH, Philip. *Fantasma xai de cena*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- . SANT'ANNA, André. *O paraíso é bem bacana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- . SEIERSTAD, Asne. *O livreiro de Cabul*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- . UPDIKE, John. *Terrorista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

mais especificamente para a mudança de comportamento humano após 11 de setembro de 2001.

A literatura revela-se indispensável para a compreensão do mundo atual a partir do próprio ser humano atual, pois vimos que, desde o início da idade moderna, concomitante ao surgimento do sistema capitalista e da mudança de paradigma no tocante à representação do mundo, diversos fatores contribuíram para que a contemporaneidade fosse permeada de problemas gravíssimos que dizem respeito a nós, seres humanos, representados nestes romances pelos protagonistas, todos de algum modo envolvidos com o terrorismo, quer como responsáveis por atentados, quer como vítimas.

Dentre esses fatores, listamos a reconfiguração, após a segunda guerra mundial, do sistema capitalista, que se tornou neoliberal e coincidiu com o início da era pós-moderna, levando inevitavelmente à reflexão sobre a existência e o surgimento da civilização. Esta é calcada na repressão dos instintos, segundo Freud, visão desconstruída por Deleuze e Guattari quando propõem que a esquizoanálise ocupe o posto da psicanálise.

Vale a pena mencionar o fato de a representação literária do atentado ao World Trade Center possuir características bastante peculiares, a começar pelo fato de obras sobre o assunto terem sido lançadas pouquíssimo tempo após a ocorrência do evento, ou seja, sem que este tenha sido completamente assimilado, o que talvez tenha acontecido justamente para que se tentasse assimilar e compreender o evento⁶⁹. Sobre isso, o autor Martin Amis em *The Second Plane* (2008) diz: “[...] novelists don’t normally write about what’s going on; they write about what’s not going on.” (AMIS, 2008, p. 13)⁷⁰

Outro problema relacionado à representação literária do atentado de 11 de setembro é o fato de este ter sido um espetáculo transmitido “ao vivo” para todo o mundo pela televisão e pela internet. Segundo o teórico britânico Martin Randall em seu livro *9/11 and the Literature of Terror* (2011), isso cria uma dificuldade para os autores em relação à linguagem literária, pois, como expressar com palavras algo que já foi assistido por milhões de pessoas? Ou, o que as palavras poderiam acrescentar às imagens que mostraram o evento de diferentes ângulos e pontos de vista? Ou ainda, porque escrever sobre algo que já foi representado com enorme simbolismo visual? Segundo Randall, pouquíssimos autores ousaram descrever ou redescrever explicitamente a sucessão de acontecimentos do atentado às Torres Gêmeas, com exceção de Beigbeder e de Simon Armitage, autor do poema-filme *Out of the Blue* (2003).

⁶⁹ As obras que circundam o tema do atentado de 2001 não se limitam a romances, mas abrangem também contos, poemas, quadrinhos, filmes, etc. (Ver nota número 5.)

⁷⁰ “[...] romancistas normalmente não escrevem sobre o que está acontecendo, mas sim sobre o que não está acontecendo.” (tradução nossa)

O terceiro problema, também apontado por Randall, em relação à representação literária do 11 de setembro de 2001 é sua não precedência. O fato de nunca ter ocorrido nada parecido com este atentado na história da humanidade causa problemas de acomodação do evento a estruturas convencionais de narrativa ou ficção realista, o que leva vários artistas ao desafio de criar formas híbridas de representação.

Para nós, a representação do evento em si não é primordial, mas sim o impacto que este evento causa nos personagens e na literatura justamente porque é um evento sem precedência, cujas imagens foram ostensivamente repetidas e que começou a ser representado muito cedo após sua ocorrência. Acreditamos que a preocupação dos artistas que trataram do evento não é descrevê-lo porque não é necessário, por isso se atentam às suas consequências.

Uma dessas consequências é o trauma. Segundo o psiquiatra francês Pierre Janet, a memória traumática deve se transformar em memória narrativa (*In*: VERSLUYS, 2008), sendo a literatura um dos meios para que isso seja feito, transformando e reconfigurando o atentado em significado e expressão para restaurar conexões rompidas.

Even if according to some theories trauma is unrepresentable, there is the need on the part of the traumatized to relieve anxiety through telling, a feeling on the part of the victims that they have the duty to testify and the desire on the part of the listener to learn more about the trauma in order to reintroduce it into a network of signification. The latter need can be exploited: sensationalized, neutralized, abused for political or commercial purposes. It can also lead to a better understanding, to compassion, even agency (the urge to change the world so that the traumatic event does not repeat itself). Above all, the need to understand, the need to “place” the event, is shared by victim and mere bystander. In a time of globalized witnessing and shared vicarious experience, an event like 9/11 is a rupture for everybody. As a consequence, there is globalized need to comprehend, to explain, and to restore. (VERSLUYS, 2008, p. 3)⁷¹

Além disso, como discutido no capítulo 2, o romance é um gênero em permanente construção, desconstrução e reconstrução, portanto, um lugar ideal para que a memória traumática se transforme em memória narrativa. Se o trauma causa o colapso de uma rede de significação, a narrativa se torna necessária para recuperar suas conexões.

Os romances selecionados têm como heróis pessoas ligadas ao terrorismo de alguma maneira, mas nem todos abordam o atentado ao World Trade Center especificamente. Os que o fazem são *Windows on the World* (2005) e *Extremamente Alto e Incrivelmente Perto* (2006). *Terroristas do Milênio* (2005) traz grupo terrorista de classe média liderado por um médico

⁷¹ “Mesmo se, de acordo com algumas teorias, o trauma é irrepresentável, há a necessidade, por parte do traumatizado, de aliviar a ansiedade através da narrativa, um sentimento, por parte das vítimas de que elas têm o dever de testemunhar e o desejo, por parte do ouvinte, de aprender mais sobre o trauma para reintroduzi-lo em uma rede de significação. O desejo último deve ser explorado: sensacionalizado, neutralizado, abusado com objetivos políticos ou comerciais. Ele também pode conduzir a uma melhor compreensão, à compaixão, até mesmo agenciar (a vontade de mudar o mundo de modo que o evento traumático não se repita). Acima de tudo, a necessidade de entender, a necessidade de ‘situar’ o evento é compartilhada pela vítima e pelo espectador. Em tempos de testemunho globalizado e experiências compartilhadas, um evento como 11 de setembro de 2001 é uma ruptura para todos. Como consequência, tem-se a necessidade globalizada de compreender, de explicar, de restaurar.” (tradução nossa)

pediatra; *O atentado* (2006) traz mulher-bomba que era esposa de médico árabe naturalizado israelense conceituado na cidade de Tel-Aviv; e *Paraíso é bem bacana* (2006) traz jogador de futebol brasileiro bem sucedido na Alemanha que se explode em campo de futebol com o objetivo de conseguir o paraíso com 72 virgens só para si.

Observa-se que os personagens dos romances não são os “árabes” cuja identidade construída com base em preconceitos ocidentais aparecem nos filmes e documentários relacionados ao oriente médio, como observa Edward Said em sua tese sobre o Orientalismo (2007).⁷² Com exceção dos dois romances que tratam diretamente de 11 de setembro, os barbudos sanguinários de turbantes e chinelos montados em camelos não são os responsáveis pelos atentados presentes nas três outras narrativas aqui apresentadas. São responsáveis pessoas aparentemente comuns, com poder aquisitivo privilegiado, pertencentes à chamada classe média: um líder médico junto com um psicólogo e pesquisador, a esposa de um médico conceituado e um jogador de futebol em ascensão. No caso dos dois romances sobre 11 de setembro que teve a Al-Qaeda responsabilizada por sua ocorrência, são também de classe média os personagens que sofrem as consequências do atentado: um garoto de nove anos e sua família, moradores de Manhattan, e um corretor de imóveis muito bem-sucedido com seus dois filhos.

A classe média, segmento significativo da estrutura capitalista moderna e consequência da consolidação deste, é situada entre a classe dominante e a força proletária. Seus membros, apesar de não serem donos dos meios de produção, encontram-se em permanente busca por ascensão social e por isso, acabam reforçando a manutenção do sistema capitalista através do consumo. É composta de pessoas com acesso ao ensino superior, ou seja, que adquirem qualificações profissionais e títulos acadêmicos, sendo médicos, advogados, professores, engenheiros, etc.

No entanto, o personagem do romance de J. G. Ballard, *Terroristas do Milênio* (2005), o vigário Stephen Dexter acredita que a sociedade constituída ao longo do século XX, considerada por ele a “sociedade do inútil”, escravizou as classes médias, tornando-as o novo proletariado, “igual aos trabalhadores das fábricas há um século.” (BALLARD, 2003, p. 76)

Ele acredita que o grande responsável por esse fenômeno é o século XX que, junto com vídeo locadoras e agência de viagens, deve ser alvo de ataque terrorista. Ao ouvir a opinião de Dexter, David Markham, o psicólogo pesquisador que se integra ao grupo terrorista de classe média na busca da compreensão de si e do mundo diz: “Pensei que tivesse acabado.” (p. 76) ao que Dexter responde:

⁷² Ver capítulo 4, subitem 4.2.1.

Ainda anda por aí. Define tudo o que fazemos e nosso modo de pensar. Mas duvido que haja algo de bom a se dizer a respeito dele. Guerras genocidas, metade do mundo na miséria, outra metade andando como sonâmbulos, com morte cerebral. Compramos esses sonhos podres e agora não podemos acordar. Tantos supermercados e condomínios cercados por grades. Quando fechamos as portas nunca mais podemos sair. Você já sabe de tudo isso, David. Garante seus clientes corporativos. (p. 76)

Esse comentário remete à denominação dada por Eric Hobsbawn ao século XX: A Era dos Extremos, em que houve mudanças planetárias profundas e irreversíveis. Uma delas é a instauração do proletariado pós-moderno, a classe média, que força seus limites na busca por dinheiro e poder num caminho vazio de valores e de sentido que valoriza o prazer acima de tudo e conduz seus integrantes direto à solidão e até mesmo à loucura.

Tal é o caso dos personagens do romance de Ballard que lideram rebeliões de classe média promovendo ataques terroristas aos típicos lugares frequentados por eles mesmos, como *pet shops*, feira de animais de raça, videolocadoras, cinemas, galerias de arte, teatros, agências de viagens, aeroportos, até chegarem ao extremo de destruírem todo um condomínio cujo metro quadrado é altamente valorizado no mercado imobiliário, a Marina Chelsea.

As manifestações, aparentemente sem sentido, revelam crítica severa do autor em relação à configuração da sociedade ocidental contemporânea e da responsabilidade da classe média na composição de um mundo esvaziado, como demonstra o seguinte trecho:

Ao sair da Marina Chelsea vimos um grupo de moradores reunido no escritório da administração. Confiantes e decididos, eles calaram com seus gritos o jovem administrador que tentava dialogar. As vozes, aprimoradas numa centena de reuniões de negócios, abafaram os esforços do rapaz para ser ouvido.
 “O que foi?”, perguntei a Kay, enquanto ela dirigia o carro no meio da multidão.
 “Parece sério.”
 “É sério.”
 “Algum pedófilo solto na vizinhança?”
 “Tarifa de estacionamento.” Kay olhou com severidade para o administrador desafortunado que se refugiara atrás da porta de vidro. “Acredite em mim, a próxima revolução será por causa do estacionamento.”
 Na época, achei que era brincadeira dela.” (p. 78)

Os moradores deste condomínio de luxo o destroem completamente e abandonam suas casas para voltarem para elas assim que se cansam de ser rebeldes. Com exceção de Richard Gould e Vera Blackburn, que morrem, todos os personagens do romance voltam para sua zona de conforto assim que se cansam de protestos sem sentido.

A revolução na Marina Chelsea ocorreu, mas estava fadada ao fracasso desde sempre, era um “ato terrorista insensato” (p. 325), pois, conclui David Markham: “A natureza fizera a classe média para ser dócil, virtuosa e civicamente responsável. A abnegação estava entranhada em seus genes.” (p. 325) E acrescenta ironicamente: “Mesmo assim os residentes se libertaram de suas amarras e lançaram sua revolução, embora sejam lembrados atualmente apenas pela destruição da estátua de Peter Pan em Kensington Gardens.” (p. 325)

O mentor e incentivador indireto de todos os atentados terroristas, Richard Gould, “acreditava que os atos mais gratuitos poderiam desafiar o universo em seu próprio campo” (p. 324) e também que a violência “deve ser sempre gratuita, e nenhuma revolução séria deveria jamais atingir seus objetivos”. (p. 325)

A esquizofrenia, apresentada no capítulo 4, subitem 4.2.2, caracteriza o comportamento dos personagens de *Terroristas do Milênio* (2005), que não estão satisfeitos com a realidade que eles mesmos criaram para si, e resolvem criar uma nova para logo em seguida se acomodarem na antiga, como se nada tivesse acontecido.

O esquizofrênico, segundo a psicanálise, é alguém que rompeu as amarras da concordância cultural, menospreza a razão e perde a liberdade de escapar às suas fantasias, mas também, segundo a esquizoanálise, é aquele que representa uma saída comportamental diante um mundo múltiplo e plural.⁷³

Desse modo, os personagens de Ballard podem ser considerados doentes do ponto de vista médico, mas libertadores do ponto de vista filosófico, pois demonstram que algo não está bom no *modus operandi* do mundo e fazem algo para desestabilizá-lo, desterritorializando-o para logo reterritorializarem-no, utilizando os termos de Deleuze e Guattari. Infelizmente, não conseguem reconfigurar o mundo tornando-o satisfatório após a reterritorialização, mas retornam para a antiga mesmice.

O fato de escolherem atentados terroristas para manifestarem sua insatisfação revela a influência do atentado de 11 de setembro de 2001 no imaginário das pessoas, que passam a imitar ações de terroristas fundamentalistas religiosos para protestar, dentre outras coisas, contra simples taxas de estacionamento criadas por elas mesmas. Desse modo, ironicamente, o autor questiona a validade de tamanha violência comparando os motivos alegados por fundamentalistas religiosos para a realização de ataques aos de uma classe média estúpida.

O vigário Dexter, ao falar sobre a necessidade de se sacrificar por seus princípios diz que os seres humanos não gostam de conforto, mas sim de tensão, estresse e incerteza: “O tipo de desafio existente em pilotar um Tiger Moth com visibilidade zero, ou tirar um homem-bomba de dentro de um ônibus escolar.” (p. 75) Essa opinião remete à de Jean Baudrillard em *The Spirit of Terrorism* (2002), que diz:

There is a general allergy to an ultimate order, to an ultimate Power, and the Twin Towers of the World Trade Center embodied this in the fullest sense... with its totalizing claim, the system created the conditions for this horrible retaliation. The immanent mania of globalization generates madness, just as an unstable society

⁷³ Ver capítulo 4.

produces delinquents and psychopaths. In truth, these are only symptoms of the sickness. Terrorism is everywhere, like a virus. (*In*: RANDALL, 2011, p. 13)⁷⁴

Para o filósofo francês, o terrorismo é o resultado inevitável da hegemonia Americana, cujo monopólio não deixa espaço para maneiras alternativas de pensar e de viver. Ele acredita que o próprio sistema criou condições objetivas para o atentado às torres, que pensa ser uma retaliação brutal: “By seizing all the cards for itself, it forced the Other to change the rules.” (p. 14)⁷⁵

Para nós, o terrorismo é o tema que passa a permear inúmeras obras de arte, poemas, peças de teatro, filmes, retratos, contos, mas principalmente romances, após o atentado de 11 de setembro de 2001, como um marco não só cultural e filosófico, mas também político, econômico e histórico.

Sua importância política, econômica e histórica pode ser percebida após a enumeração de apenas alguns eventos que tiveram nos ataques às torres seu gatilho, tais como a Guerra ao Terror iniciada pelo governo Bush com as controversas invasões do Iraque e do Afeganistão pelo exército americano; o massivo investimento em segurança que houve nas cidades de Nova York, Washington e Pensilvânia, alvo dos ataques de 2001; a instauração do sentimento anti-islâmico; a sensação geral de paranoia, medo e instabilidade política que integrou o cotidiano dos americanos e de habitantes de diversas metrópoles.

Podem ser relacionadas aos eventos de 11 de setembro de 2001, principalmente ao espetáculo visual que este se tornou, as subsequentes atrocidades terroristas ocorridas em Bali, Madri, Londres e Mumbai, além de incontáveis explosões de homens e mulheres bomba em Israel, na Palestina, na Chechênia, no Paquistão, no Sri Lanka, etc.

Nas palavras de Martin Randall em *9/11 and the Literature of Terror* (2011), “the world had changed irrevocably.” (p. 7)⁷⁶ o que implica o aparecimento do tema na literatura, espaço de discussão de todas as questões relacionadas ao evento: “[...] it comes as no surprise that a ‘Literature of Terror’ has emerged to discuss the issues that the event has given rise to.” (p. 7)⁷⁷

Corroborando, na introdução do livro organizado por Ann Keniston e Jeanne Follansbee Quinn, *Literature after 9/11* (2008), encontramos a ideia de que devemos pensar o “[...] 9/11 not only as a physical disaster but as a fundamental challenge to notions of time,

⁷⁴ “Existe uma alergia geral a uma ordem definitiva, a um poder definitivo, e as Torres Gêmeas do World Trade Center encamaram isso no sentido mais completo... com sua demanda totalizante, o sistema criou as condições para esta horrível retaliação. A mania imanente de globalização gera loucura, assim como uma sociedade instável produz delinquentes e psicopatas. Na verdade, esses são apenas os sintomas da doença. O terrorismo está em toda parte, como um vírus.” (tradução nossa)

⁷⁵ “Ao distribuir todas as cartas para si mesmo, ele forçou o Outro a mudar as regras.” (tradução nossa)

⁷⁶ “o mundo mudou irrevogavelmente” (tradução nossa)

⁷⁷ “[...] não é nenhuma surpresa que uma ‘Literatura do Terror’ tenha emergido para discutir as questões que o evento trouxe.” (tradução nossa)

witness, loss, and privacy.” (Edição Kindle, posição 325 de 8050)⁷⁸ E ainda, a opinião de Simon Cooper e Paul Atkinson sobre os quadrinhos de super heróis que “insist on 9/11 as an extreme rupture, ‘the beginning of a new age’, which requires the creation of an entirely new calendar or notion of chronology.” (Edição Kindle, posição 403 de 8050)⁷⁹

O tema terrorismo circunda os personagens dos romances aqui selecionados de diversas formas. Eles são sempre pessoas que se encontram, de alguma maneira, perdidas, e em algum tipo de busca cuja necessidade pode ser provocada por atentados terroristas ou cuja necessidade pode levar à realização de atentados terroristas.

Mané, protagonista de *O paraíso é bem bacana* (2006) e homem bomba, parte em busca da própria identidade; David, protagonista de *Terroristas do Milênio* (2005) e terrorista, busca compreender o sentido da vida e de sua existência; Oskar, protagonista de *Extremamente alto e Incrivelmente Perto* (2006) e vítima, busca tanto a cura de um trauma quanto o alívio do sofrimento pela perda do pai; Amin, protagonista de *O atentado* (2006) e vítima, busca compreender o comportamento da esposa ao mesmo tempo em que tenta se curar do choque da descoberta de que sua esposa era mulher bomba; Carthew, protagonista de *Windows on the World* (2005) e vítima, busca a sobrevivência, tentando escapar do incêndio causado pelo choque da aeronave na torre norte onde se encontra com seus filhos; e Beigbeder, também protagonista de *Windows on the World* (2005), escreve o romance em busca de encontrar uma forma de representar o atentado.

A escolha de *Windows on the World* (2005) como o principal romance representativo de uma possível nova escritura literária derivada do 11 de setembro se deve à multiplicidade de características pós-modernas que o permeiam, todas apontadas pelos teóricos discutidos aqui anteriormente, principalmente no capítulo 1.

A começar pelo apontamento da destruição do grande relato Capitalismo, já que a queda das torres é causadora de ruptura política, econômica e temporal, como demonstra a epígrafe desta tese, retirada do romance em discussão: “Existe uma utopia comunista, e essa utopia foi interrompida em 1989. Existe uma utopia capitalista, e essa utopia foi interrompida em 2001.” (BEIGBEDER, 2005, p. 187)

Seguem: ecletismo; hibridismo; contradição; presença constante de ironia; emergência de discursos minoritários; problematização da história, da teoria e da literatura; desgaste da distinção prévia entre a alta cultura e a chamada cultura de massa ou popular; subversão das

⁷⁸ “[...] 11 de setembro não só como um desastre físico, mas como um desafio fundamental para noções de tempo, testemunho, perda e privacidade.” (tradução nossa)

⁷⁹ “insistem em afirmar que o 11 de setembro constitui uma ruptura extrema, ‘o início de uma nova era’, que requer a criação de um calendário inteiramente novo ou em uma noção de cronologia inteiramente nova.” (tradução nossa)

noções de sujeito/ou fim do individualismo; presença de aspectos delimitadores de vários gêneros em uma única obra; nostalgia; pastiche; paródia; pluralidade; complexidade; problematização; esquizofrenia.

Exemplos:

. ecletismo: o autor utiliza citações de artistas bastante diversificados como epígrafe e ao longo das narrativas, tais como o poeta americano Walt Whitman e o cantor da banda de rock Nirvana Kurt Cobain na mesma página.

. hibridismo: a própria linguagem do romance é híbrida de francês e inglês, no original e de português, francês e inglês na versão brasileira.

. contradição: ainda nas epígrafes, a citação de Tom Wolfe fala sobre a importância do romancista escrever romances realistas, sendo que o romance em questão não é um deles.

. presença constante de ironia: o livro é iniciado pela seguinte frase: “Vocês conhecem o final: morre todo mundo.” (p. 11) e ainda assim, 348 páginas são escritas sobre o que causa esse terrível final.

. emergência de discursos minoritários: Candace, a namorada de Carthew é ex-lésbica; Jeffrey, colega de desastre de Carthew, é bissexual casado com uma mulher, e mantém relações escondidas com homens.

. problematização da história, da teoria e da literatura: “Escrever este romance hiper-realista tornou-se difícil em função da própria realidade. A partir de 11 de setembro de 2001, a realidade não apenas supera a ficção, como a destrói. Não se pode escrever sobre o tema, mas tampouco se pode escrever sobre outra coisa. Nada mais nos atinge.” (p. 18)

. desgaste da distinção prévia entre a alta cultura e a chamada cultura de massa ou popular: o corretor de imóveis texano observa a habilidade de descrição que um escritor pode ter através de uma citação de Kafka que se encontra em um guia turístico.

. subversão das noções de sujeito/ou fim do individualismo: os dois narradores protagonistas constituem duplos mútuos.

. presença de aspectos delimitadores de vários gêneros em uma única obra: como o próprio autor disse em entrevista, no romance, há a presença do discurso jornalístico, do panfleto, do ensaio, etc.

. nostalgia: os dois protagonistas visitam suas memórias de infância e de ex-casados nostalgicamente.

. pastiche: Beigbeder apresenta o pastiche do questionário do US Immigration Service distribuído pelas comissárias de bordo antes da aterrissagem sugerindo que fossem acrescentadas perguntas como “É membro da família Bin Laden? SIM NÃO” e “(no caso de

ser uma mulher) – Tem a intenção de chupar o presidente dos Estados Unidos no escritório dele? SIM NÃO”. (p. 186-187)

. paródia: Beigbender não se contém e, após observar que Rodolph Giuliani, então prefeito de Nova York declara na manhã seguinte ao atentado que o World Trade Center era o Titanic americano, parodia o nome do restaurante no topo da torre norte, o Windows on the World, chamando-o de End of the World. Esse recurso é utilizado inúmeras vezes ao longo do romance. (p. 20)

. pluralidade: a quantidade de citações de obras de arte de inúmeros gêneros e nichos culturais que permeiam as duas narrativas.

. complexidade: duas vozes, duas narrativas que, apesar de serem emitidas de espaço e tempo distintos, não se opõem, mas ao contrário, se complementam.

. problematização: da própria linguagem quando Beigbender diz “A partir daqui penetramos no indizível, no inenarrável. Queiram nos desculpar pelo abuso de elipses. Cortei descrições insustentáveis.”, ou seja, o autor tem consciência de que a linguagem não dá conta do horror do evento.

. esquizofrenia: representada pela Al Qaeda, instituição responsabilizada pelo atentado às torres.

Ou seja, *Windows on the World* (2005) é um romance que engloba todos os assuntos apresentados nos capítulos anteriores, pois, possuindo elementos do pós-modernismo, pertence à pós-modernidade, que é uma época pós-segunda guerra mundial marcada pelo advento do capitalismo neoliberal cuja imposição provoca insatisfação com a civilização americana manifestada por alguns com ataques terroristas, sintomas da esquizofrenia causada pelo capitalismo.

Além disso, o romance apresenta nas páginas 300 e 301 a motivação inicial para a realização desta pesquisa e da elaboração deste trabalho, que é a absurdidade do acontecimento imprevisível, incompreensível, impossível, juntamente com o fato de, mesmo assim e por causa disso, estar sendo literariamente tratado.

Os piratas do ar viviam confortavelmente em pequenas estações balneárias da Flórida com praias e “shopping malls”. Alguém precisa me explicar esse mistério. Em todo caso, um dia terão de me explicar como quinze sauditas diplomados, ocidentalizados, usando terno completo, com famílias instaladas na Alemanha, depois nos Estados Unidos, sujeitos que bebiam vinho, assistiam televisão, dirigiam carros e simuladores de voo, empanturravam-se no Pizza Hut, iam às vezes aos puteiros ou às sex-shops, como estes homens foram capazes de degolar comissárias de bordo com estiletos (é preciso segurar a garota com uma das mãos, uma aeromoça espemeia bastante, dá gritos estridentes, apoiar a lâmina com força sobre a carótida e a traqueia, abrir a pele e seccionar os nervos, o sangue jorra para todos os lados, ela se defende, dá pontapés nas tíbias e cotoveladas no plexo... não, não é fácil de fazer), como esses caras conseguiram assumir o comando de quatro Boeings para lançá-los

no ar contra edifícios em nome de Alá. Concordo que Alá é grande, mas mesmo assim... Claude Lanzmann diz que o Holocausto é um grande mistério; o Onze de Setembro também. Estavam drogados? Em caso afirmativo, com o quê? Cocaína, anfetaminas, álcool, haxixe, EPO, maconha belga? Prometeram-lhes outra coisa sem ser as mil virgens meretrizes do Paraíso? Grana para seus herdeiros? E, por sinal, quantos da tropa estavam a par do aspecto suicida da operação? [...] Esse acontecimento era imprevisível, porque é impossível. É literalmente incompreensível, isto é, transcende o entendimento humano. Quem são os homens capazes de realizar tal gesto? Quem são Mohamed Atta, Abdulaziz al-Omari, Marwan al-Shehhi e seus companheiros? (BEIGBEDER, 2005, p. 300-301)

A absurdidade de um ataque terrorista, principalmente daquele feito por kamikase, e mais ainda quando é uma mulher é o que move, em vão, Amin Jaafari, o protagonista de *O atentado* de Yasmina Khadra (2006), na tentativa de compreender os motivos que levam uma pessoa a realizar tal intento.

Windows on the World (2005) possui dois narradores protagonistas. Carthew Yorston, um corretor de imóveis bem sucedido do Texas, divorciado, que está com seus filhos tomando café da manhã no restaurante situado no topo da torre norte do World Trade Center, ou seja, no lugar errado e na hora errada. E Beigbeder, autor francês, que pode ser avaliado como o próprio autor do romance ou como um personagem escritor e apresentador de programa de TV sobre literatura, que está escrevendo no restaurante situado no topo da torre de Montparnasse, em Paris, ou seja, tentando reconstruir algo do evento.

As diversas semelhanças entre os personagens, a princípio, podem não ser notadas, já que a ênfase inicial se dá ao fato de serem narradores em posições espaço-temporais distintas. Carthew Yorston é o personagem do romance que o personagem Beigbeder começa a escrever um ano depois do atentado, ou seja, enquanto o primeiro participa do evento, o que faz sua narrativa ser empírica pois é centrada na ação, o segundo o contempla, tornando sua narrativa reflexiva, pois deriva do raciocínio. Sucintamente, Beigbeder seria o observador do atentado e Yorston a vítima.

Entretanto, no aprofundar das camadas textuais, observa-se que os dois narradores protagonistas não possuem papéis distintos na narrativa, mas sim, a mesma função. Ambos analisam o evento crítica e ironicamente, independentemente da diferença de posição espaço-temporal. As opiniões de ambos ecoam nos capítulos um do outro sem apresentar tensão dialética, mas interpenetrando-se e completando-se.

Por exemplo, no capítulo-minuto 8h44, Beigbeder diz: “Bem-vindos ao minuto anterior. Aquele em que tudo ainda é possível. Eles poderiam decidir ir embora, se desse na telha”. (p. 65) E no capítulo-minuto 8h45, Carthew diz: “No minuto anterior, a situação era reversível. Em seguida, repentinamente, senti a tremedeira.” (p. 66)

Observa-se, igualmente, que ambos tiveram uma infância regular; são divorciados; possuem filhos; sentem-se culpados pelo divórcio e pela distância dos filhos; estão em um relacionamento com uma mulher; buscam incansavelmente por prazer; e ainda, possuem ancestrais participantes ativos de episódios da História americana. Desse modo, pode-se dizer que constituem duplos, descaracterizando qualquer oposição binária e reducionista entre eles, bem como diluindo a ruptura da narrativa de um e outro no alternar dos capítulos.

Assim como em *Windows on the World* (2005), o romance do brasileiro André Sant'Anna também é dividido em pequenos capítulos cujos narradores se alternam. Em *O paraíso é bem bacana* (2006), no entanto, a alternância das vozes narrativas é marcada pela presença gráfica de três asteriscos centralizados na página.

Além disso, Mané, o mártir em busca de 72 virgens, é o narrador principal, enquanto seus amigos de escola, sua mãe, sua psicóloga, seus colegas de time, o paciente da cama ao lado, a enfermeira, e a polícia que investiga o atentado constituem narradores adjacentes que preenchem as lacunas deixadas pela narrativa de Mané, elucidando fatos.

As lacunas deixadas por Mané são reflexo de sua quase afasia, o que faz o protagonista, segundo a pesquisadora e professora da Universidade de Brasília, Regina Dalcastagnè⁸⁰, estar suscetível a ser silenciado pelos outros narradores, que se apossam da narrativa e mostram quem é Mané, cada um sob sua ótica. Os diferentes Manés narrados compõem o Mané que chega até o leitor.

Enquanto as distinções entre os narradores do romance de Sant'Anna são bem marcadas e articuladas, a mente do protagonista, um jogador-de-futebol-homem-bomba é totalmente desarticulada e seus devaneios, ainda que de nenhum modo propositalmente, o levam em direção à consciência de si, de sua identidade, de seu lugar no mundo. Lugar esse que não é nada bom, pois sua condição socioeconômica não favoreceu a aquisição de informações básicas, como a leitura, por exemplo, que dirá de questões complexas como a do fundamentalismo islâmico. A falta de compreensão destas últimas o tornou a caricatura do terrorista fundamentalista islâmico, uma criação ocidental, como discutido no item 4.2.1, Identidade, do capítulo 4. E aliado a toda a problemática da precariedade do raciocínio de Mané, ainda há o problema de sua sexualidade, obsessivamente descontrolada.

[...] Não é triste, não. É é feliz que aqui tudo é feliz, que os pessoal turco ensinou que era, que ia ser pros marte, que nem tá sendo agora. É por isso que eu fiquei sabendo que eu ia fazer certo na hora de virar turco. Mas não é turco, não, que eles nem são turco, só uns. O Hassan era sírio e era alemão porque os pais dele era sírio e ele mesmo nasceu foi aqui mesmo, então ele é os dois. EU não sou turco também

⁸⁰ DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 31. Brasília, jan./jun. 2008. Disponível em: <www.gelbc.com.br/pdf_revista/3105.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2013.

não, eu sou, eu fiquei é moslém que é todo mundo que acha que o Deus é o Alá, que é o mesmo Deus de Jesus, só que tem outro nome e quem torce pra ele, quase todos, é os turco, que não são todos que parece turco, turcos é uns e os outros todos é moslém, até os turco. E eu, que fiquei moslém marte e por isso é que eu fico aqui trepando na Crêidi, que queria ser preta que nem eu, [...] (p. 145)

A desarticulação das distinções entre os narradores protagonistas de *Windows on the World* (2005) não constitui falha do autor na construção de seu romance, mas, ao contrário, denota a intenção do autor de demonstrar as características do homem pós-moderno, internacionalmente compartilhadas e contaminadas pela imposição da cultura americana, até então hegemônica.

Porém, deve-se apontar que o personagem Beigbeder possui uma característica de que Carthew não compartilha. O personagem-autor escreve sobre a dificuldade e ao mesmo tempo a obrigatoriedade de se escrever sobre 11 de setembro de 2001, o que gera vários riscos tanto estéticos quanto éticos, pois há a utilização de instrumentos que pretendem representar o atentado ao mesmo tempo em que questionam o próprio direito de fazê-lo. Um deles é o hibridismo com que é construído o romance, a mistura de vários discursos, tais como autobiografia, ensaio, sátira, ficção, texto jornalístico.

Sobre isso, o próprio autor diz em entrevista: “The novel is a very accommodating genre – you can do anything with it – so I mixed elements of newspaper article, the pamphlet, the novel and the essay. The rest is simply a question of construction, of structure.” E ainda: “I don’t think it’s possible to write pure fiction about September 11.”⁸¹

O personagem-autor fala, em vários trechos do romance sobre o problema de se escrever sobre 11 de setembro de 2001:

“Escrever este romance hiper-realista tornou-se difícil em função da própria realidade. A partir de 11 de setembro de 2001, a realidade não apenas supera a ficção, como a destrói. Não se pode escrever sobre o tema, mas tampouco se pode escrever sobre outra coisa. Nada mais nos atinge.” (p. 18)

“O fato existiu, e não é possível contá-lo.” (p. 19); “Impotência, vaidade do romancista. Livro inútil, como todos os livros. O escritor é como a cavalaria, sempre chega tarde.” (p. 39); “Evidentemente, essas informações tiram qualquer suspense deste livro. Tanto melhor: isto não é um thriller; apenas uma tentativa – talvez fadada ao fracasso – de descrever o indescritível.” (p. 69); “Vou conseguir me olhar no espelho depois de ter publicado um romance desses?” (p. 151); “Moral da história: quando os prédios somem, apenas os livros podem se lembrar deles. Eis porque Hemingway escrevia sobre Paris antes de morrer. Porque

⁸¹ GÉNIÈS, Bernard. *Le nouvel observateur*. Paris: Worldpress, 2003. Disponível em: < worldpress.org/Europe/1583.cfm#down>. Acesso em: 10 nov. 2013. “O romance é um gênero de fácil acomodação – pode-se fazer qualquer coisa com ele – assim eu mesplei elementos jornalísticos, de panfleto, do próprio romance e do ensaio. O resto é simplesmente uma questão de construção, de estrutura.” / “Eu não acho que seja possível escrever ficção pura sobre 11 de setembro.” (tradução nossa)

sabia que os livros são mais resistentes que os prédios.” (p. 158); “Isto é raro, um escritor que tem medo do livro que está escrevendo.” (p. 261);

Alguns críticos dizem que o cinema é uma “janela para o mundo”. Outros dizem isso do romance também. A arte é uma *Window on the World*. Como os espelhos fumês das torres de vidro, nos quais percebo meu reflexo, silhueta curvada de sobretudo preto, garça de óculos flanando a largas passadas. Fujo dessa imagem acelerando o passo, mas ela me segue como um pássaro predador. Escrever um romance autobiográfico não para se desvelar, mas para sumir. O romance é um espelho sem brilho, atrás do qual me escondo para ver sem ser visto. O espelho em que me vejo, acabo estendendo-o aos outros. (p. 268-269)

“Chega de escrever romances sem desfecho.” (p. 279); “[...] E um romance? Você acha que um romance pode ajudar?” (p. 289); “Realmente ignoro porque escrevi este livro. [...] Hoje os livros devem ir aonde a televisão não vai. Mostrar o indizível, dizer o indizível. Talvez seja impossível, mas é sua razão de ser. A literatura é uma ‘missão impossível’.” (p. 337)

Versluys diz que Beigbender, ao escrever um romance que considera hiper-realista, tenta superar a irrepresentabilidade dos eventos, apesar de que, como já dissemos, não acreditamos que o mais importante da poética do terrorismo seja representar os eventos, mas sim discutir suas consequências.

Obviously, if September 11 has destroyed fiction, that is, has changed the parameters within fiction is normally held to be capable of creating possible worlds and producing the effect of verisimilitude, the rules of the game have to be changed. Not realism but a newly invented novelistic form is called upon to do the job of relating the unrelatable. (VERSLUYS, 2009, p. 124)⁸²

Sobre criar palavras possíveis e produzir o efeito de verossimilhança, é com ironia que Beigbender compartilha sua reflexão:

[...] A fim de pensar em outra coisa, uma grave interrogação semântica toma conta de mim: que verbo utilizar para designar um avião que se introduz dentro de uma torre? “Aterrissar” não convém mais, uma vez que não se trata mais de tocar a terra (mesmo problema em inglês: “to land” supõe a presença de uma região sob os pneus). Proponho: “atorrissar”. (p. 111)⁸³

Sobre relatar o irrelatável, dizer o indizível, Beigbender usa um recurso inesperado em sua narrativa, que não poupa o leitor de descrições imaginadas dos horrores vividos pelas pessoas que estavam nos andares acima do avião, aquelas que não tinham como descer e tentar escapar. Quando chega o capítulo-minuto 10h08, vinte minutos antes do desabamento da torre norte, provavelmente um momento em que o horror da situação já havia se tornado insustentável, haja vista a quantidade de pessoas que se jogaram do alto das torres, Beigbender diz:

⁸² “Obviamente, se o 11 de setembro destruiu a ficção, ou seja, mudou os parâmetros em que normalmente a ficção se apoia para conseguir criar mundos possíveis e produzir o efeito de verossimilhança, as regras do jogo precisam ser mudadas. Não mais o realismo, mas uma nova forma romanesca inventada se faz necessária para relatar o irrelatável.” (tradução nossa)

⁸³ Propomos o verbo “to tower”, em inglês, como substituto para “to land”.

A partir daqui penetramos no indizível, no inenarrável. Queiram nos desculpar pelo abuso de elipses. Cortei descrições insustentáveis. Não o fiz por pudor ou respeito pelas vítimas, pois creio que descrever sua lenta agonia, seu calvário, é também um sinal de respeito. Cortei-as porque, a meu ver, seria ainda mais atroz deixar vocês imaginarem aquilo pelo qual elas passaram. (p. 310-311)

Ou seja, Beigbeder imagina e compartilha com o leitor o progresso gradativo do sofrimento das pessoas presas acima da aeronave que adentrou o prédio, todo o fogo, o calor, a fumaça, o cheiro, o desespero, os sufocamentos, os suicídios, os gritos, as preces, a espera por socorro, etc., mas quando se aproxima do ápice, do ponto crítico de sua narrativa, recua.

O interessante é que no capítulo-minuto 8h46, Beigbeder se antecipa às críticas que pode vir a receber, o que de fato houve, dizendo que o livro é apenas uma tentativa, “talvez fadada ao fracasso – de descrever o indescritível.” (p. 69) Ele não persistiu. Não compartilhou com o leitor o que imaginou que as vítimas do ataque sofreram, ou simplesmente não conseguiu imaginar nada. Mas utilizou o recurso inesperado, como dito acima, que consiste em utilizar as expressões (parágrafo cortado) e (página cortada) após os seguintes trechos:

Os helicópteros passavam à nossa frente e nos observavam morrer. (parágrafo cortado) (p. 312)

O Windows on the World era uma câmara de gás de luxo. Seus clientes eram asfixiados, depois queimados e reduzidos a cinzas, como em Auschwitz. Eles merecem as mesmas homenagens em sua memória. (página cortada) (p. 313)

O desabamento da torre Norte ocorrerá daqui a um minuto [...], mas não veremos isso, pois não estamos mais a bordo. A torre nº 1 demorou 10 segundos para desmoronar inteiramente, [...] Lembre-se, apesar de tudo, de nós, por favor. Somos as três fênix queimadas que renascerão de suas cinzas. Phoenix não é só no Arizona. (página cortada) (p. 342)

Sua tentativa de descrever o indescritível, de fato, fracassou. Todavia, não consideramos essa uma falha do autor, mas apenas uma grande ironia de sua narrativa pós-moderna, talvez a maior delas, sugerindo que o colapso das torres causou o colapso da linguagem, o que impossibilita, inclusive, a própria assimilação do evento. Sobre isso, Randall diz:

In a sense, this is what Beigbeder’s novel wrestles self-consciously with: that a new poetics, a “literature of terror”, has to be constructed in order to represent 9/11 because 9/11 has destroyed previous discourses that might have been used to speak about it. In a literary context this is a concern surrounding the linearity and narrative coherence of the realist novel as opposed to more postmodern tropes of fracture, hybridity, self-reflexivity, irony, pastiche and hyperrealism. (RANDALL, 2011, p. 74)⁸⁴

Não se pode deixar de associar o evento de 11 de setembro de 2001 ao holocausto. O próprio Beigbeder o faz na página 313, citada acima, e também na página 233, quando cita o filme de Steven Spielberg sobre o assunto, *A Lista de Schindler* (1993). Nesse trecho,

⁸⁴ “Desse modo, é com isso que Beigbeder luta conscienciosamente: com o fato de uma nova poética, uma ‘Literatura do Terror’, ter que ser construída para que se possa representar o 11 de setembro porque o 11 de setembro destruiu discursos prévios que poderiam ter sido usados para falar sobre ele. Em um contexto literário esta é uma preocupação que circunda a linearidade e a coerência narrativa do romance realista em oposição às mais pós-modernas alegorias de fratura, hibridismo, auto-reflexão, ironia, pastiche e hiperrealismo.” (tradução nossa)

Carthew conta como Jeffrey, seu colega de desespero, salta da torre armando uma cortina que segura pelas quatro pontas, duas em cada mão, para que servisse de paraquedas. “Gostaria de lhes contar que ele se safara, mas teriam me feito a mesma crítica que a Spielberg quando ele fez correr água dos chuveiros nas câmaras de gás.” (p. 233)

A crítica refere-se à tentativa de Spielberg de acomodar o horror das câmaras de gás a uma imagem mais aceitável para o espectador, ou seja, de amenizar, diluir, filtrar o evento, diminuindo o mal-estar que o receptor pode vir a sentir. Mas há a possibilidade, simplesmente, de o diretor não ter sido capaz de representar tal horror e ter usado o recurso dos chuveiros como substituto, assim como Beigbender utiliza o “corte” de trechos em sua narrativa.

O problema da linguagem em relação ao trauma explica as ausências, quer de veracidade, no caso do filme de Spielberg, quer de palavras, no caso do romance de Beigbender, pois, em ambos os desastres, ninguém sobreviveu para contar, ninguém teve a oportunidade de ouvir o canto das sereias, como Ulisses, portanto, não conseguir, ou não querer imaginar e em seguida relatar os horrores dos eventos em questão é perfeitamente compreensível.

Há que se mencionar o fato de que, mesmo que tantos e diversificados filmes tenham antecipado e criado tragédias equivalentes, fantasiando algo que deveria ter ficado preso no universo imaginário da película, ainda assim, uma espécie de censura paira nas representações do atentado de 11 de setembro de 2001. Susan Sontag fala sobre o atentado ser “como um filme”⁸⁵ para muitas pessoas que o presenciaram, demonstrando ao mesmo tempo a dificuldade em assimilar o ocorrido e a qualidade premonitória de filmes de catástrofe, ao que o personagem Carthew adiciona:

Nos Estados Unidos, a vida se assemelha a um filme, já que todos os filmes são rodados *in loco*. Todos os americanos são atores, e suas casas, seus carros, seus desejos soam falsos. A verdade é inventada todas as manhãs nos Estados Unidos. Este país decidiu se parecer com uma ficção em celuloide. (p. 32)

Não é por acaso que o personagem David, um dos filhos de Carthew pensa que estão participando de um filme durante quase toda a narrativa. Da mesma maneira, Carthew diz que pensa ser “uma merda estar num filme desses” (p. 68) quando um Boeing vem em cima de você.

E ainda que os filmes tenham antecipado tragédias semelhantes, o indizível, o inenarrável continua sendo “cortado” dos romances, como o próprio Carthew diz no capítulo-minuto 10h01:

⁸⁵ Ver introdução.

Por que não se viu nenhuma imagem de nossos braços e pernas desconjuntados, de nossos troncos arrancados, de nossas entranhas esparramadas? Por que esconderam os mortos? Isso não é pudor deontológico, é autocensura, na verdade, simplesmente censura. [...] Um edifício desmorona, o fato é noticiado em rede. Mas, por favor, não mostrem o que está lá dentro: nossos corpos. (p. 298-299)

Baudrillard corrobora dizendo: “[...] we have been dreaming of such a violent spectacular, a collective desire of murderous intent eager to see such a dominant Power – perfectly symbolized in the WTC Towers – destroyed.” (BAUDRILLARD, 2002, p. 6)⁸⁶

Juntamente com a miscelânea de gêneros literários que Beigbender utiliza na composição de seu romance, há o uso indiscriminado da ironia, característica da obra de arte pós-moderna. Seguem abaixo alguns poucos e aleatórios trechos exemplificativos:

Pode-se ver essa razão social como uma prova suplementar da arrogância americana: “Nosso estabelecimento projeta-se sobre o centro nevrálgico do capitalismo mundial, irritando você, cordialmente.” (p. 19)

[...] Em vez de lhes dizer “amo vocês”, eis o que conviria dizer:

– Existe coisa pior do que ter um pai ausente: é ter um pai presente. Um dia vocês me agradecerão por não tê-los sufocado. (p. 37)

E eis como um charuto pode salvar uma vida. Deveriam colocar uma nova advertência nos maços de cigarros: “Fumar faz você sair dos prédios antes que eles desabem.” (p. 39)

Terminando meu cappuccino, olho para os outros clientes, que não olham para mim. [...] Há árabes, ingleses, paquistaneses, brasileiros, italianos, vietnamitas, mexicanos, todos obesos. O grande ponto comum entre os clientes do Windows on the World é a barriga. (p. 43)

E percebo que amo meu país de loucos, esta época podre e meus filhos difíceis. Uma lufada de ternura me invade – provavelmente, um refluxo da vodca de ontem à noite. (p. 44)

Nem estuprado, nem espancado, nem abandonado, nem drogado. Apenas pais divorciados e excessivamente solícitos comigo, como os de todos os alunos da minha sala. Sou traumatizado por minha ausência de trauma. (p. 57)

Conclusão: as Twin Towers tinham sido construídas para resistir ao choque de um avião *sem combustível*. (p. 64)

Outros nomes possíveis para o restaurante do World Trade Center:

- Windows on the Planes
- Windows on the Crash
- Windows on the Smoke
- Broken Windows

Perdoem este acesso de humor negro: escudo fugaz contra a atrocidade. (p. 74)

Concerto para tosse, espirros, estertores e estrangulamentos

Curioso ninguém ter tido essa ideia. Nem mesmo John Cage. No entanto ele tinha um nome bem apropriado. Interpretamos um concerto de tosses em uma gaiola transparente. (p. 106)

Difícil saber quem são os bons, quem são os maus: eles mudam de lado quando mudamos de canal. (p. 134)

Naquela manhã, três archotes ardam em Nova Amsterdã: a chama da estátua da Liberdade, a da torre Norte e a da torre Sul. (p. 142)

Nos minutos vindouros, o World Trade Center, templo do ateísmo e do lucro internacional, vai progressivamente se transformando em igreja improvisada. (p. 147)

Odeio o inventor do pára-quadras de escritório por só ter tido a ideia depois da tragédia. (p. 170)

⁸⁶ “[...] temos sonhado com um espetáculo de tamanha violência, um desejo coletivo de intenções assassinas, sedentos de ver um poder tão dominador – perfeitamente simbolizado pelas torres do WTC – destruído.” (tradução nossa)

Nasci em berço de ouro. Gostaria de poder lhes contar uma infância dolorosa de artista maldito. Invejo Cosette: nada vivi de patético. É patético sê-lo tão pouco. (p. 207)

COMO JESUS NÃO ME SALVOU (p. 226)

Será que podemos ser ricos e favoráveis à mudança? Sim: para isso basta cultivar a ingratidão. (p. 256-257)

Os fundamentalistas cristãos enfrentam os fundamentalistas muçulmanos: vou morrer por causa de uma discussão incestuosa entre duas seitas de milionários. (p. 258)

Tenho incessantemente na cabeça uma imagem que me perturba: um helicóptero que carrega pessoas agarradas a uma escada de corda por cima do World Trade Center. Essa imagem teria sido a mais bela resposta possível aos aviões-suicidas. Pena que não a vimos. (p. 286)

[...]: esta manhã, a realidade limitou-se a imitar os efeitos especiais. (p. 304)

As mulheres tinham vencido: ninguém mais queria ficar ao lado delas. (p. 308)

Quem é louco? Quem é santo? Nosso Deus está crucificado. Adoramos um barbudo de tanga torturado em uma cruz. É hora de fundar uma nova religião, cujo símbolo seriam suas torres em chamas. (p. 315)

Nós também sabemos nos sacrificar. (p. 332)

O romance do americano Jonathan Safran Foer *Extremamente Alto e Incrivelmente Perto* (2006) também incorpora elementos diversos em sua composição, porém, tanto elementos de linguagem literária, quanto imagens, símbolos, fotografias, códigos, páginas em branco, páginas ilegíveis. Seu protagonista, o precoce Oskar de apenas 9 anos de idade, sai em busca de alívio não só para a dor da perda do pai na queda das torres, mas também para a culpa que sentia por ter ouvido os recados de seu pai na secretária eletrônica e não ter atendido o telefone para falar com ele e ajudá-lo, mesmo que apenas com palavras, e ainda para angústia que sente por não ter compartilhado esse fato com ninguém, enfim, parte também em busca da cura de um trauma.

Em *Out of the Blue* (2009), Kristiaan Versluys diz: “Thus the relationship between trauma and language is a problematical one.” (p. 77)⁸⁷ Isso porque o trauma envolve eventos sobre os quais não se consegue falar, (um de seus sintomas é a mudez), mas mesmo assim se deve falar. No romance de Foer, a relação entre o trauma do atentado ao World Trade Center e a linguagem é explicitamente articulada na expressão dos sintomas do trauma. Oskar é o narrador principal, já que o romance é sobre sua dor, mas a história de sua família é complementada pelas narrativas apresentadas nada convencionalmente por seus avós, ambos sobreviventes dos bombardeios feitos pelos aliados em Dresden, no fim da segunda guerra mundial, entre 13 e 15 de fevereiro de 1945.

The Schell family is so traumatized by the events of history that conventional utterance is no longer possible. Language is strained to the breaking point. Being forced to its expressive extremes of dense volubility, on the one hand, and ominous

⁸⁷ “Deste modo, a relação entre trauma e linguagem é problemática.” (tradução nossa)

silence, on the other, it is barely capable of serving its traditional function as a vehicle of communication between generations. (VERSLUYS, 2008, p. 80)⁸⁸

Desse modo, o romance é constituído das tentativas desses três integrantes da família Schell de estabelecer contato. Suas narrativas se alternam na sequência Oskar-Avô-Oskar-Avô repetida quatro vezes e complementada pelo último capítulo, narrado por Oskar.

Como o avô adquiriu afasia após o bombardeio em sua cidade natal, seu meio de comunicação é a escrita aliada às palavras SIM e NÃO, tatuadas nas palmas das mãos esquerda e direita respectivamente. O leitor entra em contato com sua história através das cartas que escreve para seu filho, pai de Oskar, mas que nunca são enviadas. Sempre acompanhado de um caderno, o avô já deixa escritas frases que sabe que são usadas com frequência, mas às vezes, mostra ao interlocutor uma frase que não cabe na lógica do diálogo que tentam estabelecer. Há imagens desse caderno de notas nas páginas 30 a 38; 43 e 45; 127; 133; 140; 144; 147; 152 a 157; 288 a 290. Cada imagem de cada página contém apenas uma única frase, como “Você sabe que horas são?” E há fotos das palmas das mãos tatuadas do avô nas páginas 286 e 287.

A avó decide agradar o avô fingindo durante anos que está escrevendo suas memórias com a máquina de escrever, a título de terapia. São mostradas 3 páginas em branco de sua biografia (páginas 136, 137 e 138). Essas páginas representam o vazio da avó causado pelo trauma do bombardeio, mas também demonstram a dificuldade de narrar um trauma. O leitor entra em contato com sua história também através de uma carta, mas esta é dirigida a Oskar.

No caso de Oskar, os recursos gráficos relacionados à sua busca são ainda mais variados, pois ele possui um *scrapbook* em que coleciona coisas que considera interessantes, possui um cartão de visitas, escreve cartas para famosos como Ringo Star e Stephen Hawking, tira fotos dos lugares que visita à procura da pessoa com sobrenome Black, identifica a palavra Black em papéis que são usados para testar canetas em uma papelaria, torna-se obcecado por fechaduras, entre outras coisas, e há imagens de todas elas espalhadas ao longo do romance.

Mas o principal recurso gráfico existente no romance é a sequência de fotos parecidas com a foto de Richard Drew, intitulada *The Falling Man*⁸⁹, que mostra outro homem caindo e é arranjada de trás para frente de modo a causar a sensação no leitor de que o homem em queda, na verdade não está caindo, mas sim, subindo aos céus. Sobre isso, Versluys diz:

⁸⁸ “A família Schell é tão traumatizada por eventos históricos que um discurso convencional já não é mais possível. A linguagem é tensionada para o seu ponto de ruptura. Sendo forçada para seus expressivos extremos de densa volubilidade, por um lado, e de silêncio fatídico, por outro, ela é escassamente capaz de servir à sua função tradicional como veículo de comunicação entre gerações.” (tradução nossa)

⁸⁹ Ver final do capítulo 1.

Through the exercise of compensatory imagination, Oskar, like his grandmother, wants to impose a happy ending on the events. “Sometimes people reenact the traumatic moment with a fantasy of changing the outcome of the dangerous encounter.”, writes Herman (*Trauma and Recovery*, 39). (VERSLUYS, 2008, p. 118)⁹⁰

Por um lado, o arranjo das fotos de trás para frente pode ser mais uma das inúmeras invenções de Oskar, que é inventor, dentre outras coisas. Suas invenções revelam sua insatisfação com o mundo ao seu redor, que deseja modificar. Desse modo, essa última invenção que encerra o romance seria aquela que mais profundamente revela seu sofrimento.

Mas, por outro lado, esse encerramento pode significar que Oskar aprendeu a lidar com o trauma sofrido na queda das torres que levou seu pai, restaurando sua relação com o mundo ao seu redor, que nem sempre proporcionará satisfações. O desejo de reverter o passado é realizado pelo menos através da imaginação.

Desse modo, podemos dizer que o romance realista, e de maneira mais abrangente, a ficção realista, pode não ser a melhor maneira de representar o atentado terrorista que ocasionou a queda das torres ou de representar qualquer outro ataque terrorista. A narrativa tradicional não é capaz de acomodar o evento de 11 de setembro satisfatoriamente, por isso o surgimento de diversas formas híbridas de expressão como o romance gráfico, o romance permeado pelo ensaio, as memórias, os retratos, o poema-filme, a arte conceitual, etc. Daí a sugestão de Martin Randall à respeito da necessidade de construção de uma nova poética.

Dizer que o 11 de setembro requer uma nova poética para ser representado reafirma o fato de ter provocado uma ruptura, ou seja, o evento é um divisor de águas para o romance, para a linguagem literária, para a arte, para a política, para a economia, para a história, para a humanidade.

Todavia, há romances de composição tradicional que narram atentados terroristas, como a obra de Yasmina Khadra, *O atentado* (2006). Sua narrativa é linear, com exceção da descrição da cena final que ocupa as primeiras páginas do romance após a qual há um salto para o verdadeiro início da história.

O romance apresenta a busca do médico palestino naturalizado israelense Amin Jaafari, marido de Sihem, uma kamikaze, por compreender os motivos que a levaram a realizar o atentado, matando-se e matando muitos ao seu redor. Sua estrutura convencional contém poucas passagens que detalham mutilações físicas sofridas por vítimas do atentado causado pela mulher-bomba, o que pode causar certo incômodo no leitor, mas que, por outro lado, é fundamental para transportá-lo para o horror decorrente do ataque terrorista.

⁹⁰ “Através do exercício de imaginação compensatória, Oskar, como sua avó, quer impor um final feliz aos eventos. ‘Às vezes as pessoas recriam o momento traumático com a fantasia de modificar o resultado do encontro perigoso.’, escreve Herman.” (tradução nossa)

As vítimas são levadas ao hospital em que Amin trabalha e socorridas por ele, que nem imagina que sua mulher foi a responsável por todo aquele sofrimento.

Um ferido exige que nos ocupemos dele imediatamente. Tem as costas esfoladas de uma ponta a outra e um pedaço da omoplata para fora. Não vendo ninguém socorrê-lo, agarra uma enfermeira pelos cabelos. É preciso três decididos soldados para fazê-lo largar sua presa. Um pouco mais longe, imprensado entre duas macas, um ferido urra, debatendo-se como o diabo. Termina caindo da maca de tanto agitar-se. O corpo retalhado põe-se a dar socos no vazio. A enfermeira que está a seu lado parece perder o controle. Os olhos dela iluminam-se quando me vê.

– Rápido, rápido doutor Amin...

Súbito, o ferido cai em torpor; os estertores, as convulsões, as patadas, seu corpo inteiro imobilizam-se e seus braços vergam sobre o peito, como os de uma marionete a quem se tivesse acabado de cortar os cordões. Em uma fração de segundos, sua fisionomia congestionada desfaz-se da dor e cede lugar a uma expressão demente, feita de um ódio frio e de desgosto. Quando me debruço sobre ele, ameaça-me com o olhar e retorce os lábios numa careta de ultraje.

– Não quero que um árabe toque em mim – repele-me com a mão raivosa. – Prefiro morrer.

Tomo-o pelo pulso e torço firmemente seu braço contra o flanco.

– Segure-o bem – digo à enfermeira. – Vou examiná-lo.

– Não me toque – insurge-se o ferido. – Não ponha suas mãos em mim.

Cospe-me. Sua saliva cai sobre o queixo, trêmula e elástica, enquanto lágrimas furiosas inundam suas pálpebras. Tiro-lhe o casaco. Seu ventre não é mais que uma pasta esponjosa que cada esforço comprime. Perdeu muito sangue e seus berros só fazem aumentar a hemorragia.

– É preciso operá-lo imediatamente. (p. 21)

A passagem acima mostra não só o sofrimento de uma das vítimas do atentado, mas também a complexa situação em que Amin está inserido. Por ser árabe, mesmo previamente naturalizado israelense, sofre preconceito e, apesar de inicialmente não se abalar, mais tarde, no romance, questiona sua própria identidade. Isso porque parte em busca de explicações que pede a familiares e conhecidos que habitam sua terra natal. Esse revisitar provoca reflexões que o levam à conclusão de que negar suas origens não as eliminam.

Ter escolhido se naturalizar israelense, negando sua origem palestina pode ter feito com que Amin tenha sido considerado um traidor, não só por seu povo e sua família, mas também por sua própria esposa. O personagem pode, até mesmo, ser atribuído de alguma ingenuidade ao se esforçar para criar um universo tão distante de sua realidade original e não prever nenhuma consequência mais séria após tal escolha.

Sua incompreensão e inconformismo quanto à sua pacata esposa ter se revelado perigosa kamikaze deve-se muito mais ao fato de que, para Amin, o ato de Sihem representa uma ofensa pessoal aos cuidados que ele imaginava oferecer a ela, sendo que, para ela, em seu íntimo, era impossível ser feliz dentro de uma bolha, considerando-se uma traidora, vivendo ao lado do marido que considerava traidor, enquanto seu povo sofria consideravelmente e eles desfrutavam de tantos privilégios. Sihem entrega-se ao martírio pela fé obrigando Amin a retornar às suas origens, voltando o olhar para seu interior e encarando dura realidade.

O fato de haver tantas publicações com a temática do 11 de setembro e de outros atentados terroristas sugere a necessidade de organizar as obras em grupos, no intuito de consumi-las e compreendê-las. Portanto, a discussão sobre gêneros faz-se necessária, o que nos obriga a retomar a visão de Bakhtin sobre aqueles, discutida no capítulo 2 da presente tese:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório dos gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2003, p. 262)

Habitamos a pós-modernidade e uma das características de sua arte é justamente a pluralidade, a convivência de múltiplos aspectos em uma só obra, fato verificado nos romances aqui apresentados. Assim, devemos estender a possibilidade da coexistência de múltiplos aspectos também para o gênero, que no caso do romance, como vimos no capítulo 2, é derivado do gênero épico definido pela *Poética* de Aristóteles, agruparia diversas formas de expressão sobre a mesma temática geral: o terrorismo.⁹¹

Ironicamente, aproveitando outra característica do pós-modernismo, poderíamos optar por não agrupar as obras em um gênero, já que sua nomeação poderia sugerir o estabelecimento de um novo paradigma, o que não é pertinente ao pós-modernismo, pois a busca por fenômenos culturais universais já não faz mais sentido. Entretanto, até mesmo para fins didáticos, para facilitar o estudo do tema, podemos também escolher nomear o grupo de obras sobre terrorismo de Poética do Terrorismo e, particularmente os romances que tratam do tema de Romances de Terrorismo.

Se fôssemos utilizar os apontamentos que Linda Hutcheon faz sobre o romance pós-moderno, chamando-o de Metaficção Historiográfica porque contém em si vários aspectos incorporados em sua narrativa, como o literário, o histórico e o teórico⁹², concluiríamos que todos os Romances de Terrorismo são Metaficções Historiográficas.

Isso nos levaria a partir do macrocosmo que é a realidade dos atentados terroristas que foram se tornando cada vez mais comuns sendo incorporados ao nosso cotidiano e ocasionando a forçosa reconfiguração das relações sociais humanas em direção ao microcosmo do Romance de Terrorismo, também Metaficção Historiográfica, uma das

⁹¹ Nancy K. Miller, em artigo publicado no livro *Literature After 9/11* (KENISTON; QUINN, 2008) discute sobre o que chama de *New Genres of Testimony*, entre eles e principalmente os *Portraits*, traduzidos para o português como *Retratos*, que são uma mistura de obituário com um gênero textual chamado de *Anecdote* em inglês. Narrando o nascimento de um gênero, ela define: “The genre takes the private person into the public arena within recognizable conventions, within what we might call an ethics of mourning: the ‘emblematic’ anecdote is ‘endearing’ not damming.” (Edição Kindle, posição 673 de 8050) (O gênero transporta a pessoa privada para a arena pública através de convenções reconhecíveis, através daquilo que podemos denominar uma ética do luto: a crônica emblemática é cativante, não repressora.(tradução nossa))

⁹² Ver capítulo 1, item 1.5.

expressões artísticas da Poética do Terrorismo que abrange outros gêneros, tais como teatro, poesia, quadrinhos, filmes, etc., que, por vez, integra o pós-modernismo.

No capítulo 2, vimos que o romance é o único gênero ainda inacabado, que parodia outros gêneros, integrando-os à sua própria composição e dando a eles uma nova interpretação e forma. Por estar em evolução, pode refletir mais rapidamente a evolução da própria realidade. Essa característica pode ser favorável a seus criadores, todavia, traz dificuldades para seus teóricos. Citando novamente Bakhtin:

Daí vem a extraordinária dificuldade para uma teoria do romance. Com efeito, esta teoria deveria ter, em princípio, um objeto de estudo totalmente diferente da teoria de outros gêneros. O romance não é simplesmente mais um gênero ao lado dos outros. Trata-se do único gênero que ainda está evoluindo no meio de gêneros já há muito formados e parcialmente mortos. Ele é o único nascido e alimentado pela era moderna da história mundial e, por isso, profundamente aparentado a ela, enquanto que os grandes gêneros são recebidos por ela como um legado, dentro de uma forma pronta, e só fazem se adaptar – melhor ou pior – às suas novas condições de existência. (BAKHTIN, 1990, p. 398)

Se o romance é uma forma inacabada, temos a liberdade de criar e recriar tanto ele mesmo quanto a teoria que o circunda, portanto, por enquanto, 12 anos após a queda das torres, propomos o gênero ou subgênero Romance de Terrorismo⁹³ para agrupar os romances que tratam de atentados terroristas, o que pode vir a mudar com o surgimento de novas narrativas.

A palavra “terrorismo” é problemática pelo fato de, ao ser usada, provocar a sensação reducionista da existência do bem e do mal, sendo que tal maniqueísmo simplificaria consideravelmente todos os aspectos que atos de terrorismo envolvem. Vários autores de romances de terrorismo lidaram com a questão de “how to avoid a dichotomizing discourse”⁹⁴ (VERSLUYS, 2009, p. 16) em suas narrativas, pois extremas circunstâncias políticas dentro do capitalismo neoliberal na contemporaneidade simplificadamente dividiram o mundo em “nós e eles”, levantando problemas de alteridade. Infelizmente, não encontramos palavra substituta.

Grandes pensadores como Jean Baudrillard chegam a chamar de “o Outro” aqueles que contestam a hegemonia americana e expressam sua insatisfação reagindo com ataques terroristas:

When global power monopolizes the situation to this extent, when there is such a formidable condensation of all functions in the technocratic machinery, and when no alternative form of thinking is allowed, what other way is there but a *terroristic situational transfer*? It was the system itself which created the objective conditions

⁹³ Preferimos chamar o Romance de Terrorismo de gênero aproveitando a observação de Bakhtin de que os gêneros são infinitos porque é infinita a criação humana. Entretanto, reconhecemos que Romance de Terrorismo pode ser considerado um subgênero do Romance. Se considerarmos o Romance um subgênero do Gênero Épico, o Romance de Terrorismo seria um sub-subgênero do subgênero Romance.

⁹⁴ “como evitar um discurso dicotomizante” (tradução nossa)

for this brutal retaliation. By seizing all the cards for itself, it forced the Other to change the rules. (BAUDRILLARD, 2002, p. 8-9)⁹⁵

No final do processo de pesquisa para a confecção desta tese, encontramos alguns teóricos que discutem sobre obras que trazem a temática do 11 de setembro de 2001, dentre eles, Kristiaan Versluys, Ann Keniston e Martin Randall. Nenhum deles questiona a existência ou o surgimento de um novo gênero literário. Eles simplesmente analisam obras pertencentes a esse gênero chamando-o de *9/11 Literature*, *Poetics post 9/11*, *Literature post 9/11* e *Literature of Terror*⁹⁶.

No Brasil, encontramos um artigo de Sérgio Rodrigues na revista *Veja* chamado *O 11 de setembro na literatura: dez anos, dez livros em que ele menciona o 9/11 novel*, que chama de subgênero⁹⁷. Encontramos também um artigo português de Alexandra Lucas Coelho chamado *Silêncio e Boom* em que ela comenta a Literatura pós-11 de setembro e o Romance pós-11 de setembro⁹⁸.

Spencer e Valassopoulos em *Literary Responses to the War on Terror* (2010), resumem a natureza da *Literature of Terror*:

(T)he articulation of multiple voices, the interrogation of received wisdom, the imaginative engagement with unprecedented points of view (...) They encourage critical, analytical responses to situations that are usually caricatured by corporate media to manufacture consent, belligerence and paranoia. (p. 330)⁹⁹

Contudo, o gênero aqui proposto não trata somente de romances que trazem em suas narrativas o atentado ao World Trade Center, mas toda e qualquer forma de ataque terrorista. Como já dissemos, acreditamos que a temática do terrorismo passou a integrar ostensivamente a produção literária, principalmente a produção romanesca após 11 de setembro de 2001, apontando para o evento como causador de rupturas diversas, daí sua enorme importância. Mas as produções literária e romanesca sobre terrorismo não se limitam à queda das torres, por isso, consideramos reducionista e incompleta a nomeação do gênero *9/11 Literature* e por isso propomos os nomes, mais abrangentes Poética do Terrorismo e Romance de Terrorismo.

Obviamente, existem romances e obras de arte em geral sobre terrorismo concebidas anteriormente a 11 de setembro de 2001. O próprio Don DeLillo, autor de *Homem em Queda*

⁹⁵ “Quando o poder global monopoliza a situação a esse ponto, quando há a enorme concentração de todas as funções na máquina tecnocrática, e quando não é permitida nenhuma outra forma de pensar, qual outro caminho a não ser o da *transferência situacional terrorista*? Foi o próprio sistema que criou as condições objetivas para esta retaliação brutal. Ao distribuir todas as cartas para si mesmo, ele forçou o Outro a mudar as regras.” (tradução nossa)

⁹⁶ Na língua inglesa, a palavra “terror” é equivalente à palavra portuguesa, apesar de remeter a terror, que é outro gênero de ficção e que, em língua inglesa seria traduzido como “horror”. Sendo assim, ressaltamos que *Literature of Terror* é uma designação perfeita para o gênero em discussão neste capítulo, mas somente em inglês.

⁹⁷ RODRIGUES, Sérgio. *O 11 de setembro na literatura: 10 anos, 10 livros*. São Paulo: Veja, 2011. Disponível em: <veja.abril.com.br/blog/todo-prosa/pelo-mundo/o-11-de-setembro-na-literatura-dez-anos-dez-livros/>. Acesso em: 10 nov. 2013.

⁹⁸ COELHO, Alexandra Lucas. *Silêncio - e boom*. Portugal: CISION, 2008. Disponível em: <media.asa.pt/s_leitura/leitura_download/22530254.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2013.

⁹⁹ “A articulação de múltiplas vozes, o questionamento da sabedoria recebida, o engajamento imaginativo com pontos de vista sem precedentes [...] Eles encorajam respostas críticas, analíticas para situações que são geralmente caricaturadas pela mídia corporativa para fabricar o consenso, a beligerância e a paranoia.” (tradução nossa)

(2007), um dos romances lidos durante esta pesquisa, já havia escrito um romance, ainda em 1991, intitulado *Mao II*, que representa o terrorismo como um ato público, cujo sucesso ou fracasso dependerá do nível de invasão que conseguirá ter na esfera privada. Seu protagonista é Bill Gray, um escritor que decide, junto com seu assistente, jamais publicar seu livro para que não seja destruído pela produção em massa. Ao ser fotografado por Brita, que está fotografando vários escritores pelo mundo para documentar, ele expõe suas ideias.

Antecipadamente, DeLillo descreve o terrorismo como um espetáculo global cujas imagens são transmitidas repetitivamente pela televisão para todo o mundo, assim como ocorreu com o atentado às torres. Ele prevê a era do terrorismo e o efeito considerável que esse fenômeno causaria na sociedade americana e mundial. E ainda acredita que os terroristas estão ocupando o lugar que pertencia aos romancistas de abalar o cerne da cultura:

There's a curious knot that binds novelists and terrorists. In the West we become famous effigies as our books lose the power to shape and influence. Do you ask your writers how they feel about this? Years ago I used to think it was possible for a novelist to alter the inner life of the culture. Now bombmakers and gunmen have taken that territory. They make raids on human consciousness. What writers used to do before we were all incorporated. (DELILLO, 1991, p. 41)¹⁰⁰

Como consideramos o 11 de setembro um marco, persistiremos em considerar Romances de Terrorismo somente aqueles publicados após esse evento e teremos o romance de DeLillo como predecessor do gênero.

¹⁰⁰ “Existe uma curiosa ligação entre romancistas e terroristas. No leste nós nos tomamos efígies famosas enquanto nossos livros perdem poder para a forma e a influência. Vocês perguntam a seus escritores como eles se sentem a esse respeito? Anos atrás eu costumava pensar que era possível um romancista alterar a vida interior da cultura. Agora os homens-bomba e os homens das armas tomaram esse território. Eles invadem a consciência humana. O que escritores costumavam fazer antes de sermos todos incorporados.” (tradução nossa)

CONCLUSÃO

Chegar ao final desta pesquisa revela-se imensa vitória devido a imensos contratempos e dificuldades tanto teóricas quanto pessoais vividas pela pesquisadora ao longo destes cinco longos e ricos anos. Apesar de ainda haver muito que se pesquisar sobre o tema, felizmente, eis o fim desta etapa.

A motivação inicial para a confecção do pré-projeto foi ter ganhado de presente de aniversário de minha irmã o livro *Extremamente Alto e Incrivelmente Perto*, do escritor americano Jonathan Safran Foer (2006), pois, a partir da leitura deste, percebi que o acontecimento de 11 de setembro de 2001, que tanto me impressionara, era tema de um romance. Isso significava que a literatura já estava tratando do assunto, portanto, a necessidade de pesquisar como isso se dava surgiu.

Como, na época da seleção para Doutorado, eu estava defendendo minha dissertação de mestrado, meu orientador achava melhor esperar a seleção seguinte para não misturar dois eventos tão importantes. Desobedecei. Logo o universo me castigaria...

O atentado às torres envolve tantos aspectos que se torna fácil se perder no labirinto que formam. Houve época em que pensei ter de desvendar toda a História do oriente médio para entender e explicar o fenômeno do terrorismo e, assim, poder falar da representação do atentado na literatura. O emaranhado que é o oriente médio mostrou-se impossível. Recolhi-me ao meu posto de pesquisadora em teoria literária e deixei a megalomania de lado, atendo-me ao que de fato interessa: os romances, a narrativa, os personagens, etc.

Concordei com a opinião de Chomsky sobre as atrocidades de 11 de setembro de 2001 serem chocantes, não por sua violência, mas por seu ineditismo. Os EUA sempre cometem atrocidades, mas daquela vez, as sofreram. A responsabilidade pelo evento foi atribuída à Al-Qaeda. Estudei sobre essa organização, bem como sobre fundamentalismo religioso, o que acabou me levando à tese de Said sobre a invenção do oriente pelo ocidente, e conseqüentemente, ao sistema econômico capitalista, que é cenário para a evolução do terrorismo. Após a qualificação, tive o privilégio de conhecer a tese de Abdelwahab Meddeb sobre o integrismo, a doença do Islã, cujo sintoma é o terrorismo. Todos esses temas, juntamente com: civilização, identidade e esquizofrenia circundam os romances estudados e analisados neste trabalho.

Pouco a pouco, a construção desta tese de doutorado foi feita tendo como modelo a minha dissertação de mestrado. Seu tema é a literatura contemporânea como espelho refletor da radicalidade do capitalismo, cujo evento representativo é o ataque ao World Trade Center,

dentre vários outros ataques terroristas. O objetivo de analisar romances publicados após o atentado aos Estados Unidos em 2001 e verificar se houve o surgimento de um novo gênero literário pós-11 de setembro foi cumprido, pois 22 romances que trazem o tema do terrorismo foram lidos e 5 deles foram selecionados e analisados, uns mais extensamente que outros.

Comecei o desenvolvimento da tese, no capítulo 1 *A pós-modernidade*, com discussão sobre o tempo em que os romances vêm sendo escritos, o qual assumo ser pós-moderno. Tracei o histórico do surgimento do termo *pós-modernidade* mostrando 18 citações dele ao longo de sua evolução desde seu surgimento em 1934 com seus diversos significados. Escolhi 6 teóricos que possuem ideias afins acerca da pós-modernidade enquanto época pós-segunda guerra mundial inserida no capitalismo neoliberal: Jean-François Lyotard, Fredric Jameson, David Harvey, Linda Hutcheon, Terry Eagleton e Gilberto Freyre

O capítulo 2, *Literatura entre modernidade e pós-modernidade*, traça um panorama da expressão artística desde o início da idade moderna até a contemporaneidade guiando a pesquisa para a verificação de como as obras literárias relacionadas ao 11 de setembro retratam esse evento, que recursos utilizam para retratá-lo, que tipos de personagem aparecem e como esses personagens se comportam no mundo após o ataque às torres. Há digressão sobre o surgimento do romance, bem como sobre os problemas do romance contemporâneo. Há, ainda, discussão sobre a narrativa e suas categorias em direção à sua desconstrução e ao apontamento de elementos do romance pós-moderno na busca pela delimitação das características do romance pós-11 de setembro. O capítulo é encerrado com um resumo de 5 obras publicadas vinculadas ao tema, para que sejam apontados, mais adiante, no último capítulo, os pontos convergentes e divergentes, temáticos e estruturais existentes entre elas em direção à problematização sobre o surgimento de um novo gênero literário. As obras foram escolhidas, tão somente para representar 5 autores de nacionalidades distintas, visto que a maioria dos romances encontrados é americana.

O capítulo 3, *Literatura entre o mal-estar do capitalismo e da civilização e o terrorismo*, dedica-se ao fortalecimento do capítulo 1, sobre pós-modernidade, já que todos os teóricos vinculam a era pós-moderna ao sistema capitalista, bem como ao embasamento do tema de que trata esta pesquisa. É traçado panorama histórico das várias fases do capitalismo: mercantilismo ou pré-capitalismo (séculos XVI e XVII), capitalismo industrial (séculos XVIII e XIX), capitalismo industrial liberal (séculos XIX e XX), capitalismo monopolista (entre guerras), capitalismo financeiro, neoliberal, pós-industrial, tardio, corporativista ou pós-fordista (pós-segunda guerra, ou seja, já na pós-modernidade). Também é tecido comentário sobre o ressurgimento da civilização, concomitante ao nascimento da modernidade e com ela

o humanismo e o iluminismo, que contribuíram para o alcance de seus ideais: controle sobre as forças da natureza, beleza, limpeza, ordem, estima às atividades mentais do homem e regulamentação dos relacionamentos sociais. Segundo Freud, na civilização, a lei controla o instinto agressivo garantindo a convivência comunitária e a segurança, mas causando mal-estar e angústia. Por fim, temos outro panorama, desta vez do terrorismo, com vários exemplos, tanto de grupos terroristas quanto de atos terroristas ao longo da história, bem como apontamentos essenciais para a compreensão desse fenômeno feitos por Abdelwahab Meddeb que retrocede no tempo em busca das origens do que chama de integrismo, o que, para ele, constitui o embrião dos problemas do Islã, sua doença, cujo sintoma principal é justamente o terrorismo. Para Meddeb o integrismo é uma ideologia reforçada pelo ressentimento da perda da liderança mundial islâmica para a Europa e depois para os Estados Unidos. A democratização relativa e o crescimento demográfico descontrolado levaram, ao longo da história, à disseminação da interpretação literal do Corão causando diversos equívocos e inúmeras tragédias. A cura dessa doença, segundo Meddeb, poderia se dar com o reconhecimento legítimo do Islã por parte do ocidente.

No capítulo 4, *Capitalismo, civilização, identidade e esquizofrenia*, é apresentada teoria contraedipiana de Deleuze e Guattari em que o Édipo constitui o limite interno do capitalismo, que sempre existiu na história da humanidade, ainda que em estado latente, enquanto a esquizofrenia constitui seu limite externo. Produções e processos territorializam e desterritorializam o sistema constantemente e mantêm a máquina funcionando. A esquizoanálise é proposta em oposição à psicanálise. Há digressão sobre identidade bem como sobre a caricatura que o ocidente fez do oriente e vice-versa. A teoria da esquizofrenia colabora para a compreensão dos personagens de diversos romances de terrorismo, tanto do ponto de vista filosófico quanto do ponto de vista clínico.

Finalmente, o capítulo 5, *Os romances pós-11 de setembro*, traz tudo o que foi discutido ao longo de toda a tese, porém ilustrado com as análises dos romances. São romances que trazem o tema do terrorismo, um dos sintomas da radicalidade do capitalismo juntamente com a esquizofrenia. O capitalismo, como vimos, é elemento determinante da pós-modernidade. São romances que trazem personagens de classe média. E logo no início do capítulo, o livro de Ballard *Terroristas do Milênio* é comentado por trazer essa discussão.

São romances que trazem personagens em busca: em busca da compreensão do mundo, como o próprio David de *Terroristas do Milênio*; em busca da compreensão de si, como Mané, de *O paraíso é bem bacana*; em busca da compreensão do comportamento da esposa kamikaze, como Amim, de *O Atentado*; em busca da cura do trauma de perder o pai na

queda das torres, como Oskar, de *Extremamente Alto e Incrivelmente Perto*; em busca de escapar do incêndio causado pelo choque da aeronave na torre norte do World Trade Center, onde se encontra com seus filhos, como Carthew, de *Windows on the World*; em busca de encontrar uma forma de compreender e de representar o atentado, como Beigbeder, também de *Windows on the World*.

Intencionalmente ou não, a forma encontrada por Beigbeder possui todas as características pós-modernas discutidas no capítulo 1 e elencadas nas páginas 167 e 168 da tese. “Ou seja, é um romance que engloba todos os assuntos apresentados nos capítulos anteriores, pois, possuindo elementos do pós-modernismo, pertence à pós-modernidade, que é uma época pós-segunda guerra mundial marcada pelo advento do capitalismo neoliberal cuja imposição provoca insatisfação com a civilização americana manifestada por alguns com ataques terroristas, sintomas da esquizofrenia causada pelo capitalismo.” (p. 168 da tese)

Respondendo a pergunta de partida: diante da publicação de muitos romances voltados não só para o ataque ao World Trade Center, mas para o terrorismo em geral, surge um novo gênero literário pós-11 de setembro? Sim, surge o Romance de Terrorismo dentro da Poética do Terrorismo, um universo de composições que tratam desse tema, principalmente após os eventos de 11 de setembro de 2001, data que representa rupturas diversas, dentre elas, a da própria linguagem.

Desse modo, ao gênero romance, nascido da epopeia, forma inacabada, paródia de outros gêneros, adicionamos, de forma pós-moderna, ao seu processo contínuo de construção mais uma ala: o Romance de Terrorismo, dentro da Poética do Terrorismo que abrange o grande número de obras de diversos gêneros que vêm sendo produzidas desde o atentado de 2001 não só sobre este evento como muitos teóricos insistem em afirmar, mas sobre terrorismo em geral. Lembrando que a aproximação dos romances é temática, e não formal, pois não há a pretensão de estabelecer paradigma.

A importância da identificação do Romance de Terrorismo enquanto gênero está muito mais relacionada à facilidade de exploração das obras que a ele pertencem do que à necessidade de fixar parâmetros universalizantes que aproximariam essas obras. Embora haja romances de estrutura formal tradicional, há também aqueles que subvertem completamente a narrativa convencional, bem como há formas híbridas. Desse modo, conclui-se que não há semelhanças estruturais entre os romances de terrorismo, mas aproximação temática.

Como os atentados terroristas, infelizmente, continuam a ocorrer com frequência na cena mundial, é provável que mais e mais obras sobre o assunto passem a integrar a Poética

do Terrorismo, o que enriquece o gênero, embora empobreça consideravelmente a humanidade.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ALI, Ayaan Hirsi. *Infiel*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- AMIS, Martin. *The last days of Mohammed Atta*. The Observer, 3 Sept. 2006.
- ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- ARMITAGE, Simon. *9/11*. Marsden: Poemhunter, 2003. Disponível em: <<http://www.poemhunter.com/poem/poem/>>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- AUSTER, Paul. *The Brooklyn Follies*. Londres: Faber and Faber, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BALLARD, J.G.. *Terroristas do Milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. In: BAUDELAIRE, Charles. *A invenção da modernidade*. Portugal: Relógio D'Água, 2006.
- BAUDRILLARD, Jean. *The Spirit of Terrorism*. Londres: Verso, 2002.
- BAUDRILLARD, Jean. *Power Inferno*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BEIGBEDER, Frédéric. *Windows on the world*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense: 1996. v. 1.
- BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- CATANI, Afrânio Mendes. *O que é capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CHOMSKY, Noam. *11 de setembro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CHOMSKY, Noam. *O lucro ou as Pessoas?*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

- COELHO, Alexandra Lucas. *Silêncio - e boom*. Portugal: CISION, 2008. Disponível em: <media.asa.pt/s_leitura/leitura_download/22530254.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- COHEN, Allen; MATSON, Clive. *An eye for an eye makes the whole world blind: poets on 9/11*. Oakland: Regent, 2002.
- COLL, Steve. *Os Bin Laden: uma família árabe no século norte-americano*. São Paulo: Globo, 2008.
- CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 1993.
- CORN, David. *The Lies of George Bush*. Nova York: Three Rivers Press, 2004.
- CORNELL, Joseph. *A convergence of birds*. Nova York: Penguin, 2007.
- CUNNINGHAM, Michael. *Dias Exemplares*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 31. Brasília, jan./jun. 2008. Disponível em: <www.gelbc.com.br/pdf_revista/3105.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. 5v.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- DELILLO, Dom. *Mao II*. New York: Penguin, 1991.
- DELILLO, Dom. *Homem em Queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os irmãos Karamázov*. São Paulo: Editora 34, 2008.
- EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- FARAH, Paulo Daniel. *O Islã*. São Paulo: Publifolha, 2001.
- FAS. *Jihad against Jews and Crusaders*. Washington, DC, 1998. Disponível em: <http://www.fas.org/irp/world/para/docs/980223-fatwa.htm>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- FOER, Jonathan Safran. *Extremamente Alto & Incrivelmente Perto*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

- FOER, Jonathan Safran. *Extremely loud and incredibly close*. New York: Mariner Books, 2005.
- FONSECA, Rubem. *O romance morreu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FORRESTER, Viviane. *O horror econômico*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- FREYRE, Gilberto. *Além do apenas moderno*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- GÉNIÈS, Bernard. *Le nouvel observateur*. Paris: Worldpress, 2003. Disponível em: <worldpress.org/Europe/1583.cfm#down>. Acesso em: 10 nov. 2013
- GIBSON, William. *Pattern recognition*. Nova York: Berkley Publishing, 2004.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. São Paulo: Papyrus, 2003.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- GUINSBURG, J.; BARBOSA, Ana Mae (Orgs.). *O pós-modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- GUMBRECHT & PFEIFFER. *Materialities of communication*. Stanford: Stanford University Press, 1994.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos sentidos*. São Paulo: Editora 34, 1998.
- HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HAMID, Moshin. *O Fundamentalista Relutante*. Rio de Janeiro: Alfaguara Brasil, 2007.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2003.
- HELLO Cool World. *The Corporation*. Disponível em: <www.thecorporation.com>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- HOBBSAWN, Eric. *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HOBBSAWN, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HOSSEINI, Khaled. *O caçador de pipas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- HOSSEINI, Khaled. *A cidade do sol*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- HOUELLEBECQ, Michel. *Extensão do domínio da luta*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- HURREL et al. *Os BRICS e a ordem global*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- IANNI, Octavio. *Capitalismo, violência e terrorismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- ISLAM Online Fatwa Editing Desk. *Fatwa: significado e conceito*. Disponível em: <<http://www.religiaodedeus.net/fatwa22.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- JAMES, Henry. *A arte do romance*. São Paulo: Globo, 2003.
- JAMESON, Fredric. *A cultura da dinheiro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- JAMESON, Fredric. *Modernidade Singular: ensaio sobre a ontologia do presente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- JAMESON, Fredric. O pós-modernismo e a sociedade de consumo. In: KAPLAN, E. Ann. *O mal-estar no pós-modernismo: teorias, práticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- JUNOD, Tom. *The falling man*. Esquire. Disponível em: <http://www.esquire.com/features/ESQ0903-SEP_FALLINGMAN>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- KANT, Immanuel. *Berlinische Monatsschrift*. Alemanha, 1784.
- KAPLAN, E. Ann. *O mal-estar no pós-modernismo: teorias, práticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- KENISTON, Ann; QUINN, Jeanne. *Literature after 9/11*. New York: Routledge, 2008, Edição Kindle.
- KERCKHOVE, Derrick de. *O Senso comum, antigo e novo*. In: PARENTE, André (org.). *Imagem Máquina*. São Paulo: Editora 34, 1993.
- KEYNES, John Maynard. *As conseqüências econômicas da paz*. São Paulo – Brasília: Imprensa Oficial do Estado: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- KEYNES, Milo. *Ensaio sobre John Maynard Keynes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- KHADRA, Yasmina. *O atentado*. São Paulo: Sá Editora, 2006.
- KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LACEY, Josh. *Minute by minute*. The Guardian, 2004. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/books/2004/sep/11/featuresreviews.guardianreview17/print>>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- LANG, Luc. *11 September Mon Amour*. Paris: Stock, 2003.
- LEWIS, Bernard. *A crise do Islã*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- LIMA, Rogério. *O dado e o óbvio: o sentido do romance na pós-modernidade*. Brasília: EDU/Universa, 1998.

- LIPOVETSKY, Gilles. *Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia, empresa*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.
- MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- MAFFESOLI, Michel. *Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.
- MAKHMALBAF, Mohsen. *O Afeganistão*. São Paulo: Publifolha, 2001.
- MALTEZ, Adelino. Disponível em: <<http://maltez.info>>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- MARX, Karl. *O capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. v.1.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O manifesto comunista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- MAZETTO, Francisco de Assis Penteado. *O Terrorismo na História*. UFJF. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/fts/Terrorismo.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- MCEWAN, Ian. *Sábado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- MC INERNEY, Jay. *The good life*. Nova York: Vintage Books, 2007.
- MEDDEB, Abdelwahab. *A Doença do Islã*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- MESSUD, Claire. *Os Filhos do Imperador*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- MEYSSAN, Thierry. *11 de setembro, uma grande farsa*. Belo Horizonte: Usina do Livro, 2003.
- MOORE, Michael. *Stupid White Men: Uma nação de Idiotas*. São Paulo: Francis, 2004.
- MORIN, Edgar. *A Cabeça Bem-Feita*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- NAZARIO, Luiz. Quadro histórico do pós-modernismo. In: GUINSBURG, J.; BARBOSA, Ana Mae (Orgs.). *O pós-modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- NELSON, Anne. *The guys*. New York: Random House, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NOOTEBOOM, Cees. *Dia de Finados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PALAHNIUK, Chuck. *Lullaby*. Londres: Minerva UK, 2003.
- PARENTE, André (org.). *Imagem Máquina*. São Paulo: Editora 34, 1993.
- PASSET, René. *A ilusão neoliberal*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- PSICANÁLISE. Disponível em: <<http://akhenaton.sites.uol.com.br/psicanalise.htm>>. Acesso em: 03 fev. 2006.
- RANDALL, Martin. *9/11 and the Literature of Terror*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2011.

- RINALDI, Nicholas. *Between Two Rivers*. Londres: Bantam Press, 2004.
- RODRIGUES, Sérgio. *O 11 de setembro na literatura: 10 anos, 10 livros*. São Paulo: Veja, 2011. Disponível em: <veja.abril.com.br/blog/todoprosa/pelo-mundo/o-11-de-setembro-na-literatura-dez-anos-dez-livros/>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- ROTH, Philip. *Fantasma sai de cena*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Modernidade e pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- SAID, Edward W.. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SALECL, Renata. *Sobre a Felicidade: ansiedade e consumo na era do hipercapitalismo*. São Paulo: Alameda, 2005.
- SANT'ANNA, André. *O paraíso é bem bacana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SANT'ANNA, Ivan. *Plano de ataque*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- SANTOS, G. F. C. *Madame Bovary: a paixão, o consumo*. Cerrados (UnB), v. 01, p. 79-90, 2006.
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?*. São Paulo: Ática, 2004.
- SCHILLING, Voltaire. *As Origens do Terrorismo na História*. Terra, 2011. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/educacao/historia/as-origens-do-terrorismo-na-historia,a3d842ba7d2da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- SEIERSTAD, Asne. *O livreiro de Cabul*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. São Paulo: Abril, 2009.
- SILVA, William. *A importância da pulsão como um dos conceitos fundamentais da Psicanálise*. Disponível em: <artededirigir.blogspot.com.br/2008_03_01_archive.html>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- SMITH, Adam. *A riqueza das nações*. s.n.t.
- SMITH, Dan. *O atlas do oriente médio*. São Paulo: Publifolha, 2008.
- SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SOUZA, Jessé; OËLZE, Berthold (Orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
- SPENCER, Dan. *The falling man*. Examiner, 2008. Disponível em: <www.examiner.com/article/the-falling-man>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- SPIEGELMAN, Art. *In the shadow of no towers*. Londres: Viking, 2004.

START. *GTD*. University of Maryland. Disponível em: <<http://www.start.umd.edu/gtd/>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ÚLTIMO segundo. São Paulo: IG, 2011. Disponível em: <ultimosegundo.ig.com.br/11desetembro/EUA-aumentam-seguranca-para-os-dez-anos-do-11-de-setembro/n1597200938445.html>. Acesso em: 10 nov. 2013.

UNIÃO Europeia. Disponível em: <www.suapesquisa.com/uniaoeuropeia/>. Acesso em: 10 nov. 2013.

UNITED States Code: Title 22, Ch.38, Para. 2656f(d). Office of the law revision council. Disponível em: <<http://uscode.house.gov/>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

UPDIKE, John. *Terrorista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VERSLUYS, Kristiaan. *Out of the Blue*. New York: Columbia University Press, 2009, Edição Kindle.

VICTORELLI, Thatiana. *Terrorismo*. São Paulo: UOL, 2004. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/terrorismo-o-que-e-terrorismo-e-quais-sao-os-grupos-que-agem-no-mundo.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

WHITMAN, Walt. *Song of Exposition*. Classic Literature. 1871. Disponível em: <<http://classiclit.about.com/library/bl-etexts/wwhitman/bl-ww-expo.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

WRIGHT, Lawrence. *O vulto das duas torres: a Al-Qaeda e o caminho até o 11 de setembro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

Filmes

REINE sobre mim. Direção: Mike Binder. Produção: Jack Binder, Michael Rotenberg. Estados Unidos: Relativity Media, 2007. DVD (124 min).

FAHRENHEIT 11 de setembro. Direção: Michael Moore. Produção: Michael Moore, Jim Czarnecki, Kathleen Glynn. Estados Unidos: Dog Eat Dog Films, 2004. DVD (122 min).

TÃO FORTE e tão perto. Direção: Stephen Daldry. Produção: Scott Rudin. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2011. DVD (129 min).

VOO United 93. Direção: Paul Greengrass. Produção: Paul Greengrass, Tim Bevan, Eric Fellner, Lloyd Levin. Estados Unidos: Universal Pictures, 2006. DVD (152 min).

AS TORRES Gêmeas. Direção: Oliver Stone. Produção: Moritz Borman, Debra Hill, Michael Shamberg, Stacey Sher. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2006. DVD (128 min).

11 de Setembro. Direção: Samira Makhmalbaf, Claude Lelouch, Youssef Chahine, Danis Tanovic, Idrissa Ouedraogo, Ken Loach, Alejandro González Iñárritu, Amos Gitai, Mira Nair, Sean Penn, Shohei Imamura. Reino Unido, França, Egito, Japão, México, Estados Unidos, Irã: Sixteen Films, Studio Canal, Zeta Film, 2002. DVD (134 min).

9/11. Direção: Jules e Gideon Naudet. Produção: James Hanlon. Estados Unidos: Paramount, 2002. DVD (112 min.)

9/11: THE FALLING Man. Direção: Henry Singer. Produção: Darlow Smithson Productions. Reino Unido: Channel 4 Television Corporation, 2006. DVD (80 min.)

THE CORPORATION. Direção: Mark Achbar e Jennifer Abbott. Produção: Mark Achbar e Bart Simpson. Canada: Big Picture Media Corporation, 2003 .DVD (145 min.)

Norma

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 14724*: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.